

COLEÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS  
SÉRIE TEXTOS

LUCIANO DE SAMÓSATA

LUCIANO  
[VII]

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS  
CUSTÓDIO MAGUEIJO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

(Página deixada propositadamente em branco)

Luciano de Samósata

*Luciano*

[VII]

*Tradução do grego, introdução e notas de  
Custódio Magueijo*

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUJEITOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

TÍTULO • LUCIANO VII

AUTOR • LUCIANO DE SAMÓSATA

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: Maria do Céu Fialho

COMISSÃO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira

Maria de Fátima Silva

Francisco de Oliveira

Nair Castro Soares

DIRECTOR TÉCNICO: Delfim Leão

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D  
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

E-mail: [imprensauc@ci.uc.pt](mailto:imprensauc@ci.uc.pt)

Vendas online:

<http://ivrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

INFOGRAFIA

Mickael Silva

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

[WWW.ARTIPOL.NET](http://WWW.ARTIPOL.NET)

ISBN

978-989-26-0789-4

ISBN DIGITAL

978-989-26-0790-0

DOI

<http://dx.doi.org/>

10.14195/978-989-26-0790-0

DEPÓSITO LEGAL

353356/12

1ª EDIÇÃO: IUC • 2013

© DEZEMBRO 2013.

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classicadigitalia.uc.pt>)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO GERAL.....	9
<i>O SONHO OU O GALO</i> .....	15
INTRODUÇÃO .....	17
TRADUÇÃO .....	19
<i>PROMETEU OU O CÁUCASO</i> .....	45
INTRODUÇÃO .....	47
TRADUÇÃO .....	49
<i>ICAROMENIPO OU UM HOMEM ACIMA DAS NUVENS</i> .....	59
INTRODUÇÃO .....	61
TRADUÇÃO .....	65
<i>ANACÁRSIS OU OS GINÁSIOS</i> .....	91
INTRODUÇÃO .....	93
TRADUÇÃO .....	95
<i>OS FUNERAIS</i> .....	121
INTRODUÇÃO .....	123
TRADUÇÃO .....	125
<i>AS IMAGENS</i> .....	135
INTRODUÇÃO .....	137
TRADUÇÃO .....	139
<i>EM DEFESA DAS IMAGENS</i> .....	155
INTRODUÇÃO .....	157
TRADUÇÃO .....	159
<i>A DEUSA SÍRIA</i> .....	177
INTRODUÇÃO .....	179
TRADUÇÃO .....	183

(Página deixada propositadamente em branco)

LUCIANO  
[VII]

O SONHO OU O GALO

PROMETEU OU O CÁUCASO

ICAROMENIPO OU UM HOMEM ACIMA DAS NUVENS

ANACÁRSIS OU OS GINÁSIOS

OS FUNERAIS

AS IMAGENS

EM DEFESA DAS IMAGENS

A DEUSA SÍRIA

Ficha técnica:

Autor: Luciano de Samósata

Título: LUCIANO [VII]:

— *O Sonho* ou *O Galo*

— *Prometeu* ou *O Cáucaso*

— *Icaromenipo* ou *Um Homem acima das Nuvens*

— *Anacársis* ou *Os Ginásios*

— *Os Funerais*

— *As Imagens*

— *Em Defesa das Imagens*

— *A Deusa Síria*

Tradução, introdução e notas: Custódio Magueijo



## INTRODUÇÃO GERAL<sup>1</sup>

Luciano nasceu em Samósata, capital do antigo reino de Comagena, situado a norte da Síria, na margem direita do Eufrates. Os primeiros imperadores romanos conservaram-lhe um certo grau de independência, mas acaba por ser incluído entre as províncias do Império Romano.

Quanto a datas de nascimento e morte, aceitemos 125-190 d.C. Seguramente, a vida literária de Luciano desenvolve-se na segunda metade do séc. II d.C., por um período de quarenta anos, durante o qual escreveu cerca de oitenta obras.

No tocante a dados biográficos, temos de contentar-nos com as informações contidas no conjunto dos seus escritos. Pelo menos têm a vantagem de serem de primeira mão. E se a nossa curiosidade mais «superficial» gostaria de saber muitas outras coisas sobre a sua vida, a verdade é que o essencial do homem está nítida e magnificamente retratado na obra.

De entre as obras mais importantes do ponto de vista autobiográfico, salienta-se a intitulada *O Sonho* (ou *Vida de Luciano*). Imediatamente se conclui tratar-se dum trabalho da meia-idade, que mais abaixo resumimos.

Após uma peregrinação de vários anos por terras da Grécia, da Itália e da Gália, onde conseguira assinalável êxito e não menos importante pecúlio, Luciano regressa (por volta de 162-163) à sua cidade natal, que o havia visto partir pobre e quase anónimo, e agora se orgulhava do prestígio que lhe era transmitido pelo próprio êxito dum filho seu. É então que Luciano, perante os seus concidadãos, traça uma retrospectiva autobiográfica, da qual mencionamos os passos mais salientes.

Chegado ao termo da escolaridade elementar, adolescente de quinze anos, o pai aconselha-se com familiares e amigos sobre o futuro do moço.

*«A maioria opinou que a carreira das letras requeria muito esforço, longo tempo, razoável despesa e uma sorte brilhante. Ora, a nossa fortuna era limitada, pelo que, a breve trecho, precisaríamos de alguma ajuda.»*

---

<sup>1</sup> Esta «Introdução geral» é, na verdade, reproduzida de outras que escrevi a propósito de diversas obras de Luciano. Não se pode exigir que, para cada uma das cerca de oitenta, tivesse de inventar uma biografia formalmente diferente de Luciano. No entanto, a parte final, relativa a cada obra em particular, é redigida especialmente para esta edição.

*Se, pelo contrário, eu aprendesse um ofício, começaria imediatamente a retirar daí um salário mínimo, que me permitiria, naquela idade, deixar de ser um encargo familiar, e até mesmo, algum tempo depois, dar satisfação a meu pai com o dinheiro que traria para casa.» (§ 1)*

Restava escolher o ofício. Discutidas as várias opiniões, foi decidido entregar o rapaz aos cuidados dum tio materno, presente na reunião, e que era um excelente escultor. Além deste factor de ordem familiar, pesou ainda o facto de o moço, nos seus tempos livres, gostar de se entreter a modelar, em cera, bois, cavalos e figuras humanas, «*tudo muito bem parecido, na opinião de meu pai*». Por essa actividade «*plástica*» (é palavra sua), que não raro o desviava dos deveres escolares, «*chegava mesmo a apanhar pancada dos professores, mas isso agora transformava-se em elogio à minha vocação*». (§ 2)

Chegado o grande dia, é com certa emoção que o jovem Luciano se dirige à oficina do tio, a fim de iniciar a sua nova vida. De resto, via no ofício de escultor uma espécie de brincadeira de certo modo agradável, e até uma forma de se distinguir perante os amigos, quando estes o vissem esculpir figuras de deuses e estatuetas. Todavia, e contrariamente às suas esperanças, o começo foi desastroso. O tio põe-lhe na mão um escopro e manda-o desbastar uma placa de mármore, a fim de adiantar trabalho («*O começar é meio caminho andado*»). Ora... uma pancada um pouco mais forte, e eis que se quebra a placa... donde uma monumental sova de correia, que só a fuga consegue interromper. Corre para casa em tal estado, que a mãe não pode deixar de censurar asperamente a brutalidade do irmão. Entretanto, aproxima-se a noite, e o moço, ainda choroso, dolorido e revoltado, foi deitar-se. As fortes emoções do dia tiveram como resultado um sonho – donde o título da obra. (§§ 3-4)

Até aqui, Luciano fornece-nos dados objectivos, que nos permitem formar uma ideia suficientemente precisa sobre si próprio e sobre a situação e ambiente familiares. Quanto ao sonho, se nada nos permite duvidar da sua ocorrência, a verdade é que se trata, antes de mais, duma elaboração retórica, elemento tantas vezes utilizado na literatura, mas nem por isso menos significativo do ponto de vista autobiográfico. De facto, Luciano serve-se deste processo para revelar aos seus *ouvintes* não tanto o que se terá passado nessa noite, mas principalmente a volta que a vida dera,

a partir duma situação que, em princípio, teria uma sequência bem diferente.

Assim, e com uma nitidez – segundo afirma – «*em nada diferente da realidade*», aparecem-lhe duas mulheres, que, energeticamente e até com grande violência, disputam a posse do moço, que passa duma para a outra, e volta à primeira... enfim, «*pouco faltou para que me despedaçassem*».

Uma delas era a Escultura (*Hermoglyphikéō*), «*com o (típico) aspecto de operário, viril, de cabeleira sórdida, mãos cheias de calos, manto subido e coberto de pó, como meu tio quando estava a polir as pedras*». A outra era a Cultura (*Paideia*), «*de fisionomia extremamente agradável, pose digna e manto traçado a preceito*». (§§ 5-6).

Seguem-se os discursos de cada uma das personagens, que fazem lembrar o *agóōn* («luta», «disputa») das *Nuvens* de Aristófanes, travado entre a Tese Justa e a Tese Injusta.

A fala da Escultura, mais curta (§§ 7-8), contém, no entanto, elementos biográficos (explícitos e implícitos) de certa importância. Começa por se referir à tradição profissional da família do jovem, cujo avô materno e dois tios, também maternos, eram escultores de mérito. A seguir, enumera as vantagens da profissão: comida farta, ombros fortes e, sobretudo, uma vida particular ao abrigo de invejas e intrigas, em vez de (como, de resto, veio a suceder – daí também o valor biográfico da informação) viagens por países longínquos, afastado da pátria e dos amigos. De resto, a História está cheia de exemplos de grandes escultores (Fídias, Policlito, Míron, Praxíteles), cujo nome é imortal e que são reverenciados juntamente com as estátuas dos deuses por eles criadas.

O discurso da Cultura (§§ 9-13) possui todos os ingredientes necessários à vitória (além das informações biográficas que recolhemos das suas «profecias»... já realizadas). Vejamos alguns passos.

*“Meu filho: eu sou a Cultura, entidade que já te é familiar e conhecida, muito embora ainda não me tenhas experimentado completamente.*

*“Quanto aos grandes benefícios que te proporcionará o ofício de escultor, já esta aqui os enumerou: não passarás dum operário que mata o corpo com trabalho e nele depõe toda a esperança da sua vida, votado ao anonimato e ganhando um salário magro e vil, de baixo nível intelectual, socialmente isolado, incapaz de defender os amigos*

*ou de impor respeito aos inimigos, de fazer inveja aos teus concidadãos. Apenas isto: um operário, um de entre a turba, prostrado aos pés dos poderosos, servidor humilde dos bem-falantes, levando uma vida de lebre, presa do mais forte. E mesmo que viesse a ser um outro Fídiás ou um Policlito, mesmo que criasses muitas obras-primas, seria apenas a obra de arte aquilo que toda a gente louvaria, e ninguém de bom senso, entre os que a contemplassem, ambicionaria ser como tu. Sim: por muito hábil que sejas, não passarás dum artesão, dum trabalhador manual.*

*“Se, porém, me deres ouvidos, antes de mais revelar-te-ei as numerosas obras dos antigos, falar-te-ei dos seus feitos admiráveis e dos seus escritos, tornar-te-ei um perito em, por assim dizer, todas as ciências. E quanto ao teu espírito – que é, afinal, o que mais importa –, exorná-lo-ei com as mais variadas e belas virtudes: sabedoria, justiça, piedade, doçura, benevolência, inteligência, fortaleza, amor do Belo e paixão do Sublime. Sim, que tais virtudes é que constituem verdadeiramente as incorruptíveis jóias da alma ...*

*“... Tu, agora pobre, tu, o filho do Zé-ninguém, tu, que ainda há pouco havias enveredado por um ofício tão ignóbil, dentro em breve serás admirado e invejado por toda a gente, cumulado de honrarias e louvores, ilustre por tua alta formação, estimado das elites de sangue e de dinheiro; usarás um traje como este (e apontava-me o seu, que era realmente magnífico) e gozarás de merecido prestígio e distinção. E sempre que saias da tua terra, vás para onde fores, não serás, lá fora, um obscuro desconhecido: impor-te-ei tal marca, que, ao ver-te, um qualquer, dando de cotovelo ao vizinho, apontar-te-á com o dedo, dizendo: “É este, o tal”...”*

O final do discurso (§ 13) constitui um autêntico «fecho» elaborado segundo as leis da retórica. Depois de, no parágrafo anterior, ter mencionado os exemplos de Demóstenes (filho dum fabricante de armas), de Ésquines (cuja mãe era tocadora de pandeireta) e de Sócrates (filho de escultor), lança o ataque final:

*«Caso desprezes o exemplo de tão ilustres homens, seus feitos gloriosos e escritos veneráveis, presença imponente, honra, glória e louvores, supremacia, poder e dignidades, fama literária e o apreço devido à inteligência – então passarás a usar uma túnica reles e encardida, ganharás um aspecto servil, agarrado a alavancas, cinzéis, escopros e goivas, completamente inclinado sobre o trabalho, rastejante e rasteiro, humilde em todas as acepções da palavra, sem nunca levantar a cabeça, sem um único pensamento digno dum homem livre, mas antes continuamente preocupado com a ideia de a obra te sair harmoniosa e apresentável – enquanto a respeito de ti próprio, da maneira de te*

*tornares harmonioso e bem dotado, não te importas absolutamente nada; pelo contrário, ficarás mais vil que as mesma pedras.»*

É pena que esta autobiografia não tivesse sido escrita uns vinte (ou trinta) anos mais tarde. Em todo o caso, Luciano, noutras obras, fornece-nos mais algumas indicações.

Assim, pela *Dupla Acusação* (§ 27), escrita pouco depois do *Sonho*, sabemos que Luciano, entregue de alma e coração à retórica e à sofística, iniciara a sua actividade de advogado em várias cidades da Ásia Menor (Segundo a Suda, «começou por ser advogado em Antioquia»). Da Ásia Menor, passa para a Grécia, e daí para a Itália, mas é sobretudo na Gália que obtém glória e fortuna.

Uma dúzia de anos depois de ter saído da sua terra natal, regressa a casa, mas por pouco tempo. Decide fixar-se com a família em Atenas, onde permanece por cerca de vinte anos (c.165-185 d.C.).

Aos quarenta e poucos anos, Luciano adopta uma atitude fundamentalmente céptica, que, sobretudo, se insurge contra todo o dogmatismo metafísico e filosófico em geral. A este respeito, recomenda-se vivamente a leitura do *Hermotimo* (ou *As Seitas*<sup>2</sup>), obra dum niilismo verdadeiramente perturbador: Dada a variedade das correntes filosóficas, e ainda devido ao tempo e esforço necessários a uma séria apreciação de cada uma, o homem, por mais que faça, *não pode atingir a verdade*. Basta citar uma frase, que, não sendo de modo nenhum a mais importante deste diálogo, é, no entanto, verdadeiramente lapidar: «*As pessoas que se dedicam à filosofia lutam pela sombra dum burro*» (§ 71). E, já agora, aqui fica o fecho, em que Hermotimo, finalmente convencido pelos argumentos de Licino (ou seja, Luciano), afirma: «*Quanto aos filósofos, se por acaso, e apesar das minhas precauções, topar com algum no meu caminho, evitá-lo-ei, fugirei dele como dum cão raivoso*». (§ 86)

Cerca de vinte anos depois de chegar a Atenas, Luciano decide recomeçar a viajar, mas nada será como antigamente: já na recta final da existência, talvez em situação financeira menos próspera, e sem dúvida desiludido com o deteriorado clima cultural de Atenas, fixa-se no Egipto, onde aceita (ou consegue?) um lugar de funcionário público, aliás compatível

---

<sup>2</sup> «Clássicos Inquerito», nº 16.

com a sua formação e importância social. Ele próprio nos informa (*Apologia dos Assalariados*, § 12) de que a sua situação não se compara à dos miseráveis funcionários (por exemplo: professores), que afinal não passam de escravos. E continua: «*A minha condição, meu caro amigo<sup>3</sup>, é completamente diferente. Na vida privada, conservei toda a minha liberdade; publicamente, exerço uma porção da autoridade suprema, que administro em conjunto com o procurador ... Tenho sob a minha responsabilidade uma parte considerável da província do Egipto, cabe-me instruir os processos, determinar a ordem pela qual devem dar entrada, manter em dia os registos exactos de tudo o que se diz e faz, ... executar integralmente os decretos do Imperador ... E além do mais, o meu vencimento não se parece nada com o dum simples particular, mas é digno dum rei, e o seu montante, longe de ser módico, ascende a uma soma considerável. A tudo isto acrescenta o facto de eu não me alimentar de esperanças modestas, pois é possível que ainda obtenha a título pleno a prefeitura ou qualquer outra função verdadeiramente real.*»

Esperanças nada modestas, provavelmente bem fundadas... Só que, por motivos que ignoramos, tudo se desfez em vento.

---

<sup>3</sup> Esta obra, de forma epistolar, é dirigida a Sabino, amigo de Luciano.

## **O SONHO OU O GALO**

(Página deixada propositadamente em branco)



## INTRODUÇÃO

Trata-se, fundamentalmente, de um diálogo entre Micilo, sapateiro miserável, e... o seu galo, o qual, para espanto do dono, falou língua de gente, facto que, a julgar pela mitologia, não tem nada de extraordinário, como o comprova o exemplo de Xanto, cavalo de Aquiles, e outros exemplos (§2). Mas o caso deste galo é bem diferente, pois o bicho é, afinal, uma das diversas reencarnações de... Pitágoras — alusão à metempsicose, teoria que Luciano graciosamente aproveita.

Ora, estava o pobre sapateiro muito feliz a sonhar que se tornara rico, quando o galo o acorda, aliás bastante mais cedo que o habitual, pelo que o dono lhe promete o tratamento final destinado aos galináceos, ameaça essa que não se concretizará, pelo facto de Micilo ouvir o animal falar.

Micilo narra, pois, ao galo o seu sonho, que constitui uma boa parte da obra. O §12 resume o principal: *“Imaginava eu que o próprio Êucrates, que não tinha filhos, estava a morrer, e então mandou-me chamar, fez testamento, no qual eu ficava como herdeiro de todos os seus bens, e passado pouco tempo morreu. E eu, entrando na posse daquela fortuna, tirava, com umas enormes bacias, ouro e prata, que corriam sem cessar e em enorme quantidade; e quanto ao resto — vestuário, mesas, taças e criados —, tudo, naturalmente, me pertencia. Depois, subi para uma biga de cavalos brancos, muito altaneiro, admirado e invejado por todos os que assim me viam. Muitas pessoas corriam à minha frente, outras cavalgavam a meu lado, e muitas mais me seguiam. E eu, envergando o vestuário de Êucrates e com os dedos envolvidos por pesados anéis — tantos como dezasseis —, dava ordens para que fosse preparado um magnífico banquete, a fim de receber os meus amigos.”*

Esta parte, a do deslumbramento do pobre diante de tanto luxo, dá azo a um desenvolvimento filosófico, em que o galo-Pitágoras faz um longo elogio da pobreza, muito à maneira dos cínicos.

Micilo, afinal, só tem a lucrar com (e mesmo por via de) a sua pobreza (§23):

*“... tens saúde, és fisicamente forte e suportas o frio. Na verdade, os teus esforços estimulam-te e tornam-te um adversário nada fraco contra as dificuldades que para outros parecem invencíveis. Seguramente que*

*nenhuma dessas penosas doenças te atingirá, mas, pelo contrário, se uma febre, mesmo que leve, te ataca, tu cedês-lhe por momentos, mas logo te levantas [da cama] e sacodes o incômodo, e a febre foge imediatamente apavorada, ao ver-te ingerir água fria e dizer um longo adeus às visitas médicas. Os ricos, pelo contrário, devido à sua intemperança, qual das doenças não contraem?!: gota, tísica, pneumonia, hidropisia... Na verdade, estas doenças são o resultado daquelas opíparas jantaras.*”

Entre elogios à pobreza e ataques à riqueza, acabam por ir visitar (sem serem notados, por artes mágicas) os novo-rico Símon e o... velho-rico Êucrates, onde assistem a cenas de extrema avareza e de abominável depravação.

É claro que a argumentação do galo-Pitágoras-cínico acaba por convencer Micilo das vantagens da pobreza (§33):

*“Antes morrer de fome! Adeus ouro, adeus jantaras! Para mim, ter dois óbolos é maior riqueza do que ser constantemente... “furado” pelos criados.”*

## O SONHO OU O GALO

PERSONAGENS: MICILO, o GALO, SÍMON

1. MICILO — Maldito galo! Que o próprio Zeus te esmague, bicho tão invejoso<sup>4</sup> e de voz tão estridente, que, com esse teu grito atroador e retumbante me acordaste, [justamente] quando eu, no meio de um sonho delicioso, estava a ponto de enriquecer e vivia numa felicidade admirável... de maneira que nem de noite posso escapar a uma pobreza muito mais detestável que tu. E no entanto, a julgar pelo profundo silêncio ainda reinante e pelo frio que, como é habitual de madrugada, ainda não me deixou gelado, — indicador seguro, este último, da aproximação do dia —, ainda não é meia-noite, mas este [galo] que nunca dorme, como se estivesse de guarda ao famoso velo de oiro, canta logo desde o começo da noite... Ah!, mas não ficará a rir-se... Sim, vais pagar-mas, com toda a certeza, pois logo que amanheça, hei-de dar-te uma [boa] esfrega de pau... Agora dar-me-ias muito trabalho, fazendo-me saltar de um lado para o outro na escuridão.

GALO — Micilo, meu amo: Eu julgava que te faria um favor, se me adiantasse [a cantar] à noite o mais cedo possível, para que, madrugando, pudesses acabar mais cedo a maior parte do teu trabalho. Ora, se antes do nascer do sol já tivesses consertado [nem que fosse] uma só sandália, terias trabalhado adiantadamente para [ganhar] o teu pão. No entanto, se te é mais agradável ficar a dormir, eu deixar-te-ei em sossego e ficarei mais mudo que os peixes... mas vê lá não sejas rico em sonho, e faminto ao acordares.

2. MICILO — Ó Zeus prodigioso, ó Hércules preservador de desgraças! Que desgraça é esta [que aí vem]? O meu galo falou língua de gente!

GALO — Parece-te Então um grande prodígio o facto de eu ter a mesma fala que vós?<sup>5</sup>

MICILO — Como não é um prodígio? Ó deuses, desviai de nós esse mal!

GALO — Ó Micilo, pareces-me completamente inculto e não teres lido os poemas de Homero, nos quais o cavalo de

---

<sup>4</sup> “invejoso”. A seguir se vê a razão desta classificação: o galo interrompeu o sonho maravilhoso do pobre sapateiro...

<sup>5</sup> “vós”, os humanos, ou um plural majestático = “tu”, como, na fala seguinte, “de nós” = “de mim”.

Aquiles, o Xanto, dizendo um longo adeus<sup>6</sup> ao seu relinchar, começou a falar em plena batalha<sup>7</sup>, recitando versos inteiros, e não, como eu neste momento, em prosa. Então fez profecias e prognosticou o futuro, e não deu a impressão de estar a fazer algo de extraordinário, e quem o escutava não se pôs, como tu, a invocar o “preservador de desgraças” nem a considerar essa voz como de mau agouro. Mas que farias tu, se a quilha de Argo te falasse<sup>8</sup>, como outrora, ou se o carvalho, em Dodona, fizesse profecias com voz própria<sup>9</sup>, ou se visses peles de animais rastejando, e [pedaços de] carne de bois mugindo espetadas no espeto e semigrelhadas<sup>10</sup>. Pois eu, que sou assistente de Hermes, o mais palrador e o mais eloquente dos deuses, e, além do mais, por conviver convosco e ser vosso companheiro, não se esperaria que tivesse qualquer dificuldade em aprender a linguagem humana. Todavia, se tu me prometeres guardar segredo, não hesitarei em te desvendar a causa mais verdadeira de eu falar a mesma língua que vós e o motivo por que tenho a capacidade de assim falar.

3. MICILO — Mas não será também isto um sonho, um galo a conversar assim comigo? Então, por Hermes!, diz-me cá, meu caro, que outra razão há para teres esta voz. Quanto a guardar silêncio e não dizer nada a ninguém, porque haverias de ter receio? Sim, quem acreditaria em mim, se eu dissesse ter ouvido esta conversa vinda de um galo?

GALO — Escuta lá então, ó Micilo, uma história que te parecerá — bem o sei — estranhíssima. Na verdade, este que agora te aparece com o aspecto de galo, era, não há muito tempo, um homem.

MICILO — Ouvi em tempos uma dessas histórias a respeito de vós, em que um certo jovem [chamado] Aléctrion<sup>11</sup> se tornou amigo de Ares, bebia com esse deus, andava com ele na pândega e era cúmplice das suas aventuras amorosas. Ora, sempre que Ares ia ter com Afrodite, a fim de ter

---

<sup>6</sup> “um longo adeus”, um “passa bem”, *makrà khairain* (μακρὰ χαίρειν) expressão de despedida ou de renúncia.

<sup>7</sup> Homero, *Iliada*, XIX, 405, ss.

<sup>8</sup> Apolónio de Rodes, *Argonautica*, IV, 580, ss.

<sup>9</sup> Homero, *Odisseia*, XIV, 328.

<sup>10</sup> Homero, *Odisseia*, XII, 395...

<sup>11</sup> “Aléctrion”, gr. *Alektrūōn* (Ἀλεκτρούων), “Galo”.

relações adúlteras, levava consigo Aléctrion. Então, receando, sobretudo, que Hélio<sup>12</sup> visse [a coisa] e fosse contar a Hefesto, deixava sempre o jovem junto da porta, para que este o avisasse quando Hélio surgisse. Uma vez, Aléctrion adormeceu e, sem querer, descuidou-se da guarda, pelo que Hélio, inesperadamente, surpreendeu Afrodite e Ares, que dormiam descuidadamente, confiados em que Aléctrion os avisaria, se aparecesse alguém. E foi assim que Hefesto, sabendo do caso por Hélio, os apanhou, amarrou e enredou na armadilha que desde há muito tinha fabricado para eles. Por isso Ares, uma vez libertado, como acabou por ser, ficou furioso com Aléctrion e metamorfoseou-o nesta ave, com as suas armas, de forma que ainda ostenta na cabeça a crista do elmo. É por isso que vós [os galos], para vos desculpades, mas agora sem utilidade, aos olhos de Ares, quando sentis que o sol vai despontar, e até muito antes disso, cantais, assinalando o seu surgimento.

4. GALO — Sim, Micilo, é o que se conta, mas o meu caso foi muito diferente, e só muito recentemente é que fui transformado em galo.

MICILO — Como é isso? Sim, quero muito conhecer o caso.

GALO — Tens ouvido falar de um tal Pitágoras, filho de Mnesarco, de Samos?

MICILO — Referes-te a esse sofista<sup>13</sup>, a esse charlatão, que decretou que não se provasse [sequer] carne nem se comessem favas, retirando da mesa o prato que, pelo menos para o meu gosto, é o mais agradável [de todos], e que, além disso, tentou persuadir as pessoas de que, antes de ser Pitágoras, era Euforbo? Diz-se, ó Galo, que era um mágico e um fazedor de prodígios<sup>14</sup>.

GALO — Pois eu sou, em pessoa, esse tal Pitágoras. Portanto, meu caro, deixa de me ofender, tanto mais que não sabes qual era o meu carácter.

---

<sup>12</sup> “Hélio”, o Sol.

<sup>13</sup> “sofista” é, aqui, o termo pejorativo, em vez do *respeitável* “filósofo”.

<sup>14</sup> Neste passo, os mss. divergem gravemente, com o que se supõe serem comentários de copistas, nomeadamente referentes ao silêncio de cinco anos imposto por Pitágoras aos seus discípulos.

MICILO — Ora aí está uma coisa de longe mais prodigiosa: um galo filósofo! Mas, ó filho de Mnesarco, diz-me cá como é que, de homem [que eras], te transformaste em ave, e de samiano em... tanagriano<sup>15</sup>. Realmente, isso não é crível nem muito fácil de acreditar, pois verifiquei em ti duas coisas que se me afiguram bastante alheias a Pitágoras.

GALO — E que coisas são essas?

MICILO — Uma é o facto de tu seres um tagarela e muito barulhento, ao passo que Pitágoras recomendava um período de silêncio de — creio eu — cinco anos; e a outra coisa é completamente ilícita. De facto, ontem, como sabes, ao chegar a casa, não tinha que te dar senão favas, e então tu, sem qualquer hesitação, arrepanhaste-as todas. Portanto, é forçoso, ou que tu mentiste e és outra pessoa, ou que, sendo Pitágoras, cometeste um ilícito equivalente a uma impiedade, ao devorares favas, como se estivesses a comer a cabeça do teu pai<sup>16</sup>.

5. GALO — É que tu, ó Micilo, não sabes qual o motivo deste meu comportamento nem o que é próprio de cada modo de vida. Eu, noutro tempo, não comia favas, pois dedicava-me à Filosofia; mas agora posso comê-las, pois trata-se de uma alimentação própria de ave e que não nos é proibida... Mas, se te agradar, vai escutando como é que eu, de Pitágoras [que era], passei a ser o que actualmente sou, quantas vidas anteriores eu vivi e as vantagens que eu aproveitei de cada transformação.

MICILO — Então fala, pois ser-me-á extremamente agradável ouvir-te falar, de tal maneira que, se alguém me desse a escolher se eu preferia ouvir-te narrar a tua história ou voltar a ter esse felicíssimo sonho de há pouco tempo atrás, não sei qual escolheria, pois considero as tuas palavras muito semelhantes às mais doces visões, e tenho ambos em igual consideração: a tua pessoa e o meu preciosíssimo sonho.

GALO — Mas será que continuas a cismar nesse sonho, fosse qual fosse essa tua visão, e ainda guardas essas imagens

---

<sup>15</sup> “tanagriano”, natural de Tánagra (ou — forma incorrecta, mas usada — Tanagra), cidade da Beócia, famosa pelas lutas de galos.

<sup>16</sup> Alusão a um verso pitagórico (não necessariamente de Pitágoras): “É o mesmo comer favas e as cabeças dos (nossos) pais”.

vãs, perseguindo mentalmente uma felicidade vazia e, como diz a palavra poética, inconsistente?

6. MICILO — Pois, ó galo, fica sabendo que nunca me esquecerei dessa visão; e a tal ponto esse sonho, ao desvanecer-se, deixou nos meus olhos um gosto de mel, que tenho dificuldade em abrir as pálpebras, que voltam a cerrar-se em busca do sono. Tal como aquela sensação que as penas produzem quando roçam os ouvidos, assim é a doce excitação que os sonhos produzem.

GALO — Por Héracles! O que tu dizes sobre esse sonho é algo admirável, porquanto, sendo alado, como dizem, e tendo como limite do voo o sono, o teu [sonho] salta já para além da “zona marcada”<sup>17</sup> e permanece em olhos abertos, mostrando-se doce e concreto. Quero, pois, escutar que espécie de sonho é esse que tu tanto desejas.

MICILO — Estou pronto para te contar. Na verdade, é-me agradável recordar e narrar algo a seu respeito... Mas quando é que tu, ó Pitágoras, me falarás das tuas metamorfoses?

GALO — Quando tu, Micilo, acabares de sonhar e de retirar o mel dessas pálpebras. Mas agora fala tu primeiro, que é para eu ficar sabendo se foi pela porta de marfim ou pela porta de corno que o sonho chegou voando até dentro de ti.

MICILO — Não foi por nenhuma das duas, ó Pitágoras.

GALO — No entanto, Homero fala somente de duas.

MICILO — Manda passear esse teu poeta tonto, que não sabe nada a respeito de sonhos. Os sonhos pobres, talvez saiam por essas portas, como aqueles que ele costumava ver, aliás, não muito claramente, pois era cego; mas o meu, extremamente delicioso, chegou por uma porta de ouro, era feito de ouro, todo vestido de ouro e trazia-me muito ouro.

GALO — Deixa de falar de ouro, meu caro... Midas. Na verdade, o teu sonho foi inspirado no desejo desse rei, e

---

<sup>17</sup> Nos concursos de salto, havia, tal como hoje, um rectângulo tornado mais macio (com terra solta, “escavada”, ou areia), numa extensão considerada inultrapassável pelos atletas. Um deles, Faílo, atleta de Crotona (sul de Itália), saltou, nos Jogos Píticos, 55 pés (c. 16,3m), ou seja, mais cinco do que o comprimento da zona escavada (c. 14,8m). A expressão tornou-se proverbial para significar “passar dos limites”.

parece-me que passaste toda a noite a revolver-te no meio de minas de ouro.

7. MICILO — Ó Pitágoras, que quantidade de ouro eu vi! Que quantidade! Não imaginas como era belo e com que brilho cintilava. Que elogio é que Píndaro dele faz — recorda-me lá, se souberes — quando, depois de dizer que a água é a melhor coisa, a seguir admira o ouro — e com toda a razão —, logo no início da mais bela das suas odes?

GALO — Pedes-me aquela que diz<sup>18</sup>

*A melhor coisa é a água, | mas o ouro refulgente  
como facho que reluz | em plenas trevas da noite  
é o bem mais precioso | da presunçosa riqueza.*

MICILO — Por Zeus!, é mesmo isso. Sim, Píndaro elogia o ouro exactamente como se tivesse tido o meu sonho. Mas, para saberes como ele foi, escuta bem, ó tu, dos galos o mais sábio. Como bem sabes, ontem não comi cá em casa, pois o ricaço Êucrates, tendo-me encontrado na praça, pediu-me que fosse tomar o meu banho<sup>19</sup> e estivesse em sua casa à hora do jantar.

8. GALO — Sei disso muitíssimo bem, pois passei fome durante todo o dia, e era já noite cerrada, quando chegaste, um tanto ou quanto emborrachado, e me atiraste com as tais cinco favas — jantar nada generoso para um galo que em tempos foi um atleta que esteve nos Jogos Olímpicos e aí participou em lutas<sup>20</sup>, onde não passou despercebido.

MICILO — E quando, após o jantar, regressei a casa, atirei-te as favas e fui logo deitar-me a dormir, após o que, como diz

---

<sup>18</sup> Píndaro, *1ª Olímpica*, 1-4.

<sup>19</sup> Tomar banho antes do jantar era uma espécie de ritual, ou um hábito, e mesmo uma necessidade, tanto mais que — presume-se — os homens passavam todo o dia fora de casa. Não haveria, portanto, qualquer alusão a falta de higiene do nosso sapateiro. Para acentuar essa ideia, traduzi por “que fosse tomar o meu banho...”, e não “que fosse tomar banho”.

<sup>20</sup> Não só nos Jogos Olímpicos, mas em diversas cidades da Grécia e, mais tarde, em Roma e noutras cidades do Império, organizavam-se lutas de galos, que os vasos, pinturas murais, frescos... revelam que eram bastante concorridas. Os animais eram acirrados de diversas maneiras, para ficarem mais agressivos. Além de lhes darem a comer alho e cebola, armavam-lhes o esporão com pontas de bronze.



Homero<sup>21</sup>, um Sonho verdadeiramente divino se debruçou sobre mim<sup>22</sup> “*ao longo da noite de ambrósia*”<sup>23</sup>.

GALO — Mas antes, ó Micilo, conta-me o que se passou em casa de Êucrates, como foi o jantar e tudo o que se passou durante o beberete<sup>24</sup>. Na verdade, nada te impede de jantar segunda vez, como que refazendo, agora em “sonho”, e “remastigando” mentalmente tudo o que comeste.

9. MICILO — Eu julgava que iria aborrecer-te referindo esses factos, mas, já que assim o queres, vou mesmo contar. Ó Pitágoras, eu, que nunca antes, em toda a minha vida, tinha jantado em casa de um rico, eis que ontem, por um feliz acaso, encontrei Êucrates; depois de o cumprimentar tratando-o, como de costume, por “meu Senhor”, ia para me afastar, para não o envergonhar acompanhando-o vestido com uma túnica miserável. Ele, porém, disse: “*Micilo, hoje festejo os anos da minha filha, e então convidei um grande número de amigos meus. Mas, uma vez que um deles, segundo dizem*<sup>25</sup>, *está com uma enxaqueca*<sup>26</sup> *e não se encontra em condições de jantar conosco, toma o teu banho*<sup>27</sup> *e vem tu no lugar dele... a não ser que o próprio convidado me diga que [afinal sempre] vem, mas que neste momento está indeciso.*” Ao ouvir essas suas palavras, fiz-lhe uma reverência e retirei-me, pedindo a todos os deuses que mandasse uma carga de febre, ou uma pleurisia, ou um ataque de gota contra aquele tipo da enxaqueca, para cujo substituto, alternativo de mesa e suplente eu havia sido convidado.

---

<sup>21</sup> Homero, *Iliada*, II, (56-) 57. Note a interpretação “Sonho”, como personificação habitual para os Gregos (cf. Sono, Morte, a Verdade...). Note que o v. 56 não está rigorosamente citado.

<sup>22</sup> “se debruçou sobre mim”, “... sobre a minha cabeça”: é essa a imagem que as artes nos transmitem, o Sonho alado pairando sobre a cabeça da pessoa adormecida.

<sup>23</sup> “de ambrósia”, ou seja, “doce como a ambrósia” (em termos humanos, “doce como o mel”).

<sup>24</sup> “beberete” é a tradução de *sūmpósion* (συνπόσιον), que constituía a segunda parte do banquete, dedicada especialmente ao vinho e diversões, como audição de música, discussão de um tema...

<sup>25</sup> “segundo dizem”: v. nota a “enxaqueca”, parte final.

<sup>26</sup> “estar com uma enxaqueca”, gr. *malakós ékhein* (μαλακῶς ἔχειν), ou (adiante) méd.-pass. *malakízomai* (μαλακίζομαι). Ambas as expressões se referem a um mal-estar leve e passageiro, e, neste caso, duvidoso por parte de terceiro...

<sup>27</sup> V. §7, *ad finem*, nota a *tomar... banho*.

O tempo [que faltava] até à hora do banho parecia-me uma longa eternidade, comigo sempre a espreitar quantos pés de comprimento tinha a linha de sombra<sup>28</sup> e quanto tempo ainda faltava para ir tomar banho.

E quando, finalmente, chegou esse tempo, lavei-me a toda a pressa e parti, muito decentemente vestido, pois virara o manto do avesso, de modo que a veste mostrasse o lado mais limpo.

10. Dou com muitas pessoas junto da porta de entrada, e, entre elas, o tal fulano, que eu devia substituir no jantar, transportado [aos ombros] por quatro homens, que diziam estar doente... e de facto, parecia estar muito mal, pois gemia, tossia, escarrava ruidosamente uma coisa lá do fundo e que custava a sair, estava completamente pálido e todo inchado, pessoa já perto dos sessenta anos. Dizia-se que era um daqueles filósofos que contam patacoadas aos jovens. E de facto, tinha uma barba de bode, mesmo a precisar de um grande corte. Como o seu médico Arquíbio o censurasse por ter vindo naquele estado, respondeu-lhe: *“Não devemos faltar aos nossos deveres, para mais tratando-se de um filósofo, ainda que dez mil doenças se lhe opusessem. Na verdade, Êucrates pensaria que eu o tinha em pouca conta.”* Então eu disse: *“Claro que não, mas até te elogiaria pelo facto de antes queres morrer em tua casa, e não no banquete, vomitando a alma juntamente com os bofes.”* Ele, porém, sobranceiramente, fingiu nem sequer ouvir a minha piada. Passado pouco tempo, chegou Êucrates, que tinha acabado de tomar banho, e que, ao ver Tesmópolis — pois assim se chamava o filósofo —, lhe disse: *“Mestre, fizeste bem em vires pessoalmente a nossa casa, mas não ficarias prejudicado se faltasses, pois ser-te-iam enviados de enfiada todos os pratos.”* E ao dizer estas palavras, entrou [na sala], conduzindo pela mão Tesmópolis, ainda amparado nos criados.

11. Então eu preparava-me para sair, mas Êucrates virando-se para mim, hesitou longamente e, vendo-me bastante acabrunhado, disse-me: *“Entra tu também, ó Micilo, e janta connosco, que vou mandar o meu filho comer no gineceu, ao pé da mãe, para que tu tenhas lugar.”* Entrei, pois, como o lobo,

---

<sup>28</sup> Entenda-se: do quadrante solar ou relógio de sol.

que ficou de boca aberta para nada<sup>29</sup>, mas envergonhado por dar a impressão de ter expulsado do banquete o filho de Eucrates.

Quando chegou o momento de nos reclinarmos<sup>30</sup> à mesa, logo cinco — creio [que eram cinco] — jovens corpulentos levantaram Tesmópolis em peso e depuseram-no [no seu lugar], não sem dificuldade, por Zeus!, envolvendo-o depois em almofadas por todos os lados, para mantê-lo nessa posição e para que ele pudesse aguentar-se assim por muito tempo. Depois, como ninguém suportasse reclinar-se a seu lado, resolveram reclinar-me num leito [a seu lado], mas em posição inferior<sup>31</sup>, de maneira que ficámos vizinhos de mesa. Então, ó Pitágoras, começámos a jantar, jantar esse que era muito farto em comida e muito variado, [em farta baixela] de ouro e prata; as taças eram de ouro, os criados eram formosos, e havia também músicos e palhaços de mistura. Em resumo, o entretenimento era qualquer coisa de muito agradável... com excepção de uma coisa que me afligiu, e não pouco, com Tesmópolis sempre<sup>32</sup> a importunar-me, falando-me sobre uma tal *virtude*, ensinando-me que duas negativas fazem uma afirmativa, que, se é de dia, não é de noite, e algumas vezes até afirmou que eu tinha cornos<sup>33</sup>, e enfim, filosofando comigo sobre muitas outras coisas do género, que eu bem dispensava, impedia e interrompia o meu prazer, não me deixando escutar os tocadores de cítara e os cantores. Foi assim, ó galo, o meu jantar.

---

<sup>29</sup> Alusão à fábula de Esopo *O lobo e a velha*, em que esta ameaçava o menino de mandar vir o lobo. Este, ao ouvir tal coisa, ficou todo o dia à espera de que a velha cumprisse a promessa. Assim estava o pobre sapateiro, Micilo, que passou todo o dia na expectativa de um rico banquete... só com a diferença de, finalmente, não ver gorado o seu desejo.

<sup>30</sup> Comia-se na posição de reclinado, junto de uma mesa baixa.

<sup>31</sup> “em posição inferior” tenta traduzir o prefixo *hūpo-* de *hūpokataklīnō* (ὑποκατακλίνω). De facto,, à volta da mesma mesinha havia leitos colocados em posição de maior prestígio.

<sup>32</sup> “sempre” está implícito no part. pres., aspecto *contínuo*: *enokhlōn* (ἐνοχλῶν).

<sup>33</sup> Trata-se de uma *falácia* ou *aporia*, também referida em *O Banquete* ou *Os Lápitais*, §23, cuja nota a “aporia” transcrevo em parte: Aporia dos cornos ou do cornudo: “*Aquilo que tu não perdeste, tu tens; ora, tu não perdeste cornos; logo, tu tens cornos*”.

GALO — Não foi lá muito agradável, ó Micilo, especialmente por te ter calhado esse velho tonto.

[

12. MICILO — Escuta lá agora o meu sonho. Imaginava eu que o próprio Êucrates, que não tinha filhos, estava a morrer, e então mandou-me chamar, fez testamento, no qual eu ficava como herdeiro de todos os seus bens, e passado pouco tempo morreu. E eu, entrando na posse daquela fortuna, tirava, com umas enormes bacias, ouro e prata, que corriam sem cessar e em enorme quantidade; e quanto ao resto — vestuário, mesas, taças e criados —, tudo, naturalmente, me pertencia. Depois, subi para uma biga<sup>34</sup> de cavalos brancos, muito altaneiro, admirado e invejado por todos os que assim me viam. Muitas pessoas corriam à minha frente, outras cavalgavam a meu lado, e muitas mais me seguiam. E eu, envergando o vestuário de Êucrates e com os dedos envolvidos por pesados anéis — tantos como dezasseis<sup>35</sup> —, dava ordens para que fosse preparado um magnífico banquete, a fim de receber os meus amigos. Então estes, como é natural num sonho, já estavam presentes, já era trazido o jantar, e as taças já tilintavam<sup>36</sup>. Nesse momento, estando eu a brindar em copos de ouro à saúde de cada um dos presentes, e com o empadão acabado de chegar, eis que tu, berrando intempestivamente, [com o que] perturbaste o nosso banquete, viraste as mesas de pernas para o ar e fizeste com que toda aquela riqueza fosse levada pelo vento. Achas, porventura, que não tenho razão para estar furioso contigo, quando poderia ter tido esse sonho durante três noites [seguidas]?

13. GALO — Ó Micilo! Como tu és ávido de ouro e de riqueza<sup>37</sup>, e só admiras e consideras feliz uma coisa de entre todas: o possuir muito ouro.

MICILO — Não sou só eu, ó Pitágoras, [que assim penso,] mas também tu próprio, quando eras Euforbo e ias combater contra os Aqueus, com as madeixas [de cabelos] atadas com [fios

---

<sup>34</sup> “biga”, carro de duas ou quatro rodas, puxado por dois cavalos.

<sup>35</sup> Os “dezasseis” anéis indicam, naturalmente, dois em cada um dos oito dedos, com exceção, naturalmente, dos dois polegares.

<sup>36</sup> “as taças já tilintavam” é interpretação minha, diferente de outras...

<sup>37</sup> “ávido de ouro e (ávido) de riqueza,” gr. *philókhrosos... kai philóploutos* (φιλόχρυσος... καὶ φιλόπλουτος), que poderíamos traduzir (invertendo os termos dos compostos!) por... *crisófilo* e *plutófilo*. O 1º até está atestado: *khrosóphilos* (χρυσόφιλος)... e só por acaso não está atestado *\*ploutóphilos* (\*πλουτόφιλος).

de] ouro e prata; nessa guerra, onde era melhor estar revestido de ferro, preferias correr perigo com as tranças atados com [fios de] ouro. E creio mesmo que é por isso que Homero diz que os teus cabelos são semelhantes aos das Graças, porque “*são entrançados de ouro e prata*”<sup>38</sup>. Na verdade, parecem muitíssimo mais belos e mais amorosos, quando entrelaçados com [fios de] ouro e brilhando juntamente com ele. No entanto, ó “cabeleira doirada”, o teu caso não é grave, porquanto, sendo filho de Pântoo<sup>39</sup>, estimas muito o ouro. Mas até o pai de todos os deuses e dos homens, o filho de Crono e de Reia, quando se apaixonou por aquela jovem de Argos<sup>40</sup>, não tendo nada de mais desejável em que se transformasse, nem outra forma de corromper a guarda de Acrísio... bem... tens certamente ouvido contar como ele se transformou em ouro e, tendo-se infiltrado pelo tecto, se uniu à sua amada, de maneira que... Mas... para quê contar-te o que depois aconteceu, quantas vantagens o ouro proporciona, como torna belos, sábios e poderosos aqueles que o possuem, conferindo-lhes honra e glória, e como, não raro, faz, em pouco tempo, de pessoas obscuras e vulgares, pessoas notáveis e famosas?

14. Conheces certamente o meu vizinho Símon, do mesmo ofício que eu, que ainda não há muito tempo jantou em minha casa no dia da festa de Crono, quando eu cozia o caldo, metendo-lhe dentro dois pedaços de chouriço...

GALO — Conheço, sim... aquele de nariz achatado, muito baixinho, que, depois do jantar, surriprou o [meu] prato de barro — a única coisa que eu possuía — e se escapou com ela debaixo do sôvaco... que eu bem vi... com estes dois<sup>41</sup>, ó Micilo.

MICILO — Então foi ele mesmo que a roubou e depois jurou por não sei quantos deuses que não o tinha feito? Mas

---

<sup>38</sup> Homero, *Iliada*, XVII, 52.

<sup>39</sup> Pântoo, natural de Delfos e aí consagrado a Apolo, foi levado para Tróia, onde o rei Príamo o fez sacerdote de Apolo. Era pai, entre outros, de Euforbo, que, em futura reencarnação, haveria de surgir na figura, e no corpo, de Pitágoras...

<sup>40</sup> A “jovem de Argos” é Dánae, filha do rei Acrísio, a quem um oráculo tinha profetizado que, se sua filha tivesse um filho, este o mataria. Acrísio encerrou a jovem num subterrâneo fortemente vigiado, mas Zeus, sob a forma de gotinhas de ouro, infiltrou-se no local, e assim satisfez o seu desejo, ao mesmo tempo que causou, em devido tempo, o mal predito pelo oráculo.

<sup>41</sup> “com estes dois” não é o que está no grego, mas sim “eu próprio [em pessoa]”, “pessoalmente”...

porque é que, nesse momento, ó galo, não gritaste e não me avisaste, ao veres que estávamos a ser roubados’

GALO — Eu [bem] cantei, que era a única coisa que podia fazer... Mas... que é que se passou com Símon? Sim, parecias ir contar qualquer coisa a seu respeito.

MICILO — Símon tinha um primo rico até mais não poder ser, de seu nome Drímilo. Ora este, em vida, nunca tinha dado a Símon nem sequer um óbolo... mas como, se ele próprio nem tocava no dinheiro? Mas quando, aqui há tempos, [o primo] morreu, toda aquela fortuna passou, segundo as leis, para as mãos de Símon. E agora este, o dos farrapos encardidos, o que lambia a tigela<sup>42</sup>, passeia montado a cavalo<sup>43</sup>, todo satisfeito e envergando roupa de púrpura e escarlata, possuidor de criados, de carruagens, de taças de ouro, de mesas com pés de marfim, reverenciado por toda a gente, sem sequer olhar para nós<sup>44</sup>. Por exemplo, ainda recentemente, eu, ao vê-lo aproximar-se, disse: “*Ora viva, ó Símon!*”; ele, porém, irritado, disse: “*Dizei a este pobre que não abrevie o meu nome, pois não me chamo Símon, mas Simónides.*” Ainda mais importante é o facto de as mulheres agora já o amarem, mas ele faz-se caro, olha-as sobranceiramente, aproxima-se de umas e trata-as com benevolência, enquanto outras ameaçam enforcar-se por serem desprezadas por ele. Já estás a ver de quantas vantagens o ouro é causador, pois transforma os mais feios e torna-os dignos de serem amados, como a famosa cinta<sup>45</sup> da poesia. Também ouves o que dizem os poetas:

*Ó ouro, das dádivas a mais bela!*<sup>46</sup>

ou

*Pois o ouro é aquele | que sobre os mortais domina!*<sup>47</sup>.

---

<sup>42</sup> “lambia a tigela”, pode ser referência à tigela roubada (v. *supra*), mas também, certamente, ao facto de, esfomeado, “lamber” completamente a tigela...

<sup>43</sup> “a cavalo” ou num carro...

<sup>44</sup> “para nós”: ou plural majestático, = “para mim”, ou generalizante = “para nós... os pobres”.

<sup>45</sup> Trata-se da cinta de Afrodite, *kestòs himás* (κεστὸς ἰμάς), v. *Iliada*, XIV, 214-221, “... *na qual estavam urdididos todos os encantamentos...*” (trad. de Frederico Lourenço).

<sup>46</sup> Eurípides, frg. da perda da *Dánae* (ou de *Belerofonte?*),

<sup>47</sup> Eurípides (?), frg. da *Dánae* (ou de *Belerofonte?*...).

... Mas... ó galo, porque é que rias enquanto eu falava?

15. GALO — É que também tu, ó Micilo, por ignorância, e semelhante a muitos outros, andas iludido a respeito dos ricos. Fica sabendo que estes passam uma vida muito mais infeliz que vós<sup>48</sup>. Sou eu que to digo, eu, que muitas vezes fui pobre e fui rico e experimentei todo o tipo de vida. Em breve tu próprio ficarás a saber tudo isso.

MICILO — Por Zeus! Sim, já é tempo de dizeres como é que te transformaste e o que é que sabes a respeito de cada espécie de vida.

GALO — Pois vai ouvindo, mas fica desde já sabendo que nunca vi ninguém que tenha uma vida mais feliz que a tua.

MICILO — Que a minha, ó galo?! Oxalá tivesses uma vida igual [à minha]. Na verdade, até me forças a blasfemar contra ti... Mas... conta-me cá, começando por Euforbo, como é que te transformaste em Pitágoras, e depois, por ordem, até seres galo. Sim, é natural que tenhas visto e experimentado condições muito variadas, nessas vidas multifacetadas.

16. GALO — Seria longo de contar como a minha alma, primeiramente saída de Apolo, desceu voando até à Terra e entrou num corpo humano, que condenação cumpriu. Aliás, não seria piedoso, nem para mim contar, nem para ti escutar tais acontecimentos. Ora, logo que me transformei em Euforbo...

MICILO — Mas... ó admirável criatura, quem é que eu era, antes deste [que agora sou]? Antes de mais, diz-me cá uma coisa, ou seja, se eu alguma vez me transformei, tal como tu.

GALO — Mas com certeza!

MICILO — Então quem é que eu era... se é que podes dizer-me? Sim, quero saber.

GALO — Tu? Eras uma formiga indiana, daquelas que escavam ouro<sup>49</sup>.

MICILO — Quer dizer que, pobre de mim, me não cuidei de vir para esta vida abastecido com pelo menos algumas pipetas trazidas da outra [vida]?! Mas diz-me cá em que é que eu irei tornar-me a seguir? Sim, é natural que tu saibas. Na verdade,

---

<sup>48</sup> “vós”, melhor que plural majestático = “tu”, interpreto como “vós [os pobres]”.

<sup>49</sup> V. Heródoto, III, 102, que é, para este caso, talvez a principal fonte de Luciano.

se for alguma coisa boa, vou já enforcar-me, pendurando-me da ripa onde tu estás poisado.

17. GALO — Não há qualquer maneira de saber tal coisa. Mas — voltando ao assunto — quando eu era Euforbo, combati em Ílion, onde, após ter morrido às mãos de Menelau, algum tempo depois me transformei em Pitágoras, mas até esse momento fiquei sem morada, até que Mnesarco me arranjou uma<sup>50</sup>.

MICILO — Mas, meu caro, sem comida nem bebida?

GALO — Com certeza, uma vez que essas coisas não fazem falta senão ao corpo.

MICILO — Ora, em primeiro lugar, conta-me cá o que aconteceu em Ílion. Será que as coisas se passaram tal e qual afirma Homero?

GALO — Como é que Homero sabia, ó Micilo, se, quando tais acontecimentos se deram, ele era camelo em Bactros?<sup>51</sup> E ainda te digo mais uma coisa: nada de extraordinário se passou nessa altura, nem Ájax era tão alto, nem a própria Helena era tão bela como se crê. Realmente, notei que ela era um tanto pálida e tinha o pescoço muito comprido, de tal modo, que parecia [antes] filha de um cisne; e quanto ao resto, era já bastante velha, quase da idade de Hécuba<sup>52</sup>. Primeiramente, foi Teseu quem a raptou Helena e a manteve em Afidna<sup>53</sup>; ora, Teseu era contemporâneo de Hércules, e Hércules conquistou Tróia pela primeira vez, no tempo dos nossos pais, ou melhor, dos nossos pais *de então*<sup>54</sup>. Foi Perítoos quem me contou estes factos, dizendo que, ainda moço, conhecera Hércules.

MICILO — Então... e Aquiles era assim tão notável, excelente em tudo, ou tudo isso não passa de fábula?

---

<sup>50</sup> Recorde-se que Mnesarco lhe arranjou uma morada, pois foi pai de Pitágoras.

<sup>51</sup> Bactros (e não \**Bactra*), gr. *Báktra*, -*ôn* (Βάκτρα, -ων, τρά), capital da província persa do mesmo nome (ou *Bactriana*). Naturalmente, trata-se de uma das diversas lendas a respeito de Homero.

<sup>52</sup> Imagina-se que Hécuba, esposa do velho rei Príamo de Tróia, devia ser igualmente uma senhora de propecta idade.

<sup>53</sup> Afidna, demo da Ática.

<sup>54</sup> “dos nossos pais *de então*”, ou seja, dos pais do galo, quando ele era Euforbo, portanto, no tempo dos pais de Euforbo, o qual combateu na 2ª (e última!) guerra de Tróia. Este ensaio cronológico faz-nos sorrir... mas era talvez isso que Luciano pretendia...



GALO — Ó Micilo, a esse nunca o defrontei, nem seria capaz de dizer com precisão o que se passava entre os Aqueus... Sim como [poderia], se eu era seu inimigo? Quanto ao seu companheiro Pátroclo, não tive dificuldade em matá-lo<sup>55</sup>, trespassando-o com a minha lança.

MICILO — E depois foi Menelau [quem te matou] a ti, e com muito maior facilidade... Mas já basta dessas coisas. Fala-me antes do que se passou com Pitágoras.

18. GALO — Em resumo, Micilo, eu era um [autêntico] sofista<sup>56</sup> — sim, julgo dever dizer a verdade —. De resto, não era um ignorante nem um leigo nas mais belas ciências. Desloquei-me ao Egipto, a fim de contactar com os seus profetas<sup>57</sup> em questões de sabedoria; penetrei nos seus santuários e estudei nos livros de Horo e de Ísis; depois, tendo viajado até à Itália, de tal maneira agradei aos Gregos daquela região, que me tomavam por um deus.

MICILO — Ouvi falar disso, e também passaste por ter morrido e depois ressuscitado, e que uma vez lhes mostraste uma coxa de ouro... Mas diz-me cá uma coisa: Que ideia foi essa que te ocorreu, a de estabelecer a lei de nunca comer carne nem favas?

GALO — Ó Micilo, não investigues essa questão.

MICILO — E porque não, ó galo?

GALO — Porque tenho vergonha de te contar a verdade a esse respeito.

MICILO — Mesmo assim, não devias hesitar em contar isso a um teu coabitante e amigo, pois [caso contrário] deixaria de me chamar teu senhor.

GALO — Não era [uma doutrina] sensata nem sábia, mas eu via que, se fizesse as leis do costume e iguais às dos outros [legisladores], levaria muitíssimo poucas pessoas a admirar-me, mas, pelo contrário, quanto mais bizarro parecesse, mais venerável para elas seria. Por isso, optei por dizer coisas estranhas,

---

<sup>55</sup> As coisas não são narradas exactamente assim, pois Euforbo (agora galo), embora tendo atingido Pátroclo, não o matou (v. *Iliada*, XVI, 806, ss.).

<sup>56</sup> “sofista”, não tanto no sentido de “homem sábio e versado em múltiplas ciências”, mas em sentido algo pejorativo que vinha já do tempo dos antigos sofistas e se prolongou até ao tempo de Luciano. Este sentido parece resultar da anunciada franqueza logo a seguir expressa pelo galo.

<sup>57</sup> “profetas”, no sentido simultaneamente religioso e científico = “sacerdotes e sábios”.

tornando secreta a fundamentação, a fim de que, conjecturando uns uma coisa, e outros outra coisa, todos ficassem perplexos, como nos oráculos obscuros... Estás a ver?... Agora és tu que, por tua vez, troças de mim.

MICILO — Mas não tanto como tu [troçavas] dos Crotoniatas, dos Metapontinos, dos Tarentinos e dos outros silenciosos que te seguiam e reverenciavam as pegadas que tu deixavas ao caminhar...

19. ... Mas... depois de te teres despojado [do corpo] de Pitágoras, que forma é que assumiste a seguir a este?

GALO — A de Aspásia, a meretriz de Mileto<sup>58</sup>.

MICILO — Que raio de história é essa! Então Pitágoras, entre outras coisas, foi mulher? E houve tempo, ó galo, em que, bravíssimo galo, punhas ovos? E tinhas relações com Péricles, quando eras Aspásia, e ficaste grávida dele, e fiavas lá e manejavas a lançadeira, e [enfim] te comportavas como uma mulher e meretriz?

GALO — Não era somente eu que fazia essas coisas, mas também Tirésias, antes de mim, bem como Ceneu<sup>59</sup>, pelo que todas as chacotas [que disseres] contra mim serão chacotas contra aqueles.

MICILO — E então? Qual dos tipos de vida te era mais agradável: quando eras homem, ou quando Péricles te tinha por mulher?

GALO — Estás a ver que tipo de pergunta me fizeste, cuja resposta não trouxe benefício a Tirésias?<sup>60</sup>

MICILO — Mas ainda que não me respondas, Eurípides esclareceu cabalmente essa questão, ao dizer que *preferia estar três vezes em combate, a dar à luz uma só vez*<sup>61</sup>.

GALO — Mesmo assim, ó Micilo, vou lembrar-te-ei disto dentro de não muito tempo, quando estiveres com as dores de

---

<sup>58</sup> Trata-se da famosa amante, *hetaira* (ἑταίρα) de Péricles.

<sup>59</sup> Ceneu, originariamente mulher, pediu ao seu apaixonado Posídon que a transformasse em homem, pelo que mudou o nome de *Kainís* (Καινίς), “Cénis” (ou “Cénide”) para *Kaineús* (Καινεύς).

<sup>60</sup> Um dia Zeus afirmou perante a sua esposa, Hera, que as mulheres têm mais prazer sexual que os homens, do que ela discordou. Tirésias, chamado a decidir a contenda, declarou que, se dividissem o prazer em dez partes, a mulher tinha nove partes, e o homem somente uma. Então Hera, irritada por ver revelado um segredo precioso, puniu Tirésias, cegando-o.

<sup>61</sup> Eurípides, *Medeia*, 250-251, com alterações

parto, pois, na sequência de muitos ciclos [de vida]. também serás mulher.

MICILO — Porque não vais enforcar-te, ó galo, tu que cuidas que todos são milesianos ou samianos?<sup>62</sup> Pelo menos diz-se que tu, quando eras Pitágoras e [estavas] na brilhante flor da idade, muitas vezes serviste de “Aspásia” ao tirano...

20. Mas... depois de [seres] Aspásia, sob que forma reapareceste: homem ou mulher?

GALO — O cínico Crates.

MICILO — Mas, pelos Dioscuros!, que disparidade, [passar] de meretriz a filósofo!

GALO — Depois fui rei, e depois pobre, e passado pouco tempo [fui] sátrapa, depois [fui] cavalo... e gralha... e rã... e mil outras coisas, que seriam longas de enumerar uma por uma. Ultimamente, fui galo muitas vezes, pois agradava-me este género de vida. E depois de ter servido em casa de muitos outros, [quer reis<sup>63</sup>], quer pobres, quer ricos, finalmente agora estou a viver contigo, todos os dias a rir-me de ti, ao ver-te jeremiando<sup>64</sup> e lamentando a tua miséria, admirando os ricos, por desconhecimento dos males de que eles sofrem. Na verdade, se tu soubesses que preocupações eles têm, ririam em primeiro lugar de ti, por acreditares que a riqueza é a grande causa da felicidade.

MICILO — Pois bem, ó... Pitágoras... Mas... como é que mais gostas de ser chamado, que é para eu não confundir o nome, chamando-te ora de uma maneira, ora de outra?

GALO — Não faz a mínima diferença, quer me chames Euforbo, quer Pitágoras, ou Aspásia, ou Crates, pois eu sou todos eles. Mas neste momento farias melhor, chamando-me aquilo que tu vês, ou seja, galo, para não depreciares a ave que te parece muito vulgar, mas que contém em si mesma tantas almas.

21. MICILO — Pois então, ó galo, uma vez que já tiveste a experiência de todos os tipos de vida e os conheces a todos,

---

<sup>62</sup> “milesianos”: alusão a Aspásia de Mileto, amante de Péricles; “samianos”: referência a Pitágoras de Samos.

<sup>63</sup> Fritzsche elimina esta palavra dos manuscritos. Não seria obrigatório!

<sup>64</sup> “jeremiar”, de *Jeremias*, pretende, de algum modo, verter o gr. *potniómai* (ποτνιόμαι), “invocar a *Pótnia*”, “... a Senhora”, “... a deusa”...

poderias dizer-me desde já claramente como é, por um lado, a vida dos ricos, e, por outro lado, a dos pobres, para eu ficar a saber se é verdade aquilo que me dizes, provando que eu sou mais feliz que os ricos.

GALO — Ora considera lá o seguinte, ó Micilo: Para ti, a guerra não é objecto de grande apreensão, se ouvires dizer que os inimigos se aproximam, nem ficas preocupado, [temendo] que eles invadam o teu campo e o devastem, ou que espezinhem a tua horta<sup>65</sup>, ou que destruam as tuas vinhas mas; pelo contrário, só de ouvires a trombeta (se é que a ouves<sup>66</sup>), olhas à tua volta, a ver para onde deves voltar-te, para te salvars e escapares ao perigo. Os ricos, porém, também tomam precauções com as suas pessoas, mas, além disso, afligem-se ao verem, do alto das muralhas, ser saqueado e roubado tudo quanto possuíam nos seus campos. Por outro lado, no caso de ser preciso lançar um imposto, só eles são chamados [a contribuir], e se há que sair em campanha, são os primeiros a correr perigo, por serem comandantes ou cavaleiros. Tu, porém, armado de um escudo de vime, [com equipamento] leve e ligeiro para te pores a salvo, já estás pronto para festejar a vitória, quando o general celebra o sacrifício, por ter saído vencedor.

22. Em tempo de paz, tu, por outro lado, como [simples homem] do povo, sobes à Assembleia e tiranizas os ricos, enquanto estes tremem, lisonjeiam-te e procuram cair nas tuas graças por meio de presentes. E para que tu tenhas banhos públicos, espectáculos e tudo o mais [que é] necessário, eles é que penam, ao passo que tu, severo julgador e fiscalizador, tal qual um [grande] senhor, por vezes nem sequer os deixas falar, e, se assim te aprouver, cobre-lo com uma farta granizada de pedras ou confiskas-lhes os bens. Além disso, não temes nenhum sicofanta<sup>67</sup>, nem que um gatuno te furete o teu ouro, pulando

---

<sup>65</sup> “horta”, melhor que “jardim”: o gr. *parádeisos* (παράδεισος), que veio a significar “paraíso”, era um recinto com árvores (especialmente de fruto: um pomar), onde o gado podia pastar.

<sup>66</sup> “se é que a ouves”: o sentido é muito subtil: não precisa de ouvir, basta desconfiar que ouviu...

<sup>67</sup> *Sicofanta* era o indivíduo que promovia uma acção judicial contra outro, um delator, que, muitas vezes, fazia desse processo um modo de vida, pois, no caso de o réu ser condenado, uma parte dos bens deste revertia para o acusador. Este, no entanto, caso não obtivesse pelo menos 1/5 dos votos, arriscava-se a apanhar uma multa de 1000 dracmas e a sofrer

o muro ou fazendo um buraco na parede, nem tens problemas de contas a dever ou a haver, nem tens de brigar com os malditos ecónomos, nem tens de dividir-te em tantas e tamanhas ocupações. Pelo contrário, depois de acabares uma sandália e de receberes o pagamento de sete óbolos, levantas-te, aí pela tardinha, e, após o banho, se assim te aprouver, compras um peixe fumado<sup>68</sup>, ou petingas, ou umas poucas de cabeças de cebola, e assim te divertes, quase sempre cantando e filosofando com a tua amiga Pobreza.

23. Assim, e por via disso, tens saúde, és fisicamente forte e suportas o frio. Na verdade, os teus esforços estimulam-te e tornam-te um adversário nada fraco contra as dificuldades que para outros parecem invencíveis. Seguramente que nenhuma dessas penosas doenças te atingirá, mas, pelo contrário, se uma febre, mesmo que leve, te ataca, tu cedês-lhe por momentos, mas logo te levantas [da cama] e sacodes o incómodo, e a febre foge imediatamente apavorada, ao ver-te ingerir água fria<sup>69</sup> e dizer um longo adeus às visitas médicas. Os ricos, pelo contrário, devido à sua intemperança, qual das doenças não contraem?!: gota, tísica, pneumonia<sup>70</sup>, hidropisia... Na verdade, estas doenças são o resultado daquelas opíparas jantaradas.

Então, aqueles que, como Ícaro, se elevaram muito alto e se aproximaram do Sol, sem se aperceberem de que o mecanismo das asas estava ligado com cera, fizeram um enorme estardalhaço ao precipitarem-se de cabeça no mar. Pelo contrário, aqueles que, à semelhança de Dédalo, tiveram a prudência de [voar], não muito elevados no ar, mas rente ao mar, para que a cera se mantivesse humedecida pela maresia, esses, na sua maior parte, fizeram a travessia aérea em segurança.

MICILO — Referes-te a pessoas moderadas e sensatas.

GALO — Quanto aos outros, ó Micilo, poderás ver os seus vergonhosos “naufrágios”, [por exemplo] quando Cresos, de “asas arrancadas”, é motivo de risota para os Persas, ao subir

---

outras penalizações de natureza cívica. Muitas vezes, o sicofanta apenas fazia chantagem, levando a vítima a entregar-lhe determinada quantia, só para se livrar de aborrecimentos.

<sup>68</sup> “peixe fumado”: arenque, anchovas...; “petingas” (?)...

<sup>69</sup> A água fria era, pelos vistos, a “mezinha” dos pobres contra a febre.

<sup>70</sup> “pneumonia”: o gr. *peripleumonia* (*peripneumonia*) não equivale a port. *peripneumonia* (doença dos bovinos...), mas é equivalente a, também gr., *pleumonia* (*pneumonia*).

para a pira; ou quando Dioniso, deposto da sua tirania, é visto em Corinto como mestre-escola e, depois de tamanho poder, ensinando meninos a soletrar.

24. MICILO — Mas diz-me cá, ó Galo: Quando eras rei — pois afirmas que, em tempos, chegaste a reinar —, como é que achaste esse género de vida? Não eras, porventura, completamente feliz, por deteres o máximo dos máximos de todos os bens?

GALO — Ó Micilo, não me faças recordar como eu era, nesse tempo, três vezes infeliz<sup>71</sup>, a todos parecendo, por fora, completamente feliz, como disseste, mas sofrendo, cá por dentro, mil aflições.

MICILO — Mas que aflições eram essas? O que dizes é bem estranho e não lá muito credível.

GALO — Eu reinava, ó Micilo, num país nada pequeno, fértil em tudo, digno de ser admirado pelo grande número da população e pela beleza incomparável das suas cidades, atravessado por rios navegáveis e banhado por um mar com belos portos; eu tinha um numeroso exército, uma cavalaria bem treinada, uma guarda nada pequena, bem como trirremes e uma incontável quantidade de dinheiro, muitíssimo ouro e tudo o mais ampliado até ao exagero pela antiga tragédia, de tal maneira, que, sempre que eu aparecia em público, as pessoas, em grande maioria, veneravam-me e viam-me como se eu fosse um deus, e corriam todos uns atrás dos outros, para me verem; outros subiam aos telhados e consideravam um grande privilégio o facto de verem a minha carruagem, o meu manto, o meu diadema e os que me escoltavam à frente e atrás. Então eu, consciente da aflição que me atormentava, perdoava-lhes a sua loucura, e tinha pena de mim mesmo, que era como aqueles enormes colossos que Fídias, Míron ou Praxíteles fizeram. De facto, cada um desses colossos, o de Zeus ou de Posídon, por fora é muitíssimo belo, feito de ouro e marfim, com o raio e o relâmpago ou com o tridente na mão direita, mas se te baixares e os espreitares por dentro, verás uns barrotes, cavilhas, pregos espetados por toda a parte, e vigas, e pez, e poeira, e porcaria desse género ali acumulada... para

---

<sup>71</sup> “três vezes infeliz” é tradução literal, que entendi manter; também podia ser “mil vezes infeliz”, “o mais infeliz dos homens” ou o banal “extremamente infeliz”...

já não falar da multidão de ratos e ratazanas algumas vezes neles residentes. Tal é também a realeza.

25. MICILO — Mas ainda não disseste quais são a poeira, os barrotes e as cavilhas do poder, nem em que consiste essa tão grande porcaria. Sim, o facto de apareceres em público admirado por todos, senhor de tanto poder e venerado como um deus parece-se com o teu exemplo do colosso. Sim, isso tem algo de divino. Mas agora fala-me do interior do “colosso”.

GALO — Que mencionar em primeiro lugar, ó Micilo? Os terrores, os pavores, as suspeições, o ódio dos que connosco vivem? As conspirações e, por via disso, o breve sono, e mesmo esse muito leve, os sonhos cheios de agitação, pensamentos desencontrados e expectativas sombrias? Ou a falta de tempo, as audiências<sup>72</sup>, os processos judiciais, as expedições, as ordens, os tratados, a contabilidade? Devido a tais cuidados, não lhe é permitido, nem mesmo em sonho, gozar de algo agradável, mas, pelo contrário, vê-se obrigado a velar, ele sozinho, por todos os assuntos e a assumir milhares de problemas:

*Do Atrida Agamémnon, agitado | por muitos pensamentos,  
o doce sono não se apoderava | ...<sup>73</sup>,*

e isto enquanto todos os Aqueus ressonavam. Por outro lado, o rei da Lídia<sup>74</sup> aflige-se pelo facto de o seu filho ser mudo, e o rei da Pérsia<sup>75</sup> pelo facto de Clearco recrutar mercenários para Ciro, outro<sup>76</sup> porque Díon conversa ao ouvido de certos siracusanos, outro<sup>77</sup> porque Parménion é elogiado, e Perdicas por causa de Ptolemeu, e Ptolemeu por causa de Seleuco. Mas há ainda outros motivos de desgosto, ou porque o amado só constrangido se presta a ter relações, ou quando a amada se agrada de outro, ou, quando se diz que alguns estão a ponto

---

<sup>72</sup> “audiências” (públicas ou privadas) é um dos sentidos possíveis de *khrēmatismoí* (χρηματισμοί), mas também podemos entender “negócios”, “negociações”, etc. (v. dics.).

<sup>73</sup> Homero, *Iliada*, X, 3-4.

<sup>74</sup> “o rei da Lídia”: Creso.

<sup>75</sup> “o rei da Pérsia”: Artaxerxes, irmão de Ciro.

<sup>76</sup> Dionísio-o-Novo ou Dionísio II, de Siracusa.

<sup>77</sup> Alexandre Magno.

de se revoltarem, vêm dois ou três<sup>78</sup> guarda-costas sussurrando entre si. O mais terrível, porém, é o facto de terem de desconfiar sobretudo dos seus maiores amigos e esperar que deles venha algo de mau. Eu, por exemplo, morri envenenado pelo meu filho, e este pelo seu querido, e este provavelmente teve uma morte do mesmo género.

26. MICILO — Basta! O que estás a dizer é horroroso, ó galo. Para mim, pelo menos, é mais seguro cortar o couro, todo curvado, do que brindar à amizade [bebendo] por um copo de ouro com uma mistura de cicuta ou de acónito. Na verdade, o perigo, para mim, é se a faca me escorrega e erra o corte exacto, e então faço um corte e fico a sangrar um pouco dos dedos. Os ricos, porém, como tu dizes, dão festins mortais, embora incorrendo em mil perigos. Depois, quando caem, assemelham-se muito aos actores trágicos, muitos dos quais tu podes ver: enquanto representam os Cécropes, os Sísifos ou os Télefos<sup>79</sup>, usam diademas, espadas com punho de marfim, cabeleira ondulante e um manto bordado a ouro; mas — coisa que muitas vezes acontece —, se algum deles põe um pé em falso e cai no meio da cena, proporciona aos espectadores motivo de risota, [ao verem] a máscara despedaçada juntamente com o diadema, a verdadeira face do actor ensanguentada e as pernas completamente nuas, a ponto de mostrarem o interior da roupa — miseráveis farrapos — e a base dos coturnos deformada e nada proporcional ao pé. Estás a ver, meu caro galo, como já me ensinaste a fazer comparações? Bem... quanto à tirania, já se viu como ela é. Mas, quando eras cavalo, ou cão, ou peixe, ou rã, como suportavas esse género de vida?

27. GALO — A história que tu suscitaste é demasiado longa para o tempo de que dispomos. Mas, em linhas gerais, não há, entre as diversas vidas, nenhuma que não se me afigure mais livre de problemas comparativamente com a vida humana, uma vez que [cada uma delas] se conforma com os desejos e necessidades naturais. De facto, não poderias ver, nessas vidas, nem um cavalo cobrador de impostos, nem uma rã sicofanta, nem uma gralha

---

<sup>78</sup> “dois ou três”: o gr. diz “dois ou quatro”, numeração indeterminada, traduzível por “meia-dúzia”.

<sup>79</sup> “Cécropes, os Sísifos ou os Télefos”, plurais que indicam cada uma dessas personagens e outras similares.



sofista, nem um mosquito cozinheiro, nem um galo maricas, e outras actividades em que vós [humanos] vos ocupais.

28. MICILO — Talvez seja verdade, ó galo, mas eu é que não me envergonho de te dizer o que sinto. Ainda não sou capaz de esquecer o desejo, que tinha desde menino, de me tornar rico, mas ainda agora tenho diante dos olhos aquele sonho que me mostrava tanto ouro, e sobretudo até me falta o ar, quando vejo esse maldito Símon regalar-se com tantas coisas boas.

GALO — Eu curo-te disso, ó Micilo. E como ainda é de noite, levanta-te e segue-me, pois vou levar-te a casa do próprio Símon e dos outros ricaços, que é para veres como se passam as coisas lá entre eles.

MICILO — Como é isso, se as portas estão fechadas? ... A não ser que me obrigues a furar a parede<sup>80</sup>...

GALO — De maneira nenhuma, pois Hermes, a quem eu sou consagrado, concedeu-me este privilégio extraordinário: se alguém tomar esta minha pena de cauda, a mais comprida, a qual, pela sua macieza, é muito flexível...<sup>81</sup>

MICILO — ... Mas tu não tens duas dessas [penas]?

GALO — ... Sim, mas é a do lado direito... Aquele a quem eu permitir que a arranque e a guarde, esse, por minha vontade, é capaz de abrir todas as portas e ver tudo sem ser visto.

MICILO — Mas tu és um feiticeiro, ó galo, e eu que não me apercebia de tal. Nesse caso, se tu me ofereceres essa pena, verás todos os bens de Símon transferidos, num instante, para o lado de cá. Sim, penetrarei [em sua casa] e transferi-los-ei, e ele voltará a morder a sola, a fim de a esticar<sup>82</sup>.

GALO — Tal coisa não é permitida. Na verdade, Hermes ordenou-me que, se aquele que possuir a pena cometer uma acção desse género, eu cante alto e o denuncie em pleno acto.

MICILO — É incrível o que dizes: que o próprio Hermes, um ladrão, proíba aos outros [ladrões] uma coisa dessas... Mesmo assim, vamos. Renunciarei ao ouro... se puder...

---

<sup>80</sup> Muitas vezes os ladrões, em vez de arrombarem a porta, furavam a parede, que era de material terroso. O acto de assaltar uma casa por este processo exprimia-se com o verbo *toikhōrúkhēō* (τοιχωρυχέω) “furar uma parede”, e os ladrões eram *toikhōrúkhōi* (τοιχωρύχοι) “furadores de paredes”.

<sup>81</sup> A frase, interrompida pelo outro interlocutor, é retomada a seguir...

<sup>82</sup> Deduz-se daqui que os sapateiros esticavam a sola, segurando uma ponta com os dentes e puxando a outra ponta com as mãos...

GALO — Mas primeiro, ó Micilo, arranca-me a pena... Mas que é isto? arrancaste-me as duas?!

MÍCILO — Assim é mais seguro, ó galo, além de que essa coisa<sup>83</sup> te fica menos feia, para não coxeares de um dos lados da cauda.

29. GALO — Pois seja! Mas vamos primeiro a casa de Símon, ou à de outro rico qualquer?

MÍCILO — Não, [vamos] antes a casa de Símon, que, em vez de dissilábico, agora, depois de rico, pretende ser tetrassilábico<sup>84</sup>... Ora cá estamos nós à sua porta. E depois disto, que é que eu faço?

GALO — Enfia a pena na fechadura.

MÍCILO — Ora vejam só! Por Hércules! A porta abriu-se como se fosse com uma chave!

GALO — Segue adiante. Estás a vê-lo acordado e a contar dinheiro?

MÍCILO — Sim, por Zeus!, estou a vê-lo junto de uma candeia [de luz] mortiça e [de torcida] sequiosa. Está muito amarelento, não sei lá porquê, ó galo, e muito magro e abatido, sem dúvida devido a preocupações, uma vez que não se ouvia dizer que estivesse doente.

GALO — Escuta o que ele está a dizer, e saberás donde lhe vem esse estado.

SÍMON — ... Portanto<sup>85</sup>... aqueles setenta talentos<sup>86</sup> enfiados com toda a segurança debaixo da cama, e dos quais ninguém tem conhecimento; mas quanto aos dezasseis [talentos], julgo que Sósilo, o moço de estrebaria, me viu escondê-los por debaixo da manjedoura. É por isso que ele anda tanto à volta da cavalaria, ele que, de resto, não é muito zeloso nem muito

---

<sup>83</sup> “essa coisa”, *tò prâgma* (τὸ πρᾶγμα) expressão vaga, talvez aludindo à cauda (v. a seguir).

<sup>84</sup> Recorde-se que Símon passou a chamar-se a si próprio *Simónides* (v. §14).

<sup>85</sup> “Portanto” vem na sequência de algo dito anteriormente, que só podemos imaginar.

<sup>86</sup> O talento era aquilo a que se chama «moeda de conto» (cf. *contos de réis*), ou seja, não existia como moeda. Equivalências: 1 talento = 60 minas; 1 mina = 100 dracmas; 1 dracma = 6 óbolos. Nos *Diálogos das Cortesãs* há diversas alusões que nos informam mais ou menos sobre o (enorme) valor de 1 talento: §8,3 (“Ampélide e Crísida”): 1 talento por uma amante em exclusividade durante 8 meses; §§4,1 e 7,1: 5 talentos como dote de noiva rica...

diligente. É natural que ele me tenha roubado muito mais que esta quantia, caso contrário, como é que, segundo se diz, Tibio<sup>87</sup> lhe fez ontem uma grande provisão de peixe salgado, ou como é que comprou para a sua mulher um brinco de umas boas cinco dracmas? Estes fulanos andam a esbanjar o meu dinheiro. Desgraçado de mim! Mas nem mesmo as minhas taças, que são tantas, estão em segurança. Temo que alguém fure a parede<sup>88</sup> e mas roube. São muitos os que me têm inveja e conspiram contra mim, principalmente o meu vizinho Micilo.

MICILO — É que eu, por Zeus!, sou igual a ti, até pelo facto de me escapulir com pratos debaixo do sovaco<sup>89</sup>.

GALO — Cala-te, Micilo, para que ele não nos apanhe aqui em flagrante.

SÍMON — Em todo o caso, o melhor é ficar acordado. Agora levanto-me e vou dar uma volta pela casa... Quem está aí? Eu bem te vejo, meu ladrão<sup>90</sup>... Por Zeus!, és apenas uma coluna. Está bem. Agora vou desenterrar o ouro e contá-lo novamente, não se dê o caso de ontem me ter enganado... Mas... está alguém outra vez a fazer barulho... contra mim, é claro! Estou cercado, sou objecto de uma conspiração geral! Onde está Que é da minha espada? Se apanho um... Bem, enterremos novamente o ouro.

30. GALO — Aqui tens, Micilo, como é a vida de Símon... Mas agora vamos a casa de outro qualquer, que ainda nos resta um pouco da noite.

MICILO — Ó infeliz! Que vida ele leva! Oxalá os meus inimigos sejam ricos desta maneira! Pois agora quero dar-lhe um murro na bochecha e vou-me embora.

SÍMON — Quem é que me bateu? Ah desgraçado, estou a ser roubado!

MICILO — Isso, lamenta-te, continua acordado e fica com uma cor igual à do ouro, à força de te confundires<sup>91</sup> com ele.

---

<sup>87</sup> Tibio, nome de escravo, atestado nas formas *Tibeios* (Τίβειος), mas também, mais tarde, como *Tibios* (Τίβιος), formando um dáctilo ( ó ” ), que daria, na adaptação port., \**Tibio*. Adopto a forma “canónica” e a respectiva adaptação normal.

<sup>88</sup> V. §28, nota a “furar a parede”.

<sup>89</sup> V. §14.

<sup>90</sup> “ladrão”: como já se disse, o termo grego é “furador de paredes”, *toikhōrúkhos* (τοιχωρύχος).

<sup>91</sup> “confundires”, tradução literal de *prostékō* (προσ-τήκω): “te fundires e te con-fundires”...

Agora nós, se assim quiseres, vamos a casa do usurário Gnífon, que não é longe daqui... Eis que a porta se nos abre por si<sup>92</sup>.

31. GALO — Estás a ver também este acordado, entregue a preocupações, fazendo o cálculo dos juros, com os dedos descarnados? Pois em breve terá de deixar tudo isso e se transformará numa barata, num mosquito ou num moscardo.

MICILO — O que eu vejo é um homem infeliz e insensato, que neste momento não tem uma vida melhor que a de uma barata ou de um mosquito. Como ele está, completamente consumido pelos cálculos! Mas vamos a casa de outro.

32. GALO — A casa do teu Êucrates<sup>93</sup>, se te apraz... Eis que a porta se abriu por si mesma. Pois entremos.

MICILO — Tudo isto, um pouco atrás, me pertencia.

GALO — Mas ainda estás a sonhar com a riqueza? Estás a ver Êucrates em pessoa, um velho, com um criado, no acto de ser por este...?<sup>94</sup>

MICILO — Sim, por Zeus!, vejo um a enrabar e o outro a levar — uma pouca-vergonha contra natura —, mas também a mulher [de Êucrates], noutra sítio, com o cozinheiro, a ser por este...<sup>95</sup>

33. GALO — E então, ó Micilo, ainda querias ser herdeiro de tudo isso e ficar com tudo o que pertence a Êucrates?

MICILO — De maneira nenhuma, ó galo. Antes morrer de fome! Adeus ouro, adeus jantaras! Para mim, ter dois óbolos é maior riqueza do que ser constantemente<sup>96</sup>... “furado”<sup>97</sup> pelos criados.

GALO — Já vem rompendo o dia, vamos mas é para a nossa casa. Mais tarde, ó Micilo, verás o resto.

---

<sup>92</sup> “por si”, ou seja, por artes mágicas da pena do galo...

<sup>93</sup> “do teu Êucrates”, ou seja, do Êucrates do teu sonho...

<sup>94</sup> O texto omite o verbo obsceno, como se a frase fosse interrompida por Micilo.

<sup>95</sup> V. nota *supra*.

<sup>96</sup> “constantemente”, ou “habitualmente” está incluído no aspecto *contínuo* do verbo.

<sup>97</sup> ser... “furado”, *toikhōrukheisthai* (τοιχωρυχεῖσθαι): o texto emprega o termo que significa “furar uma parede”, na pass. “ser furado como uma parede”, em sentido figurado, é claro..

**PROMETEU OU O CÁUCASO**

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

Luciano retoma o mito do titã e filantropo Prometeu, o qual, num banquete, enganou Zeus, ao induzi-lo a escolher, entre dois lotes de comida, aquele que parecia mais suculento, mas que, por debaixo, não passava de ossos. Depois, além de ter fabricado com barro a espécie humana, roubou o fogo aos deuses e facultou-o aos seus queridos protegidos. Como punição, Zeus condenou-o a ficar eternamente crucificado numa das encostas do Cáucaso, onde uma águia vinha devorar-lhe o fígado.

Nesta obra, em forma dos episódios dos famosos *Diálogos*, mas muito mais extensa, Luciano imagina o início da punição, de que foram encarregados Hermes e Hefesto. Antes, porém, Prometeu exige ser ouvido e justificar-se.

Ouvida a acusação, Prometeu inicia a sua *apología* ou discurso de defesa, nos termos habituais em uso nos tribunais humanos, ou seja, com um exórdio e a defesa, ponto por ponto, das acusações, que resumo:

— O caso da repartição da carne não passou de uma brincadeira, de uma partida habitual em ambientes de festa, pelo que Zeus foi demasiado mesquinho ao guardar rancor de um episódio que não deveria ter saído da sala do banquete;

— Quanto à fabricação dos homens, diz que a acusação não explicita se incide sobre a própria fabricação, ou sobre a forma que ela assumiu. Em todo o caso, a existência dos homens torna a terra menos soturna, e os homens até se revelaram úteis aos deuses, por os honrarem com os seus sacrifícios; sem homens, os deuses seriam uns tristes entregues à sua felicidade solitária;

— No que respeita ao roubo do fogo e à sua entrega aos homens, este facto, em primeiro lugar, não lesou os deuses, uma vez que se trata de uma matéria de natureza tal, que quanto mais se dá, mais há; e em segundo lugar, o fogo, nas mãos dos homens, serve, entre outras coisas, para assar as vítimas dos sacrifícios oferecidos aos deuses.

De toda a maneira, Prometeu sabe que a condenação não é eterna, que chegará o dia em que um deus (Héracles, não nomeado) matará a águia e em que Zeus, em troca de um segredo vital para a sua segurança, libertará Prometeu (v. §24, nota final à última fala de Prometeu). Curioso é o facto de, naquelas circunstâncias, Prometeu não esclarecer qual é o segredo, pois... o segredo é a alma do negócio...

(Página deixada propositadamente em branco)



## PROMETEU OU O CÁUCASO

1. HERMES — Aqui está, ó Hefesto, o Cáucaso, ao qual o pobre do Prometeu irá ser pregado. Procuremos desde já uma escharpa adequada... se é que há por aí alguma desimpedida de neve, de modo que os grilhões fiquem cravados com firmeza e ele fique pendurado à vista de toda a gente.

HEFESTO — Procuremos, pois, ó Hermes. Na verdade, não convém que ele seja crucificado nem [em lugar] muito baixo e rasteiro, para que não o socorram as suas criaturas, os humanos<sup>98</sup>, nem lá no cume — pois aí ficaria invisível aos que estivessem lá em baixo —, mas, se concordas, que seja crucificado por aqui, mais ou menos a meio, no alto da ravina, com os braços estendidos desta escharpa até à da frente.

HERMES — Dizes bem. Realmente, as rochas são abruptas e inacessíveis por todos os lados, levemente suspensas, e o precipício apresenta este estreito ponto de apoio para os pés, de tal modo que dificilmente se pode estar nas pontas dos pés. Em resumo, dará uma cruz muito conveniente. Portanto, ó Prometeu, não hesites, mas antes sobe e ajeita-te à montanha, para seres nela amarrado.

2. PROMETEU — Apesar de tudo, vós, Hefesto e Hermes, tivestes piedade de mim, mais infeliz do que merecia.

HERMES — Queres tu dizer, ó Prometeu, que nós é que seríamos imediatamente empalados em vez de ti, caso desobedecêssemos à ordem. Ou não te parece que o Cáucaso é suficientemente espaçoso para nele caberem mais dois crucificados? Mas agora estende-me a tua mão direita. E tu, Hefesto, amarra-a e prega-a, baixa-me com força esse martelo. Agora dá-me cá a outra mão, e que também esta fique bem amarrada. Muito bem. Depressa virá aí a águia, a fim de te devorar o fígado, que é para receberes a paga da tua bela e engenhosa obra... plástica<sup>99</sup>.

---

<sup>98</sup> O titã Prometeu é, em parte da tradição mitológica (aqui seguida por Luciano), o criador dos primeiros homens, que ele modelou em barro. Na *Teogonia*, porém, ele é apenas benfeitor da Humanidade, o que lhe valeu a ira e o castigo de Zeus, pois havia roubado o fogo aos deuses (ou ao próprio Hélio, o Sol, ou da forja de Hefesto, o deus ferreiro).

<sup>99</sup> “plástica” é mesmo o termo do texto: (genit.) *plastikês* (πλαστικῆς). Recorde-se que Prometeu “fabricou” em barro os primeiros homens.

3. PROMETEU — Ó Crono! Ó Jápeto! E tu, minha mãe!<sup>100</sup>  
Que grande sofrimento o meu, infeliz de mim, que não fiz nada de mal!

HERMES — Então não fizeste nada de mal, ó Prometeu, tu que, para começar, procedendo à distribuição da carne, agiste de forma iníqua e fraudulenta, pondo sorrateiramente para ti os melhores pedaços e induzindo Zeus a escolher os ossos, “*recobrando-os com luzidia gordura*”? Sim, por Zeus!, lembro-me de Hesíodo assim o dizer<sup>101</sup>. A seguir, [não] modelaste tu os seres humanos, pérfidas criaturas... especialmente as mulheres? Mas acima de tudo, [não] roubaste o fogo, o bem mais precioso dos deuses, e o deste aos humanos? Então, depois de cometeres tais actos, ainda dizes que foste injustamente agrilhado?

4. PROMETEU — Ó Hermes, até parece que também tu, como diz o poeta, “*culpas quem culpa não tem*”<sup>102</sup>, ao referires tais actos, pelos quais eu, aliás, se justiça fosse feita, devia ser “condenado” a... comer no Pritaneu<sup>103</sup>. Mas, se tens vagar, gostaria de me defender dessas acusações, provando que Zeus pronunciou uma sentença injusta a meu respeito. E tu, [um tipo] bem-falante e dado a processos, fala em defesa de Zeus, [mostrando] que ele pronunciou uma decisão justa, ou seja, que eu fosse crucificado junto destes desfiladeiros cáspios, em pleno Cáucaso, deplorável espectáculo para todos os Citas.

HERMES — Ó Prometeu, vais sustentar um recurso extemporâneo e que não servirá de nada. Em todo o caso, fala. Aliás, temos de ficar à espera de que a águia desça a ocupar-se do teu fígado. Este tempo livre intervalar, será bom que o aproveitemos para ouvir uma exposição sofisticada como a tua, que és extremamente manhoso em argumentação.

---

<sup>100</sup> Prometeu é filho de Jápeto e (segundo uma das versões) de Clímene.

<sup>101</sup> Hesíodo. *Teogonia*, 541.

<sup>102</sup> Homero, *Iliada*, XIII, 775.

<sup>103</sup> “comer no Pritaneu”, ser alimentado a expensas do Estado, tratamento dado aos embaixadores estrangeiros e a pessoas que houvessem cometido actos de prestígio nacional. Foi esta a contraproposta que Sócrates fez à pena de morte pedida pela acusação, a qual contraproposta, pelo seu aspecto notoriamente provocatório, levou muitos membros do júri a optar pela pena de morte. Na parábase dos *Cavaleiros*, de Aristófanes, v. 535, este diz que o comediógrafo e... borracho Cratino, pelas vitórias passadas, devia... “beber no Pritaneu”, ou seja beber a expensas do Estado...

5. PROMETEU — Antes de mais, ó Hermes, fala tu, no sentido de me acusares o mais eloquentemente possível, sem omitir nenhum ponto das queixas do teu pai. E tu, Hefesto, nomeio-te juiz [do processo].

HEFESTO — Mas não, por Zeus! Fica sabendo que me terias como acusador, em vez de juiz, por me teres surripiado o fogo e deixado fria a minha forja.

PROMETEU — Nesse caso, dividam a acusação. Tu [Hefesto] discursa agora mesmo sobre o roubo, e depois Hermes acusar-me-á da repartição da carne e da criação dos homens. Ambos me pareceis uns peritos [na matéria] e hábeis oradores.

HEFESTO — Hermes falará por mim, pois não sou dado a discursos judiciais, mas antes estou quase sempre à volta da forja. Ele é um [autêntico] orador, que se tem dedicado intensamente a estas matérias.

PROMETEU — Para já, eu nunca na vida imaginaria que Hermes se dispusesse a dissertar sobre o roubo, nem que me criticasse, a mim que sou da mesma arte que ele<sup>104</sup>. Em todo o caso, já que tu, filho de Maia, assumes essa função, é tempo de avançares com a acusação.

6. HERMES — Eu necessito, ó Prometeu, de um discurso bem longo e de uma planificação adequada aos actos por ti cometidos, pois não bastaria mencionar simplesmente os pontos essenciais dos teus crimes, dizendo que, tendo-te sido confiada a repartição das carnes, reservaste para ti próprio os melhores pedaços, assim enganando o rei<sup>105</sup>, ou que criaste os homens, quando não devias [fazê-lo], ou que nos roubaste o fogo e o levaste aos humanos. Até parece, meu caro, que não percebes que, dada a gravidade destes casos, até deste com um Zeus muitíssimo... filantropo. Ora bem: Se negares ter cometido esses crimes, vai ser preciso proceder a uma discussão refutatória, desenvolver uma longo discurso e tentar, na medida do possível, revelar a verdade. Se, porém, confessares ter feito essa tal repartição da carne, que inventaste essa manha por amor

---

<sup>104</sup> “da mesma arte que ele”, ou seja, igualmente um ladrão refinado.

<sup>105</sup> O rei é Zeus. Prometeu dividiu um boi em duas partes, uma para os homens, e outra para Zeus, dando a escolher a este a parte que entendesse, mas, ao cobrir os ossos com luzidia gordura, deixando a carne coberta pela pele do animal, induziu Zeus a escolher a parte mais vistosa. Daí (e de mais outras malfeitorias), a severa punição...

dos homens e que roubaste o fogo, a minha acusação ficará por aqui, pelo que não falarei mais longamente, coisa que, de resto, seria uma estultícia<sup>106</sup> [da minha parte].

7. PROMETEU<sup>107</sup> — Para já, se o que acabas de dizer é uma estultícia, é o que saberemos daqui a pouco. Uma vez, porém, que tu afirmas que a [simples enunciação da matéria de] acusação já é suficiente, vou tentar, tanto quanto puder, desfazer essas incriminações. Em primeiro lugar, escuta o que se refere á [repartição da] carne. Na verdade, por Úrano!, ainda agora, só de mencionar essas coisas, sinto-me envergonhado pelo facto de Zeus ser tão mesquinho e tão rabugento, que, só por ter encontrado um pequenino osso na sua porção, mandou empalar um deus tão antigo, sem se lembrar da luta conjunta<sup>108</sup> e sem reflectir em como era insignificante o fundamento da sua fúria e como um tal procedimento era próprio de um menino, ou seja enfurecer-se e irritar-se por, *ele*, não ter recebido a melhor parte.

8. É certo, ó Hermes, que partidas desse género, ocorridas em banquetes, não devem — cuido eu — ser evocadas [cá fora], mas, pelo contrário, se ocorreu qualquer embuste entre os convivas, tal deve ser considerado uma [simples] brincadeira, e [a pessoa enganada] deve deixar ficar a sua fúria ali mesmo na sala do banquete. Ora, acumular o ódio até ao dia seguinte, ficar ressentido, guardar uma raiva antiga, eis o que não fica bem aos deuses, nem é, aliás, [procedimento] real. Portanto, se se tirarem dos banquetes essas “finuras”, como sejam o embuste, as piadas, o escárnio e a troça, só restarão a bebedeira, o enfartamento [de comida] e o silêncio — coisas tristonhas e sem graça, muito pouco apropriadas a um banquete. Assim, eu, pessoalmente, nunca pensei que Zeus ainda no dia seguinte guardasse na memória tais acontecimentos, não, de qualquer forma, para se irritar desta boa maneira com eles, considerando

---

<sup>106</sup> “estultícia”; o gr. *lêros* (λήρος) contém as ideias de “verborreia estulta” — “longo palavreado”, “tagarelice”, “verborreia”, e “estulto”, “tolo”...

<sup>107</sup> Preparo desde já o leitor para o longo discurso de defesa de Prometeu: §§7-19.

<sup>108</sup> “luta conjunta” ou “aliança”, *sümmakhía* (συμμαχία), referência à revolta dos Titãs contra Zeus, na qual este teve Prometeu como importante aliado.

ter sido vítima de uma coisa horrível, pelo facto de uma pessoa, ao repartir a carne, lhe ter feito uma partida, a fim de ver se ele, ao escolher, reconheceria a parte melhor.

9. Mas imagina lá, ó Hermes, uma coisa mais dolorosa, ou seja, que eu não tinha repartido a parte pior destinada a Zeus, mas o tinha privado da totalidade. E então? Lá por isso, deveria ele, como sói dizer-se, “*misturar céu e terra*”, conceber grillhões, cruzes e todo o Cáucaso e mandar descer águias para me devorarem o fígado? Na verdade, vê lá bem se um tal procedimento não acusa a pessoa irritada de mesquinhez de espírito, de baixaza de mentalidade e de predisposição para a ira. Sim, que é que ele faria, privado de todo o boi, quando, por causa de uma pequena porção de carne, procede desse modo?

10. De toda a maneira, [vê lá] como os humanos, em casos destes, se comportam de modo mais indulgente, eles que seria natural revelarem-se mais severos que os deuses na sua cólera! Todavia, não há, lá entre eles, nenhum que punisse o seu cozinheiro com a crucificação, se este, ao cozer a carne, metesse nela o dedo e lambesse um pouco de caldo, ou, enquanto a carne estivesse a assar, tirasse um pedaço e o comesse. Pelo contrário, perdoar-lhes-iam. No caso, porém, de ficarem muito irritados, aplicar-lhes-iam um tabefe ou dar-lhes-iam um murro na cara, mas, lá entre eles, nenhum desses tais seria empalado por causa de actos tão insignificantes.

A respeito da carne, é assim: é vergonhoso para mim ter de me defender, mas é ainda mais vergonhoso para ele o facto de me acusar.

11. E a respeito da minha “fabricação” e do facto de ter criado os homens, é já tempo de falar. Mas, ó Hermes, uma vez que o caso envolve uma dupla acusação, não sei de qual delas me incriminas: se os homens não deveriam absolutamente ser criados, mas seria melhor deixá-los, pura e simplesmente, continuar como barro, ou então, se eles deveriam ser modelados, sim, mas receberem uma outra forma, que não esta. No entanto, vou dissertar sobre essas duas hipóteses. Em primeiro lugar, tentarei provar que nenhum prejuízo daí adveio para os deuses, ou seja, do facto de os homens terem sido trazidos à vida; e depois, que esse facto resultou, para os deuses, muito

mais vantajoso e proveitoso, do que se acontecesse a terra continuar erma e sem humanos.

12. Ora, existia no início — na verdade, tornar-se-á mais facilmente evidente se eu cometi [ou não] um crime, quando alterei as coisas e inovei no que respeita aos homens —... existia, pois, unicamente a raça divina e celestial, e a Terra era uma coisa selvagem e informe, toda coberta de cerrados bosques, e estes mesmos em estado bravio; não existiam altares dos deuses, nem templos — e como? —, nem estátuas ou outras coisas do género, como actualmente se vêem por toda a parte, veneradas com todo o desvelo. Então eu — que realmente ando sempre a planear coisas novas para o bem comum e a imaginar a forma de, por um lado, aumentar o bem dos deuses, e, por outro lado, acrescentar tudo o mais no sentido da ordem e da beleza — pensei que seria melhor pegar num pequenina porção de barro, criar uns seres e modelar as suas formas à nossa própria imagem. De facto, julgava eu que faltava alguma coisa à divina condição, pelo facto de não existir outra contrária a essa e perante a qual uma simples observação bastaria para mostrar que aquela era mais feliz. Este ser seria mortal, sim, mas, quanto ao resto, seria extremamente imaginativo, muitíssimo inteligente apreciador do que fosse melhor.

13. Então, como diz o poeta, “*tendo ensopado barro com água*”<sup>109</sup>, e amassando-o, modelei os homens, e ainda solicitei a Atena que me ajudasse na obra. Foi este o grande crime que eu cometi contra os deuses. Já estás a ver qual é o castigo por ter feito seres vivos a partir do barro e por ter conferido movimento àquilo que até então era imóvel. Então, segundo parece, desde esse tempo, os deuses são menos deuses, pelo facto de existirem à face da terra seres mortais?!<sup>110</sup> Realmente, Zeus agora está assim tão irritado, como se os deuses ficassem diminuídos devido ao aparecimento dos homens... a não ser que porventura receie

---

<sup>109</sup> Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, 61, mas com alteração do tempo do verbo: em Hesíodo Zeus ordena a Hefesto “*que ensope o barro com água*”, com o verbo no infinito. No caso de Hesíodo, trata-se da “fabricação” da bela, mas enganadora, Pandora...

<sup>110</sup> A frase pode ser interpretada quer como interrogativa (de resposta teoricamente negativa), quer como irónico-exclamativa... ou ambas as coisas...

que estes tramem uma rebelião<sup>111</sup> contra si e desencadeiem uma guerra contra os deuses, como [fizeram] os Gigantes.

No entanto, e para já<sup>112</sup>, ó Hermes, que vós não fostes absolutamente nada lesados por mim e pelas minhas obras, é coisa evidente. Ou então, indica-me lá tu nem que seja um único acto, mesmo que muito insignificante, e nesse caso eu calar-me-ei e considerarei ter recebido de vós o justo castigo.

14. Pelo contrário, que estas minhas obras têm sido úteis aos deuses, é o que tu ficarás a saber, se olhares para toda a Terra, que já não é árida e desgraciosa, mas ornamentada de cidades, culturas agrícolas e plantas cultivadas, bem como o mar, que é navegado, e as ilhas, que são habitadas, e ainda, por toda a parte, altares, sacrifícios, templos e festivais:

..... *Cheias de Zeus estão todas as ruas,,  
e as praças todas de homens regurgitam.*<sup>113</sup>

Em boa verdade, se seu tivesse modelado este “objecto” só para minha satisfação, seria, talvez, muito egoísta, mas, na circunstância, trouxe-o para o bem comum e dediquei-o a vós. Mais ainda, é possível ver por todo o lado templos dedicados a Zeus, a Apolo, a Hera, e também a ti, Hermes, mas em nenhuma parte a Prometeu. Já estás a ver como eu atendo somente aos meus interesses e atraíção e faço menos caso do bem comum!

15. Além disso, ó Hermes, considera-me lá o seguinte, ou seja, se te parece que um bem não testemunhado [por mais ninguém], como um objecto ou um poema que ninguém verá nem elogiará, será igualmente agradável e gostoso para quem o possui. E porque é que eu digo isto? É que, se não existissem homens, aconteceria que ficaria sem testemunhas a beleza do

---

<sup>111</sup> “rebelião”: Fritzsche (seguido por A. M. Harmon, “Loeb”) emenda para *epanástasin* (ἐπανάστασιν) a lição dos mss., *apóstasin* (ἀπόστασιν), que, entre outros sentidos, também tem o de “revolta”, “rebelião” (v. Liddell-Scott...), pelo que a emenda não é de aceitação forçosa.

<sup>112</sup> “para já” corresponde à partícula *mên* (μὲν), e joga com *dê* (δὲ) do início do §14, que traduzi por “pelo contrário”, mas que também poderia ser “e depois”, ou “em segundo lugar”.

<sup>113</sup> Arato, *Phaenomena*, 2-3. Nota: Arato (315-240/239 a.C.) é autor, entre outras da obra de Astronomia atrás referida. Os vv. 1-18 são dedicados a Zeus.

Universo, e nós [os deuses] estaríamos destinados a possuir uma riqueza<sup>114</sup> que nem seria admirada por outros, nem seria assim tão preciosa para nós. Na verdade, não teríamos nada de pior<sup>115</sup> com que nos comparássemos, nem compreenderíamos como somos felizes, se não víssemos outros mais desafortunados que nós. Portanto, o que é grande só parecerá grande, se for medido em comparação com o que é pequeno. Ora vós, em vez de me honrardes por este meu acto “político”, crucificastes-me e assim me destes a paga do meu plano.

16. Mas — dizes tu — há entre os homens alguns patifes, que cometem adultério, fazem a guerra, casam com as suas irmãs e conspiram contra os pais. Mas então entre vós [deuses] não há também uma grande quantidade desses tipos? Mas lá por causa disso, ninguém acusará Úrano e Geia por nos terem gerado. Além disso, dirás, talvez, que nós [os deuses] sofremos necessariamente muitos incómodos ao cuidar dos homens. Então lá por isso também o pastor deve irritar-se pelo facto de possuir um rebanho, só porque é obrigado a cuidar dele? No entanto, este lado trabalhoso também é agradável. Dito de outra maneira<sup>116</sup>, a preocupação não é destituída de atractivo, pois constitui uma forma de ocupação. Realmente, que é que nós faríamos, se não tivéssemos de cuidar dos homens? Estaríamos inactivos, beberíamos o néctar e empanturrar-nos-íamos de ambrósia, sem mais nada que fazer.

17. Mas aquilo que mais me atormenta é o facto de vós, que me censurais por ter fabricado o homem, vos apaixonardes particularmente pelas suas mulheres, não cessando de descer lá abaixo, disfarçados ora de touros, ora de sátiros, ora de cisnes, e até vos dignais gerar deuses nascidos delas<sup>117</sup>.

Todavia — direis talvez — os homens deviam ser modelados, sim senhor, mas de outra forma, e não à nossa imagem. Mas que outro modelo tomaria eu melhor do que este, que eu já sabia que era absolutamente belo? Ou deveria eu fabricar um

---

<sup>114</sup> Esta “riqueza” é, obviamente, o Universo.

<sup>115</sup> “nada de pior”, ou seja, os homens (v. a seguir).

<sup>116</sup> “Dito de outra maneira” tenta verter a ideia expressa por *állōs kai* (ἄλλως καί). De facto, há aqui uma repetição da ideia, segundo a qual todo o trabalho tem os seus atractivos. Não vejo, pois, que seja necessário sugerir a emenda *kai hólōs* (καὶ ὅλως), como faz A. M. Harmon (“Loeb”).

<sup>117</sup> Há aqui diversas alusões muito claras ao “cadastro” de Zeus em matéria de... saias.



animal sem inteligência, bestial e selvagem? E como é que eles sacrificariam aos deuses e vos prestariam outras homenagens, se não fossem feitos desta maneira? Vós, porém, quando os homens vos oferecem hecatombes, não vos fazeis rogados, mesmo que tendes de vos deslocar “até aos irrepreensíveis Etíopes”<sup>118</sup>. Pelo contrário, crucificais aquele que é a causa das honrarias e dos sacrifícios que vos oferecem.

No que diz respeito aos homens, já basta o que ficou dito.

18. Então agora, com vossa licença, passo à questão do fogo e a esse censurável roubo. Ora, pelos deuses!, responde-me sem hesitação: Será que nós ficámos privados do fogo, desde que este se encontra também entre os homens? Não poderás afirmá-lo. Realmente, julgo eu, a própria natureza deste bem faz com que ele não fique absolutamente nada diminuído, se uma outra pessoa toma uma parte dele. De facto, o fogo não se extingue, quando nele se acende algo. Uma tal atitude — recusar-se a dar a quem necessita uma parte de algo que não lhe causa prejuízo — é pura avareza. E no entanto, como deuses benfazejos que sois, devíeis ser “dispensadores de bens”<sup>119</sup> e manter-vos isentos de toda e qualquer avareza. E mesmo que eu vos roubasse todo esse fogo e o levasse lá para baixo, para a Terra, não vos deixando nem uma pequena porção dele, não vos causaria um grande prejuízo. De facto, vós não necessitais mesmo nada dele, pois não sentis frio nem cozinhas a ambrósia, nem precisais de luz artificial.

19. Os homens, pelo contrário, servem-se obrigatoriamente do fogo, entre outros usos, especialmente para os sacrifícios, a fim de dar às ruas o odor de carne assada e para queimar incenso e assar coxas [das vítimas] sobre os altares. Eu bem vejo como vós vos comprazeis imensamente com o fumo, só de imaginar como o festim será delicioso, sempre que o odor de carne assada chega ao céu, “envolvido no fumo”<sup>120</sup>. Portanto, essa vossa queixa será absolutamente contrária ao vosso desejo. Até me admiro de vós não proibirdes o Sol de iluminar os homens. E no entanto, este também é fogo, e muito mais divino

---

<sup>118</sup> Homero, *Iliada*, I, 423. Zeus, acompanhado de todos os deuses, fora ao país dos Etíopes participar num festim, do qual só regressariam passados doze dias...

<sup>119</sup> Homero, *Odisseia*, VIII, 325.

<sup>120</sup> Homero, *Iliada*, I, 317.

e mais ardente. Ou será que também o acusais de esbanjar um bem que vos pertence?

Tenho dito. Agora vós, Hermes e Hefesto, se entenderdes que eu não falei bem, corrigi-me e refutai-me, e então eu voltarei a defender-me.

20. HERMES — Ó Prometeu, não é fácil rivalizar com um sofista tão ardoroso. No entanto, tens muita sorte pelo facto de Zeus não ter escutado as tuas palavras, pois bem sei que te poria dezasseis abutres a dilacerar-te as entranhas, pela maneira terrível como tu o acusaste, parecendo que te defendias. Além disso, fico admirado pelo facto de tu, um adivinho, não teres previsto que irias ser punido por estes teus actos.

PROMETEU — Eu sabia disso, ó Hermes, mas também sei que irei ser novamente libertado, e que dentro de não muito tempo chegará, vindo de Tebas, um teu irmão<sup>121</sup>, que abaterá à frechada essa tal águia que tu dizes que virá voar sobre mim.

HERMES — Oxalá tal aconteça, ó Prometeu, e que eu te veja livre, participando num banquete na nossa companhia... mas sem nos servires carne...

21. PROMETEU — Fica tranquilo. Participarei num banquete convosco, pois Zeus libertar-me-á, como paga de um benefício nada pequeno.

HERMES — E que benefício é esse? Não hesites em dizer.

PROMETEU — Conheces Tétis, ó Hermes?... Bem... não devo dizer, pois o melhor é guardar segredo, que é para receber a paga e a minha libertação, em vez da condenação<sup>122</sup>.

HERMES — Pois então, ó Titã, guarda [o segredo], se é melhor assim. E quanto a nós, ó Hefesto, vamo-nos daqui, pois esta águia já está perto de nós. Portanto, aguenta valentemente. Oxalá te apareça depressa esse frecheiro tebano, de que tu falas, que ponha termo a que tu sejas continuamente despedaçado<sup>123</sup> pela ave.

---

<sup>121</sup> Hércules e Hermes são irmãos por parte do pai, Zeus, mas têm mães diferentes, respectivamente Alcmena (esposa de Anfitrião) e a ninfa Maia.

<sup>122</sup> Num dos *Diálogos dos Deuses* (5, ou 1 na ed. de Karl Mras, *Die Hauptwerke des Lukian*, Ernst Heimeran Verlag, Viena, 1954), Prometeu desvende o segredo: Se Zeus tiver relações com a nereida Tétis e daí nascer um filho, este destronará Zeus, tal como Zeus fizera a... (seu pai, Crono). Muito precavidamente, Prometeu, *aqui*, não se explica claramente.

<sup>123</sup> “sejas continuamente despedaçado”: o *continuamente* está incluído no aspecto *contínuo* do participio: *anatemnómenon* (ἀνατεμνόμενον).

ICAROMENIPO OU UM HOMEM ACIMA DAS NUVENS

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

A designação *Icaromenipo*, que dá o título principal a esta obra, é da feliz e jocosa invenção de Luciano, e significa “Menipo armado em Ícaro”.

Menipo é o famoso filósofo cínico do séc. III a.C., muito admirado por Luciano, que o introduz em diversas das suas obras, assumindo uma crítica feroz contra todas as formas de mentira, hipocrisia e violência que caracterizavam os poderosos do seu tempo, em especial os filósofos, os sacerdotes e os tiranos, e, acima destes, os próprios deuses da velha, decrépita e imoral mitologia. Em geral, Menipo expõe as ideias do seu admirador Luciano, cujo racionalismo o aproxima de um certo relativismo ético e de um cepticismo bem reflectido, que o coloca entre o ateísmo e o agnosticismo.

Quanto a Ícaro, é o filho do famoso Dédalo, construtor do Labirinto de Creta, onde ambos acabaram por ser encarcerados pelo rei Minos, como castigo pelo facto de Dédalo ter ensinado a Ariadne a forma de ajudar Teseu a sair do Labirinto, depois de ter matado o Minotauro. Pai e filho, no entanto, conseguem evadir-se da ilha, devido à invenção de Dédalo, que preparou dois pares de asas, coladas com cera, para si e para o seu filho. Este, porém, aproximou-se imprudentemente do Sol, pelo que a cera derreteu e o jovem caiu no Mar Egeu, à volta da ilha de Samos, e que passou a chamar-se Mar Icário.

O segundo título desta obra, *Hüpernéphelos* (ὑπερνέφελος), “que anda por sobre as nuvens”, ilustra o sentido do primeiro.

Menipo conta ao seu companheiro que acabara de chegar de uma longa viagem espacial, só possível pelo facto de se ter provido de um par de asas — uma de águia e outra de abutre —, fortemente ligadas por correias, e não por cera, como havia acontecido no caso de Ícaro (§§1-3).

O motivo dessa viagem é de natureza científico-filosófica: Ao observar o Universo, o *kósmos*, com os seus astros (especialmente a Lua e o Sol) e os fenómenos atmosféricos. Menipo deseja ardentemente penetrar em todos esses mistérios, pelo que procura informar-se junto dos mais famosos filósofos das diversas escolas. Não tarda, porém, a ficar desiludido com a diversidade de teorias a respeito dos mesmos assuntos. Essa situação só serve para desacreditar, em conjunto, todos aqueles falsos sábios, para mais imbuídos de enorme jactância. Por isso, entende que o melhor

será subir lá acima, ao céu dos deuses olímpicos, e ver com os seus próprios olhos, e directamente, a verdade.

O leitor esperaria que o “viajante” respondesse a todas as questões anteriormente mencionadas (§4): ... *(saber) aquilo que pelos sábios é designado por kósmos. Na verdade, não era capaz de descobrir nem como é que este se havia formado, nem [quem foi] o seu criador, nem qual foi o seu começo nem [qual será] o seu fim. Depois, examinando por partes, era obrigado a ficar ainda mais perplexo. De facto, via os astros disseminados pelo céu ao acaso, e desejava saber que coisa, afinal, era o Sol; acima de tudo, o que se passava com a Lua afigurava-se-me bizarro e completamente estranho, e pensava que o múltiplo aspecto das suas formas tinha uma causa algo misteriosa. E não só isso, mas também o raio faiscante, o trovão ribombante, a queda da chuva, da neve e do granizo — todos esses fenómenos eram [para mim] muito obscuros e inexplicáveis.*

Na verdade, a viagem acaba por ter um resultado diferente. Nomeadamente, ao poisar na Lua, esta, quer dizer, Selene, encarrega o viajante de levar uma petição a Zeus, a qual petição vai precisamente ao encontro de uma das críticas de Menipo contra os sábios. De facto, Selene queixa-se das investigações absurdas e impertinentes que alguns fazem a seu respeito, como saber quais as suas dimensões, o motivo das suas diversas fases, a natureza e origem da sua luz...

Em todo o caso, e mediante um “truque” que lhe permite ver claramente o que se passa na Terra, Menipo conta ao seu companheiro algumas das más acções a que assistira, cometidas quer por pessoas importantes, quer por gente vulgar. Também aqui ficam por tratar as questões cosmológicas, astronómicas e atmosféricas.

Finalmente (§23), Menipo chega ao céu, à morada de Zeus, a quem conta *“tudo claramente, a começar pelo princípio: como desejava conhecer os corpos celestes, como fui procurar os filósofos, como os ouvi dizer coisas opostas, como fiquei desesperado ao ver-me sacudido pelas [diversas] teorias... e depois, de enfiada, a minha ideia, o caso das asas e tudo o mais, até ter chegado ao céu. A tudo isso acrescentei o recado dado por Selene”*.

No §24 Menipo (Luciano!) mostra-nos um Zeus interessado por grandes e pequenas coisas da Terra, que, pelos vistos, não conhecia, como, p.ex., *“qual o preço actual do trigo na Grécia, se o Inverno passado foi muito rigoroso, se as hortaliças precisavam de mais chuva... A seguir perguntou-me se ainda resta algum*

*descendente de Fídias, por que motivo é que os Atenienses se desinteressaram das Diátrias durante tantos anos, se tencionavam concluir o seu Olimpíeu e se foram aprisionados os que tinham acabado de pilhar o seu templo em Dodona”.*

Ainda no §24, Zeus queixa-se da concorrência que lhe é movida por outros oráculos e centros de culto mais recentemente fundados.

No §25 assistimos a uma das mais importantes e cansativas actividades de Zeus, que consiste em escutar os diversos tipos de pedidos que lhe chegam da Terra.

Enfim, depois de uma jantarada bem regada (com vinho para Menipo, e com néctar para os deuses), foram todos deitar-se, já um tanto ou quanto “pingados” (é o termo, v. §27, fim: *ὑποβεβρεγμένοι*, ὑποβεβρεγμένοι).

No dia seguinte, Zeus convoca o concílio dos deuses, a fim de tratar do assunto ali trazido por Menipo, em nome de Selene. Aí (§§29-32), Zeus pronuncia um algo longo discurso, bastante duro para os filósofos terrenos. Este discurso poderia muito bem ser posto na boca de Menipo, mas, pronunciado por Zeus, *em causa própria*, assume proporções muito graves. No final, Zeus promete arrasar essa gentalha toda, no que é apoiado em peso por toda a assembleia, com gritos que são de todos os tempos: *‘Fulmina-os!... Abrasa-os!... Esmaga-os!... Ao Tártaro... como aos Gigantes’*.

Finalmente, manda arrancar as asas a Menipo, esse humano que se atrevera a invadir os domínios reservados aos celestiais. Numa imagem bastante cómica, Hermes *“pegou em mim pendurado pela orelha direita, e ontem, pela tardinha, trouxe-me para o Ceramico”*.

Concluindo, embora o conteúdo não corresponda aos objectivos iniciais, que consistiam em obter um conhecimento íntimo da Natureza, o *Icaromenipo* é uma obra cheia de graça e ironia. Em particular, Luciano, além de criticar explicitamente os filósofos do seu tempo, também se diverte — conclusão apenas implícita — com a mitologia tradicional, mostrando, p.ex., uma Lua, Selene, com voz de mulher e incomodada pelo facto de andarem a toda a hora a medi-la, a explicar as suas fases..., Zeus escutando por diversos canais as petições ou os pedidos dos humanos, ou a dar ordem aos ventos, à neve, à chuva, ao granizo, para actuarem em tal ou tal parte... É verdade que, ontem como hoje, as histórias fantásticas, fadas e feiticeiras... são mesmo verdadeiras... enquanto estão a ser narradas...

(Página deixada propositadamente em branco)



## ICAROMENIPO OU UM HOMEM ACIMA DAS NUVENS

1. MENIPO — ... Portanto<sup>124</sup>, eram três mil estádios<sup>125</sup> da Terra à Lua, a nossa primeira etapa. Daqui até ao Sol, sempre a subir, são cerca de quinhentas parasangas<sup>126</sup>. E do Sol até ao céu propriamente [dito] e à cidadela de Zeus, isso seria, para uma águia muito rápida, uma subida de uma jornada.

COMPANHEIRO — Pelas Cárites, ó Menipo, porque é que te armas em astrónomo e, com toda a displicência, medes distâncias cá de baixo? Sim, que já desde há muito tempo te sigo e te oiço falar de sóis e de luas, e ainda esse palavreado bizarro de uns quantos estádios e parasangas.

MENIPO — Ó companheiro, não te admires, se eu te pareço tagarelar a respeito de objectos celestes e espaciais. É que estou fazendo comigo mesmo contas totais à minha recente viagem.

COMPANHEIRO — Quer isso dizer, meu caro, que, tal como os Fenícios, era pelos astros que tu estavas a conjecturar o caminho [percorrido]?

MENIPO — Nada disso, por Zeus!, mas, pelo contrário, fiz essa viagem pelos próprios astros.

COMPANHEIRO — Por Hércules!, o que me contas é um longo sonho, se realmente, sem disso te aperceberes, estiveste a dormir durante todas essas... parasangas.

2. MENIPO — Achas, meu caro, que estou a contar-te um sonho, eu que acabo agora mesmo de chegar da morada de Zeus?

COMPANHEIRO — Como é que disseste? Menipo caído lá do céu, da morada de Zeus?!

MENIPO — Isso mesmo, cheguei hoje de morada do próprio, do grande Zeus, onde ouvi e vi coisas admiráveis. Se não acreditas, eu até me congratulo muito com esse facto, o de ter conseguido um feito inacreditável.

---

<sup>124</sup> A partícula *oukóun* (οὐκοῦν), conclusiva, faz supor que a fala de Menipo dirigida ao seu companheiro já vem de trás.

<sup>125</sup> O estádio era uma medida de comprimento equivalente, em princípio, ao comprimento de um... estádio... mas estas medidas variavam de local para local. O estádio grego (alexandrino) equivale a 600 pés ptolemaicos, ou seja, c. 184,8 m. Para a nossa conversão em distâncias “astronómicas”, fazemos as contas na base de 1 estádio = 185 m. Neste caso, c. 555 Km... sem mais comentários, tal como na distância entre a Lua e o Sol...

<sup>126</sup> 1 parasanga (medida itinerária persa) = 30 estádios (c. 5,55 Km); 500 parasangas = c. 2.777 Km.

COMPANHEIRO — Ó divino e olímpico Menipo, como é que eu, simples mortal na superfície terrestre, poderia duvidar de um homem que andou por sobre as nuvens, um — para usar a palavra de Homero —... um dos... “Uranianos”<sup>127</sup>? ... Mas, por favor, diz-me cá uma coisa: de que maneira te elevaste lá para cima e aonde foste buscar uma escada tão comprida. Na verdade, no que toca ao teu aspecto [físico], não te pareces mesmo nada com o famoso frígio<sup>128</sup>, a ponto de supormos que também tu foste arrebatado pela águia, a fim de te tornares um escanção.

MENIPO — É evidente que já há algum tempo que estás a troçar de mim... e não é nada de admirar que a estranheza da história te pareça semelhante a uma fábula. Ora, para subir lá acima, não precisei absolutamente nada nem dessa tal escada, nem de me tornar o “menino querido” da águia<sup>129</sup>. Na verdade, eu possuía as minhas próprias asas.

COMPANHEIRO — Pelo que disseste, esse teu caso é superior ao de Dédalo, se é verdade que, além do mais, de homem que és, te transformaste, sem nós darmos por isso, nalgum falcão ou numa gralha.

MENIPO — Cuidaste muito bem, companheiro, e não muito fora do alvo. Na verdade, também eu, à semelhança de Dédalo, fabriquei esse famoso artefacto das asas.

3. COMPANHEIRO — Mas então tu, o mais temerário de todos os homens, não receaste que, ao caíres em qualquer ponto do mar, nos produzisses o mar... Menipeu, tal como [temos] o mar Icário<sup>130</sup>, [assim designado] do teu próprio nome?

MENIPO — De maneira nenhuma. Na verdade, enquanto Ícaro ligou a plumagem com cera, e esta depressa derreteu [ao

---

<sup>127</sup> “Uranianos”, ou (em sentido deliberadamente irónico) “filhos de Úrano” ou “seres celestiais”.

<sup>128</sup> Trata-se de Ganimedes, jovem e belo pastor frígio, por quem Zeus se apaixonou, de tal modo que se transformou numa águia e o arrebatou e levou para o Olimpo, onde, além de copeiro real, “consolava” o “pai dos deuses e dos homens”.

<sup>129</sup> “da águia”, quer dizer... de Zeus. A ironia é evidente.

<sup>130</sup> O mar Icário é uma parte do mar Egeu, entre as Cíclades e a Cária. Foi aí que se precipitou Ícaro, filho de Dédalo, cujas asas, coladas aos seus ombros com cera, se derreteram, quando o jovem se atreveu a voar perto do Sol.

chegar] perto do Sol, pelo que ele, naturalmente, ao perder as asas, se precipitou, as minhas asas não tinham cera.

COMPANHEIRO — Que é que estás a dizer? Realmente, não sei lá como, já estás, a pouco e pouco, a induzir-me a acreditar na verdade da tua história.

MENIPO — É mais ou menos assim: Apanhei uma águia das grandes, e depois um abutre dos mais fortes; depois separei-lhes as asas, juntamente com as junções [ao corpo]... Bem... vou antes contar toda a invenção desde o princípio... se tens vagar.

COMPANHEIRO — Mas com certeza! Estou suspenso das tuas palavras, e fico desde já de boca aberta, para escutar até ao fim essa história. Mas, por [Zeus] Fílio<sup>131</sup>, não me deixes, em plena narrativa, pendurado pelas orelhas.

4. MENIPO — Pois vai escutando. De facto, não é um bonito espectáculo deixar um amigo de boca aberta, para mais, como tu dizes, pendurado pelas orelhas.

Na verdade, sempre que analisava as coisas da vida, ao verificar que todas as actividades humanas eram ridículas, mesquinhas e incoerentes, quero eu dizer, as riquezas, os impérios, as realezas, então eu, tendo desprezado essas coisas e tendo compreendido que a sua procura constitui um obstáculo para actividades verdadeiramente importantes, tentei elevar os olhos ao alto e contemplar o Universo. Logo aí se me deparou, em primeiro lugar, uma grande dificuldade, ou seja, aquilo que pelos sábios é designado por *kósmos*. Na verdade, não era capaz de descobrir nem como é que este se havia formado, nem [quem foi] o seu criador, nem qual foi o seu começo nem [qual será] o seu fim. Depois, examinando por partes, era obrigado a ficar ainda mais perplexo. De facto, via os astros disseminados pelo céu ao acaso, e desejava saber que coisa, afinal, era o Sol; acima de tudo, o que se passava com a Lua afigurava-se-me bizarro e completamente estranho, e pensava que o múltiplo aspecto das suas formas tinha uma causa algo misteriosa. E não só isso, mas também o raio faiscante, o trovão ribombante, a queda da chuva, da neve e do granizo — todos esses fenómenos eram [para mim] muito obscuros e inexplicáveis.

---

<sup>131</sup> “Fílio”, *Phílios* (Φίλιος) “amigável”, “benevolente”, é um epíteto de Zeus como deus da amizade.

5. Portanto, encontrando-me nesta situação, pensei que o melhor seria informar-me de tudo isto junto dos filósofos<sup>132</sup>. Realmente, cuidava eu que pelo menos esses eram capazes de me dizer toda a verdade. Então escolhi os melhores de entre eles, a avaliar pela severidade do seu rosto, pela palidez da pele e pela espessura da barba. Realmente alguns desses homens logo se me afiguraram grandiloquentes e conhecedores das coisas celestes. Tendo-me, pois, entregado nas suas mãos e pago uma boa quantia de dinheiro, uma parte logo ali, [de contado,] e outra que combinei pagar mais tarde, aquando da conclusão do curso, esperava ser instruído como “dissertante das coisas celestes” e compreender o ordenamento do Universo. Eles, porém, estavam tão longe de me livrar da minha velha ignorância, que até me lançaram em maiores dificuldades, ao despejarem diariamente sobre mim uns tais “princípios” e “fins”, átomos e vazios<sup>133</sup>, matérias e ideias e coisas do género. O que, porém, me parecia a coisa mais penosa de todas, era o facto de, além de cada um deles não dizer nada que concordasse com [o que dizia] o outro, mas, pelo contrário, todas as opiniões se digladiavam e se contrariavam [umas às outras], mesmo assim eles pretendiam convencer-me, e cada um tentava atrair-me para a sua própria doutrina.

COMPANHEIRO — É estranho o que me dizes, ou seja, o facto de eles, homens sábios, disputarem uns com os outros a respeito das suas doutrinas e não terem a mesma opinião sobre as mesmas matérias.

6. MENIPO — E no entanto, companheiro, rir-te-ás ao ouvir a sua fanfarronice e a charlatanice do seu palavreado. Esses fulanos, para já, sempre caminharam na superfície da Terra e não são superiores a nós, os que rastejamos pelo solo, mas,

---

<sup>132</sup> “filósofos” está aqui no sentido de “filósofos da Natureza” ou “físico-filósofos” ao estilo da escola milesiana ou do Sócrates da primeira fase, como nos aparece nas *Nuens* de Aristófanos... e ainda dos epicuristas-atomistas...

<sup>133</sup> “átomos e vazios”, referência à teoria atomista de Demócrito, Epicuro..., segundo a qual só existiam os átomos (matéria indivisível) e o vazio, onde os átomos se movimentavam. Os próprios deuses e a alma não passavam de matéria, ainda que mais subtil. Trata-se, pois, de uma doutrina radicalmente materialista, ferozmente combatida pelos idealistas, como Platão, segundo os quais, além dos “corpóreos”, *existiam* também os “incorpóreos”, como a alma, as Ideias...

sem terem uma vista mais penetrante que o seu vizinho, alguns mesmo têm vista fraca, quer por velhice, quer por indolência<sup>134</sup>, e mesmo assim diziam que vislumbavam os confins do céu, que mediam o tamanho do Sol e caminhavam pelas regiões acima da Lua, como se tivessem caído dos astros, e por isso descreviam as suas dimensões; muitas vezes, se calhava, não sabiam quantos estádios são exactamente de Mégara a Atenas, mas atreviam-se a dizer de quantos os côvados<sup>135</sup> era o espaço entre a Lua e o Sol, mediam a altura da atmosfera, a profundidade do mar e o perímetro<sup>136</sup> da Terra, e também desenhavam círculos, inscreviam triângulos em quadrados e, medindo diversas esferas, determinavam o tamanho do próprio céu.

7. Além disso, como deixar de considerar estúpido e sumamente pretensioso o facto de eles, ao dissertarem a respeito de coisas tão incertas, não apresentarem nada como sendo hipotético, mas, pelo contrário, insistirem [nas suas ideias] e não deixarem aos outros a mínima superioridade, quase jurando que o Sol é uma bola de ferro incandescente<sup>137</sup>, que a Lua é habitada, que as estrelas se abastecem da água, devido ao facto de o Sol puxar a si, como que por uma corda de poço, a humidade do mar e a distribuir sucessivamente por elas?

8. Realmente, é fácil de constatar quão grande é a contradição entre as respectivas teorias. Ora, por Zeus!, vê lá bem

---

<sup>134</sup> “por indolência”, “por não fazerem caso”, talvez “por falta de exercício”, gr. *hūpò aergías* (ὕπὸ... ἀεργίας). Esperar-se-ia “por doença”, mas os manuscritos não permitem essa leitura.

<sup>135</sup> O côvado correspondia à distância entre o cotovelo e a ponta do dedo médio. Além de não ser uma medida muito exacta, interessa aqui notar a ironia que consiste em medir grandes distâncias com unidades de comprimento tão pequenas...

<sup>136</sup> “profundidade do mar... perímetro da Terra”: o texto diz no plural, *e sem artigo*, que entendo como “as diversas profundidades ... e os diversos perímetros (segundo as diversas opiniões)”. Notar também que o termo *perímetro* ou *circuito*, *períodos* (περίοδος) não pressupõe a esfericidade da Terra, mas o perímetro de uma *superfície* mais ou menos redonda.

<sup>137</sup> Doutrina de Anaxágoras. Diógenes Laércio (II, 7) diz “massa (de ferro?, de pedra?) incandescente”, acusat. *múδron... diápūron* (μύδρον διάπυρον), enquanto, segundo Platão (*Apol.*, 26 D), Anaxágoras afirma “que o Sol é uma pedra, e a Lua é terra”: *tòn mèn hélion líthon phēsìn eínai, tèn δὲ selénēn gēn* (τὸν μὲν ἥλιον λίθον φησὶν εἶναι, τὴν δὲ σελήνην γῆν).

se as suas doutrinas são idênticas, ou se são diametralmente divergentes. Em primeiro lugar, [temos] a sua diferente concepção do Universo, já que uns eram de opinião que ele é incriado e indestrutível, enquanto outros teimavam em falar do seu criador e do modo de criação. Quanto a estes últimos, eu ficava bastante admirado pelo facto de, ao porem um deus como artífice do Universo, não acrescentarem nem de onde é que ele veio, nem onde é que ele estava<sup>138</sup>, quando criou cada coisa. Realmente, antes da criação do Universo, é impossível conceber [a ideia de] tempo e lugar<sup>139</sup>.

COMPANHEIRO — Ó Menipo, esses fulanos a que te referes são muito audaciosos e uns fazedores de maravilhas<sup>140</sup>.

MENIPO — Que farias tu, meu admirável amigo, se ouvisses o que eles discorrem a respeito de *ideias* e de *incorpóreos*, ou as suas teorias sobre o *finito* e o *infinito*! De facto, gerou-se entre eles uma violenta<sup>141</sup> disputa, com uns a despreverem o Universo como tendo um limite, enquanto outros o concebem como ilimitado. E não só isto, pois garantem que existem muitíssimos mundos<sup>142</sup>, e criticam aqueles que falam de somente um. Um outro, homem nada pacífico, opinava que a guerra é a mãe de todas as coisas<sup>143</sup>.

9. E no que toca aos deuses, que é que devemos dizer? Enquanto, para uns, deus é um número, outros juravam por gansos, por cães e por plátanos<sup>144</sup>. Uns baniam todos os outros

---

<sup>138</sup> O raciocínio, estranhamente *moderno*, é o seguinte: Como, antes da criação do Universo, não existis espaço (nem tempo: v. a seguir), também não existia *lugar* (nem tempo) onde o Criador estivesse...

<sup>139</sup> Esta ideia de que o espaço e o tempo surgem com o próprio Universo e não existiam antes, é bastante moderna...

<sup>140</sup> “fazedores de maravilhas”, em sentido pejorativo: “charlatães”.

<sup>141</sup> “violenta”: o gr. (fem.) *neaniké* (νεανική) significa, propriamente, “infantil”, “de moço”, “de rapazes”, o que dá para dois sentidos figurados: “ridículo”, ou “forte”, “violento”...

<sup>142</sup> É a doutrina de Demócrito sobre a multiplicidade dos mundos, ou seja (na terminologia moderna, levada a sério por muitos cientistas modernos) o *Multiverso*. Como se vê, esta intuição de Demócrito não ficou estéril.

<sup>143</sup> Ideia de Empédocles. Note-se a o termo “guerra”, *pólemos* (πόλεμος) é em gr. masculino, pelo que a expressão diz “*pai* de todas as coisas”. Em port., parece forçoso dizer “mãe”. Aliás, neste sentido figurado (= “origem”) “pai” e “mãe” são sinónimos.

<sup>144</sup> “pelo cão e pelo plátano” eram juramentos realmente estranhos, mas provocatoriamente usados por Sócrates (e mais tarde, naturalmente, pelos cínicos).

deuses e atribuíam a um único o governo do Universo, a ponto de eu me sentir um tanto irritado ao ouvir esta tão grande penúria de deuses. Outros, por sua vez, bastante pródigos, sustentavam que eles são em grande número e, procedendo a uma selecção, chamam a um o primeiro, e atribuem aos outros a segunda e a terceira categoria da divindade. E mais: Enquanto uns consideravam que a divindade é incorpórea e sem figura física, outros concebem-na revestida de um corpo. Além disso, nem todos entendiam que os deuses cuidam dos assuntos humanos, e alguns havia, que os libertam de toda e qualquer ocupação, tal como nós costumamos dispensar os velhos de [exercerem] cargos públicos. De facto, admitem os deuses, mas semelhantes, nada mais, nada menos, a comparsas de comédia. Alguns, ultrapassando tudo isto, não acreditavam, pura e simplesmente, na existência de deuses, mas deixavam o mundo andar sem rei nem roque<sup>145</sup>.

10. Assim sendo, ao escutar tais teorias, não me atrevia, por um lado, a duvidar de homens tão... *altitonantes* e tão bem providos de barbas; por outro lado, porém, voltando-me para [todas] essas teorias, não era capaz de achar nenhuma delas indiscutível e de qualquer modo insusceptível de ser refutada por outra pessoa, a ponto de sentir claramente o dito homérico. De facto, muitas vezes me senti induzido a acreditar num deles,

..... || *mas outro pensamento me retinha*<sup>146</sup>.

Impotente perante esta situação, já desesperava de ouvir, na Terra, algo de verdadeiro a este respeito, e foi então que pensei que a única maneira de me ver livre deste embaraço estava em apetrechar-me de asas e ir lá acima ao céu. Já me dava uma forte esperança não só o meu próprio desejo nesse sentido, mas também o fabulista Esopo, ao facultar o céu acessível a águias e escaravinhos, e até a camelos<sup>147</sup>. Ora, para já, afigurava-se-me completamente impossível, fosse por que artifício fosse, fazer

---

<sup>145</sup> “sem rei nem roque” é uma versão idiomática (mas não exagerada!) do gr. (acusat.) *adésptoton kai anēgemónēuton* (ἀδέσποτον καὶ ἀνηγεμόνευτον), “sem senhor e sem guia”.

<sup>146</sup> Homero, *Odisseia*, IX, 302.

<sup>147</sup> V. Esopo (“Belles Lettres”), 4, “A águia e o escaravelho” e 146, “O camelo e Zeus”. Nesta última, Esopo, ao dizer que o camelo “foi ter com Zeus”, *paragenoménē pròs tòn Díā* (παραγενομένη πρὸς τὸν Δία), pressupõe (bem como Menipo) que o animal terá subido ao Olimpo.

crescer asas em mim... mas, se pusesse as asas de um abutre ou de uma águia — pois somente estas eram suficientes para o tamanho do corpo humano —, talvez a experiência resultasse. Então, tendo capturado essas [duas] aves, separei com muito cuidado a asa direita de uma, [a da águia,] e a outra, a do abutre. Seguidamente, tendo-as ligado aos meus ombros, ajustadas com fortes correias, e tendo preparado nas pontas das asas umas pegas para as mãos, tentei, primeiro, avançar aos saltos, ajudado pelas mãos, como fazem os gansos, elevando-me, mas ainda rente ao solo, correndo nas pontas dos pés, acompanhado de bater de asas. Como a “maquineta”<sup>148</sup> me obedecia, tentei uma façanha mais ousada que uma [simples] experiência, e então, tendo subido à Acrópole, lancei-me do precipício, indo poisar precisamente no teatro<sup>149</sup>.

11. Como tinha voado sem perigo dali abaixo, pensava já em viagens por regiões superiores, e então, elevando-me do Parnete<sup>150</sup>, ou do Himeto, voei até à Geraneia, e daqui subi até Acrocorinto, e depois sobrevoei Fóloe e Erimanto, até ao Taígeto.

Ora, uma vez bem exercitado naquela façanha e tornado um perfeito voador, já não pensava em coisas de passarinhos, mas, tendo subido ao Olimpo e abastecido com uma provisão de comida o mais leve possível, apontei imediatamente para o resto do céu, ao princípio sentindo vertigens devido à altura, mas depois suportava-a facilmente. Logo que, depois de deixar para trás uma grande quantidade de nuvens, me encontrava já muito perto da Lua, senti-me fatigado, especialmente do lado da asa esquerda, a do abutre. Tendo avançado [mais um pouco], sentei-me nesse astro e fiz uma pausa de descanso, observando a Terra lá do alto e, tal como o famoso Zeus de Homero, avistando a terra ora dos Trácios domadores de cavalos, ora

---

<sup>148</sup> “maquineta”, gr. *tò khrêma* (τὸ κρημα), que significa “coisa”... e muitas mais coisas, como o lat. *res*.

<sup>149</sup> Trata-se, com toda a evidência, do teatro de Dioniso *Eleuthereús*...

<sup>150</sup> Parnete, cadeia de montanhas entre a Ática e a Beócia; Himeto, monte da Ática, Geraneia, cadeia de montanhas da Megáride. Acrocorinto, cidadela de Corinto, a parte alta de Corinto. “Fóloe”, planalto entre a Élide e a Arcádia; “Erimanto”: montanha entre a Arcádia, a Acaia e a Élide. Taígeto: monte da Lacónia. Nota: A forma aporuguesada é, como em gr. e em lat., quadrissilábica: gr. *Taúgeton* (Ταῦγετον), lat. *Tā-y-gētus* (-y- breve). Incorrecta, a forma \**Taigeto* (grave e trissilábica).



dos Mísios<sup>151</sup>, e pouco depois, segundo me agradava, a Hélade, a Pérsia e a Índia. E com tudo isto ia-me enchendo de prazer muito... garrido<sup>152</sup>.

COMPANHEIRO — Nesse caso, ó Menipo, bem podias contar-me esses factos, para que não percamos<sup>153</sup> nem um único pormenor da tua viagem, mas [saibamos] tudo o que tu observaste pelo caminho. Oh, como estou na expectativa de escutar não poucas coisas acerca da forma da Terra e de tudo o que nela existe, tais como se ofereceram a ti, ao observá-las lá de cima!

MENIPO — E pensas muito bem, companheiro. Nesse caso, tendo, na medida do possível, subido à Lua, acompanha-me em pensamento na viagem e observa juntamente comigo toda a disposição do que existe sobre a Terra.

12. E em primeiro lugar, imagina que está a ver uma Terra muitíssimo pequena, quer dizer, muito mais pequena que a Lua, de tal modo, que, baixando os olhos, assim de repente, lá para baixo, tive grande dificuldade em ver onde estavam as altas montanhas e o vasto mar. E se não tivesse lóbricado o Colosso de Rodes<sup>154</sup> e a torre em Faro<sup>155</sup>, fica sabendo que a Terra me teria passado completamente despercebida. No entanto, estes [dois] altos e proeminentes monumentos, mais o Oceano, que brilhava docemente à luz do Sol, indicavam-me claramente que aquilo que eu via era mesmo a Terra. E logo que fixei a vista mais atentamente, tornou-se-me visível toda a vida dos homens. não só por nações e cidades, mas também, e claramente, os que navegavam, ou guerreavam, ou agricultavam, ou litigavam, bem como as mulheres, os animais e, enfim, tudo quanto a terra dadora de trigo<sup>156</sup> alimenta.

---

<sup>151</sup> Cf. Homero, *Iliada*, XIII, 4. As regiões seguintes já não constam desse passo da *Iliada*.

<sup>152</sup> “prazer garrido” é uma hipálage = paisagem garrida que me dava prazer...

<sup>153</sup> “percamos”, plural majestático = 1ª p. sg. *perca*.

<sup>154</sup> O Colosso de Rodes era uma estátua de Apolo, com 60 côvados (c. 30 m) de altura. No tempo de Luciano, há muito que deixara de existir este monumento, que só durou de pé entre 283 e 227 a.C., tendo sido destruído por um sismo. Menipo (1ª metade do séc. III a.C.), porém, ainda conheceu esta obra, pelo que não há anacronismo na informação...

<sup>155</sup> A ilha de Faro ficava junto de Alexandria. Aí foi construído (300-280 a.C.) o famoso Farol de Alexandria, com c. 300 pés (c. 90 m) de altura.

<sup>156</sup> “terra dadora de trigo”, i.é, “fecunda”, epíteto homérico (*Il.*, V, 548, *Od.*, III, 3, 386): *zeidōros ároura* (ζείδωρος ἄρουρα).

COMPANHEIRO — Todas essas coisas que estás dizer são completamente inacreditáveis e contraditórias entre si. De facto, tu próprio, ó Menipo, que ainda agora procuravas [localizar] a Terra, reduzida em tamanho devido à distância, e que, se o Colosso não te desse essa indicação, talvez julgasses estar a ver outra coisa, como é que agora, como que repentinamente tornado um [segundo] Linceu<sup>157</sup>, reconheces todas as coisas na superfície da Terra — as pessoas, os animais e por pouco que até mesmo os ninhos de mosquitos?

13. MENIPO — Ainda bem que me lembraste. Realmente, não sei lá como, omiti uma coisa que devia mesmo dizer. É que, quando reconheci que era a própria Terra aquilo que eu estava a ver, mas não era capaz de distinguir os outros objectos, devido à distância, pelo que a minha vista não a atingia, essa circunstância aborreceu-me bastante e causou-me um grande embaraço. Estava eu muito abatido e por pouco que não chorava, quando, de repente, se apresentou, vindo de trás de mim, o filósofo Empédocles, negro que nem um tição, todo coberto de cinza e completamente esturricado. Assim que o vi, fiquei — sim, há que dizê-lo — um tanto perturbado e julguei estar a ver algum espírito lunar. Ele, porém, disse-me: “*Fica tranquilo, ó Menipo*”...

*não sou uma divindade. || Porque aos mortais me comparas?*<sup>158</sup>

“*Eu, aqui presente, sou o físico Empédocles. Na verdade, quando me lancei para dentro da cratera, o fumo atirou comigo para fora do Etna e trouxe-me até aqui acima; e agora resido na Lua, ando quase sempre pelo ar e alimento-me de orvalho. Então vim aqui a fim de te livrar do presente embaraço, pois, julgo eu, aflige-te e atormenta-te o facto de não veres claramente o que se passa na Terra.*”, ao que eu respondi: “*E fizeste bem, meu caro Empédocles. Assim que eu descer novamente lá abaixo, à Grécia, lembrar-me-ei de te oferecer uma libação na minha chaminé e de, no primeiro dia de cada mês*<sup>159</sup>, *fazer uma prece, abrindo três*

---

<sup>157</sup> Este Linceu (há outro) foi um dos argonautas, muito útil nessa expedição, pelo facto de possuir uma visão muito penetrante e ver na escuridão ou através de objectos opacos.

<sup>158</sup> Homero, *Odisseia*, XVI, 187. No episódio homérico, é Ulisses que aparece de surpresa a seu velho pai, Laertes, que o toma por uma divindade.

<sup>159</sup> O primeiro dia de cada mês dizia-se, em grego, *noumēnia* (νοσημνία α) “(dia da) lua nova”, equivalente às *calendas* romanas.

vezes a boca virado para a Lua.” E disse Empédocles: “Mas... por Endímion!<sup>160</sup>, eu não vim aqui para receber qualquer pagamento, só que me custou ver-te assim de alma triste. Pois então, sabes o que deves fazer, para te tornares agudo de vista?”

14. “Não, por Zeus! — disse eu —... a menos que tires a névoa dos meus olhos, pois neste momento parece-me que estou cheio de remelas... e não são poucas.” Aí, disse ele: “No entanto, não precisas absolutamente nada de mim, uma vez que vens da Terra já com a visão penetrante.” E disse eu: “Mas que coisa é essa, que eu não sei?”. E ele: “Não sabes que estás apetrechado com a asa direita de uma águia?” “Claro que sim” — disse eu —. “Mas que é que há de comum entre uma asa e um olho?”. “É que — disse ele — em comparação com os outros animais, a águia é quem tem a vista mais apurada, de tal modo que é o único que fixa directamente o sol, e é por isso que ela é o genuíno rei<sup>161</sup> [dos pássaros], pelo facto de olhar os seus raios sem piscar os olhos.” “Sim — disse eu —, dizem isso, e já estou arrependido pelo facto de, ao subir até aqui, não ter arrancado os meus olhos e ter posto os da águia. E agora aqui estou eu só meio preparado e sem estar apetrechado de todo o equipamento régio, mas, pelo contrário, pareço-me com esses tais [filhotes de águia] bastardos e deserdados<sup>162</sup>.” E disse ele: “Mesmo assim, está em teu poder ter imediatamente um dos dois olhos real. Sim, se quiseres, põe-te um instante de pé e, mantendo imóvel a asa do abutre, bate somente a outra, e então, por influência desta asa, ficarás com o olho direito muito penetrante; e quanto ao outro olho, não há maneira de evitar que ele tenha uma visão mais fraca, uma vez que está do lado pior.” E disse eu: “Já me basta que o olho direito veja como o de uma águia. Isso, porém, não é defeito, pois creio ter visto muitas vezes os carpinteiros servirem-se só de um dos olhos, ao alinharem a madeira com as régua.”

Dito isto, comecei a fazer o que me tinha sido recomendado por Empédocles, o qual se afastava muito lentamente e se ia gradualmente dissipando em fumo.

---

<sup>160</sup> Endímion, numa versão da lenda, era um jovem e formosíssimo pastor, por quem Selene (Lua) se apaixonou ao vê-lo profundamente (e eternamente!) adormecido...

<sup>161</sup> “rei”, masc. em grego; em port. seria “rainha”... das aves. Problemas de tradução.

<sup>162</sup> Os filhotes de águia que não passassem no teste de enfrentar a luz do sol eram expulsos do ninho (v. A. M. Harmon, “Loeb”, II, p. 293).

15. Assim que bati aquela asa, logo uma luz fortíssima brilhou à minha volta, e se tornou visível tudo aquilo que até aí me passava despercebido. Olhando lá para baixo, para a Terra, distinguia nitidamente as cidades, as pessoas e as suas acções, não só as que se passavam ao ar livre, mas também as que se praticavam dentro das casas, onde as pessoas julgavam passar despercebidas, como por exemplo<sup>163</sup> Ptolemeu a ter relações com a sua irmã, o filho de Lisímaco a conspirar contra o pai, Antíoco, filho de Seleuco, a fazer às escondidas sinais à sua madrastra Estratonice, o tessálico Alexandre<sup>164</sup> a ser assassinado por sua esposa, Antígono a cometer adultério com a esposa do seu filho, o filho de Átalo vertendo veneno para seu pai; noutra local, Ársaces assassinando a jovem, o eunuco Árbaces puxando da espada contra Ársaces, Espatino da Média a ser arrastado para fora da sala do banquete pelos guardas, que lhe pegavam pelos pés, e com um sobrolho ferido por uma taça de ouro. E cenas idênticas a estas poderiam ver-se na Líbia e nos palácios dos [reis] Citas e Trácios: pessoas a praticar adultério, a assassinar, a conspirar, a raptar, a jurar falso, aterrorizadas e traídas pelos seus familiares.

16. Mas se as cenas dos reis me proporcionaram um passatempo tão divertido, as das pessoas comuns são ainda mais cómicas. De facto, via-os também a esses, [por exemplo,] o epicurista Hermodoro a cometer perjúrio em troca de mil dracmas, o estóico Agátocles a processar o seu discípulo por uma questão de honorários, o orador Clíniás a surripiar uma taça do templo de Asclépio, o cínico Herófilo a dormir num bordel... Mas para quê falar dos outros, os fura-paredes<sup>165</sup>, os corruptos<sup>166</sup>, os

---

<sup>163</sup> Menipo (Luciano!) dá oito exemplos concretos e mais alguns “genéricos”, de casos para nós pouco ou nada conhecidos. Julgo que por detrás das citações estariam telas bem conhecidas do autor.

<sup>164</sup> “o tessálico Alexandre”, Alexandre, tirano de Feras (cidade da Tessália); “sua mulher”: Tebe.

<sup>165</sup> “os fura-paredes”, gr. part. pres., ac. pl. *toikhōrūkhoúntas* (τοιχωρυχοῦντας): muitas vezes, era mais fácil entrar numa casa furando uma parede, do que tentar arrombar uma porta. Daí a designação comum dos assaltantes das habitações...

<sup>166</sup> “corruptos”, ou “subornados por dinheiro”, gr. (emenda de Fritzsche) *dekazomévous* (δεκαζομένους); os mss. têm *dekazomévous* (δεκαζομένους) “litigantes”. A emenda não é obrigatória...

agiotas, os pedintes<sup>167</sup>? Em resumo, era um espectáculo muito colorido e variado.

COMPANHEIRO — Mesmo assim, ó Menipo, seria bom falares também destes últimos. Realmente, parece que eles te proporcionaram um prazer nada vulgar.

MENIPO — Narrar-te todos os casos de enfiada seria, meu caro amigo, impossível, quando só o simples facto de os ver já é uma grande tarefa. Todavia, as principais cenas aparecem-me tal como Homero diz a respeito das [representadas] no escudo<sup>168</sup>. Num sítio viam-se banquetes e casamentos, noutro lado tribunais e assembleias, noutra parte alguém oferecia um sacrifício, e perto dali um outro chorava [por um defunto]. E quando olhava para a Gética, via os Getas a fazer a guerra; quando me virava para os Citas, podia vê-los deambulando nos seus carros; desviando o olhar para um e outro lado, observava os Egípcios a lavrarem [os campos], e o Fenício<sup>169</sup> estava sempre em viagem, o Cílice pirateava, o Lacónio chicoteava-se e o Ateniense estava num processo judicial.

17. Então, como todas estas cenas se passavam ao mesmo tempo, já podes imaginar a salgalhada<sup>170</sup> que se me oferecia à vista. É como se alguém pusesse em cena muitos coreutas, ou melhor, muitos coros, e a seguir ordenasse a cada um dos cantores que abandonasse o conjunto coral e cantasse uma ária própria, rivalizando uns com os outros, elevando ao máximo a sua [ária] e esforçando-se por ultrapassar o vizinho em... megalofonia<sup>171</sup>: Por Zeus!, imaginas como sairia o canto coral?

COMPANHEIRO — Completamente ridículo, ó Menipo, e confuso.

MENIPO — E no entanto, ó companheiro, é assim que são todos os “coreutas” da Terra; e a vida dos homens é constituída

---

<sup>167</sup> “pedintes”, “mendigos”, gr. (emenda de Lehman) *epaitoúntas* (ἐπαιτοῦντας); os mss. têm *epaitoúntas* (ἐπαιτοῦντας) “os que exigem (o pagamento...)”. A emenda não é obrigatória...

<sup>168</sup> Referência a *Iliada*, XVIII, 478-608, ss., longa (e famosa) descrição de cenas moldadas no escudo que Hefesto, a pedido de Tétis, fez para Aquiles.

<sup>169</sup> O Fenício... o Cílice, o Lacónio, o Ateniense: sing. por pl., cf., p.ex., *O português percebe de tudo*.

<sup>170</sup> “salgalhada”, gr. *kūkeōn* (κυκεών) significava uma beberagem constituída por diversos ingredientes, que variavam de um local (ou autor) para outro: v. Bailly...

<sup>171</sup> “megalofonia”, é mesmo o termo gr.: *megalophōnia* (μεγαλοφωνία).

por este grande desconcerto, em que as pessoas não só cantam em tom desafinado, mas também diferem na maneira de vestir, movem-se em sentidos contrários e não têm as mesmas opiniões... até que o corego<sup>172</sup> os expulsa da cena um por um, dizendo que já não necessita deles. Daí em diante, são todos iguais no seu silêncio, pois deixam de entoar aquele canto confuso e desordenado. Mas, naquele outro “teatro” tão colorido e variado, tudo o que se passava era ridículo.

18. O que, porém, mais me fazia rir era ver pessoas a disputarem por causa de fronteiras no terreno, e outras orgulhando-se pelo facto de cultivarem a planície de Sícion ou de possuírem a [planície] de Maratona na região de Énoe, ou de serem donos de mil pletros<sup>173</sup> [de terreno] em Acarnas. Ora, tendo toda a Grécia — como me parecia [vista] lá de cima — o tamanho de 4 dedos [quadrados]<sup>174</sup>, a Ática tinha, em proporção, uma área minúscula. Deste modo, eu reflectia quão pouco terreno era deixado a esses tais ricos, para eles se orgulharem assim tanto. Realmente, aquele de entre eles que possuía mais pletros parecia-me cultivar um só átomo dos epicuristas. Olhando para o Peloponeso, e depois olhando para a região de Cinúria<sup>175</sup>, veio-me à memória quantos Argivos e Lacedemónios tinham morrido num único dia, por causa de um território tão pequeno, não maior que uma lentilha egípcia. Então, sempre que vejo alguém todo orgulhoso do seu ouro, lá por possuir oito anéis e quatro taças<sup>176</sup>, farto-me de rir do fulano, pois todo o Pangeu<sup>177</sup>, com as suas minas, era do tamanho de um grão de milho.

19. COMPANHEIRO — Ó venturoso Menipo, que estranho espectáculo! Mas então, por Zeus!, as cidades e os homens como é que te apareciam [vistas] lá de cima?

MENIPO — Creio que já tens visto muitas vezes um ajuntamento de formigas, em que umas circulam à volta do formigueiro e desempenham funções... “públicas”, umas a

<sup>172</sup> “corego” é a adaptação do gr. *chorégos* (χορηγός), também “mestre de coro”.

<sup>173</sup> 1 pletro quadrado = 100 pés quadrados = c. 29,6 m<sup>2</sup>...

<sup>174</sup> = c. 7,5 cm [quadrados], ou seja um quadrado com essa medida de lado...

<sup>175</sup> “região de Cinúria”, entre a Argólida e a Lacónia, motivou encarniçada guerra entre esses dois povos.

<sup>176</sup> “” oito anéis e quatro taças: numeração indeterminada = meia dúzia de...

<sup>177</sup> Pangeu, cadeia de montanhas entre a Trácia e a Macedónia, onde havia minas de ouro e prata.

sair, outras regressando à... “cidade”; uma transporta um excremento para fora [do formigueiro], outra, que apanhou em qualquer parte uma casca de fava ou um bago de trigo, corre muito rapidamente arrastando a carga. É até natural que haja entre elas, de acordo com o modo de vida das formigas, alguns pedreiros, demagogos<sup>178</sup>, prítanes<sup>179</sup>, músicos e filósofos<sup>180</sup>. Pois bem: as cidades dos homens pareciam-se muitíssimo com os formigueiros. Mas se achas que é fraco o exemplo que compara os homens à república das formigas, pensa nos antigos mitos dos Tessálios, que aí achareis os Mirmídones, raça extremamente aguerrida, transformados de formigas em homens.

Então, depois de observar tudo isto minuciosamente e de me ter fartado de rir, bati asas e elevei-me nos ares, em direcção...

à morada de Zeus, que tem a égide, || e das outras divindades<sup>181</sup>.

20. Ainda não tinha subido um estádio, quando Selene<sup>182</sup>, falando com voz feminina, me disse: “*Menipo, que sejas muito*

---

<sup>178</sup> O demagogo, “*condutor do Povo*”, podia ser isso mesmo, no bom sentido... mas também em sentido pejorativo, ou seja, o orador que adula o Povo e se torna chefe do partido popular, donde retira um poder por vezes excessivo...

<sup>179</sup> Em Atenas, cada uma das 10 tribos elegia anualmente 50 delegados (prítanes) ao Conselho dos 500, no Senado, a que presidia, sucessivamente e por um período de 36-36 dias, um prítane da respectiva tribo.

<sup>180</sup> Ideia semelhante fora expressa por Xenófanes de Cólofon (frg. 16, citado por Clemente, *Strom.*, V, 109, 5: v. G.S. Kirk-J.E. Raven, *Os Filósofos Pré-socráticos*, trad. port., “Fundação C. Gulbenkian, p. 169, nº 172, que transcrevo: “*Mas se os bois e os cavalos ou os leões tivessem mãos ou fossem capazes de, com elas, desenhar e produzir obras, como os homens, os cavalos desenhariam as formas dos deuses semelhantes às dos cavalos, e os bois às dos bois, e fariam os seus corpos tal como cada um deles o tem.*” Neste caso, Menipo (Luciano!) até vai mais longe, ao admitir que as formigas têm uma vida social e política semelhante à dos humanos. Como argumento explícito (não o de Xenófanes), Menipo menciona a lenda dos Mirmídones, povo da Ftiótida (Tessália), que, de formigas que eram, foram transformados em humanos... A lenda associa o nome do povo ao nome da “formiga”: *múrmēx* (μύρμηξ). Parece claro que se criou a lenda para justificar o etnónimo.

<sup>181</sup> Homero, *Iliada*, I, 222. Aqui, quem sobe ao Olimpo é Atena, depois de ter aconselhado Aquiles a ser mais comedido na sua *ira* contra Agamémnon... (Esquema métrico port.: 10 || 7).

<sup>182</sup> Selene, *Selēnē* (Σελήνη), a Lua. Aqui, como teónimo, convém adaptar a forma grega.

*feliz... e faz-me um favor junto de Zeus.” E disse eu: “Pois sim, podes falar, pois não será tarefa pesada... desde que não tenha de carregar com alguma coisa..” É ela: “Leva a Zeus, da minha parte, um recado, nada difícil, e uma petição. De facto, ó Menipo, já estou farta de ouvir tanta coisa horrorosa da boca dos filósofos, que não têm mais que fazer do que meter o nariz nos meus assuntos: que é que eu sou, que tamanho tenho, por que motivo fico por metade ou biconvexa; uns afirmam que eu sou habitada, outros que estou pendente sobre o mar, como um espelho, e outros atribuem-me o que a cada um ocorre. Ultimamente, até dizem que a minha luz é roubada e bastarda, vinda lá de cima, de Hélios<sup>183</sup>, e não cessam de me fazer entrar em confrontação e em conflito com ele, que é meu irmão. Realmente, já não lhes bastava o que andam a dizer dele, de Hélios, ou seja, que ele é uma rocha ou uma bola de ferro incandescente<sup>184</sup>.*

21. *“E no entanto, quantos actos seus eu conheço tão bem como eles<sup>185</sup>, actos vergonhosos e abomináveis que os fulanos praticam durante a noite, eles que durante o dia parecem pessoas sisudas, de olhar severo, de aspecto majestoso, e que são admirados pelas pessoas comuns! Então eu, ao ver tais coisas, mesmo assim guardo silêncio, pois não creio que seja decente revelar e pôr à luz esses entretenimentos nocturnos e a vida de cada um por detrás da cena<sup>186</sup>, mas, pelo contrário, mesmo que veja algum deles em acto de adultério, ou a roubar, ou a atrever-se a cometer qualquer outro acto mais próprio da noite, imediatamente atraio uma nuvem e me encubro, a fim de não mostrar a tanta gente uns velhos que desonram as suas longas e espessas<sup>187</sup> barbas e a [própria] virtude. Eles porém, não desistem de me dividir com as suas teorias e de*

---

<sup>183</sup> Hélios, *Hélios* (Ἥλιος), o Sol. Aqui, simultaneamente, como astónimo e teónimo.

<sup>184</sup> V. nota a “incandescente”, §7, fim.

<sup>185</sup> “conheço tão bem como eles”, *sünepístamai autoîs* (συνεπίσταμαι αὐτοῖς): O sentido de “tão bem como eles” está no prefixo *sün-* (συν-) e no dat, *autoîs* (αὐτοῖς).

<sup>186</sup> “por detrás da cena”, *hüpò tês skênês* (ὑπὸ τῆς σκηνῆς) é emenda de Gesner e Sommerbrodt (v. “Loeb”); os mss. têm *epi...* (ἐπι...) “sobre...”. A emenda não parece obrigatória, pois pode entender-se “revelar e pôr à luz esses entretenimentos nocturnos e a vida de cada um (posta) sobre a cena.”

<sup>187</sup> “longas e espessas” pretende traduzir o adj. *bathús* (βαθύς) em dois dos seus sentidos: “profundo”, “comprido (de alto a baixo)”, “longo” e “espesso”.



*me insultar de todas as maneiras, a ponto de eu — pela Noite!*<sup>188</sup>  
— muitas vezes ter desejado emigrar para o mais longe possível,  
a fim de me furtar à sua língua indiscreta.

“Portanto, não te esqueças de levar a Zeus este pedido e de acrescentar que não me é possível continuar neste lugar, se ele não esmagar esses tais<sup>189</sup> físicos<sup>190</sup>, se não fechar a boca aos dialécticos, se não arrasar o Pórtico, se não incendiar a Academia e se não acabar com as palestras peripatéticas. Na verdade, só deste modo terei paz e sossego<sup>191</sup> e deixarei de<sup>192</sup> ser medida todos os dias por esses fulanos.

22. Pois seja — disse eu —, e logo aponteí lá para o alto, a caminho do céu,

*lá onde não se enxergavam || obras nem de bois nem de homens*<sup>193</sup>.

Passado pouco tempo, até mesmo a Lua se me mostrava muito pequena e já ia perdendo a Terra de vista.

Então, tendo deixado o Sol à minha direita e voando através das estrelas, ao terceiro dia cheguei perto do céu. Logo de início, achei que podia lá penetrar directamente, pois pensava que era fácil passar despercebido, visto ser metade águia, e sabendo que a águia era desde tempos remotos íntima [companheira] de Zeus. Logo a seguir, porém, reflecti que seria imediatamente

---

<sup>188</sup> *Noite* é uma divindade primitiva, filha do Caos primordial; juntamente com Érebo, gerou o Éter e o Dia, e deu origem a uma série de divindades... tenebrosas.

<sup>189</sup> “*esses tais*”: leio *ekeinous* (ἐκείνους), a concordar com “físicos”. e não *ekeinos* (ἐκεῖνος), que se ligaria a “Zeus”, o que daria: “... se aquele (Zeus) não esmagar os físicos”.

<sup>190</sup> “*físicos*” ou “filósofos da Natureza”, à maneira dos velhos milesianos (Tales, Anaximandro, Anaxímenes...); os “dialécticos” são os imitadores do método socrático de sucessivas e curtas perguntas e respostas, até conduzir o interlocutor à conclusão pretendida. Selene menciona, a seguir, os estóicos, os platónicos e os aristotélicos, mas parece esquecer os cínicos... de que Menipo é figura de proa...

<sup>191</sup> “*paz e sossego*” traduz (indevidamente?) o termo *eirênē* (εἰρήνη), só “paz”...

<sup>192</sup> “*deixarei de*”, *pausaimēn* (παυσαίμην) só à margem no mss. Γ (Vaticanus 90, do séc. IX/X), lição aceite por A. M. Harmon (“Loeb”). Sem esse acrescento (de copista), a tradução seria: “... só deste modo terei paz e sossego, medida [que sou] todos os dias por esses fulanos”.

<sup>193</sup> Homero, *Odisseia*, X, 98, na cena dos antropófagos Lestrígones... que não tem nada que ver com o presente contexto. Trata-se de uma citação para outro contexto... (Esquema métrico port.: 7 || 7).

apanhado em flagrante, por estar apetrechado com a outra asa, a do abutre. Por isso, julguei que era melhor não correr riscos, pelo que avancei e bati à porta. Hermes veio atender e, depois de perguntar pelo meu nome, foi muito rapidamente informar Zeus. Pouco depois, fui introduzido [no palácio], cheio de medo e a tremer, e então apercebo-me de todos os deuses, que estavam sentados todos juntos, não sem uma certa apreensão. Na verdade, perturbava-os de certo modo a estranheza da minha visita, ao imaginarem que daí em diante todos os homens lá iriam chegar, tal como eu, apetrechados de asas.

23. Então Zeus, com aspecto aterrador e fixando-me com dureza e um ar titanesco, disse-me:

*Quem és? De que nação? De que cidade? || Quais os teus progenitores?*<sup>194</sup>

Então eu, ao ouvir tais palavras, por pouco que não morri de medo, mas fiquei boquiaberto e siderado pela sua voz trovejante. Aos poucos, porém, recompus-me e comecei a contar-lhe tudo claramente, a começar pelo princípio: como desejava conhecer os corpos celestes, como fui procurar os filósofos, como os ouvi dizer coisas opostas, como fiquei desesperado ao ver-me sacudido pelas [diversas] teorias... e depois, de enfiada, a minha ideia, o caso das asas e tudo o mais, até ter chegado ao céu. A tudo isso acrescentei o recado dado por Selene. Então Zeus, sorrindo e desfranzindo um pouco as sobrancelhas, disse: “*Que dizer de Oto e de Efiáltes*<sup>195</sup>, *quando até mesmo Menipo se atreveu a subir aí céu? Bem... por hoje convidamos-te como nosso hóspede, e amanhã, depois de tratarmos do que aqui te trouxe, mandar-te-emos embora.*” E logo se levantou e se dirigiu ao

---

<sup>194</sup> Homero, *Odisseia*, I, 170. É difícil dar à versão um aspecto métrico mais curto. O que “saiu” tem a estrutura de decassílabo + heptassílabo: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 || 1 2 3 4 5 6 7. Frederico Lourenço (*Homero – Odisseia*, “Livros Cotovia”...) traduz: “*quem és? Donde vens? Fala-me dos teus pais e da tua cidade*”.

<sup>195</sup> Oto e Efiáltes, dois gigantes, filhos de Posídon e Ifimédia, Aos nove anos, já com cerca de 17 metros de altura, ameaçaram atacar os deuses, para o que empilharam uns sobre os outros os montes Ossa e Olimpo, e mais duas montanhas... Segundo uma versão do mito, foram fulminados por Zeus e precipitados no Inferno, onde, amarrados por serpentes numa coluna, eram incessantemente atormentados por uma coruja.

sítio mais audível<sup>196</sup> do céu, pois estava na hora de ir escutar as preces [dos homens].

24. Entretanto, à medida que caminhava, interrogava-me sobre os assuntos da terra, como, para começar, qual o preço actual do trigo na Grécia, se o Inverno passado foi muito rigoroso, se as hortaliças precisavam de mais chuva... A seguir perguntou-me se ainda resta algum descendente de Fídias, por que motivo é que os Atenienses se desinteressaram das Diásias<sup>197</sup> durante tantos anos, se tencionavam concluir o seu Olimpieu<sup>198</sup> e se foram aprisionados os que tinham acabado de pilhar o seu templo em Dodona<sup>199</sup>.

Depois de lhe ter respondido a estas questões, disse-me: “Diz-me cá, ó Menipo, que opinião têm os homens a meu respeito?”, ao que eu respondi: “Que opinião, meu Senhor? Pientíssima, pois consideram-te o rei de todos os deuses”. E ele: “Estás a brincar comigo... eu conheço muitíssimo bem o pendor deles para a novidade<sup>200</sup>, embora tu não o digas. Na verdade, tempo houve em que eu lhes parecia um profeta, um médico, tudo, enfim...

..... Cheias de Zeus estão todas as ruas,  
e as praças todas de homens regurgitam.<sup>201</sup>

Nesse tempo, Dodona e Pisa<sup>202</sup> estavam florescentes e eram admiradas por todos, e eu não era capaz de ver nada, por causa do fumo dos sacrifícios. Todavia, desde que Apolo fundou o oráculo em Delfos, e Asclépio o hospital em Pérgamo, e o templo

---

<sup>196</sup> “sítio mais audível”, τὸ ἐπηκοώτατον (τὸ ἐπηκοώτατον), quer dizer, o sítio onde Zeus mais facilmente se fazia ouvir dos homens e os ouvia.

<sup>197</sup> “Diásias”, festas de Zeus *meilikhios* (μειλίχιος), “protector dos que o invocam docemente”. Era, pois, natural, que Zeus se mostrasse sensível ao desinteresse dos homens por essa *sua* festa.

<sup>198</sup> “Olimpieu”, *Olímpieion* (Ὀλυμπίειον), o templo de Zeus Olímpico, em Atenas. Note-se que a referência à festa das Diásias e ao templo inacabado de Zeus Olímpico é feita por Menipo (1<sup>a</sup> metade do séc. III a.C.), pois no tempo de Luciano já o templo havia sido acabado por Adriano; também deduzimos que, no tempo de Menipo, houve um certo ressurgimento da referida festa.

<sup>199</sup> Dodona, cidade do Epiro, onde havia um templo e um oráculo de Zeus.

<sup>200</sup> Para Zeus, a *novidade* consistia no facto de as pessoas acorrerem aos novos templos e oráculos (v. *infra*).

<sup>201</sup> Alusão aos primeiros versos dos *Fenómenos* de Arato. Esquema métrico port.: 10 // 7.

<sup>202</sup> Pisa, cidade (ou região) da Élide.

*de Bêndis<sup>203</sup> foi erigido na Trácia, e o templo de Anúbis<sup>204</sup> no Egípto, e o templo de Ártemis<sup>205</sup> em Éfeso, toda a gente acorre a estes templos, celebram festividades, decretam-se hecatombes [e oferecem lingotes de ouro<sup>206</sup>], enquanto, no meu caso, que já passei de moda, consideram ter-me homenageado suficientemente bem, se me oferecem sacrifícios de quatro em quatro anos<sup>207</sup> completos em Olímpia. Por isso, poderás ver os meus altares mais frios<sup>208</sup> que as leis de Platão ou os silogismos de Crisipo.”*

25. Enquanto falávamos destas coisas, chegámos ao local onde ele devia sentar-se a escutar as preces. Havia aí umas aberturas ao lado umas das outras, parecidas com os bocais dos poços, e providas de uma tampa. Junto de cada uma estava um trono de ouro. Então Zeus sentou-se junto da primeira [abertura], retirou-lhe a tampa e começou a atender os suplicantes. De toda a parte da Terra vinham pedidos muito diversos e variados. Realmente, também eu me inclinei lá para baixo e escutava as preces, que eram deste género: “Ó Zeus, faz com que eu seja rei!”; “Ó Zeus, faz crescer as minhas cebolas e os meus alhos!”; “Ó deuses, fazei com que o meu pai morra depressa!”; um outro dizia: “Oxalá eu herde [os bens] da minha mulher!”; ou: “Oxalá eu atente contra o meu irmão, sem que se saiba!”; ou: “Oxalá eu ganhe a demanda!”; ou: “Faz com que eu seja coroado nos Jogos Olímpicos!”. De entre os navegantes, um pedia que fizesse soprar o Bóreas<sup>209</sup>, outro o Noto; o lavrador pedia chuva, enquanto o pisoeiro queria sol.

Zeus escutava a ponderava seriamente cada um dos pedidos, mas não atendia a todos:

*uma mercê o Pai lhe concedeu || mas a outra recusou<sup>210</sup>.*

---

<sup>203</sup> “templo de Bêndis”, o “Bendideu”. Bêndis é o nome de Ártemis na Trácia.

<sup>204</sup> “templo de Anúbis”, o “Anubideu”. Anúbis é o deus egípcio com cabeça de cão.

<sup>205</sup> “templo de Ártemis”, o “Artemísio”.

<sup>206</sup> Esta frase não consta dos mss., somente em acrescento à margem no mss. Γ.

<sup>207</sup> “de quatro em quatro anos completos”: o gr. diz “todos os cinco anos”, ou seja, “passados quatro anos completos”.

<sup>208</sup> “mais frios”, *psùkhrotérous* (ψυχροτέρους), termo bem apropriado a altares onde não arde o fogo dos sacrifícios.

<sup>209</sup> Bóreas, o vento norte; Noto, o vento sul.

<sup>210</sup> Homero, *Iliada*, XVI, 250. A citação não é perfeitamente aplicável. No texto homérico, Zeus acede a um dos pedidos de Pátroclo (rechaçar

Na verdade, quanto aos pedidos justos, deixava-os subir pelo bocal e colocava-os à sua mão direita; e quanto aos [pedidos] ímpios, reenviava-os para trás, sem qualquer efeito, e soprava lá para baixo, para que não ficassem perto do céu. No caso, porém, de um certo pedido, vi que ele ficara embaraçado. Foi o caso de dois homens que pediam graças opostas, prometendo [oferecer] sacrifícios iguais, pelo que Zeus não sabia a qual deles devia atender, de modo que sentiu a famosa dúvida acadêmica, em que não era possível afirmar fosse o que fosse, mas, à semelhança de Pírron<sup>211</sup>, suspendeu [o julgamento], a fim de examinar bem [a questão].

26. Depois de tratar cabalmente dos pedidos, passou para o trono seguinte e para o segundo bocal, e então, tendo-se inclinando [sobre ele], ia-se ocupando dos juramentos e dos que os faziam. Depois de ter tratado destes, esmagou o epicurista Hermodoro<sup>212</sup>, após o que passou para o trono seguinte, a fim de dar atenção a presságios, palavras e augúrios<sup>213</sup>. Daí passou para o bocal dos sacrifícios, através do qual o fumo se elevava e anunciava a Zeus o nome do sacrificante. Depois, afastou-se destes bocais e deu ordens aos Ventos e às Estações<sup>214</sup> sobre o que deviam fazer: *“Hoje deveis chover sobre a Cítia, relampejar sobre a Líbia e nevar sobre a Grécia; e tu, Bóreas, sopra na Lídia; tu, Noto, fica sossegado; que o Zéfiro provoque ondulação no mar Adriático, e que qualquer coisa como mil medimnos<sup>215</sup> de granizo se espalhem por sobre a Capadócia.”*

27. Como já quase todos os assuntos tivessem sido por ele resolvidos, dirigimo-nos à sala de jantar, pois já era a hora da

---

os Troianos para longe das naus), mas não lhe concede que saia incólume da refrega. Esquema métrico port.: 10 || 7.

<sup>211</sup> Pírron (não confundir com Pirro), c.360-c.270 a.C., fundador da Escola Céptica.

<sup>212</sup> Não temos conhecimento desta figura, mas a verdade é que já antes é citado (§16) como um refinado perjuro. Pode bem tratar-se de uma personagem real, ainda que obscura.

<sup>213</sup> “palavras e augúrios”: Por exemplo, as primeiras palavras que se ouvem ao sair de casa podem ter um certo significado, tal como o sentido do voo das aves...

<sup>214</sup> Ventos e às Estações personificados...

<sup>215</sup> O medimno equivalia a c. 52 litros, pelo que 1.000 medimnos = 52.000 litros... de granizo.

ceia. Aí Hermes ocupou-se de mim e fez-me reclinar junto de Pá, dos Coribantes, de Átis e de Sabázio, esses deuses... “metecos”<sup>216</sup> e [um tanto] ambíguos. Deméter serviu-nos pão, Dioniso vinho, Hércules carne, Afrodite bagas de mirto e Posídon anchovas. Mas, às escondidas, também provei um pouco de ambrósia e de néctar, pois o bom do Ganimedes, por filantropia, se via Zeus a olhar para outro lado, vertia-me uma ou duas cótilas<sup>217</sup> de néctar. Os deuses, porém, como diz Homero algures<sup>218</sup> (ele que também, tal como eu, assistiu ao que ali se passa), não comem pão, “nem bebem vinho rutilante”, pois têm à sua frente a ambrósia e embriagam-se de néctar, mas também gostam particularmente de inalar o fumo dos sacrifícios, que sobe juntamente com o odor a carne assada, bem como do sangue das vítimas, que os sacrificantes vertem sobre os altares.

Durante a ceia, Apolo tocou cítara, Sileno dançou o córdax<sup>219</sup> e as Musas ergueram-se e cantaram para nós um trecho da *Teogonia* de Hesíodo e a Ode primeira dos *Hinos* de Píndaro. E quando já estávamos fartos, fomos deitar-nos, no estado em que cada um estava, todos já um tanto ou quanto “pingados”:

28. *E já os outros deuses e os guerreiros || que em seus carros combatiam*

*dormiam toda a noite, e só a mim || não tomava o doce sono.*<sup>220</sup>

Realmente, pensava em mil e uma coisas, e entre elas, sobretudo, como é que passado tanto tempo, Apolo ainda não tinha barba, ou como é que anoiteceria no céu, estando Hélio<sup>221</sup> sempre presente e tomando parte nos banquetes.

---

<sup>216</sup> Os metecos eram, propriamente, os estrangeiros residentes numa cidade, ou seja, neste caso, os deuses de origem não-helénica, os quais, por isso, não tinham no Olimpo um estatuto de plena cidadania, donde a designação de “ambíguos”.

<sup>217</sup> A cótila equivalia a perto de 3 dl (c. 0,27 l).

<sup>218</sup> Homero, *Iliada*, V, 341.

<sup>219</sup> O córdax era uma dança licenciosa própria de ambientes dionisíacos.

<sup>220</sup> Homero, *Iliada*, II, 1-2. A versão port. apresenta o aspecto métrico 10 || 7. No texto homérico, “os outros deuses” refere-se a todos os deuses, com excepção de Zeus. Na história de Menipo, ficava melhor “todos os deuses”. De resto, Menipo, no verso seguinte, procede à “obrigatória” adaptação, já que o texto homérico diz “só a Zeus...”, em que foi metricamente fácil substituir *Dia* (Δία), por *emé* (ἐμέ).

<sup>221</sup> Hélio, o Sol, aqui tomado, simultaneamente (ou sucessivamente!), como astrónimo e como teónimo.

Só então consegui adormecer, mas por pouco tempo. Ao romper da aurora, Zeus levantou-se e convocou uma assembleia.

29. Assim que todos estavam presentes, começou a falar:

*“O motivo por que aqui vos convoquei é este estrangeiro que ontem nos chegou. Há muito tempo, porém, que eu queria reunir-me convosco, a propósito dos filósofos, mas foi sobretudo movido por Selene e por um assunto que ela critica, que eu decidi não adiar por mais tempo este debate.*

*“De facto, existe uma raça de homens, que desde há algum tempo se salienta na sociedade, raça mandriona, conflituosa, vaidosa, irascível, glutona, apatetada, presunçosa, insolente e — para usar a expressão de Homero — “fardo inútil sobre a terra”<sup>222</sup>. Ora, esses tais fulanos, que estão divididos em escolas e inventaram diverso palavreado labiríntico, denominam-se a si próprios, uns académicos, outros epicuristas, outros peripatéticos... e outras designações muito mais ridículas que estas. Depois, paramentados com o venerando nome da Virtude, de sobranceiras franzidas, testa enrugada e longas barbas, deambulam por aí, envolvendo os seus abomináveis costumes numa falsa compostura, muito semelhantes a esses actores de tragédia, aos quais, se lhes retirarmos as máscaras e toda essa indumentária bordada a oiro, só resta o homenzinho ridículo, pago a sete dracmas por espectáculo.*

30. *“Todavia, sendo eles como são, desprezam as outras pessoas e expõem ideias absurdas a respeito dos deuses. Arrebanhando uns jovens ingénuos, dissertam em tom trágico sobre a mui propalada Virtude e ensinam-lhes as aporias<sup>223</sup> dos raciocínios; diante dos discípulos, elogiam a fortaleza [de alma], a contenção [e a auto-suficiência<sup>224</sup>] e abominam a riqueza e o prazer, mas quando estão sós e lá entre eles, que poderia dizer-se das suas grandes comezainas e dos seus prazeres sexuais, e como lambem a sujidade dos óbolos?!*

---

<sup>222</sup> Homero, *Iliada*, XVIII, 104.

<sup>223</sup> O termo *aporia* deve ter chegado ao port. através do fr. *aporie*. O gr. *aporía* (ἀπορίᾱ) está atestado no lat., com a devida acentuação latina: *aporía* (proparoxítone), pelo que, segundo a norma de adaptação (nem sempre seguida!) em port. mandaria dizer *apória*, que está atestada em alguns dicionários, enquanto outros registam a forma *aporia*, a qual parece ser, desde há muito, a mais usual.

<sup>224</sup> Só no mss. Γ, à margem. A palavra significa o estado de quem se contenta com o que tem.

*“Mas o mais revoltante de tudo é que esses fulanos, que em nada contribuem quer para o bem público, quer para o particular, mas que, pelo contrário, são uns inúteis e uns supérfluos,*

*que não contam nem na guerra, || nem tão-pouco no Senado<sup>225</sup>, apesar disso, acusam os outros e censuram-nos, cumulando-os de palavras amargas e tratando-os com ofensas insolentes, e ofendem tudo à sua volta. E aquele, de entre eles, que se mostra mais altitonnte, mais desaforado e mais atrevido na maledicência, esse é considerado o melhor.*

31. *“E no entanto, se perguntares a esse tipo todo esganiçado, que berra e acusa os outros, ‘Tu que é que fazes?’ ou ‘Que contribuição diremos, pelos deuses!, que tu dás para a sociedade?’; ele responderia, se quisesse ser justo e dizer a verdade, que ‘Considero que exercer a actividade marítima, a agricultura, a função militar ou qualquer outro ofício é coisa supérflua; eu berro, ando todo sujo, lavo-me com água fria, ando descalço no Inverno, [ando vestido com um manto encardido<sup>226</sup>] e, tal como Momo, censuro os actos dos outros: se um dos ricos compra comida muito cara, ou se tem uma amante, eu ocupo-me desse assunto e mostro-me escandalizado, mas se um dos meus amigos ou companheiros cai doente e necessita de auxílio e tratamento, não o conheço.’*

*“Eis, pois, ó deuses, como são estas criaturas.*

32. *“Aqueles, de entre eles, que se intitulam epicuristas são de longe os mais insolentes e atacam-nos de uma maneira nada branda, afirmando que os deuses não se ocupam das coisas humanas nem observam o que lá se passa. Deste modo, é tempo de vós reflectirdes no assunto, porquanto, se eles conseguirem convencer os homens, nós passaremos fome, e não pouca. Na verdade, quem continuaria a oferecer-vos sacrifícios, se não esperasse receber alguma graça?*

*“De facto, todos vós ouvistes ontem da boca do estrangeiro aquilo de que Selene se queixa. Nestes termos, deveis decidir o que for mais útil aos homens e mais seguro para nós.”*

33. Quando Zeus terminou o discurso, a assembleia entrou em grande agitação, e logo começaram todos a gritar: *‘Fulmina-os!... Abrasa-os!... Esmaga-os!... Ao Tártaro... como aos Gigantes’*. Então Zeus, tendo pedido silêncio, disse: *‘Far-se-á*

<sup>225</sup> Homero, *Iliada*, II, 202.

<sup>226</sup> Esta frase está acrescentada à margem, no mss. Γ.



como vós quereis, e todos serão esmagados mais a sua dialéctica... No entanto, por agora, não é lícito punir seja quem for, pois, como sabeis, estamos na hieroménia<sup>227</sup> dos quatro meses, e eu já mandei anunciar a trégua. Portanto, no próximo ano, no começo da primavera, esses tipos morrerão miseravelmente [varados] pelo meu raio aterrador’:

Assim, franzindo as roxas sobrancelhas, || de Crono o filho falou<sup>228</sup>.

34. “E quanto a Menipo, aqui presente — disse —, decreto: Que lhe sejam arrancadas as asas, para que nunca mais aqui volte, e que hoje mesmo seja conduzido à Terra por Hermes.” E tendo assim falado, dissolveu a assembleia, e então o Cilénio<sup>229</sup>, pegou em mim pendurado pela orelha direita, e ontem, pela tardinha, trouxe-me para o Ceramico<sup>230</sup>.

Já ouviste tudo, ó companheiro, tudo quanto eu trouxe do céu. Portanto, vou-me já daqui, a fim de anunciar estes mesmos factos aos filósofos que deambulam pela Pécile<sup>231</sup>.

---

<sup>227</sup> *hieroménia*, gr. *hieromēnia* (ἱερομηνία), “mês sagrado” dedicado às festividades, aqui referidas como sendo em número de quatro, donde “dos quatro meses”.

<sup>228</sup> Homero, *Iliada*, I, 528.

<sup>229</sup> O “Cilénio” é Hermes, de Cilene, monte da Arcádia, onde nascera, filho de Zeus e da ninfa Maia.

<sup>230</sup> O Ceramico, gr. *Kerameikós* (Κεραμεικός) era uma praça e um bairro de Atenas, inicialmente o “bairro dos oleiros”. Note a adaptação latina *Ceramicus*, palavra grave, que assim deve ser pronunciada também em português, diferente do adj. *keramikós* (κεραμικός: -i- breve), “de barro” e do adj. subst.<sup>do</sup> (*hē*) *keramiké* (τέχνη), “(a arte) cerâmica”.

<sup>231</sup> A Pécile, gr. *Poikilē Stoá* (Ποικίλη Στοά), “Pórtico coberto de pinturas” era o poiso habitual dos estóicos. Naturalmente, o que os filósofos mais precisariam de saber era a ameaça de Zeus, que pendia sobre eles e cuja execução estava fixada para o início do ano (v. *supra*).

(Página deixada propositadamente em branco)

**ANACÁRSIS OU OS GINÁSIOS**

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, o termo gr. *gümnásion* (γυμνάσιον) tem dois sentidos: 1. “ginásio”, ou seja, um edifício e respectivos anexos, destinados à prática de exercícios físicos ou de competições físico-desportivas, como luta, pugilismo, pancrácio, corrida...; 2. o próprio “exercício físico”. No plural, tem, naturalmente, os mesmos sentidos, mas aqui o contexto aponta mais para o de “exercícios físicos”. Embora tenha geralmente traduzido por “ginásio(s)”, o leitor, de acordo com o contexto, fará a conversão...

No que respeita ao título “principal”, *Anacársis*, há que dizer que se trata de um nobre da Cítia (assassinado em 548 a.C.), ávido de saber e interessado pela cultura grega, e que, por isso mesmo, percorreu meio mundo mais as diversas regiões da Grécia, onde contactou com os mais ilustres intelectuais. Heródoto, que no livro IV faz ampla referência aos Citas, menciona esta personagem nos §§76-77. No séc. IV e seguintes, passa por ser um dos “sete sábios”. Trata-se, pois, de uma personalidade real, ainda que envolvida em notícias inseguras.

Luciano imagina um diálogo entre o famoso Sólon e Anacársis, recém-chegado a Atenas, mas que já tivera ocasião de assistir a representações teatrais e aos violentos exercícios físicos e duríssimas competições que se praticavam no ginásio. É precisamente a este respeito que se desenvolve a discussão.

Anacársis fica deveras impressionado com a dureza desses exercícios, pelo que cabe a Sólon justificar a sua pertinência e a sua utilidade na formação do futuro cidadão e do eventual soldado. Sem repetir os pormenores da discussão, basta dizer que Anacársis não fica convencido e, no final, pede um dia de reflexão, a fim de afinar a sua decidida refutação: “... *se te apraz, adiegos esta conversa para amanhã, para que, por um lado, eu possa tranquilamente reflectir melhor no que tu disseste, e, por outro lado, para que possa juntar e memorizar o que devo responder-te.*”

Este debate acaba por não ter o desenlace que se esperaria, e isto em dois pontos: Em primeiro lugar, Anacársis não desenvolve cabalmente a sua refutação, guardada, como vimos, para o dia seguinte; e depois, surge — inesperadamente, diríamos — o reverso da questão, ou seja, Sólon pede a Anacársis que, por sua vez, exponha os métodos de formação dos jovens cítios. Este ponto fica também adiado, o que, no entanto, é natural, pois Luciano não se atreveria a pôr na

boca de Anacársis uma exposição sobre um assunto que ele, Luciano, certamente mal conhecia.

Para nós, modernos, esta obra complementa outras informações respeitante à educação física no tempo de Sólon. Segundo K. G. Jacob (*apud* A. M. Harmon, “Loeb”, IV), Luciano pretenderia reavivar nos Atenienses o gosto da educação física nos bons velhos tempos. A. M. Harmon rejeita essa intenção, com o argumento de que, se a obra fosse de tese sobre essa matéria, apresentar-nos-ia, no fim, o bárbaro Anacársis completamente vergado às ideias de Sólon — o que, como acima vimos, não acontece. É certo que Luciano como que promete a continuação da conversa no dia seguinte e, portanto, uma segunda obra... que não terá escrito.

Em resumo, nisto de intenções, “em que é que o Autor estava a pensar...”, há que ser cauteloso: Tal como o *Anacársis* nos aparece, ou seja, numa leitura simples, Luciano mostra-nos um bárbaro que critica asperamente a dureza e até a crueldade dos exercícios físicos, aliás com argumentos que não são de todo desprezáveis, e que — precisamente ao contrário do que julgava K. G. Jacob —, bem poderiam merecer a aprovação do... Sírio Luciano! Mas também não devemos enveredar por este novo processo de intenções...

## ANACÁRSIS OU OS GINÁSIOS

1. ANACÁRSIS — Ó Sólon, porque é que os vossos jovens procedem desta maneira, em que uns, fortemente entrelaçados, passam rasteiras aos parceiros, enquanto outros se estrangulam e se torcem uns aos outros e rastejam na lama, rebolando-se como porcos? E no entanto, logo de início, despem-se e, conforme eu vi, besuntam-se com óleo, e cada um massaja o outro, à vez e muito pacificamente. Depois, não sei lá porquê, atiram-se uns contra os outros, investindo e atacando de cabeça baixa, como os carneiros. E eis que, se um deles consegue levantar o outro pelas pernas, lança-o ao solo e, em seguida, caindo sobre ele, não o deixa levantar-se, mas atira-o para a lama. Por fim, apertando fortemente as pernas à volta da cintura do outro e aplicando-lhe o antebraço no pescoço, asfixia o desgraçado, o qual bate [com a mão] no ombro, a suplicar<sup>232</sup> — creio eu — que não o sufoque completamente. E é que nem sequer o óleo evita que se emporcalhem, mas, pelo contrário, tendo perdido a loção, todos cobertos de lama e escorrendo em abundante suor, dão-me uma grande vontade de rir, [ao vê-los] como as enguias que escorregam por entre as mãos.

2. Outros, na parte descoberta do pátio, executam os mesmos exercícios, não, porém, no meio da lama, mas, tendo posto uma funda camada de areia numa fossa, não só se salpicam uns aos outros com o pó<sup>233</sup> [da areia], mas também se cobrem propositadamente de [camadas de] pó, à maneira de galos<sup>234</sup>, a fim de ficarem — julgo eu — mais difíceis de se soltarem nas lutas corpo a corpo, uma vez que a areia impede o escorregamento e proporciona, quando seca, um agarramento mais forte.

3. Alguns, de pé e também eles cobertos de pó, atacam-se mutuamente a murro e a pontapé. Este aqui até parece que vai vomitar os dentes, o desgraçado, com a boca cheia de sangue e de areia, por ter levado um soco nos queixos, como acabas

---

<sup>232</sup> Não se trata propriamente de “suplicar”, mas um gesto convencional de se dar por vencido.

<sup>233</sup> Neste passo e em todo o texto, *kónis* (κόνις) também pode significar “cinza”.

<sup>234</sup> “à maneira de galos”: Deve tratar-se de algum aspecto da luta de galos...

de ver. E aqui o arconte — suponho, a julgar pelo manto de púrpura, que se trata de um arconte — nem sequer os separa e põe fim à luta, mas até incita e elogia o agressor.

4. Outros, em diversos lugares, fazem movimentos rápidos e saltam como se estivessem a correr, mas ficam no mesmo sítio, pulam e dão pontapés no ar.

5. Portanto, desejo saber que utilidade terá agir dessa maneira, pois, pelo menos para mim, tais procedimentos parecem-se mais com [actos de] loucura, e ninguém será capaz de me convencer de que os que assim procedem não estão fora do seu juízo.

6. SÓLON — É natural, Anacársis, que tais procedimentos te apareçam desse modo, pois são mesmo estranhos e completamente fora dos costumes da Cítia, tal como, naturalmente, a vossa educação e o vosso treinamento pareceriam ser esquisitos para nós, os Gregos, caso algum de nós a eles assistisse, tal como tu neste momento. Mas fica tranquilo, caro amigo, pois estas práticas não são de loucura, nem é por espírito de violência que estes [jovens] se agridem uns aos outros, se rebolam na lama e se salpicam [uns aos outros] de pó, mas, pelo contrário, tal procedimento tem uma certa utilidade, não isenta de prazer, e que proporciona aos corpos um vigor nada despreciando. Se, como julgo que tu farás, te demorares [algum tempo] aqui pela Grécia, dentro de não muito tempo tu próprio serás um dos que se rebolarão na lama e se encherão de pó. Assim, este procedimento parecer-te-á ao mesmo tempo agradável e proveitoso.

ANACÁRSIS — Longe disso, ó Sólon! Para vós, essas práticas podem ser úteis e agradáveis, mas se algum de vós me tratasse dessa maneira, ficaria a saber que não é em vão que nós usamos esta cimitarra à cinta...

7. Mas diz-me cá que nome dais vós a estas práticas? Que coisa diremos que estes [jovens] estão a fazer?

SÓLON —<sup>235</sup> Este espaço, Anacársis, é por nós chamado um *ginásio*, e é consagrado a Apolo Lício<sup>236</sup>.

---

<sup>235</sup> Algumas edições fazem começar aqui o §7.

<sup>236</sup> Em Atenas, havia três ginásios: o *Liceu*, dedicado a Apolo, a *Academia*, dedicada ao herói Academo, e o Cinosarges, dedicado a Hércules.



8. Quanto a estes exercícios, aquele que se pratica na lama é denominado *luta*, e há outros que também lutam cobertos de pó; e ao acto de se baterem mutuamente, de pé, chamamos nós o *pancrácio*. E temos ainda outras disciplinas atléticas, como o *pugilismo*, o [lançamento do] *disco* e o *salto*<sup>237</sup>. Com todos eles organizamos concursos, e o vencedor é considerado o melhor de entre os seus [concidadãos] e recebe os [respectivos] prémios.

9. ANACÁRSIS — E quais são esses vossos prémios?

SÓLON — Nos Jogos Olímpicos, é uma coroa de oliveira brava; nos Jogos Ístmicos, uma [coroa] de rama de pinheiro; em Nemeia<sup>238</sup>, um entrelaçado de aipo silvestre; nos Jogos Píticos, maçãs das consagradas a Apolo; e entre nós, nas Panateneias, azeite da oliveira sagrada<sup>239</sup>... Mas... porque te ris, ó Anacársis? Será porque consideras esses prémios insignificantes?

ANACÁRSIS — Nada disso, ó Sólon, mas, pelo contrário, esses prémios que tu enumeraste são altamente prestigiosos e dignos quer de provocar, em termos de generosidade, a rivalidade entre os ofertantes, quer de merecer os grandes esforços dos antagonistas pela conquista de tão grandes prémios, a ponto de, por causa de [algumas] maçãs e de uns aipos silvestres, padecerem tanto e correrem o risco de se estrangularem e se estropiarem uns aos outros, como se não lhes fosse possível conseguir com toda a facilidade a quantidade de maçãs que lhes desse na vontade, ou coroar-se de aipo silvestre ou de rama de pinheiro, sem [necessidade de] besuntarem a cara com lama ou de levarem pontapés no ventre, dados pelos seus adversários.

10. SÓLON — Mas, meu caro amigo, o que nós ambicionamos não são esses insignificantes presentes. Na verdade, eles constituem [apenas] sinais de vitória e marcas [identificativas] dos vencedores. No entanto, a glória subsequente a tais façanhas merece todos esses sacrifícios por parte dos vencedores, e por ela os que perseguem penosamente a fama até acham bem

---

<sup>237</sup> O salto era em comprimento (não em altura), e havia duas modalidades: com o atleta parado, e com “embalagem”, ou seja, executado em corrida.

<sup>238</sup> “Nemeia”, forma incorrecta, mas corrente, em vez de *Némea*. Por vezes, há que condescender.

<sup>239</sup> As oliveiras sagradas, *moríai* (μορίαι), situavam-se especialmente no Areópago e na Academia.

levar pontapés. De facto, não é possível que esta venha sem esforço, mas, pelo contrário, aquele que a ela aspira deve, logo de início, suportar as partes desagradáveis, e só então esperar um fim útil e agradável resultante dos seus esforços.

ANACÁRSIS — Com esse tal “fim agradável e útil”, que- res tu dizer, ó Sólon, que todos irão reparar neles depois de coroados e os elogiarão pela vitória, esses que, muito antes, os lamentavam pelos golpes [recebidos], enquanto estes [os vencedores] se darão por felizes por receberem maçãs e aipos silvestres em paga do seu sofrimento?!

SÓLON — É que tu ainda não conheces — digo-te eu — os nossos costumes. Dentro de não muito tempo, porém, terás sobre eles uma opinião diferente, quando fores aos nossos festivais e vires uma tão grande multidão de gente que se reúne a fim de assistir a esse espectáculo, bem como teatros apinhados de milhares de espectadores, os atletas a serem aplaudidos, e o vencedor a ser considerado como igual aos deuses.

11. ANACÁRSIS — Isso mesmo, ó Sólon, é o mais lamentável [de tudo], ou seja, o facto de sofrerem tais provações, não perante um pequeno número de pessoas, mas aos olhos de tantos espectadores e testemunhas daquela brutalidade, os quais claramente os felicitam, ao vê-los banhados em sangue e em vias de serem estrangulados pelos seus adversários. Realmente, tal é a enorme felicidade inerente à sua vitória!<sup>240</sup> Pelo contrário, entre nós, os Citas, se alguém, ó Sólon, agredir algum dos seus concidadãos, cair sobre ele e o derrubar, ou se lhe rasgar o manto, os mais velhos aplicam-lhe uma severa punição, ainda que a pessoa assim proceda perante um pequeno número de testemunhas, e não à vista de um tão grande número de espec- tadores, como tu contas que se passa no Istmo e em Olímpia. Nada disso, mas, antes pelo contrário, ocorre-me, por um lado, lamentar os lutadores por aquilo que eles sofrem, e, por outro lado, no que respeita àqueles ilustres espectadores que tu dizes que vêm de toda a parte a fim de assistir aos festivais, muito me admiro pelo facto de deixarem os seus negócios e gastarem o seu tempo em espectáculos deste género. Na verdade, não sou capaz de conceber o que é que essa ocupação tem de agradável para eles, [quer dizer,] ver pessoas a esmurrarem-se e a lutarem, a atirarem-se ao chão e a esmagarem-se uns aos outros.

---

<sup>240</sup> Nota-se bem a ironia...

12. SÓLON — Se estivéssemos, Anacársis, no período dos Jogos Olímpicos, ou dos Ístmicos, ou dos Panatenaicos, os próprios acontecimentos ensinar-te-iam que não é em vão que nós mostramos tanto entusiasmo por esses espectáculos. Na verdade, uma pessoa não seria capaz de te convencer, [só] por meio da palavra, do prazer [que se sente] com o que ali se passa, como se estivesses tu próprio em pessoa sentado no meio dos espectadores e visses as virtudes desses homens, a beleza dos seus corpos, a sua admirável condição física, os seus espantosos exercícios, a sua força irresistível, a sua coragem, o seu espírito de emulação, a sua indomável vontade e o seu indescritível ardor de [alcançar a] vitória. Sim, estou bem certo de que não deixarias de os elogiar, de gritar e de aplaudir.

13. ANACÁRSIS — Nada disso, ó Sólon. Por Zeus!, [não deixaria mas é] de rir e, mais ainda, de troçar. Na verdade, verifico que todas essas qualidades que tu enumeraste — as virtudes, a boa condição física, a beleza, a coragem — constituem para vós uma perda de tempo sem qualquer utilidade, uma vez que a Pátria não corre perigo, as vossas terras não estão a ser saqueadas e os vossos amigos e familiares não estão a ser expulsos à força. Assim, [esses jovens] são tanto mais ridículos, quanto é certo que, sendo eles, como tu dizes, os melhores, passam em vão por tamanhas provações e sofrimentos, desfigurando a sua beleza e os seus corpos enormes com areia e nódoas negras, só com o propósito de, uma vez vencedores, se tornarem donos de uma maçã ou de um ramo de oliveira brava. Sim, é-me grato recordar a toda a hora esses prémios tão importantes... Mas... diz-me cá: Todos os atletas recebem esses prémios?

SÓLON — De maneira nenhuma, mas somente um de entre todos eles, o vencedor.

ANACÁRSIS — Quer então dizer, ó Sólon, que tantos [jovens] se sujeitam ao sofrimento, na perspectiva de uma vitória incerta e duvidosa, mesmo sabendo que, afinal, o vencedor será um único, e que terá sido em vão que os infelizes dos vencidos, em grande número, terão recebido pancadas e mesmo ferimentos, e tudo em vão.

14. SÓLON — Ó Anacársis, até parece que ainda nunca reflectiste sobre a correcta governação de um Estado. Caso

contrário, não denegririas um dos nossos mais belos costumes. Se alguma vez te deres ao cuidado de conhecer a melhor forma de governar um Estado e o modo como os seus cidadãos se tornam excelentes, então elogiarás estes exercícios, o espírito de emulação que por meio deles nós cultivamos, e reconhecerás que eles possuem uma grande utilidade, quando intimamente misturados com o sofrimento, mesmo que neste momento te pareça que [tais exercícios] são inutilmente praticados.

ANACÁRSIS — E no entanto, ó Sólon, eu não vim lá da Cítia até ao vosso país, percorrendo uma tão grande extensão de terra e atravessando o vasto e tempestuoso Euxino, com outro propósito que não fosse o de conhecer as leis dos Gregos, compreender os vossos costumes e estudar a melhor forma de governação. Por isso é que eu te escolhi, de entre todos os gregos, e na qualidade de grande amigo e meu hospedeiro<sup>241</sup>, e pela tua fama, pois tenho ouvido dizer que tu és autor de leis, inventor de excelentes usos, introdutor de práticas muito úteis e, numa palavra, organizador de uma certa constituição. Portanto, não tardes em ser meu mestre e em fazer de mim teu discípulo, que, pela minha parte, ficarei sentado junto de ti, sem comer e sem beber, durante todo o tempo em que tu continues a dissertar, e escutar-te-ei, boquiaberto, falar sobre a constituição e as leis.

15. SÓLON — Meu amigo, não é possível expor todas essas matérias em breve tempo, mas, avançando por partes, ficarás a saber o que é que nós pensamos de cada uma delas: as respeitantes aos deuses, as relativas aos pais, aos casamentos e a outras matérias. Ficaremos a conhecer as leis sobre os jovens, e vou desde já expor-te como lidamos com eles, logo que começam a ter entendimento do bem e do mal<sup>242</sup>, a ficar fisicamente adultos e a suportar o sofrimento, que é para ficares a saber por que motivo os submetemos a tais exercícios e os

---

<sup>241</sup> O termo *xénos* (ξένος) significa “hóspede” e “hospedeiro”. Trata-se de uma instituição grega e de outros povos, segundo a qual o indivíduo que era recebido noutra país tinha o dever moral de retribuir o acolhimento. Como sabemos que Sólon viajou por Chipre, Egipto e (parece) regiões da Ásia Menor, Luciano pressupõe (ou sabe?) que Sólon havia sido *hóspede* de Anacársis, o qual, tempos passados, se torna *hospedeiro* do seu antigo *hóspede*.

<sup>242</sup> “do bem e do mal”: o gr. diz “do que é melhor”, *toû beltíonon* (τοῦ βελτίονος).

obrigamos a suportar a fadiga física, não apenas em função das competições e da maneira de poderem obter prémios — de facto, muito poucos, de entre eles todos, têm capacidade para os conseguir —, mas a fim de obtermos dessa actividade o que é melhor para toda a cidade e para os próprios [jovens]. Na verdade, há uma outra “competição” geral proposta a todos os bons cidadãos e uma “coroa”, não de rama de pinheiro, nem de ramo de oliveira brava, nem de aipo silvestre, mas [uma coroa] que concentra e tem em si mesma a felicidade do homem, ou seja, a liberdade de cada um em particular e da cidade em geral, a riqueza, a glória, a fruição das festividades tradicionais, a salvação das famílias e, em resumo, os maiores bens que uma pessoa poderá pedir e obter para si [provenientes] dos deuses. Todos estes bens estão entrelaçados nessa “coroa” a que me refiro, e decorrem daquela outra “competição” a que estes exercícios e sofrimentos conduzem.

16. ANACÁRSIS — Quer dizer, ó admirável Sólon, que tu, podendo enumerar-me tantos e tão grandes prémios, só me falavas de maçãs e aipos, de um raminho de oliveira brava e de rama de pinheiro?!

SÓLON — E no entanto, ó Anacársis, esses prémios já não te parecerão insignificantes, depois de escutares o que vou dizer-te. Na verdade, eles decorrem do mesmo conceito, e todos eles são pequenas partes daquela maior “competição” e da “coroa” da felicidade plena, que [atrás] mencionei. A nossa conversa, é que, não sei lá como, passando por cima da ordem [normal], incidiu sobre aqueles acontecimentos do Istmo, de Olímpia e de Nemeia<sup>243</sup>. Nós, porém — uma vez que temos vagar e que tu, como dizes, desejas ouvir —, recuaremos facilmente ao início e a essa tal “competição” geral, em função da qual eu afirmo que todos estes exercícios se realizam.

ANACÁRSIS — É melhor assim, Sólon. De facto, por esse método a nossa conversa desenvolver-se-á melhor, e talvez que, com base nesses factos, eu seja levado a deixar de trocar deles, ao ver um [atleta] todo orgulhoso por ser coroado com um ramo de oliveira brava ou um aipo silvestre... Mas, se te apraz, vamos sentar-nos acolá à sombra, naqueles bancos, para que não nos incomodem os [tipos] que gritam aos lutadores. Aliás — há que dizê-lo —, não suporto facilmente este sol

---

<sup>243</sup> V, §9, nota e “Nemeia”.

forte e ardente que incide sobre a minha cabeça descoberta. Na verdade, decidi deixar em casa o meu chapéu<sup>244</sup>, a fim de não ser o único, no meio de vós, em traje estrangeiro. Esta é a estação do ano mais cálida, pois o astro a que vós chamais *Cão* abrasa tudo, tornando o ar muito seco e ardente, e o sol, que nesta época, ao meio-dia, está a pique sobre as nossas cabeças, lança sobre os corpos um calor insuportável, de tal modo que tu, pessoa já de idade avançada, nem sequer transpiras, como eu, com este calor, nem pareces incomodado, nem procuras um sítio à sombra onde te abrigues, mas suportas facilmente o sol.

SÓLON — Na verdade, ó Anacársis, são esses sacrifícios [supostamente<sup>245</sup>] inúteis, as constantes reviravoltas na lama e os penosos exercícios ao ar livre sobre a areia, que nos proporcionam uma defesa contra os ataques do sol, pelo que não necessitamos de um chapéu que impeça os raios de nos atingir na cabeça. Vamos lá então [sentar-nos].

17. Todavia, não consideres como leis tudo o que eu te disser, a ponto de acreditares em todas as minhas palavras, mas, pelo contrário, sempre que entendas que eu não estou a falar com justeza, contradiz-me imediatamente e corrige as minhas palavras. Na verdade, não deixaremos, de toda a maneira, de obter uma de duas vantagens: ou tu, depois de expressares quantos argumentos entenderes dever opor, ficarás plenamente convencido [das minhas ideias], ou eu ficarei esclarecido de que não tenho uma opinião correcta sobre essa matéria; neste último caso, a cidade de Atenas, toda ela, não deixaria de se apressar a expressar-te a sua gratidão, porquanto, na medida em que me instruíres e me faças mudar de ideias para melhor, terás prestado à cidade o maior benefício. Na verdade, não lhe esconderei nada, mas, pelo contrário, irei daqui expor o caso publicamente e, dirigindo-me à Pnix<sup>246</sup>, direi a todos: “*Senhores Atenienses, eu redigi para vós aquelas leis que julgava serem as mais úteis à cidade. Este estrangeiro, porém* — apontando para

---

<sup>244</sup> O *pilos* (πίλος) era uma cobertura para a cabeça, uma espécie de chapéu, boné ou gorro, de feltro e de forma cónica, por vezes com uma pala à frente. Neste caso, trata-se de um chapéu típico dos cítios...

<sup>245</sup> “supostamente” está incluído no contexto, pois a *inutilidade* dos sacrifícios é atribuída, não a Sólon, mas ao seu interlocutor.

<sup>246</sup> A Pnix (ou Pnice) era, em Atenas no séc. V e 1ª metade do séc. IV, um terreno em hemiciclo, de 70 x 120 metros, onde se reunia a Assembleia do Povo.

ti, Anacársis — *que é cívico e um homem muito sabedor, fez-me mudar de ideias e ensinou-me outros princípios educativos e processos de treino muito melhores. Por isso, [proponho] que este homem seja inscrito como vosso benfeitor, e vós elevai-lhe uma estátua de bronze ao lado dos epónimos<sup>247</sup>, ou na cidade<sup>248</sup>, ao lado de Atena.*” E tu fica ciente de que a cidade dos Atenenses não se envergonhará pelo facto de ter aprendido de um bárbaro, de um estrangeiro, o que é do seu interesse.

18. ANACÁRSIS — Ah! Então era isso mesmo o que eu tinha ouvido dizer a respeito de vós, os Atenenses, [ou seja,] que vós sois irónicos<sup>249</sup> na vossa conversação! Então como é que eu, um nómada, um vagabundo, que vivo em cima de um carro, errando de terra em terra, que nunca vivi numa cidade nem, até agora, tinha sequer visitado uma, poderia dissertar sobre organização política e ensinar homens que são autóctones<sup>250</sup> e que desde há já tantos anos têm habitado em ambiente de justiça esta antiquíssima cidade... [ensinar-te] especialmente a ti, ó Sólon, [homem] que, segundo se diz, desde muito cedo se entregou a esse estudo, o de saber a melhor forma de governar uma cidade e com que leis a tornaria mais próspera? Contudo, devo confiar em ti nesta matéria, como legislador que és, e só te farei alguma objecção, se me parecer que não estás a ser correcto nalgum ponto, e isto a fim de poder aprender com maior segurança...

... Mas agora que já saímos do sol e já estamos à sombra, eis um assento muito agradável e bem apropriado, sobre esta fresca pedra... Expõe lá então, desde o começo, a tua argumentação, segundo a qual pegais nos jovens e os treinais logo desde a infância, como é que eles se vos tornam excelentes [cidadãos],

---

<sup>247</sup> Os 10 epónimos eram os dez heróis fundadores de cada uma das 10 tribos, cujas estátuas se estavam no bairro dos oleiros, o *Ceramico*. [N.: palavra grave, não esdrúxula: v. nota em *Icaromenipo*, §34.]

<sup>248</sup> “na cidade”, ou seja, na Acrópole.

<sup>249</sup> O conceito de *ironia* envolve um discurso dissimulado, em que um dos interlocutores finge não saber algo, pelo que vai interrogando o outro, enleando-o em contradições inicialmente imprevisíveis. *Ironia* é, pois, uma forma de *hipocrisia*. Neste caso, Anacársis sabe muito bem aonde Sólon pretende chegar.

<sup>250</sup> Ao contrário dos outros ramos gregos, oriundos de fora da Península Balcânica, os Atenenses passavam por ser *autóctones*, o que lhes valia um certo prestígio...

devido à lama e a esses tais exercícios e como é que o pó e as cambalhotas contribuem para a sua perfeição. Sim, é isto o que eu mais desejava desde já saber. Quanto ao resto, mais tarde e em devido tempo ensinar-me-ás cada um [desses pontos] em particular. Todavia, ó Sólon, lembra-te de uma coisa durante a tua exposição: que estarás a falar para um bárbaro. Digo-te isto, para que não compliques nem alongues os teus argumentos. De facto, receio esquecer-me dos primeiros, se depois destes vierem muitos outros.

19. SÓLON — Tu mesmo, Anacársis, regularás melhor essa questão, sempre que te pareça que o meu discurso não é muito claro ou que se desvia do tema e corre ao acaso, pois a meio dele perguntarás o que entenderes, e assim cortarás a sua extensão. Se, porém, as minhas palavras não estiverem fora do tema e afastadas do seu objectivo, nada impedirá, julgo eu, que elas sejam expressas em contínuo, pois é essa a tradição no tribunal do Areópago, que julga os nossos processos por homicídio. Realmente, sempre que [a Assembleia] sobe à colina<sup>251</sup> e se reúne, a fim de julgar crimes de homicídio, de ofensas corporais com premeditação ou de fogo posto, é dada a palavra a cada uma das partes, em que falam sucessivamente o acusador e o acusado, quer pessoalmente, quer fazendo subir [à tribuna] advogados que discursarão em sua defesa. Enquanto estes falarem sobre a causa, a Assembleia consente em escutá-los em silêncio, mas, se algum deles começar a pronunciar um exórdio antes do discurso, a fim de tornar os juízes mais benevolentes, ou se tentar suscitar piedade ou indignação alheias ao caso — procedimento que os jovens advogados usam profusamente para [influenciar] os juízes —, logo o oficial de diligências o manda calar, não o deixando divagar perante a Assembleia nem envolver o caso com palavreado, de modo que os areopagitas possam ver os factos na sua nudez.

Assim sendo, ó Anacársis, eu mesmo te nomeio, também a ti, “areopagita” no presente caso, e então escuta-me segundo as regras daquela Assembleia e manda-me calar, se perceberes que eu estou a fazer retórica. Mas, enquanto eu disser coisas pertinentes ao assunto, deixa-me alongar-me. Na verdade, não iremos ter esta conversa debaixo de sol — caso em que o

---

<sup>251</sup> Trata-se da “colina (de Ares)”, *Áreios págos* (Ἄρειος πάγος), aqui nomeada simplesmente como “colina”.



discurso se tornaria desagradável —, pois não só a sombra é espessa, como nós temos vagar.

ANACÁRSIS — Estas tuas palavras, ó Sólon, são muito razoáveis, e eu devo, desde já, agradecer-te, e não pouco, por elas, e ainda pelo facto de tu, à margem do teu discurso, me teres instruído sobre os procedimentos do Areópago, verdadeiramente admiráveis e próprios de representantes honestos que depositam o seu voto de acordo com a verdade [dos factos]. Fala, pois, de acordo com essas normas, e eu, na qualidade de “areopagita” — pois assim me nomeaste —, escutar-te-ei segundo a formalidade dessa Assembleia.

20. SÓLON — Nesse caso, deves escutar, previamente e em resumo, o que nós pensamos a respeito da cidade e dos seus cidadãos. Na verdade, nós consideramos que uma cidade não são os edifícios, como as muralhas, os templos ou os arsenais, mas que estes constituem como que um corpo sólido e firme, destinados a acolher e proteger os seus habitantes, mas é aos cidadãos que nós damos toda a importância, pois são eles que preenchem, ordenam, corporizam e preservam tudo isso, algo como é, em cada um de nós, a nossa alma. É, pois, tendo isso em consideração, que, como estás a ver, cuidamos do corpo da cidade, ornamentando-o de modo que fique o mais belo possível, quer apetrechando-o internamente de edificações, quer rodeando-o a toda a volta destas muralhas, para efeito de segurança. De modo muito especial, porém, providenciamos, antes de mais, no sentido de tornar os cidadãos espiritualmente virtuosos e fisicamente fortes, pois [pensamos que] tais pessoas, em conjunto com os outros seus concidadãos, não só farão bom uso de si próprios durante a paz, como livrarão a cidade da guerra e a manterão livre e próspera.

A sua primeira educação, confiamo-la às mães, às amas e aos pedagogos<sup>252</sup>, para que os orientem no sentido<sup>253</sup> das artes liberais e os eduquem. Mas, logo que ficam capazes de entender

---

<sup>252</sup> O pedagogo era um escravo, geralmente velho, encarregado de acompanhar o menino à escola ou ao ginásio; naturalmente, desempenhava também uma função educativa e moralizadora, mas não era nada que pudesse comparar-se com o que hoje entendemos por *pedagogo*.

<sup>253</sup> “no sentido das artes liberais”, ou “nos rudimentos de...”, e não propriamente em *plenas* artes liberais, matérias já próprias da escola. Imediatamente a seguir, “e os eduquem” refere-se simultaneamente à *alimentação* e a uma *instrução* básica.

o que está bem<sup>254</sup> e desponta neles o sentimento do pudor, o rubor [da vergonha], o temor e o desejo das mais belas acções, e logo que os próprios corpos, já mais robustos e vigorosos, pareçam aptos para [suportar] as fadigas, então nós pegamos neles nesse estado e instruimo-los, por um lado, propondo-lhes disciplinas e exercícios do espírito, e, por outro lado, habituando os seus corpos às actividades penosas. De facto, não nos pareceu suficiente que cada um fosse tal como nasceu, quer no que toca ao corpo, quer no que respeita ao espírito, mas, pelo contrário, necessitamos de lhes dar educação e instrução, por acção das quais as boas tendências inatas possam tornar-se muito melhores, e as más inclinações se transformem no melhor sentido. Tomemos o exemplo dos lavradores, os quais enquanto as plantas estão rasteiras e frágeis, as resguardam e abrigam, de modo que não sofram dano com as brisas, mas, assim que a haste fica mais grossa, cortam os ramos supérfluos e, expondo-as aos ventos, para que estes as sacudam e façam baloiçar, tornam-nas, deste modo, mais produtivas.

21. Primeiramente, agitamos-lhes o espírito através da música e da aritmética e ensinamo-los a escrever as letras e a lê-las distintamente. À medida que vão avançando [em idade], recitamos-lhes, embelezando-as com o verso, para que melhor as memorizem, as máximas de sábios, os seus antigos feitos e as suas úteis palavras. Então eles, ao escutarem certas façanhas e feitos dignos de serem celebrados, vão-se a pouco e pouco entusiasmando, vão despertando para a imitação, no sentido de serem eles próprios também cantados e celebrados pelos vindouros. Tal foi o efeito que Hesíodo e Homero produziram sobre nós.

Quando, enfim, estão prontos para a vida política e têm de participar nos assuntos comuns... Bem... talvez esta matéria esteja fora do debate, uma vez que não se trata de dizer como é que devemos, logo de início, exercitar os seus espíritos, mas sim por que motivo pretendemos exercitá-los em tais penosas actividades. Por isso, imponho silêncio a mim próprio, sem esperar pelo oficial de diligências ou por ti, “areopagita”, que —julgo eu—, por respeito [para comigo], toleras que eu continue a divagar desta boa maneira fora do tema.

---

<sup>254</sup> “entender o que está bem”: Apetecia sair da letra: “distinguir o bem do mal”. V. §15, nota a “do bem e do mal”.

ANACÁRSIS — Ora diz-me cá, ó Sólon: não existe uma multa imposta pela Assembleia para aqueles que não dizem, no Areópago, o que é estritamente necessário, mas que omitem esse elemento?

SÓLON — Porque me fazes essa pergunta? Realmente, não vejo porquê.

ANACÁRSIS — É que tu estás a passar adiante do principal e daquilo que me é mais agradável de ouvir, ou seja, o que respeita ao espírito, e entendes dissertar sobre assuntos menos necessários, como os ginásios e os penosos exercícios físicos.

SÓLON — Na verdade, meu caro, eu estou recordado das condições estabelecidas logo de início, e não desejo que a nossa conversa perca o seu rumo, de modo que a minha digressão não perturbe a tua memória. No entanto, vou, na medida do possível, falar desse ponto, mas resumidamente, pois o escrupuloso rigor da discussão desse tema seria coisa para um outro debate.

22. Formamos, pois, as suas mentes, quer ensinando-lhes as leis gerais, que estão patentes a todos, escritas em grandes letras, para que as leiam, [leis essas] que ordenam o que devem fazer e aquilo de que devem abster-se, quer por meio de contactos com homens virtuosos, com os quais aprendem a dizer [quais são] os seus deveres, a praticar a justiça, a relacionarem-se civicamente uns com os outros em pé de igualdade, a não ambicionar o que é vergonhoso, a procurar o que é honesto e a não praticar actos violentos. Estes homens são por nós denominados sofistas<sup>255</sup> e filósofos. Além disso, reunindo-os no teatro, ensinamo-los publicamente, por meio de comédias e tragédias, e pela observação das virtudes e dos vícios dos antigos, a evitarem estes e a imitarem aqueles. Permitimos aos comediógrafos que ataquem e critiquem aqueles cidadãos que eles vêem que se comportam de maneira vergonhosa e indigna da cidade, considerando não

---

<sup>255</sup> O termo *sofista* tinha inicialmente o sentido, etimológico, de “perito” (numa actividade intelectual ou mesmo manual); daí decorre o sentido geral de “sábio”, aplicado, p.ex., aos “Sete Sábios”. Na Atenas da 2ª metade do séc. V a.C., os sofistas eram sobretudo professores, bem pagos, de retórica, política e matemática. Esta última actividade, mercantil como era, e, além disso, supostamente exercida por processos nem sempre muito honestos, acarretou a estes homens uma má fama de que nunca mais se livraram. Em todo o caso, no tempo da “*Nova Sofística*” (época romana), os sofistas eram essencialmente professores de Retórica. Neste passo, Sólon ainda usa o termo na sua acepção mais prestigiada.

apenas esses cidadãos — os quais, assim criticados, se tornam melhores —, mas também a generalidade das pessoas, para que evitem serem criticadas por idênticos motivos.

23. ANACÁRSIS — Sim, Sólon, eu já vi esses actores de tragédia e de comédia a que tu te referes... se é que se trata desses mesmos, calçados com umas botas<sup>256</sup> pesadas e altas, todos garridos com fitas doiradas nas vestes, providos de uns elmos muito ridículos e com enormes bocas escancaradas. Então eles soltavam lá de dentro enormes brados e movimentavam-se, não sei lá com que segurança, sobre essas botas<sup>257</sup>. Creio que, nessa ocasião, a cidade celebrava uma festa em honra de Dioniso. Quanto aos actores cómicos, eram mais baixos que os outros, caminhavam rente ao chão, eram mais humanos e declamavam em voz mais baixa, mas os seus elmos<sup>258</sup> eram bastante mais ridículos [que os outros], e a assistência em peso ria-se à custa deles, ao passo que, no caso dos outros, os mais altos, todos os escutavam com ar sombrio, lamentando — creio eu — que eles se arrastassem com tais empecilhos [nos pés].

SÓLON — Meu caro amigo, não era a eles que [os espectadores] lamentavam, mas o poeta é que, provavelmente, expunha aos espectadores alguma desgraça antiga e entoava tragicamente para a assistência trechos lamentosos, devido aos quais os ouvintes rebentavam em lágrimas. É provável que tu, nessa ocasião, tenhas visto também uns tocadores de flauta e outras personagens reunidas em círculo e a cantar em coro. Esses cantos e essas músicas de flauta, Anacársis, também não eram inúteis.

Ora, com os espíritos excitados por todos esses processos e outros semelhantes, eles tornam-se melhores.

24. No que respeita aos seus corpos — pois era sobretudo isso que tu querias ouvir —, nós exercitamo-los do seguinte

---

<sup>256</sup> “botas”, ou seja, os *coturnos*, cujo nome técnico, *kóthornoi* (κόθορνοι) o estrangeiro desconhece, pelo que os designa por um termo aproximado. Do mesmo modo, a seguir, “elmos”. Trata-se, é claro, das máscaras trágicas, *prósōpa* (πρόσωπα).

<sup>257</sup> Esta descrição só convém aos actores trágicos, não aos cómicos, pelo que A. H. Harmon (“Loeb”) supõe que haja aqui uma lacuna... o que não é obrigatório, pois logo a seguir descreve-se a apresentação dos actores cómicos.

<sup>258</sup> V, *supra* nota a “botas”...

modo: Quando já não são tenros nem completamente flácidos, fazendo-os despir, como já disse, pretendemos com isso, em primeiro lugar, habituá-los ao ar e familiarizá-los com cada uma das estações, de modo que não fiquem incomodados com o calor nem sucumbam ao frio; depois, friccioamo-los com óleo e massajamo-los, para que se tornem mais flexíveis. De facto, seria absurdo que, por um lado, consideremos que as peles dos animais<sup>259</sup> já mortas, se tornam mais difíceis de rasgar e mais duradoiras quando amolecidas com óleo, mas que, por outro lado, não julgássemos que os corpos [das pessoas], plenos de vida, não se conservassem melhor por acção do óleo.

Em seguida, imaginámos diversas disciplinas atléticas e nomeámos professores de cada uma delas: a um [discípulo] ensinamos<sup>260</sup> pugilato, a outro o pancrácio, para que se habituem a suportar o sofrimento, a afrontar os golpes e a não recuar com medo de [sofrer] ferimentos. Este nosso processo produz neles duas vantagens utilíssimas, fazendo, por um lado, com que sejam intrépidos contra os perigos e desprezem o corpo, e, por outro lado, que sejam mais vigorosos e resistentes.

Aqueles que lutam um contra o outro de cabeça baixa aprendem a cair em segurança, a levantar-se com facilidade, a serem capazes de rechazar o adversário, de o cingir, de o dobrar, de o estrangular e de o erguer no ar, praticando exercícios de modo nenhum inúteis, mas antes adquirem uma primeira e indubitavelmente enorme qualidade: os seus corpos, assim treinados, tornam-se mais insensíveis à dor e mais resistentes; e mais uma vantagem, de modo nenhum insignificante: devido a estas práticas, ficam mais experientes, no caso de chegarem a ter necessidade destes ensinamentos em combate. De facto, é evidente um homem destes, envolvido [corpo a corpo] com um inimigo, mais rapidamente lhe passa uma rasteira e o deruba, e, no caso de cair, mais facilmente se levanta. Todas estas práticas, Anacársis, nós dirigimo-las para aquela outra luta, a luta armada, e consideramos que dispomos de muito melhores [soldados] assim treinados, se, tendo previamente massajado e posto a duras provas os seus corpos nus, os tornarmos mais fortes e mais valentes, ágeis, flexíveis, e ao mesmo tempo pesados para os seus adversários.

---

<sup>259</sup> “*peles dos animais*”: o vocábulo *skútos* (σκύτος) significa mesmo “pele de animal”, “couro”.

<sup>260</sup> “*ensinamos*”, quer dizer: “(os professores) ensinam”...

25. Já podes imaginar, creio eu, o que daí decorre, [isto é,] como é natural que eles sejam com armas [na mão], quando, mesmo nus, infundem terror aos seus adversários, sem patentear uma obesidade pesadona e alva ou uma magreza pálida, como os corpos das mulheres, murchos de [estarem à] sombra, a tremerem e, logo a seguir, a escorrerem em abundante suor, que arfariam dentro de um elmo, especialmente se ardesse um sol do meio-dia, como neste momento. Que fazer com [soldados] sequiosos, que não suportam uma nuvem de poeira, que ficam perturbados mal vêem sangue e que ficam para morrer mesmo antes de estarem ao alcance de tiro<sup>261</sup> e de se encontrarem corpo a corpo com o inimigo?

Mas estes nossos [jovens], de tez avermelhada a atirar para o negro, corados por acção do sol, têm um aspecto másculo, exibem vivacidade, ardor e coragem, brilhantes<sup>262</sup> na sua boa condição física, nem muito magros e descarnados, nem muito cheios e pesados, mas harmoniosamente formados; fizeram consumir pelo suor a parte inútil e supérflua da carne, ao passo que conservaram vigorosamente separado e puro de qualquer má substância<sup>263</sup> aquilo que dá força e elasticidade. Na verdade, aquilo que fazem os que joeiram o trigo, é o mesmo que os nossos ginásios fazem aos corpos: [aqueles] lançam ao vento a moinha e as palhas [do cereal], [assim] separando o fruto já limpo [e pronto] para ser armazenado.

26. Devido a essas práticas, é forçoso que gozem de boa saúde e resistam por muitíssimo tempo em situação de fadiga. Um tal indivíduo levará muito mais tempo a começar a transpirar e raramente ficará doente. Por exemplo, se uma pessoa lançasse fogo sobre [um monte de] trigo ainda com a palha e com a moinha — retomo o exemplo do joeirador —, a palha arderia — julgo eu — muitíssimo mais depressa, ao passo que o trigo, consumindo-se a pouco e pouco, sem levantar uma

---

<sup>261</sup> “tiro”, naturalmente no sentido de “qualquer projectil” (dardo, seta...).

<sup>262</sup> “brilhantes”, *apolámpontes* (ἀπολάμποντες) é emenda de J. F. Reitz, aceite por A. M. Harmon (“Loeb”); alguns mss. têm *apolámpontes* (ἀπολάμπτοντες), inaceitável e, ao que parece, inexistente (v. dics.: só *apoláptō*: ἀπολάπτω, que não faz aqui sentido); a lição *apolaúontes* (ἀπολαύοντες) “gozando de” (mss. N...) faz sentido, mas tem o ar de emenda “evidente”...

<sup>263</sup> “má substância”, lit.<sup>te</sup> “coisa má”, ou seja gorduras excessivas ou os famosos “humores”.

grande chama e sem ser numa única inflamação, acabaria também ele por arder totalmente, mas muito tempo depois.

Do mesmo modo, nenhuma doença e nenhuma fadiga que caíssem sobre um tal corpo o atacariam com facilidade e o venceriam. Na verdade, ele está internamente bem preparado, e o seu exterior está muito fortemente protegido contra essas situações, de modo que não passam para o seu interior, nem ele fica susceptível quer ao sol, quer ao frio, o que causaria dano ao corpo. Quanto ao dispêndio [de energia] com esses penosos exercícios, o grande calor proveniente do interior [do corpo], já de há muito preparado e disponível para uma necessidade urgente, substitui imediatamente [o consumo], espalhando-se e irrigando [os corpos], tornando-os infatigáveis por muito mais tempo, porquanto o facto de previamente se terem treinado e afadigado bastante causa, não esgotamento, mas antes incremento do seu vigor, o qual, assim reactivado, fica ainda maior.

27. Além disso, exercitamo-los para que sejam bons corredores, quer acostumando-os a aguentar longos percursos, quer tornando-os mais leves a correr rapidamente em curtas distâncias, mas o percurso não é em terreno firme e duro, mas sobre areia profunda, onde não é fácil apoiar ou firmar bem a planta do pé, que se enterra no chão movediço. Também se exercitam em transpor um fosso, se tal fosse preciso, ou qualquer outro obstáculo, ainda por cima com uma bola de chumbo em cada mão. A seguir, competem no lançamento do dardo em comprimento. Também viste lá no ginásio um certo objecto de cobre, circular, parecido com um escudo, mas sem pega nem boldrié<sup>264</sup>, que tu tentaste [levantar] lá no sítio onde ele se encontrava, e pareceu-te pesado e difícil de segurar, por ser muito liso. Ora eles lançam-no ao alto, em altura e em comprimento, rivalizando a ver quem chega mais longe e vence os outros [competidores]. Este esforço fortalece-lhes os ombros e cria músculo nos seus membros.

28. Quanto à lama e ao pó, que logo de início te pareceram coisas ridículas, escuta cá, meu caro, por que motivo os espalhamos no chão. Em primeiro lugar, para que a queda não se dê em terreno duro, mas para que eles caíam sem dano

---

<sup>264</sup> O boldrié era constituído por um jogo de correias, que permitiam manter o escudo (ou a espada) suspenso, sem o auxílio das mãos.

em terreno mole; depois, é preciso que o escorregamento [do corpo] se torne mais fácil, quando suam metidos na lama, coisa que tu comparaste às enguias, mas que não é nem inútil nem ridícula, pois isso contribui, e não pouco, para [lhes dar] força e musculatura, quando são obrigados, nestas condições, a agarrarem-se fortemente um ao outro e a manter agarrado os [adversários] escorregadios. Não cuides que é coisa de pouca monta erguer no ar, no meio da lama, um [tipo] todo suado e coberto de óleo, que procura libertar-se e escapar-se das mãos [do outro]. Todas estas práticas, como disse anteriormente, são também úteis nas guerras, se [por exemplo] for preciso levantar e remover dali facilmente um amigo ferido, ou agarrar fortemente um inimigo e projectá-lo suspenso no ar. É por isso que os exercitamos excessivamente, propondo-lhes tarefas mais penosas, a fim de serem capazes de suportar muito mais facilmente as de menor importância.

29. No que respeita ao pó, consideramo-lo útil, mas por um motivo contrário, [ou seja,] para que não escorreguem quando estão agarrados um ao outro. De facto, enquanto, na lama, se exercitam a segurar o que tenta escapar-se [ajudado] pela sua viscosidade, aqui são eles próprios que, agarrados, se habituam a escapar das mãos [do adversário], agora bem seguros e sem [grande] possibilidade de se escaparem. Além disso, o pó, espalhado [pelo corpo], passa por conter o suor abundantemente vertido e por fazer com que a força se aguarde por muito tempo, e, além disso, constitui um obstáculo a que a pessoa seja afectada pelos [fortes] ventos<sup>265</sup> que se abatem sobre os corpos nesse momento enfraquecidos e de poros abertos. Por outro lado, [o pó] remove a sujidade e torna o homem mais brilhante. Eu até gostaria de pôr lado a lado um desses [jovens] pálidos e criados à sombra, com um outro, à tua escolha, exercitado no Liceu, e então, depois de o lavar do pó e da lama, perguntar-te-ia com qual deles tu querias parecer-te. Na verdade, estou certo de que, logo à primeira vista, e sem verificares as capacidades físicas de cada um deles, preferirias ser bem constituído e robusto, a

---

<sup>265</sup> “pelos ... ventos ... corpos ... enfraquecidos e de poros abertos”: A expressão linguística parece-me confusa, e a ideia pouco clara, sugerindo que a poeira, espalhada pelo corpo transpirante, funciona como um obstáculo às agressões externas (!)...



ser um molengão e um fracalhote, muito pálido devido a falta de sangue, que fugiu para o interior [do corpo].

30. Tais são, Anacársis, as práticas em que nós exercitamos os jovens, [por estarmos] convencidos de que eles se tornarão valentes defensores da nossa cidade e de que, através deles, viveremos em liberdade, vencendo os nossos inimigos, se porventura eles nos atacarem, e infundindo respeito aos nossos vizinhos, de modo que, na sua maioria, nos sejam submissos e nos paguem tributo. Em tempo de paz, por sua vez, temos [cidadãos] muito melhores, que não ambicionam nada que seja vergonhoso nem estão virados para a insolência que deriva da ociosidade, mas sim entregues a essas actividades e continuamente ocupados nelas. Aquele bem comum e aquela plena felicidade de que atrás falei existem, quando a juventude, empenhada nos nossos melhores ideais, se mostra excelentemente preparada quer para a paz, quer para a guerra.

31. ANACÁRSIS — Quer, portanto, dizer, ó Sólon, que, no caso de os inimigos vos atacarem, vós avançais [contra eles] besuntados de óleo e envolvidos em pó, agitando os punhos contra eles, enquanto eles, é claro, se acobardam e fogem com medo de que, enquanto eles estão de boca aberta de espanto, vós lhes lanceis areia para a boca, ou lhes puleis para cima, de forma que lhes fiquéis escarranchados no lombo e envolvais as vossas pernas á volta da sua barriga e os estranguleis passando o vosso braço por debaixo do seu elmo?! Ou então, por Zeus!, eles, naturalmente, dispararão as suas setas e os seus dardos, mas os projecteis não vos atingirão, como se vós fôsseis estátuas, assim tismados pelo sol e providos de grande quantidade de sangue! Na verdade, vós não sois “caules e palha” que se deixem rapidamente vencer pelos golpes, mas, pelo contrário, só muito mais tarde e a muito custo é que vós, completamente retalhados por ferimentos profundos, mostrareis o pouco sangue [que vos restará]. É mais ou menos isto o que tu dizes, se não me enganei muito na comparação.

32. Ou armar-vos-eis com toda aquela panóplia dos actores de comédia ou de tragédia, e então, se vos for ordenada uma surtida, apetrechar-vos-eis desses “elmos”<sup>266</sup> de boca

---

<sup>266</sup> O bárbaro Anacársis, que não conhece a designação técnica das máscaras, dá-lhes o nome dos objectos mais parecidos (v. nota a “botas”, §23).

escancarada, a fim de parecerdes mais terríveis aos olhos dos inimigos, aterrorizando-os com o vosso aspecto de papão<sup>267</sup>, e também calçais, é claro, aquelas coisas altas<sup>268</sup>, pois elas, para vós fugirdes, ser-vos-ão leves, e, se perseguis os inimigos, ser-lhes-ão impossíveis de escapar, uma vez que [com elas] vós dais grandes passadas na sua direcção.

Mas vê lá bem se essas vossas práticas tão vistosas não serão antes uma frivolidade, uma brincadeira de criança, um passatempo para jovens ociosos que só querem levar uma boa vida. Se, porém, quereis ser verdadeiramente livres e felizes, precisareis de outros ginásios e de uma exercitação a sério, a das armas, e a competição não se fará de uns contra os outros com brincadeiras de criança, mas sim contra os vossos inimigos, com risco para os que procuram a virtude [bélica]. Portanto, põe de parte o pó e o óleo e ensina-os a usar o arco e a lança, em vez de lhes dardes uns dardos muito leves que são desviados pelo vento, mas, pelo contrário, que eles usem uma pesada lança, que até silva quando brandida, uma pedra que lhes encha a mão, um machado de dois gumes, um escudo de vime<sup>269</sup> na mão esquerda, uma couraça e um elmo.

33. Na presente situação, parece-me que vós estais salvos devido à benevolência de algum dos deuses, vós que ainda não sucumbistes às mãos de um pequeno grupo de tropas ligeiras que caíam sobre vós. Reparai: Se eu puxasse deste pequeno punhal que trago à cintura e investisse sozinho contra todos os vossos jovens, logo ao meu primeiro grito conquistaria todo o ginásio, pois eles fugiriam, e nenhum se atreveria a afrontar o ferro reluzente, mas antes iriam refugiar-se junto das estátuas ou esconder-se por detrás das colunas, o que seria para mim motivo de risota, ao vê-los, na sua maioria, a chorar e a tremer. Então já não os verias a todos com os corpos corados, como agora estão, todos eles ficariam de repente pálidos e mudando

---

<sup>267</sup> “aterrorizando-os com o vosso aspecto de papão”: o gr. usa o verbo (méd.) *mormolúttomai* (μορμολύττομαι), “meter medo, assumindo a figura de *Mormo*”; *Mormô* (Μορμώ) era uma figura de mulher, de aspecto horrendo, com que se metia medo às criancinhas...

<sup>268</sup> Referência não explícita, a “botas”, aliás, coturnos. V. nota a “botas”, §23.

<sup>269</sup> “escudo de vime” é uma tradução de recurso: o *gérron* (γέρρον) era um tipo de escudo usado pelos Persas, feito de vime entrelaçado e de forma quadrada...

de cor devido ao medo. Essa vossa profunda paz pôs-vos em tal situação, que não aguentais facilmente ver sequer um só penacho de um elmo inimigo.

34. SÓLON — Mas, ó Anacársis, não foi isso que disseram aqueles trácios que fizeram uma expedição contra nós, comandados por Eumolpo<sup>270</sup>. nem as vossas mulheres, que, comandadas por Hipólita<sup>271</sup>, marcharam contra esta cidade, nem quaisquer outros que entraram em guerra connosco. Na verdade, meu caro, lá porque treinamos os nossos jovens de corpo nu, não os enviamos desarmados a afrontar os perigos, mas, logo que se tornam excelentes em si mesmos, exercitam-se, a seguir, com armas, de que fazem melhor uso após aquela preparação,

ANACÁRSIS — Mas então onde é que está esse ginásio, o das armas? É que não vi nada desse género em toda a cidade... e percorri-a toda de lés a lés.

SÓLON — Pois, Anacársis, se te demorares mais tempo entre nós, poderás ver grande quantidade de armas em cada homem, das quais nos servimos sempre que necessário, bem como penachos, arneses e cavalos e cavaleiros, os quais constituem perto da quarta parte dos cidadãos. Na verdade, em tempo de paz não só é inútil andar sempre armado ou trazer uma cimitarra à cintura, como está mesmo sujeito a uma multa todo aquele que, sem justificação, envergue armamento dentro da cidade ou traga sequer armas para a via pública. Vós, porém, tendes desculpa por andar permanentemente com armas. Realmente, o facto de vós habitardes em lugares não fortificados torna-vos alvo fácil de ser atacado... e são em grande número as vossas guerras, pelo que é imprevisível quando virá alguém sobre vós, enquanto dormis, e vos derrube do vosso carro para vos matar. Além disso, a desconfiança de uns relativamente aos outros, mais o facto de vos organizardes cada um por si e sem qual lei [escrita], torna as armas sempre necessárias, de modo que estejam à mão, a fim de vos defenderdes de quem vos atacar.

---

<sup>270</sup> Eumolpo, depois de diversos episódios, foi rei da Trácia. Nessa qualidade, e devido a antigas boas relações com os governantes de Elêusis, ajudou esta cidade no conflito contra Atenas, então dirigida pelo seu rei Erecteu. Os eleusinos e os seus aliados trácios foram vencidos, e Eumolpo morreu no campo de batalha...

<sup>271</sup> Hipólita era rainha das Amazonas, povo da Trácia ou, nesta versão, da Cítia. Tendo invadido a Ática e chegado a tomar Atenas, acabaram por ser vencidas por Teseu...

35. ANACÁRSIS — Quer dizer, ó Sólon, que vós considerais inútil andar armado sem qualquer necessidade, e por isso poupais as armas, para que elas não se deterioreem nas vossas mãos, mas, pelo contrário, as guardais armazenadas, na intenção de as usardes que surge a necessidade?! No entanto, sem que algum perigo esteja iminente, afadigais os corpos dos jovens, massacrando-os e esgotando-os em suor, sem reservardes as suas forças para casos de necessidade, mas antes lançando-os inconsideradamente na lama e no pó!

SÓLON — Ó Anacársis, parece-me que tu entendes essa coisa da força física como se ela fosse semelhante ao vinho, à água ou a qualquer outro líquido. Sim, tu receias que ela, nesses penosos exercícios, escorra imperceptivelmente, como que de um jarro de loiça, e desapareça, deixando-nos o corpo vazio e seco, sem nada que o compense por dentro. Mas as coisas não se passam desse modo, uma vez que, quanto mais uma pessoa a esgota com penosos exercícios, mais ela corre lá para dentro, como na história da Hidra, se é que já ouviste falar, segundo a qual, em vez de uma cabeça cortada duas outras nasciam. Ora, se [o corpo] ficar muito tempo sem exercício e flácido, e se não tiver de reserva matéria suficiente, então será lesado pelo esforço físico e definhará, tal como acontece com o lume e a candeia: sob o efeito do mesmo sopro, em pouco tempo reavivará o lume e torná-lo-ás maior, excitando-o com a corrente de ar, ao passo que apagarás a luz da candeia, pelo facto de esta não possuir fornecimento de matéria<sup>272</sup> suficiente para resistir ao sopro, porquanto, julgo eu, [a chama] provinha de uma base<sup>273</sup> não muito forte.

36. ANACÁRSIS — Não percebo lá muito bem essa coisa, ó Sólon. Realmente, o que acabas de expor é demasiado subtil para mim, e requer uma inteligência muito viva e compreensão muito penetrante. Em todo o caso, diz-me cá uma coisa: Por que razão é que, nos Jogos Olímpicos, Ístmicos, Píticos e outros, quando, como dizes, se reúnem muitas pessoas para verem os jovens em competição, nunca instituís a luta com armas, mas antes apresentais em público os jovens nus e os mostrais a levarem pontapés e murros, e dais aos vencedores maças e

---

<sup>272</sup> “matéria”, ou seja — parece-me — o azeite.

<sup>273</sup> A “base”: o gr. diz (genit.) *tês rhízēs* (τῆς ρίζης) “raiz”: será que poderemos entender por “pavio”?

[um ramo de] oliveira brava? Sim, é importante saber por que motivo assim procedeis.

SÓLON — Realmente, Anacársis, nós consideramos que crescerá neles ainda mais o gosto desses exercícios físicos, se virem os melhores nessas práticas serem homenageados e [os seus nomes] proclamados perante os Gregos. Por isso, e na expectativa de se mostrarem despidos diante de tanta gente, cuidam da sua boa condição física, de maneira que não tenham vergonha de aparecerem desnudados, pelo que cada um faz por se mostrar digno da vitória. E quanto aos prémios, como eu disse atrás, não são insignificantes: o louvor por parte dos espectadores, o facto de [um jovem] se tornar muitíssimo famoso e apontado a dedo, e ser considerado o melhor na sua categoria. Então, e como resultado disso, muitos espectadores, ainda em idade de fazer exercício, saem dali cativados, e não pouco, pela excelência [física] e [pressupostos] esforços. Se alguém, ó Anacársis, eliminasse da vida o amor da glória, que outro bem nos restaria? Ou quem aspiraria a cometer algum feito brilhante? Agora, porém, só com estes exercícios, dar-te-iam uma imagem de como se comportariam em guerras, com armas na mão, em defesa da sua Pátria, dos seus filhos, das suas esposas e dos seus santuários, eles que, assim despidos, põem tanto ardor para vencer, [só por] um ramo de oliveira brava ou uns frutos.

37. Mas que é que tu sentirias, se assistisses a lutas de codornizes ou de galos [que se realizam] entre nós, e ao enorme entusiasmo que nelas pomos? É óbvio que ririas, sobretudo se soubesses que procedemos desses modo nos termos de uma lei, em que é ordenado a todos os jovens na flor da idade que assistam e vejam as aves lutar até ao último fôlego. Mas isto também não é ridículo. De facto, insinua-se nos seus espíritos, a pouco e pouco, o desejo ardente de afrontar os perigos, de modo que não pareçam mais ignóbeis e mais cobardes que os galos e não sucumbam logo aos ferimentos, ao cansaço ou a qualquer outra dificuldade.

No que respeita a treiná-los com armas e vê-los a serem feridos... Oh não! Realmente, seria uma coisa selvagem, horripelantemente cruel e, além disso, desvantajoso, imolar os mais excelentes e que muito melhor poderíamos utilizar contra os nossos inimigos.

38. Mas já que dizes, Anacársis, que tencionas visitar o resto da Grécia, se porventura fores à Lacedemónia<sup>274</sup>, lembra-te de que não debes trocar dos seu habitantes nem pensar que eles se afadigam em vão, quando, no teatro<sup>275</sup>, se precipitam uns sobre os outros e se batem por uma bola, ou entram para um espaço rodeado de água e, também nus, e divididos em [duas] “falanges”<sup>276</sup>, tratam-se uns aos outros como inimigos, até que uns expulsam a outra “companhia” para fora do recinto — os [da companhia] de Hércules aos de Licurgo, ou vice-versa —, precipitando-os na água. Depois deste confronto, é a paz logo a seguir, e nenhum deles agredirá [o outro]. Mas muito especialmente [não faças troça]<sup>277</sup>, se os vires a serem flagelados sobre o altar e escorrendo em sangue, na presença dos seus pais e das suas mães, que não se afligem com o que está a acontecer, mas que, pelo contrário, os ameaçam, se eles não resistirem os ferimentos, e lhes pedem que aguentem o sofrimento o máximo de tempo possível e sejam fortes contra os tormentos. Na verdade, muitos até sucumbiram nessa provação<sup>278</sup>, pelo facto de, aos olhos dos seus familiares, e ainda com vida, não terem optado por desistir e ceder ao [que pedia o] corpo<sup>279</sup>. Verás aí veneradas as suas estátuas, erigidas por Esparta a expensas públicas.

Portanto, quando vires esses procedimentos, não cuides que eles estão doidos, nem digas que sofrem tormentos sem qualquer motivo necessário, pois nem um tirano os violenta nem os inimigos os tratam daquela maneira. De facto, Licurgo, o seu legislador, poderia aduzir-te muitos e razoáveis argumentos em defesa dessas práticas, com que propósito os castiga, procedendo dessa maneira sem ser seu inimigo e sem ser por ódio, nem com o fim de debilitar a juventude da cidade, mas, pelo

---

<sup>274</sup> Lacedemónia ou Lacónia, cuja capital é Esparta, a que aqui se alude especialmente.

<sup>275</sup> “teatro”, talvez melhor “anfiteatro” ou, simplesmente, “arena”.

<sup>276</sup> “falanges”... “companhia”: termos militares propositadamente usados com referência a uma competição que imita uma luta de guerra.

<sup>277</sup> [não faças troça]: Por questão de clareza, entendi repetir a expressão, que no texto está apenas implícita.

<sup>278</sup> “provação”: O texto diz (dat.) *agóni* (ἀγῶνι) “luta”, mas o contexto mostra que se trata, não da luta, acima referida, entre as duas “falanges”, mas da flagelação a que são submetidos.

<sup>279</sup> “ceder ao [que pedia o] corpo”, *eixai tois sómasin* (εἶξαι τοῖς σώμασιν) é uma interpretação *possível*... (há outras...).

contrário, por pretender que aqueles que irão salvar a Pátria sejam o mais possível resistentes e superiores a todo e qualquer medo. Mas ainda que Licurgo não to dissesse, tu mesmo compreendes, julgo eu, que um tal [cidadão], feito prisioneiro na guerra e torturado pelos inimigos, nunca desvendaria um segredo de Esparta, mas antes, sempre a rir-se deles enquanto era flagelado, resistiria ao carrasco, a ver qual dos dois cederia.

39. ANACÁRSIS — Mas, ó Sólon, será que Licurgo também era flagelado na sua juventude, ou, pelo contrário, passado já o tempo de competir, quis brincar com essas coisas... mas em segurança?!

SÓLON — Foi já velho que Sólon, regressado de Creta, redigiu para eles essas leis. Tinha ido visitar os Cretenses, por ouvir dizer que estes eram os mais bem governados, pois Minos, filho de Zeus, tinha sido o legislador dessa terra.

ANACÁRSIS — Então, ó Sólon, porque é que também tu não imitaste Licurgo e não flagelas os jovens? Sim, esse é um belo procedimento, digno de vós.

SÓLON — É que, ó Anacársis, bastam-nos esses exercícios físicos, que são muito nossos. Nós não temos grande desejo de imitar as práticas estrangeiras.

ANACÁRSIS — Não? Mas pelo menos, julgo eu, compreendes o que é uma pessoa ser flagelada, com as mãos no ar, sem qualquer utilidade quer para si cada um [em particular], quer para a cidade em geral. Assim, também eu, se alguma vez visitar Esparta numa ocasião em que eles procedam desse modo, creio bem que serei logo publicamente apedrejado por eles, por rir deles todos um por um, aos vê-los açoitados como se fossem ladrões, pilha-mantos ou malfeitores de outra qualquer espécie. Realmente, parece-me que a cidade desses fulanos precisa absolutamente de heléboro<sup>280</sup>, por se tratar a si mesma de uma maneira completamente ridícula.

40. SÓLON — Não julgues, meu caro, que vences sozinho a causa, dissertando à revelia ou na ausência de adversários. De facto, haverá em Esparta quem, em defesa deles, refutará a tua opinião...

---

<sup>280</sup> “heléboro”, planta da família das ranunculáceas, que abrange plantas vivazes e purgativas, a que se atribuiu a propriedade de curar a loucura (“Lello”, *Dicionário Prático Ilustrado*).

... Mas agora, uma vez que eu te expus os nossos costumes, de que tu pareces não ter gostado muito, não creio [que seja] injusto pedir-te que tu, por tua vez, me exponhas de que maneira é que vós, os Cítios, treinais os vossos jovens e com que exercícios os formais e como é que eles se tornam homens excelentes.

ANACÁRSIS — Isso é inteiramente justo, ó Sólon, e eu narrar-te-ei os costumes dos Cítas, que talvez não sejam tão magníficos como os vossos, pois nós não nos arriscaríamos a levar uma única bofetada na cara, pois somos muito tímidos. Mesmo assim, [esses costumes] ser-te-ão contados tal qual são. Contudo, se te apraz, adiemos esta conversa para amanhã, para que, por um lado, eu possa tranquilamente reflectir melhor no que tu disseste, e, por outro lado, para que possa juntar e memorizar o que devo responder-te. Mas por agora, fiquemos por aqui e retiremo-nos, pois já vai sendo noite.



## Os FUNERAIS

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

O título desta obra, *Peri pénthous* (Περὶ πένθους) tem tido diversas traduções, de que saliento lat. *De Luctu* (dic. de Liddell-Scott), fr. *Du Deuil* (dic. de Bailly), *Sur le Deuil* (E. Talbot, “Hachette”, 1857), ingl. *On Funerals* (A. M. Harmon, “Loeb”). Numa versão mais abrangente, a palavra significa “dor pela morte de alguém, luto e respectivos rituais”. Logo no início, o vocábulo aparece no plural, com o claro sentido de “cerimónias fúnebres”, que, à semelhança do que faz A. M. Harmon, entendi traduzir, para o título, por *Os Funerais*.

O *Peri pénthous* parece ter sido escrito no período final da vida de Luciano, como alto funcionário imperial no Egípto, entre c. 185-c.190 d.C., como se sugere no §21 (nota a “por ter assistido”), e está claramente associada (não necessariamente no tempo) a uma outra, *Os Sacrifícios*: em ambas, Luciano critica ritos e comportamentos ancestrais, que não resistem a uma crítica fria, que os torna sumamente ridículos. Trata-se, no primeiro caso, de rituais fúnebres, e, no segundo, de cerimónias em honra dos deuses.

Logo no início (fim do §1), Luciano dá o tom: “... em primeiro lugar quero expor a concepção que as pessoas têm a respeito da própria morte, pois deste modo tornar-se-á claro o motivo pelo qual se entregam a essas práticas supérfluas”. Quer dizer que a obra terá duas partes: por um lado, os absurdos conceitos ancestrais, e, por outro, as “práticas supérfluas” ou seja, os rituais fúnebres e o comportamento dos familiares e amigos do defunto.

No §2, há uma crítica aos poetas (Homero, Hesíodo) e outros “fazedores de mitos”, que induzem as pessoas a crer piamente que “*existe um lugar nas profundezas da Terra, o Hades, muito grande, muito espaçoso, sombrio e onde não entra o sol — pelo que não sei como é que eles imaginam que são alumados, a ponto de verem todas as coisas que lá dentro existem*”. Se a primeira parte implica, da parte de Luciano, a ideia precisamente contrária, ou seja, que “*não existe...*”, a segunda mostra o ilogismo de ser possível conhecer um lugar “*onde não entra o sol...*”. Quer dizer: a contradição implica a *não-existência...*

Segue-se a descrição minuciosa do reino de Hades, apresentada como um retrato fiel da realidade. Para nós, esta descrição constitui uma espécie de “revisão” daquilo que fomos aprendendo e lendo a respeito da mitologia grega, mas, por

detrás do “repórter”, espreita o rosto sardónico de Luciano. A descrição do reino de Hades ocupa os §§2-9, após o que o Autor passa propriamente aos rituais fúnebres: “...*Sempre que morre um familiar, logo acorrem a meter-lhe um óbolo na boca, para pagamento a fazer ao barqueiro da travessia, sem previamente se terem certificado de qual a moeda legal e corrente para os do mundo inferior, ou se entre eles vigora o óbolo ático, ou o macedónico, ou o eginense, ou se não será melhor não ter com que pagar a passagem, pois deste modo, uma vez que o barqueiro não os recebe, eles, assim recambiados, regressariam à vida*” (§10). Esta observação de que os familiares desconhecem qual o óbolo corrente no Hades acrescenta-se, muito subtilmente, à descrença de Luciano sobre a realidade (?) que motiva o pagamento da “portagem”. Até se conclui, no limite, que quem não tem um óbolo... não morre, ou — *diria eu* — não tem onde cair morto!

Até ao fim (§24), Luciano “deleita-se” — vê-se a olho nu — a descrever como sendo reais uma série de ritos, costumes e crenças em que não acredita. Nalguns casos, chega a incomodar-nos uma certa insensibilidade do Autor perante a dor dos familiares e as conseqüentes e dolorosas reacções, que podem levar qualquer um ao paroxismo nervoso. Em todo o caso, conclui: “*Estes comportamentos, e outros muito mais ridículos, eis o que verificaria quem observasse o que se passa nas cerimónias fúnebres, devidos ao facto de a maioria das pessoas considerar a morte como sendo o maior dos males.*”.

Esta ideia, implícita, de que, ao contrário da crença geral, a morte *não* é o maior dos males inscreve-se num certo estoicismo *teórico* (pois!) que Luciano gosta de exhibir, a par de uma maior ou menor dose de *cinismo* e de um dose máxima de *agnosticismo* ou mesmo de *ateísmo*, conceitos eventualmente exacerbados no final da vida do Autor (se é que a obra foi escrita nesse período).

## OS FUNERAIS

1. Vale mesmo a pena observar o que faz e o que diz a maior parte das pessoas [envolvidas] nas cerimónias fúnebres<sup>281</sup>, bem como, por outro lado, o que dizem aqueles que tentam confortá-las, como é que, nas suas lamentações, consideram o acontecimento insuportável, não só para si mesmos, mas também para aqueles que são objecto das suas lamentações, sem... — por Plutão<sup>282</sup> e por Perséfone! — ... sem saberem ao certo se, para os defuntos, esse acontecimento é mau e digno de tristeza, ou se, pelo contrário, é agradável e até melhor, mas [fazem-no] apenas por atribuírem essa tristeza a um uso tradicional. Portanto, quando morre alguém, procedem da seguinte maneira...<sup>283</sup> Bem... em primeiro lugar quero expor a concepção que as pessoas têm a respeito da própria morte, pois deste modo tornar-se-á claro o motivo pelo qual se entregam a essas práticas supérfluas.

2. A turba muito numerosa, aqueles a quem os sábios chamam arraia-miúda, que acreditam em Homero, Hesíodo e outros fazedores de histórias sobre esta matéria, e que atribuem à sua poesia o valor de lei, julgam que existe um lugar nas profundezas da Terra, o Hades, muito grande, muito espaçoso, sombrio e onde não entra o sol — pelo que não sei como é que eles imaginam que são alumiados, a ponto de verem todas as coisas que lá dentro existem. [Dizem que<sup>284</sup>] é rei desse abismo um irmão de Zeus, chamado Plutão, homenageado com esta designação pelo facto de, segundo me dizia uma pessoa perita nessa matéria, ser muito rico [*plouteîn*: *πλουτεῖν*]<sup>285</sup> em

---

<sup>281</sup> “pessoas [envolvidas] nas cerimónias fúnebres”, ou seja, os familiares do defunto, e, por outro lado, as pessoas de fora “que tentam confortá-las”. Nem todos entendem deste modo...

<sup>282</sup> Plutão, ou Hades (irmão de Zeus (deus da Terra e do Céu) e de Posídon (deus do mar) é o senhor dos Infernos), raptou Perséfone (ou lat. *Proserpina*, port. *Prosérpina*), mas acabou por ter de deixá-la passar uma parte do ano no Olimpo.

<sup>283</sup> Há aqui uma interrupção propositada.

<sup>284</sup> [“Dizem que”]: as orações infinitivas do texto gr. indicam que esta e as outras afirmações sobre os Infernos não são da responsabilidade de Luciano, mas de outros...

<sup>285</sup> O deus Hades, senhor dos Infernos e irmão de Posídon (deus dos mares) e de Zeus, recebe, desde os trágicos da época clássica, o epíteto (depois transformado em nome próprio) de *Ploutōn* (Πλούτων), “rico”. Na versão de Luciano, Plutão significaria “rico... em mortos”, pois todos

mortos. Ora, [diz-se que] este Plutão organizou o seu reino e o mundo subterrâneo da seguinte forma: Foi-lhe atribuída por partilha a função de reinar sobre os mortos, e então, depois de os receber e de tomar posse deles, amarra-os com grilhões de que não podem libertar-se, não permitindo a ninguém o caminho ascendente, com excepção, ao longo de todo o tempo, de muito poucos, e esses por fortíssimos motivos.

3. O seu reino é banhado a toda a volta por rios muito grandes e temíveis, a julgar até pelos seus nomes. De facto, chamam-se *Cocitos*, *Piriflegetontes*<sup>286</sup> e nomes que tais. Mas a coisa maior é o lago Aqueronte, que se apresenta primeiro e recebe os que aí chegam, lago que não é possível atravessar nem ultrapassar sem o<sup>287</sup> barqueiro. Na verdade, é demasiado profundo para se atravessar a vau, e muito largo para se atravessar a nado; em suma, nem sequer os corpos mortos das aves<sup>288</sup> seriam capazes de o atravessar em voo.

4. Mesmo no final da descida e junto de uma porta de diamante, está postado Éaco, sobrinho do rei, encarregado da guarda, e junto dele está um cão tricéfalo<sup>289</sup>, de dentes muito afiados, que contempla de modo amigável e pacífico os que

---

os mortos vão parar ao seu reino; para outros significaria “rico... à custa dos mortos”, pois cada morto pagava a portagem de um óbolo, quantia insignificante, mas... muitos poucos fazem muito; para outros, Plutão era simplesmente “o Rico”, pois o seu reino, o reino subterrâneo, possuía inesgotáveis riquezas minerais... É claro que a especificação de rico... “em mortos” ou “à custa dos mortos” não está sequer implícita, e muito menos explícita, no epíteto, ou nome, do deus.

<sup>286</sup> “*Cocitos*, *Piriflegetontes*”: Notar a pluralização destes nomes, a qual indica “o rio X e outros idênticos”. Cocito, gr. *Kōkūtos* (Κόκυτος) “(rio das lamentações”; *Pūriphlegētōn* (Πυριφλεγέτων) “(rio de) chamas ardentes”. Não me parece que tenha interesse traduzir por “Rio das lamentações” e “Rio Flamejante”... embora a nota seja mesmo necessária.

<sup>287</sup> O artigo definido é mesmo definido: o barqueiro é o famoso Caronte.

<sup>288</sup> “os corpos mortos (ou os cadáveres) das aves”... se porventura o seu destino fosse (mas não era...) o Hades.

<sup>289</sup> o “cão tricéfalo” é o terrível Cérbero. Outras versões do mito (Hesíodo, *Teogonia*, 312) atribuem-lhe 50 cabeças, *pentēkontaképhalon* (πεντηκοντακέφαλον): “... o cruel cão do Hades, de brônzeo ladrar, de cinquenta cabeças, implacável e poderoso”. Também se representa com uma só cabeça, mas tem, tanto aí, como por todo o corpo, muitas cabeças de serpente...

chegam, mas ladra e aterroriza com aquela boca aberta os que tentam escapar-se dali para fora.

5. Aos que atravessaram o lago, e no sentido do interior da terra, espera-os uma extensa pradaria toda coberta de asfódelo<sup>290</sup> e uma nascente de água<sup>291</sup> que é inimiga da memória, a qual, por esse motivo, é denominada *Leóthēs*, “do Esquecimento”. Certamente que tudo isto foi transmitido aos antigos por aqueles que de lá regressaram, como os tessálios Alceste<sup>292</sup> e Protesilau<sup>293</sup>, Teseu, filho de Egeu e o Ulisses homérico, todos eles testemunhas respeitáveis e dignas de crédito, e que, creio eu, não beberam da [água da] nascente, pois não se recordariam dessas coisas.

6. Ora, segundo contaram aquelas personagens, Plutão e Perséfone exercem ali a governação e detêm o poder absoluto sobre tudo e todos; assessora-os uma numerosa multidão, como as Erínias<sup>294</sup>, as Penas, os Terrores, e ainda Hermes, mas este nem sempre está presente<sup>295</sup>.

7. Também têm aí lugar, como delegados, sátrapas ou juízes, duas personagens, os cretenses Minos e Radamanto, filhos de Zeus. Estes dois, quando já estão reunidos muitos homens honestos e justos, que viveram segundo os ditames da virtude,

---

<sup>290</sup> “asfódelo”, segundo o “Lello”, “planta liliácea, de raiz tuberosa e belas flores ornamentais”

<sup>291</sup> “nascente de água”, gr. *potón* (ποτόν). Também havia o Rio do Esquecimento, alimentado — presumo — por esta nascente. Logo a seguir, ocorre o termo sinónimo *pēgē* (πηγή) “fonte”, “nascente”. De toda a maneira, o texto não permite traduzir por “rio”.

<sup>292</sup> Alceste, esposa de Admeto, decidiu morrer em vez do marido. Este exemplo de amor conjugal fez com que, numa das versões do mito, Hércules a fosse buscar ao reino de Hades.

<sup>293</sup> Protesilau foi o primeiro herói grego a morrer na Guerra de Tróia. Sua esposa Laodamia (recém casada) rogou aos deuses que lhe restituissem o marido por apenas três horas, o que lhe foi concedido. Passado esse prazo, Protesilau regressou ao Hades, e Laodamia suicidou-se, a fim de acompanhar o marido.

<sup>294</sup> Erínias (forma usual, em vez da correcta *Erínies*) ou, na designação latina, *Fúrias*, terríveis entidades vingadoras e castigadoras de crimes...

<sup>295</sup> Hermes é o correio de Zeus, mas também o deus *psicopompo*, “que envia as almas” para Caronte, o barqueiro do Hades.

enviam-nos, como para formar colónia, para a planície Elísia, a fim de aí levarem uma bela vida.

8. No entanto, se recebem alguns dos criminosos, entregam-nos às Erínias, que os enviam para o lugar dos ímpios, a fim de serem punidos segundo os seus crimes. Aí, que tormentos não sofrem, torturados, queimados, devorados por abutres, dando voltas amarrados a uma roda ou fazendo rolar rochas montanha acima! Quanto a Tântalo, está de garganta seca mesmo à beira do lago, prestes a morrer<sup>296</sup> de sede, o desgraçado!

9. No que respeita aos que levaram uma vida mediana — e estes são em grande número —, vagueiam pelo prado, privados dos seus corpos, pois tornaram-se sombras, que se esvaem como fumo ao simples toque. Alimentam-se certamente<sup>297</sup> das libações que nós lhes fazemos e das oferendas sobre os seus túmulos, de tal modo, que, se algum não deixou sobre a terra um amigo ou um familiar, passa o tempo entre os outros [mortos], mas como um cadáver sem alimento e faminto.

10. Estas crenças espalharam-se tão fortemente pela maior parte das pessoas, que, sempre que morre um familiar, logo acorrem a meter-lhe um óbolo na boca, para pagamento a fazer ao barqueiro da travessia, sem previamente se terem certificado de qual a moeda legal e corrente para os do mundo inferior, ou se entre eles vigora o óbolo ático, ou o macedónico, ou eginense, ou se não será melhor não ter com que pagar a passagem, pois deste modo, uma vez que o barqueiro não os recebe, eles, assim recambiados, regressariam à vida<sup>298</sup>.

11. Em seguida, depois de os lavarem — como se o lago inferior não fosse suficientemente grande como “lavadouro” para os que ali chegam —, depois de lhes untarem o corpo com o mais refinado perfume, contra o mau cheiro que já

---

<sup>296</sup> “morrer”: o verbo, *apothaneîn* (ἀποθανεῖν), é aqui bem irónico...

<sup>297</sup> “certamente”: assim traduzi a partícula *ára* (ἄρα), que neste contexto exprime a certeza presumida dos... crentes, mas também, ironicamente, a dúvida de Luciano.

<sup>298</sup> Num dos *Diálogos dos Mortos* (22 ou, na “Loeb”, 2), o cínico nega-se a pagar, por não possuir mesmo um óbolo, pelo que sugere a Caronte que o leve de novo para a vida...



começa a apoderar-se [deles] e de os coroarem com as mais belas flores, expõem-nos brilhantemente vestidos, obviamente para que não tenham frio durante a viagem, nem apareçam nus diante de Cérbero.

12. Depois disto, vêm os gemidos e as lamentações das mulheres, lágrimas por todo o lado, murros no peito, cabelos arrependados e faces ensanguentadas; eventualmente, rasgam-se vestes e espalha-se cinza por sobre a cabeça, enfim, os vivos são mais dignos de dó que o morto. Sim, enquanto aqueles se rebolam repetidamente por terra e batem com as cabeças no chão, este, numa atitude serena, belo e profusamente coroado, jaz ali, ao alto num estrado e elevado no ar, como se fosse ataviado para uma procissão.

13. Seguidamente, a mãe — ou, por Zeus!, o pai, que avança por entre os familiares e se abraça a ele (admita-se que se trata de alguém jovem e belo, para que o drama seja mais lancinante) —, solta<sup>299</sup> gritos bizarros e insensatos, aos quais o morto saberia (como) responder, se recuperasse a fala. Então o pai, numa toada gemebunda e alongando cada uma das palavras<sup>300</sup>, dirá: *“Meu filho queridíssimo, apartaste-te de mim, estás morto, foste-me arrebatado antes de tempo, deixando-me só, infeliz de mim, sem teres casado, sem teres gerado um filho, sem teres feito a tropa, sem teres cultivado a terra, sem teres chegado à velhice! Nunca mais andarás em farras debochadas<sup>301</sup>, nunca mais farás amor, meu filho, nem te embriagarás nos banquetes com os da tua idade!”*

14. São estas e outras palavras do mesmo género que ele dirá, cuidando que o seu filho ainda precisa dessas coisas e as deseja mesmo depois de morto, mas que não pode alcançá-las... Mas para que digo eu tais coisas? Sim, quantos não imolaram cavalos, concubinas, e outros até mesmo os seus escanções, e queimaram ou enterraram juntamente [com o morto] um seu

---

<sup>299</sup> “solta”: considero que o sujeito do verbo é a mãe, a que se segue, no período seguinte, a reacção do pai. Em todo o caso, há aqui um “emaranhado” que dificulta a interpretação.

<sup>300</sup> “alongando cada uma das palavras”, ou seja (imaginemos): *meu fiilho...*

<sup>301</sup> “*andarás em farras debochadas*”: o gr. *kōmázō* (κομάζω) pode ter diversas conotações (algumas mencionadas a seguir): farra, vaguear pelas ruas toda a noite, embriagado, cantando com acompanhamento de flauta, deboche... enfim, o choroso pai até isso recorda como sendo preferível à morte.

vestido ou qualquer outro ornamento, como se [o defunto] pudesse usá-los e deles gozar lá em baixo?!

15. Mas não creio que seja pelo filho que o ancião se lamenta desta maneira, [dizendo] tudo quanto eu acabo de mencionar, e ainda muito mais — pois ele sabe que o filho não o escutará, nem que ele tivesse uma voz mais forte que a de Estentor<sup>302</sup> —. nem sequer por si próprio, porquanto [neste caso] bastaria pensar e sentir, sem aquela gritaria. Realmente, ninguém precisa de gritar a si próprio. Resta, pois, que é por causa dos assistentes, que ele diz aquelas tolices, sem saber o que aconteceu ao filho, nem para onde é que ele foi, ou melhor, sem analisar o que é a vida, pois deste modo já não teria dificuldade em suportar, como um dos males, a saída deste mundo.

16. Então o filho, tendo obtido de Éaco e de Aidoneu<sup>303</sup> permissão para, por um momento, espreitar pela boca do túmulo e interromper as asneiras do pai, dir-lhe-ia: *“Ó infeliz criatura, porque gritas tão alto? Porque me incomodas? Deixa de arrepelar os cabelos e de retalhar a pele do rosto. Porque me insultas e me chamas infeliz e desventurado, a mim que fiquei muito melhor e mais venturoso do que tu? Que coisa terrível julgas que me aconteceu? Será porque não cheguei a velho como tu, de cabeça calva, de rosto cheio de rugas, todo curvado, de joelhos trémulos... em resumo, degradado pelo tempo, depois de teres cumprido muitas trintenas<sup>304</sup> e muitas olimpíadas, e por fim desvairando diante de tão grande número de testemunhas? Ó insensato, que bem julgas tu que existe ao longo da vida, de que nunca mais possamos<sup>305</sup> gozar? É claro que vais responder-me [que são] as bebedeiras, as jantaradas, as vestes, o amor, e então receias que eu me sinta perdido<sup>306</sup>, por falta de tudo isso. Será que não compreendes que*

---

<sup>302</sup> Estentor, guerreiro em Tróia, possuía uma voz “brônzea”, mais forte que a de 50 guerreiros juntos (Homero, *Iliada*, V, 785).

<sup>303</sup> “Aidoneu” é outro nome (poético) de Hades ou Plutão.

<sup>304</sup> “trintenas”, ou seja, períodos de 30 dias, “meses”. O autor, para simplificar, considera o mês lunar de 30 dias, embora houvesse, no tempo e no espaço, grande confusão de calendário...

<sup>305</sup> “possamos”: ou plural majestático = “(eu) possa”, ou generalizante: “nós (os mortos) possamos”.

<sup>306</sup> “me sinta perdido”: *apólōmai* (ἀπόλωμαι)... mas não devemos omitir o sentido próprio do verbo: “que eu morra” (!), pelo que, tratando-se de um morto, há aqui uma conotação irónica.

*o não ter sede é muito melhor que o beber, que o não ter fome é muito melhor que o comer, que o não ter frio é muito melhor que ter roupa com fartura?*

17. *Pois bem: Uma vez que pareces não saber [como] chorar um morto com mais verde, vou ensinar-te. Então, começando pelo princípio, grita: “Meu pobre filho, tu nunca mais terás sede, nunca mais terás fome, nunca mais terás frio! Deixaste-me, infeliz de ti, assim evitando as doenças! Já não temes a febre, os inimigos, os tiranos! O amor já não te afligirá, as relações amorosas já não te atormentarão, nem te esgotarás nessa actividade duas ou três vezes por dia! Oh que calamidade! Não serás desprezado... se chegasses a velho, nem serás olhado pelos jovens como um empecilho!”*

18. *Se te exprimires deste modo, meu pai, não achas que falarás com mais verdade e com mais coragem do que daquela outra maneira? Ou não será que te afligires, ao imaginar as trevas e a profunda escuridão em que nós<sup>307</sup> estamos, e além disso receias que eu sufoque encerrado no túmulo? Quanto a este ponto, deves raciocinar [pensando] que, como os meus olhos irão apodrecendo ou, se assim o decidires, serão cremados dentro de pouco tempo, não necessitaremos nem de escuridão, nem de ver a luz. Mas isso talvez ainda seja aceitável...*

19. *Mas de que me servem as vossas lamúrias, esses murros no peito ao som da flauta e o desconchavo das mulheres na lamentação? Ou a pedra coroada sobre o meu túmulo? Ou de que vale verter [sobre ele] vinho puro? Porventura acreditais que ele virá gotejando até nós e chegará ao Hades? No que respeita às oferendas, vós mesmos vedes, creio eu, como a parte mais saborosa do que foi preparado escapa-se para o céu, levada juntamente com o fumo, não servindo de nada aos que estão cá em baixo, e o que resta, a cinza, é inútil... a menos que acrediteis que nós nos alimentamos de pó. O reino de Plutão não é assim tão desprovido de sementes e de frutos, nem temos tanta falta de asfódelo, que tenhamos de mandar vir alimento aí de vós. Assim sendo, por Tisífone,<sup>308</sup> há muito que tinha vontade de rir às gargalhadas do que vós fazíeis*

---

<sup>307</sup> “nós”, plural generalizante = “nós (os mortos)”, ou (aqui, de preferência) plural majestático = “eu”. Note-se que, um pouco abaixo, o jovem diz *necessitaremos*, claramente como plural majestático.

<sup>308</sup> Tisífone é uma das três Erinias (divindades infernais).

e dizíeis... mas impedia-me [de o fazer] o lençol de linho e as ligaduras de lã com que me atastes os queixos.”

20. *E ditas estas palavras, || a fatal morte o cobriu*<sup>309</sup>.

Por Zeus! Se o morto voltando-se [para nós] e, apoiado no cotovelo, dissesse estas palavras, não julgaríamos que tinha falado com toda a razão? E no entanto, esses imbecis gritam e, mandando vir um especialista em *trenos*<sup>310</sup>, que tenha uma grande coleção de desgraças antigas, usam-no como comparsa e chefe de coro nesta doidice, iniciando a lamúria, logo que ele dá o sinal de iniciar o canto.

21. Até aos cantos fúnebres, esta regra de estupidez é a mesma por toda a parte. Daqui em diante, porém, [os homens] optam por modos de sepultura conforme os povos: o Grego incinera [os cadáveres], o Persa enterra-os, o Índio mete-os em caixões de cristal<sup>311</sup>, o Cita come-os, o Egípcio embalsama-os. Este último — digo-o por ter assistido<sup>312</sup> — seca o morto e fá-lo seu comensal de comida e bebida. Muitas vezes, quando um egípcio precisa de dinheiro, um irmão ou um pai [embalsamados] resolvem-lhe a dificuldade, servindo de fiador nessa situação crítica<sup>313</sup>.

---

<sup>309</sup> Homero, *Iliada*, XVI, 502. O verso homérico significa, aqui, que o morto-vivo (vivo por uns momentos) regressou ao estado de defunto.

<sup>310</sup> O treno, *thrēnos* (θρήνος) é um canto fúnebre em versículos entoados num dos modos chamados frígio” ou “cário”. Havia especialistas nestas composições, os *thrēnōdoi* (θρηνοδοί), os quais, chamados e pagos pela família do defunto, dirigiam o coro. Este subgénero subsistiu ao longo dos tempos, com a designação medieval e moderna de *moiróló(g)í(on)*, e está maravilhosa e sentimentalmente expresso no *Epitáphios* do grande poeta grego Giánnis Ritsos (1909-1990).

<sup>311</sup> “cristal” (?), “feldspato” (?), “vidro” (?), “pedra transparente (v. a seguir). Transcrevo (por me parecer aplicável) a nota de Maria de Fátima Silva a Heród., III, 24: “O grego ὕαλος, que viria a aplicar-se ao vidro, exige aqui uma tradução um pouco mais vaga, pois não é lógico pensar que Heródoto julgasse o vidro matéria-prima que podia recolher-se do solo em quantidade”. No seu pensamento estaria qualquer outro produto que não é fácil de identificar.” Deve, pois tratar-se de uma rocha susceptível de ser polida... e aqui o feldspato seria um bom candidato...

<sup>312</sup> “por ter assistido” sugere o período final da vida de Luciano, como alto funcionário imperial no Egípto, entre c. 185-c.190 d.C.

<sup>313</sup> Luciano deve basear-se em Heródoto, II, 136, que diz que, no Egípto, numa época em que havia muito pouco dinheiro em circulação, as múmias, segundo uma lei de recurso, podiam servir de fiador, com umas

22. No que respeita a túmulos, pirâmides, colunas e epitáfios, que duram pouco tempo, como não julgá-los supérfluos e semelhantes a brinquedos de criança?

23. Mas mesmo assim, alguns [povos] instituíram jogos e recitam orações fúnebres junto dos sepulcros, como se estivessem a discursar e a testemunhar em defesa do defunto junto dos juízes infernais.

24. No fim de tudo isto, vem o banquete fúnebre, onde estão presentes os familiares, que consolam os pais do finado e os convencem a comer qualquer coisa, sem que, por Zeus!, isso lhes desagrade e sejam a tal forçados, mas, pelo contrário, [por estarem] prestes a sucumbir a uma fome de três dias seguidos. E dizem: *“Até quando, ó homem!, nos lamentaremos? Deixa descansar os espíritos<sup>314</sup> do bem-aventurado. Mas se estás firmemente decidido a continuar a chorá-lo, por isso mesmo é que não deves ficar sem comer, para resistires à grandeza da dor.”* Então, então sim!, são por todos recitados estes dois versos de Homero:

*A de belas tranças Níobe || da comida se lembrou.*<sup>315</sup>

e ainda:

*Não é de ventre vazio, || que os Aqueus choram um morto.*

Então os pais tomam alguma coisa, logo de início envergonhados, com receio de parecerem, depois do falecimento dos seus entes mais queridos, apegados às paixões humanas.

Estes comportamentos, e outros muito mais ridículos, eis o que verificaria quem observasse o que se passa nas cerimónias fúnebres, devidos ao facto de a maioria das pessoas considerar a morte como sendo o maior dos males.

---

regras muito estritas e severas, que obrigavam o devedor a pagar, mas que também defendiam o credor. É melhor ler o referido passo de Heródoto.

<sup>314</sup> Os “espíritos”: Talvez (v. A. M. Harmon, “Loeb”) os manes, na concepção romana...

<sup>315</sup> Homero, *Iliada*, XXIV, 602; O v. seguinte é da *Iliada*, XIX, 225.

(Página deixada propositadamente em branco)

## AS IMAGENS

(Página deixada propositadamente em branco)



## INTRODUÇÃO

Como questão prévia, válida para esta obra e para a seguinte (*Em Defesa das Imagens*), há que notar o sentido propositadamente abrangente do termo *eikōn* (εἰκόν): “imagem”, “representação plástica”, ou seja, “retrato”, “pintura (em tela)”, “tela”, “quadro”;+ mas também “estátua”... e outros mais (v. dics.). Nesta obra, e também na seguinte, estão presentes os sentidos de “retrato (em tela)” e “estátua”, mas também, no contexto desta obra (e da seguinte), está presente o sentido de “descrição literária de uma pessoa”, ou seja, “retrato literário” — processo pouco usual na literatura grega, e ainda menos usual na forma de diálogo. Por todas estas dificuldades, entendi verter o título por um termo igualmente abrangente.

Em resumo, trata-se do retrato, não plástico, mas *literário*, da jovem e formosa Panteia, cidadã de Esmirna, amante, ou favorita, de Lúcio Vero (130-169), imperador co-regente com seu irmão adoptivo, o célebre Marco Aurélio. Viveu na Ásia Menor entre 162 e 166, onde conheceu a jovem por quem se apaixonou.

Este retrato literário assume a forma de diálogo entre Licino (obviamente Luciano) e o seu amigo Polístrato.

Licino declara ao seu amigo que ficara deslumbrado, literalmente siderado, ao encarar com uma formosíssima jovem, cuja identidade não pode precisar, limitando-se a reproduzir o comentário de um “mirone” (§2): “*Sim, são estas as belezas de Esmirna! Não é de admirar que a mais bela das cidades da Jónia tenha produzido a mais bela mulher.*” Desta imprecisão nasce o pedido de Polístrato, para que Licino faça da criatura uma descrição que lhe permita identificá-la. Para tal conseguir, Licino invoca as imagens plásticas de diversas divindades, junta-as todas, e daí resulta uma figura que, finalmente (§10), Polístrato identifica como “*a famosa amante do Imperador*”, uma vez que não só é da mesma cidade que a formosa senhora, como é mesmo das suas relações. Mesmo assim, em vez de dizer, de uma vez por todas, o nome da criatura (nunca ocorre, nem nesta obra, nem na seguinte), limita-se a propor uma espécie de adivinha (§10): “*É um nome extremamente gracioso e encantador, pois é homónimo do daquela formosa esposa de Abradatas...*”. É claro que, para os prováveis leitores desta obra, e daquele tempo (imediatamente publicada!), *branco é, galinha o põe...*

Ora — feliz “truque” de autor —, Polístrato lembra a Licino que um retrato não deve incidir somente nas qualidades físicas (11): *“A beleza perfeita é, julgo eu, quando a virtude da alma se conjuga com a formosura do corpo.”* E daí resulta uma longa descrição (§§12-21) feita agora por Polístrato (que bem conhecia a senhora), que mostra as qualidades “não visíveis” de Panteia. E o mesmo termina, fazendo a síntese do que deve ser um retrato completo, que reúne as belezas física, intelectual e moral (23): *“Quadro mais duradouro que os de Apeles, de Parrásio ou de Polignoto, será para ela muito mais agradável, porquanto não é feito nem de madeira, nem de cera, nem de cores, mas está representado segundo as [diversas] inspirações das Musas, e constituirá um retrato mais fiel [da pessoa], ao representar conjuntamente a beleza do corpo e a virtude da alma.”*

Veremos, no opúsculo seguinte, *Em Defesa das Imagens*, que os elogios de Licino (não os de Polístrato) não foram bem recebidos pela destinatária...

## AS IMAGENS

1. LICINO — Aqueles que [alguma vez] encararam com a Górgone<sup>316</sup>, ó Polístrato, certamente que experimentaram algo parecido com o que recentemente me aconteceu, ao deparar com uma mulher formosíssima. De facto, pouco faltou para que eu, paralisado de espanto, à semelhança daquela figura do mito<sup>317</sup>, me transformasse de homem em pedra.

POLÍSTRATO — Por Hércules!, falas de uma visão bem prodigiosa e terrivelmente violenta, se de facto, tratando-se de uma simples mulher, ela foi capaz de espantar até mesmo<sup>318</sup> Licino. Realmente, tu tens muito mais facilmente esse sentimento causado pelos rapazinhos, de maneira que seria mais rápido alguém deslocar todo o [monte] Sípilo<sup>319</sup>, do que afastar-te de estar sempre no meio desses formosos [meninos], de boca aberta e, frequentemente, mesmo chorando, tal como aquela, a filha de Tântalo. Mas agora diz-me cá quem é e de onde vem essa nossa “Medusa”<sup>320</sup> petrificadora, para que também nós<sup>321</sup> possamos vê-la. Na verdade, julgo eu, não nos recusarás ciosamente esse espectáculo nem ficarás com inveja de nós, se porventura, ao olharmos de perto para ela, ficarmos paralisados, tal como tu.

LICINO — Pois convém que saibas, e bem, que, mesmo que a olhasses só que fosse de um ponto afastado, ela te deixaria boquiaberto e mais imóvel que as estátuas. Isso, porém, talvez ainda fosse o [efeito] mais inócuo, e o trauma menos fatal, se fosses tu a olhar para ela; mas, se fosse ela a olhar para ti, que processo haveria de te livrares dela? Na verdade, ela amarrar-te-ia

---

<sup>316</sup> As Górgones (ou Górgonas) eram três entidades terríveis... O singular, Górgone (ou Górgona) era aplicado especialmente a uma delas, Medusa... (v. nota *infra*, a “Medusa”).

<sup>317</sup> Alusão a Níobe. V. nota a “Sípilo”, *infra*.

<sup>318</sup> “até mesmo” é o sentido de *kai* (καί), pois, segundo o seu interlocutor (v. a seguir), Licino (Luciano) não era pessoa facilmente sensível aos encantos femininos, pois a sua “orientação” ia toda para os “rapazinhos”.

<sup>319</sup> Monte da Lídia, no qual Níobe, filha de Tântalo, foi transformada. Mesmo petrificada, Níobe continua a verter lágrimas vindas do interior do rochedo.

<sup>320</sup> Medusa é uma das Górgones; as outras duas são Esteno e Euriale.

<sup>321</sup> “nós”, plural majestático = “eu”, ou então “generalizante” = “nós, as outras pessoas todas”. O mesmo a seguir...

e arrastar-te-ia para onde muito bem entendesse, da mesma maneira que a pedra de Hércules<sup>322</sup> faz ao ferro.

2. POLÍSTRATO — Ó Licino, deixa mas é de inventar uma tal beleza prodigiosa, e diz-me antes quem é essa mulher.

LICINO — Julgas então que eu me excedi naquilo que disse, eu que, quando tu a vires, receio bem parecer-te um fraco encomiasta, e que ela te aparecerá bastante superior? Todavia, não poderei dizer-te quem ela é, mas era numeroso o seu séquito, e brilhante o restante aparato à sua volta, com uma multidão de eunucos, jovens servas em grande número, em suma, a coisa tinha todo o aspecto de estar bem acima da condição vulgar.

POLÍSTRATO — Mas nem ao menos te informaste do seu nome, de como ela se chamava?

LICINO — Não... a não ser uma coisa: que é da Jónia. De facto, um dos mirones, tendo-a fixado bem, disse para o vizinho, quando ela passou perto: “*Sim, são estas as belezas de Esmirna! Não é de admirar que a mais bela das cidades da Jónia tenha produzido a mais bela mulher.*” Pareceu-me que aquele que assim falou era também natural de Esmirna, tão orgulhoso estava da criatura.

3. POLÍSTRATO — Ora bem: Já que te comportaste mesmo como uma pedra<sup>323</sup>, não seguindo a mulher, nem perguntando ao esmirnense quem ela era, pelo menos descreve-me por palavras a sua aparência, qualquer que ela seja, pois talvez assim eu possa reconhecê-la.

LICINO — Estás consciente da grandeza do que me pedes? Não está ao alcance das palavras, e muito menos das minhas, reproduzir uma imagem tão admirável, de que dificilmente pareceriam capazes um Apeles<sup>324</sup>, um Zêuxis ou um Parrásio,

---

<sup>322</sup> A “pedra de Hércules”, ou “... de Magnésia”, gr. *Hērakleia / Magnēsia / líthos* (Ἡρακλεία / Μαγνησία / λίθος) é o íman, ou magnete, que para os antigos era visto como tendo propriedades de explicação misteriosa. Para Tales de Mileto, a “pedra de Magnésia” possui alma, pelo facto de deslocar o ferro” (v. G. S. Kirk, *Os Filósofos Pré-socráticos*, trad, port., Fundação Calouste Gulbenkian).

<sup>323</sup> Não se trata da “pedra de Hércules” (v. nota *supra*), mas de alusão ao estado “petrificado” em que Licino diz ter ficado, ao fixar a bela.

<sup>324</sup> Apeles, Zêuxis e Parrásio: pintores; Fídias e Alcámenes: escultores. Estes nomes referem-se, não tanto aos próprios artistas, mas a “artistas como...”.

ou então um outro Fídias ou um Alcâmenes. Eu, porém, pela fraqueza da minha arte, aviltaria o original.

POLÍSTRATO — Mesmo assim, ó Licino, qual era a sua aparência? Realmente, não é arriscada essa ousadia, se sugerires a sua imagem a um tipo teu amigo, quanto mais não seja, em linhas gerais.

LICINO — Em todo o caso, creio proceder de maneira mais segura, chamando para este empreendimento um desses antigos artistas, a fim de serem eles a representar a nossa mulher.

POLÍSTRATO — Como é isso que dizes? Então como é que eles viriam até ti, se morreram já há tantos anos?

LICINO — Muito facilmente, desde que não receies responder-me.

POLÍSTRATO — Só tens de perguntar.

4. LICINO — Já alguma vez, ó Polístrato, te deslocaste a Cnido?

POLÍSTRATO — Claro que sim.

LICINO — Nesse caso, viste certamente a Afrodite lá do sítio?

POLÍSTRATO — Sim, por Zeus!, a mais perfeita das obras de Praxíteles.

LICINO — Mas também ouviste falar da história que os naturais contam a respeito dela, [a saber,] que um certo [jovem], tendo-se apaixonado pela estátua, se introduziu furtivamente no templo e terá tido relações, na medida do possível, com a estátua. Bem... mas isso será contado noutra ocasião<sup>325</sup>. Mas agora tu — já que, segundo dizes, viste esta [estátua] —, chega-te cá e responde-me se também já viste a [Afrodite] de Alcâmenes nos Jardins de Atenas<sup>326</sup>.

POLÍSTRATO — Ó Licino, eu seria realmente o mais insensível de todos [os homens], se tivesse menosprezado a mais bela das obras de Alcâmenes.

LICINO — E já não vou perguntar-te<sup>327</sup> uma outra coisa, ó Polístrato, que é se subiste muitas vezes à Acrópole e lá tens visto a *Sosandra* de Cálamis<sup>328</sup>.

<sup>325</sup> V. a história, com mais pormenor, em *Amores*, §§15-16.

<sup>326</sup> Esta estátua estava fora das muralhas, em frente do estádio.

<sup>327</sup> “já não vou perguntar-te”... mas pergunto: um exemplo de *paralipse*, “figura de retórica pela qual se finge querer omitir o que todavia se vai dizendo” (“Morais”).

<sup>328</sup> “*Sosandra* de Cálamis”: Cálamis (c. 480 - c. 450 a.C.), escultor famoso, do qual não restam obras identificáveis como tal. Quanto a *Sosandra*, é para nós uma ilustre desconhecida, embora seja especialmente nomeada num dos *Diálogos das Cortesãs*, III, “Filina e sua mãe”.

POLÍSTRATO — Sim, também vi muitas vezes essa.

LICINO — Pois já bastam estas... Mas, de entre as obras de Fídias, qual é que mais elogias?

POLÍSTRATO — Que outra, senão a [*Atena*] *Lémnia*<sup>329</sup>, na qual Fídias se dignou inscrever o seu nome? E também, por Zeus!, a sua *Amazona* apoiada na lança.

5. LICINO — Essas, companheiro, são as mais belas, pelo que não precisamos de outros artistas. Então vejamos: Agora, tendo-as combinado o melhor possível, apresentar-te-ei, com base em todas elas, uma única imagem, que possua a excelência de cada uma [em particular].

POLÍSTRATO — E como é que isso se fará?

LICINO — Não é difícil, ó Polístrato, se, a partir daí, entregarmos as imagens à Eloquência e lhe permitirmos que transponha a beleza, que a componha e que a disponha o mais harmoniosamente possível, respeitando simultaneamente o conjunto e a variedade.

POLÍSTRATO — Dizes bem. Então, que ela [a Eloquência] lance mãos à obra e mostre [o que vale]. Sim, quero saber o que é que ela fará com esses elementos, ou como é que, juntando tanta coisa numa só, produz uma imagem que não seja incoerente.

6. LICINO — Pois bem, ela já vai facultar-te observar essa imagem à medida que se vai formando, fazendo a mistura seguinte: Da [*Afrodite*] que vem de Cnido toma somente a cabeça, pois não vai precisar do resto do corpo, que está despido; no que respeita à cabeleira, ao rosto e ao o belo traçado das sobranceiras, deixá-los-á ficar tal qual Praxíteles os fez, e no que toca à ternura dos olhos, juntamente com o seu brilho e a sua graciosidade, também isso a eloquência manterá, segundo o gosto de Praxíteles. As maçãs e toda a parte da frente do rosto serão tomadas de Alcâmenes e da [*Afrodite*] dos Jardins [de Atenas]. Além disso, as pontas das mãos, a harmonia dos pulsos e a flexibilidade dos dedos a terminarem muito finos, também serão da [*Afrodite*] dos Jardins. A [*Afrodite*] *Lémnia*, de Fídias, fornecerá o contorno de todo o rosto, a delicadeza da face e o seu nariz bem proporcionado. Além disso, ela [a

---

<sup>329</sup> “Atena Lémnia”, estátua de bronze, de que nos chegaram algumas cópias em mármore, foi oferta feita aos Atenienses (c. 450 a.C.) pelos colonos atenienses da ilha de Lemnos.

eloquência] tomará da *Amazona* a linha dos lábios e o pescoço. A *Sosandra* e *Cálamis* ornamentá-la-ão com toda a decência, e o seu sorriso será grave e contido, tal como o daquela; também serão de *Sosandra* a simplicidade e o decoro do seu vestuário, com excepção da cabeça, [que ficará] descoberta. E quanto à medida da altura, ficará muito próxima da [Afrodite] de Cnido. Realmente, este aspecto deve ser medido segundo Praxíteles.

Que é que te parece, ó Polístrato? A imagem sairá bela?

POLÍSTRATO — Com certeza... desde que esteja completamente acabada...

7. ...<sup>330</sup> Mas, tu, o mais generoso de todos [os homens], ao teres reunido todos os elementos num só, deixaste de lado um certo tipo de beleza, que está excluído da tua estátua.

LICINO — Que tipo [de beleza]?

POLÍSTRATO — E não foi o menos importante, meu querido amigo... a não ser que aches que pouco contribuí para a beleza a cor adequada a cada parte, de modo que o negro fique exactamente negro, o branco tão branco como deve ser, que o vermelho sobressaia, e assim por diante. Assim, a nossa obra] arrisca-se a precisar ainda do mais importante.

LICINO — E onde iremos nós arranjar tais coisas? Ou será que, naturalmente, chamaremos os pintores, especialmente aqueles que se tornaram os melhores a misturar as cores e a proceder judiciosamente à sua aplicação? Pois que sejam chamados Polignoto, e o famoso Eufranor, e Apeles, e Aécion. Então estes dividirão entre si o trabalho: Que Eufranor dê à cabeleira exactamente a cor que pintou na *Hera*; Que Polignoto [pinte] a graciosidade das sobranceiras e o leve vermelho das faces, tal como fez com a *Cassandra* na Lesque<sup>331</sup> de Delfos e que este mesmo lhe faça uma veste trabalhada no sentido da máxima leveza, de modo que uma parte se eleve tanto quanto deve ser e outra parte se agite bem ao vento. Quanto ao resto do corpo, Apeles representá-lo-á segundo a *Pacate*<sup>332</sup>, não demasiado alva,

---

<sup>330</sup> Sigo a numeração da “Loeb”, mas pelo menos uma edição coloca o §7 no início da fala de Polístrato.

<sup>331</sup> A “Lesque”, gr. *Léskhē* (Λέσχη) era, em particular, em Delfos, uma galeria ou um pórtico ornamentado de pinturas de Polignoto; como nome comum, v. dics.

<sup>332</sup> Pacate, ou Pancaste, era uma jovem de Larissa, primeira paixão de Alexandre Magno.

mas levemente corada. Quanto aos lábios, que Aécion os faça como os de Roxana<sup>333</sup>.

8. Mas, ainda melhor, tomemos o mais perfeito dos pintores, Homero, mesmo comparado com<sup>334</sup> Eufnanor e Apeles. Sim, a mesma cor que aquele aplicou às coxas de Menelau<sup>335</sup>, comparando-as com marfim levemente matizado de púrpura, seja esse o tom do conjunto. Que esse mesmo lhe pinte os olhos, fazendo-a como que “*com olhar de boi*”<sup>336</sup>. Que o ajude na obra também o poeta tebano, a fim de representá-la “*com sobrancelhas cor de violeta*”<sup>337</sup>. Ainda Homero, fá-la-á “*de amável sorriso*”, “*de nêveos braços*”, “*de dedos róseos*”, enfim, compará-la-á à “*Afrodite doirada*”, com muito mais propriedade do que [aplicado] à filha de Briseu<sup>338</sup>.

9. São estes, pois, os aspectos em que hão-de colaborar escultores, pintores e poetas<sup>339</sup>; mas o que “floresce” por cima de tudo isto, a graça, ou melhor, todas as Graças juntamente com o coro dos Amores, quem seria capaz de os representar?

POLÍSTRATO — O que me contas, ó Licino, é qualquer coisa divina, verdadeiramente proveniente de Zeus, uma dessas coisas caídas do céu!... Mas, quando tu a viste, que é que ela estava a fazer?

LICINO — Tinha um livro<sup>340</sup> nas duas mãos, segurando-o em ambas as extremidades, e parecia estar a ler uma parte, mas

---

<sup>333</sup> Roxana, esposa de Alexandre Magno. Trata-se do quadro que representava as bodas de Alexandre e Roxana, a que pormenorizadamente se refere Luciano em *Heródoto*, §§4-6-

<sup>334</sup> “na presença de” ou “em comparação com”.

<sup>335</sup> Homero, *Iliada*, IV, 141-147.

<sup>336</sup> Trata-se do epíteto homérico *boôpis* (βοῶπις), “com olhos grandes, salientes e plácidos, como os olhos de boi... ou vaca...”, aplicado especialmente (mas não só) a Hera.

<sup>337</sup> gr., acusat. *ioblépharon* (ιοβλέφαρον), epíteto de Afrodite em Píndaro...

<sup>338</sup> A “filha de Briseu”, ou Briseida, de seu verdadeiro nome Hipodamia. A alusão refere-se especialmente a *Iliada*, XIX, 282.

<sup>339</sup> O gr. diz “*os filhos dos escultores, dos pintores e dos poetas*”, modo de dizer não muito comum, mas não sem outros exemplos...

<sup>340</sup> É preciso notar que o livro era um “rolo” de papiro, que se segurava com uma mão em cada extremidade, desenrolando de uma ponta e enrolando na outra. Neste caso, Luciano informa-nos que a leitura já ia mais ou menos a meio.



já ter lido a outra parte. Enquanto caminhava, conversava com um dos acompanhantes, não sei sobre quê, pois não falava de maneira que se ouvisse. No entanto, ao sorrir, ó Polístrato!, deixou ver aqueles dentes... Como dizer como eram alvos, como eram bem-proporcionados e juntinhos uns aos outros?! Se já viste alguma vez um colar de pérolas das mais brilhantes e de igual tamanho, era assim que [os seus dentes] surgiam em fila; além disso, eram particularmente embelezados pela vermelhidão dos seus lábios, e brilhavam, exactamente como diz Homero, semelhantes a marfim recém-serrado<sup>341</sup>, sem que uns fossem mais largos, outros arqueados, outros salientes e outros ainda com intervalos entre eles, como na maior parte das mulheres, mas, pelo contrário, havia entre todos eles uma certa igualdade, a mesma cor, o mesmo tamanho, todos juntos por igual... numa palavra, uma grande maravilha e uma visão que ultrapassa a beleza humana.

10. POLÍSTRATO — Alto aí! Realmente, agora já percebo muito claramente a que mulher te referes, pois reconheço-a por essas características e pela sua pátria; além disso, dizias tu que uns eunucos a seguiam.,,

LICINO — Sim, por Zeus!, e também alguns soldados.

POLÍSTRATO — Referes-te, meu caro, a esta<sup>342</sup> famosa amante do Imperador<sup>343</sup>...

LICINO — Mas qual é o seu nome?

POLÍSTRATO — Ó Licino, é um nome extremamente gracioso e encantador, pois é homónimo do daquela formosa esposa de Abradatas<sup>344</sup>. Tu conhece-la bem, por teres muitas vezes ouvido<sup>345</sup> Xenofonte elogiá-la como sendo uma mulher sensata e muito bela.

---

<sup>341</sup> Homero, *Odisseia*, XVIII, 196.

<sup>342</sup> “esta”, *taútēn* (ταύτην) e não “aquela”, pois o pronome sugere proximidade temporal: “esta (ainda viva)”, cf., a seguir, “aquela formosa esposa de Abradatas”. Provavelmente, esta obra, bem como a seguinte, sobre o mesmo tema, data de antes da morte de Lúcio Vero (169).

<sup>343</sup> Lúcio Vero, imperador entre 130-169. A amante, ou favorita, de que aqui se fala é a jovem e formosa Panteia, cidadã de Esmirna.

<sup>344</sup> Abradatas, rei da Susiana, província da Pérsia; foi contemporâneo de Ciro-o-Grande, pelo que a comparação das duas beldades homónimas não poderia ser atestada com precisão... mas o que interessava era propor a “adivinha” do nome da bela esmirnense, infelizmente hoje pouco utilizada!

<sup>345</sup> “ouvido” significa, exactamente, “lido em voz alta”, que era uma prática corrente. A história desta Panteia, “a mais bela mulher de toda a Ásia”, é amplamente contada por Xenofonte na *Ciropeidia*.

LICINO — Sim, por Zeus!, e sinto-me como se estivesse a vê-la, quando, na minha leitura, chego a esse passo, e quase que a oiço dizer aquelas palavras que ela é suposta pronunciar, enquanto armava o seu esposo, e como se apresentava, ao enviá-lo para a batalha.

11. POLÍSTRATO — Mas, meu caro, tu viste-a somente uma vez, e passando por ti como um raio, e então pareces elogiar o que estava à vista, ou seja, o corpo e a beleza física, mas não viste as virtudes da sua alma, pelo que não sabes como era [essa parte da] sua beleza, [que é] de longe melhor e mais divina que a [beleza] do corpo. Eu, porém, que sou pessoa das suas relações e conversei muitas vezes com ela, elogio, como tu próprio sabes, acima da sua beleza física, a sua afabilidade, a humanidade do seu trato, a sua grandeza de alma, o seu bom senso e a sua cultura. Realmente, estas qualidades são preferíveis às do corpo. Sim, seria irracional e ridículo que alguém admirasse mais as vestes que o corpo. A beleza perfeita é, julgo eu, quando a virtude da alma se conjuga com a formosura do corpo. Poderia facilmente mostrar-te muitas [mulheres] bastante formosas, mas que, quanto ao resto, envergonham a sua beleza, de tal modo que basta-lhes abrir a boca, e logo essa beleza murcha e seca, vexada e envergonhada pelo facto de conviver imerecidamente com uma patroa deplorável. Essas tais [mulheres] afiguram-se-me semelhantes aos templos egípcios. De facto, lá [nesse país], o templo, em si mesmo, é belíssimo e enorme, construído com pedras caríssimas e ornamentado com ouro e inscrições, mas, se procurares o deus que está lá dentro, este é um macaco, ou uma íbis, ou um bode, ou um gato. Mulheres assim, podes ver muitas. Não basta, pois, a beleza física, se esta não for adornada com as jóias adequadas, ou seja, não com vestes de púrpura ou colares, mas sim com aquelas que antes mencionei: a virtude, o bom senso, a bondade, a humanidade no trato e todas as demais qualidades que são timbre desta criatura<sup>346</sup>.

12. LICINO — Pois então, ó Polístrato, paga-me palavra por palavra, ou, como sói dizer-se, pela mesma medida... ou ainda maior — pois podes muito bem fazê-lo —, e, traçando

---

<sup>346</sup> “desta criatura”, ou seja, a jovem Panteia, claramente mencionada, e não, como A. M. Harmon interpreta, “in the definition of virtue”.

uma imagem da sua alma, mostra-me esta, para que eu não fique a admirar a criatura só por metade.

POLÍSTRATO — Não é pequeno, ó companheiro, o desafio que me propões. Na verdade, elogiar aquilo que está à vista de toda a gente não é a mesma coisa que mostrar pela palavra aquilo que não se vê. Também a mim me parece que necessito de colaboradores para [traçar] esta imagem, e não apenas de escultores ou de pintores, mas também de filósofos, a fim de produzir uma obra segundo os seus cânones e exhibi-la modelada de acordo com as antigas normas plásticas.

13. Pois então mãos à obra! Em primeiro lugar, terá uma melodiosa e vibrante voz [humana], e aquela fala de Homero, “*da sua língua... mais doce que o mel...*”<sup>347</sup> disse-a Homero mais bem aplicada a seu respeito que a respeito do famoso velho de Pilos. O timbre da sua voz é todo ele extremamente delicado, nem tão grave que se ajuste ao do homem, nem tão agudo que se torne feminino e destituído de força, mas sim como seria o de um rapaz ainda não chegado à puberdade, [tom] doce e sedutor, suavemente penetrando no nosso ouvido, de tal modo, que, quando ela deixa de falar, a sua voz ainda ressoa, como que persiste um som que percute os nossos ouvidos, como um eco que prolonga a audição e deixa na nossa alma doces vestígios plenos de persuasão. E quando ela solta a sua bela voz, especialmente quando acompanhada da cítara<sup>348</sup>, então... então...<sup>349</sup> está na hora de imediatamente se calarem as alcíones<sup>350</sup>, as cigarras e os cisnes. De facto, todos estes animais são falhos de melodia, quando comparados com ela. E mesmo da filha de Pandión<sup>351</sup> poderias dizer que é vulgar e destituída de arte, por muito que solte uma voz “*bem modulada*”<sup>352</sup>.

---

<sup>347</sup> Luciano cita de cor. O verso de Homero não é exactamente assim, mas “*da sua língua escorria uma voz mais doce que o mel*”. O verso refere-se ao venerando Nestor.

<sup>348</sup> Neste e noutros passos, o A. escreve *kithára* (κιθάρα) “cítara”, num sentido impreciso entre “cítara” e “lira”...

<sup>349</sup> “então... então...”: a repetição é emenda de du Soul (*apud* A. M. Harmon).

<sup>350</sup> Alcíone, filha de Éolo, foi transformada na ave a que deu o nome. A lenda atribui-lhe um canto plangente; Cicno, “Cisne” é uma das personagens mitológicas, aquela que foi transformada em... cisne, ave que, segundo a lenda, só canta quando está prestes a morrer...

<sup>351</sup> “a filha de Pandión” é Filomela, que foi transformada em rouxinol.

<sup>352</sup> Homero, *Odisseia*, XIX, 521.

14. Por outro lado, Orfeu e Anfíon, que foram extremamente sedutores para os seus ouvintes, a ponto de atraírem para o seu canto até mesmo os objectos inanimados, mesmo esses, julgo eu, se a escutassem, deporiam as suas cítaras e permaneceriam calados, a ouvi-la. Realmente, observar a máxima exactidão da harmonia, a fim de não violar, por pouco que seja, o ritmo, mas acertar no tempo certo o canto com *arse*<sup>353</sup> e com a *tese*, de modo que a cítara esteja com ele acordada e o plectro toque em sincronia com o canto, e ainda a delicadeza do dedilhar e os requebros das melodias — como é que todas essas qualidades se encontrariam [reunidas] no famoso trácio ou naquele que, no [monte] Citéron, pastoreava e se ocupava ao mesmo tempo em tocar cítara?

Portanto, ó Licino, se alguma vez ouvires esta [mulher] cantar, já não sentirás apenas que, assim transformado de homem em pedra, estás perante aquela coisa das Górgones, mas também ficarás a saber como era o caso das Sereias. Sim, sei-o muito bem, especado e enfeitado, esquecido da tua pátria e dos teus familiares. E mesmo que tapes os ouvidos com cera, o seu canto passará através da cera. Tal é essa música: um ensinamento de uma Terpsícore<sup>354</sup>, de uma Melpómene, ou da própria Calíope, [música] que contém em si mil encantos de toda a ordem. Resumindo numa palavra, eu diria: imagina que estás a escutar um tal canto, tal qual como se espera que brote de tais lábios e daqueles seus dentes. Então, tu próprio, que viste [a pessoa], imagina agora tê-la ouvido<sup>355</sup>.

15. No que toca à precisão da sua linguagem, à pureza do seu jónico e ao facto de ser espirituosa na sua conversação e possuir muito dos encantos áticos, não é de admirar, uma vez que isso é nela um elemento pátrio e ancestral, e nem outra coisa seria de esperar, atendendo a que faz parte dos Atenenses

---

<sup>353</sup> A *arse* correspondia, na marcação do tempo, à elevação do pé; a *tese* correspondia ao bater o pé no chão. Correspondem, modernamente, ao elevar e baixar da batuta ou da mão.

<sup>354</sup> Terpsícore, musa da dança (e do canto); Melpómene, musa da tragédia (e da poesia lírica); Calíope, musa da eloquência (e da poesia heróica). Algumas funções não foram sempre bem definidas...

<sup>355</sup> Polístrato convida o seu amigo Licino a considerar, em imaginação, a excelência do canto da bela, pelo menos ao mesmo nível da sua beleza física...

através da emigração<sup>356</sup>. E também não me admiraria de ela gostar de poesia e ser muito dada a esta, sendo como é compatriota de Homero<sup>357</sup>.

Aqui tens, Licino, esta imagem da sua bela fala e do seu canto, como se poderia traçar de modo imperfeito. Mas repara agora nas outras qualidades. De facto, entendi apresentar, não, como tu fizeste, uma só imagem composta de muitas outras — na verdade, isso seria menos artístico, ao combinar tantas e tão multifacetadas belezas, e assim reunir elementos que brigam com outros elementos —, mas, pelo contrário, de todas as virtudes da sua alma será traçada uma imagem em separado, reproduzida segundo o modelo original.

LICINO — Ó Polístrato, mas isso que me anuncias é uma festa, um banquete de arromba! Sim, parece que queres pagar-me verdadeiramente pela medida grossa! Enche-me, pois, as medidas, que não há coisa que tu faças, que mais me possa agradar.

16. POLÍSTRATO — Ora então, uma vez que a cultura é forçosamente considerada a primeira de todas as coisas belas, especialmente daquelas que são conseguidas pelo estudo, vamos!, retratemo-la já agora, variada e multifacetada como ela é, de modo que, neste ponto, não fiquemos atrás da tua [imagem] plástica. Pois que [esta mulher] seja representada na generalidade como sendo possuidora de todas as qualidades provenientes do Hélicon, dotada, não de uma só [qualidade] em particular, como Clio, ou Polímnia, ou Calíope, ou as outras [musas], mas com as [qualidades] de todas elas, e, além dessas, as de Hermes e de Apolo. Realmente, que a imagem seja decorada com tudo quanto os poetas têm embelezado com os seus versos, ou os oradores têm notavelmente exprimido com o seu talento, ou os historiadores têm narrado, ou os filósofos têm elogiado, não apenas passando tinta pela superfície, mas embebendo [o quadro] em profundidade<sup>358</sup> e abundantemente com tintas indeléveis. No entanto, perdoa-me pelo facto de não ter podido invocar um modelo antigo para esta pintura, porquanto não há, entre os

---

<sup>356</sup> Os Atenienses e Teseu ajudaram na fundação de Esmirna, onde terão deixado uma colónia.

<sup>357</sup> Polístrato, natural de Esmirna, “selecciona” a sua cidade como pátria de Homero...

<sup>358</sup> Trata-se obviamente dos chamados *frescos*, em que a tinta é aplicada sobre um reboco... fresco.

antigos, nada semelhante que possa ser aduzido em termos de cultura. Mesmo assim, se te apraz, exponhamos o quadro, pois não me parece que tenha nada que lhe censurar.

LICINO — É belíssimo, ó Polístrato, e rigoroso em todas as suas linhas.

17. POLÍSTRATO — Depois desta, há que traçar a imagem da sua sabedoria e da sua inteligência. Neste ponto, necessitamos de muitos modelos, na sua maioria antigos, e nomeadamente de um também jónio [como ela]. Os seus pintores e criadores serão Ésquines<sup>359</sup>, amigo de Sócrates, e o próprio Sócrates, os mais escrupulosos de todos os artistas, na medida em que escreviam<sup>360</sup> inspirados pelo amor. Tomando a famosa Aspásia de Mileto, de quem foi amante o mui admirável “Olímpio”<sup>361</sup>, ela mesma um exemplo nada fraco de inteligência, transportemos para a nossa imagem, em escala exacta, quanto de experiência nos negócios, de acuidade política, de vivacidade de espírito e de finura ela possuía, com a diferença de que aquela [Aspásia] estava representada num pequeno quadro, ao passo que esta é de tamanho colossal.

LICINO — Como assim?

POLÍSTRATO — É que, ó Licino, eu digo que as duas imagens, embora iguais, não têm o mesmo tamanho. Realmente, a República de Atenas daquele tempo não tinha o mesmo poderio, nem lá perto, do actual Império Romano, de maneira que, embora esta nossa [mulher] seja semelhante à outra [na aparência], é maior em tamanho, pois está pintada numa tela de maiores dimensões.

18. O segundo e o terceiro modelos serão a famosa Teano<sup>362</sup> e a poetisa de Lesbos<sup>363</sup>, e ainda, a acrescentar a estas, Diotima<sup>364</sup>,

---

<sup>359</sup> Não confundir com o orador Ésquines; este é Ésquines “o socrático”, que, entre outras obras, diz-se ter escrito um livro (diálogo) sobre Aspásia, a *hetaira* de Péricles. Quanto a Sócrates, os *Diálogos* de Platão tratam por vezes do amor...

<sup>360</sup> “escreviam”... o v. *gráphō* também. significa “gravar”, “desenhar”, “pintar”... Os tradutores sentem neste passo alguma dificuldade...

<sup>361</sup> Ou seja, Péricles.

<sup>362</sup> Teano, esposa ou discípula de Pitágoras, também filósofa. Mais abaixo, trata-se de outra Teano, sacerdotisa de Atena em Tróia, “Teano de belas bochechas” (*Iliada*, VI, 298).

<sup>363</sup> A “poetisa [lírica] de Lesbos” é Safo.

<sup>364</sup> Diotima, lendária sacerdotisa de Manteneia, citada por Platão, *Banquete*, 201 d), cuja doutrina sobre o amor é exposta por Sócrates.

uma, Teano, contribuindo para o quadro com a sua largueza de espírito, Safo com a elegância do seu modo de vida; e parecer-se-á com Diotima, não só naquelas qualidades que Sócrates lhe gabou, mas também no que diz respeito à sua inteligência e à sua prudência. Tal é, pois, Licino, um outro quadro<sup>365</sup> para ser exposto.

19. LICINO — Sim, por Zeus!, ó Polístrato, esse é admirável... Mas traça lá outros quadros.

POLÍSTRATO — Quais? Os que respeitam à sua bondade e aos seus sentimentos de humanidade, que revelam um carácter afectuoso e aberto aos necessitados? Então que seja representada como a famosa Teano, esposa de Antenor, e como Arete e a filha desta, Nausica, ou com qualquer outra que, no alto da sua posição, se revelou modesta relativamente à sua boa ventura<sup>366</sup>.

20. Depois desta [imagem], e por ordem, pinte-se a da sua prudência e do afecto dedicado ao seu companheiro<sup>367</sup>, de modo que fique, o mais possível à semelhança da filha de Icário, aquela [mulher] prudente e sensata descrita por Homero — pois foi este o retrato que ele traçou de Penélope —, ou então, por Zeus!, à semelhança da sua homónima, a esposa de Abradatas<sup>368</sup>, que mencionámos<sup>369</sup> um pouco atrás.

LICINO — Também no que toca a esta imagem, ó Polístrato, representaste-a como extremamente bela, e talvez agora as imagens possam chegar ao fim. Realmente, percorreste toda a sua alma, elogiando-a parte por parte.

21. POLÍSTRATO — Não toda. Na verdade, ainda ficaram omissos os maiores dos elogios. Refiro-me ao facto de ela, uma vez chegada a uma tão alta condição, não se ter enchido de soberba pela sua boa sorte, nem, confiada na Fortuna, se ter exaltado para lá da medida humana, mas antes mantendo-se

---

<sup>365</sup> “um outro quadro”: recorde-se que Polístrato se propõe apresentar quadros particulares de cada uma das qualidades da retratada.

<sup>366</sup> Este passo parece-me algo complicado. Entendo (mais ou menos!): “... qualquer outra que, apesar da sua alta posição, se mostrou mais sensata do que se poderia esperar”. Trata-se — julgo eu — da modéstia de certas grandes personagens...

<sup>367</sup> “companheiro”... e não esposo, pois trata-se do Imperador Lúcio Vero!

<sup>368</sup> Abradatas, rei da Susiana, província da Pérsia; v. §10 e nota.

<sup>369</sup> “mencionámos”, plural majestático = “mencionei”.

sempre ao mesmo nível, sem qualquer pensamento grosseiro ou ordinário, tratando com simplicidade e de igual para igual os que a abordam, mostrando para com aqueles com quem conversa um acolhimento e uma afabilidade extremamente agradáveis, tanto mais que, embora provenientes de alguém superior, não revelam nada de “teatral”<sup>370</sup>. Assim, todos quantos utilizam o seu grande poderio, não no sentido da arrogância, mas no da generosidade, esses são vistos como sendo plenamente dignos dos bens [que lhes foram] dispensados pela Fortuna, e somente esses deviam, e muito justamente, escapar à inveja. Na verdade, ninguém terá inveja de quem está numa posição superior, se vir que ele é moderado nos seus êxitos e — ao contrário da famosa Ate<sup>371</sup> de Homero — não caminha sobre as cabeças dos homens e não espezinha os inferiores. Eis o que, devido à vulgaridade do seu espírito, acontece aos que têm uma mente mesquinha. Quando a Fortuna, sem eles esperarem uma tão grande sorte, os faz de repente montar num carro<sup>372</sup> alado que se eleva nos ares, não se contentam com a sua sorte nem olham para baixo, mas esforçam-se por subir [cada vez] mais alto. Então, tal como aconteceu com Ícaro, logo a cera se lhes derrete e as asas se despegam, e eles tornam-se motivo de risota, ao precipitarem-se de cabeça no alto mar e nas revoltas ondas. Todos aqueles, porém, que utilizaram as asas à semelhança de Dédalo, que, conscientes de que as suas asas era feitas de cera, não se elevaram demasiado alto, que administraram o voo à medida da condição humana e que se contentaram com serem levados apenas um pouco acima das ondas, de forma que as suas asas estivessem sempre húmidas e não permanentemente expostas ao sol — esses fizeram a sua viagem aérea com segurança e sensatez. Ora, é sobretudo isso que se poderá elogiar nesta mulher. Por isso ela recebe o justo

---

<sup>370</sup> “teatral”: o gr. diz *tragikón* (τραγικόν), “trágico”, no sentido de “arrebataado”, “solene”...

<sup>371</sup> A Ate, *Átē* (Ἄτη), é a personificação da “Perturbação causada no espírito dos homens”, cf. v. poético *aáo*, *aáomai* (ἄομαι), “perturbar / obnubilar / o espírito”. Diz Homero (descuidadamente parafraseado por Luciano), *Il.*, XIX, 91-94: “Ate, [Obnubiladora], veneranda filha de Zeus, a que a todos obnubila, [divindade] funesta; seus pés são delicados, não toca na terra, mas paira sobre as cabeças dos homens, lesando as pessoas.”

<sup>372</sup> “um carro”, como sugere o texto, ou (como porventura gostaríamos!) “o seu [da Fortuna] carro”...



fruto da parte de todos, os quais fazem votos por que se lhe conservem as “asas” e jorrem sobre ela ainda mais bens.

22. LICINO — Assim seja, ó Polístrato. De facto, ela bem o merece, não só por ser bela fisicamente, como Helena, mas porque a sua beleza esconde dentro de si uma alma ainda mais bela e mais encantadora. Além disso, convinha que um grande príncipe<sup>373</sup>, excelente e pacífico como este é, entre os demais bens que possui, fosse bafejado pela Fortuna, a ponto de ver nascer, no seu reinado, uma tão excelsa mulher, sua companheira e que o ama. Realmente, esta não é uma pequena bênção da Fortuna — uma mulher a respeito da qual se poderia com propriedade citar o célebre passo homérico, segundo o qual ela “*rivaliza em beleza com a Afrodite de ouro*” e “*igual a própria Atena em trabalhos de mão*”<sup>374</sup>. Na verdade, de entre todas as mulheres, nenhuma se lhe poderia comparar, como diz Homero<sup>375</sup>,

*nem no corpo, nem no porte, nem no espírito || nem nos trabalhos de mão.*

23. POLÍSTRATO — Dizes bem, Licino. Então, se estás de acordo, reunamos já as nossas imagens: aquela que tu modelaste, a do seu corpo, e as que eu tracei, as da sua alma; e, compondo de todas elas uma só, lancemo-la num livro, a fim de que todos — os nossos contemporâneos e os vindouros — a admirem. Quadro mais duradouro que os de Apeles, de Parrásio ou de Polignoto, será para ela muito mais agradável, porquanto não é feito nem de madeira, nem de cera, nem de cores<sup>376</sup>, mas está representado segundo as [diversas] inspirações das Musas, e constituirá um retrato mais fiel [da pessoa], ao representar conjuntamente a beleza do corpo e a virtude da alma.

---

<sup>373</sup> Recorde-se que se trata do Imperador Lúcio Vero.

<sup>374</sup> Homero, *Iliada*, IX, 389-390, onde Aquiles se refere à filha de Agamémnon, rejeitando-a, caso esta lhe fosse oferecida e possuísse aquelas qualidades de Afrodite e de Atena...

<sup>375</sup> *Iliada*, I, 115. A versificação port. saiu assim: 1-2-3-(4) | 1-2-3-(4) | 1-2-3-(4) || + 7 sílabas.

<sup>376</sup> Não posso deixar de notar a falta da pedra (mármore) e do bronze...

(Página deixada propositadamente em branco)

## EM DEFESA DAS IMAGENS

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

Depois de escrever o opúsculo sobre *As Imagens*, obra que foi, em primeiríssima mão (pela mão do seu amigo Polístrato) deposta nas mãos da dama elogiada, Panteia, mas imediatamente a seguir publicada em vários exemplares, Luciano recebe (ou finge receber?), por intermédio do mesmo amigo, a reacção da formosa amante de Lúcio Vero, que nós lemos, e Licino escuta, quer — suponha-se — em estilo directo, quer em paráfrase, certamente fiel, do mensageiro.

Foi (terá sido) o caso que Panteia, sem negar a sinceridade dos elogios, ficara deveras aflita com os exageros de certas comparações da sua pessoa com veneráveis e venerandas divindades, facto que a expunha à severa punição divina, caso se mostrasse conivente com essas comparações, incorrendo, portanto, no pecado da *húbris* (ὕβρις), “excesso”, “soberba”, “insolência”.

Ora, se a formosa Panteia realmente teve essa reacção (que, para lá do justo pavor da referida punição divina, só lhe ficaria bem), também podemos supor (?) que o próprio Luciano poderia ter *imaginado* uma forma de obter matéria para outra obra, ao mesmo tempo que, sem que o segundo opúsculo assumisse a forma de retractação, se justificava de certas críticas no sentido daquelas que atribui a Panteia. E na verdade, a argumentação, sabiamente conduzida, parece absolvê-lo, também a ele, do referido pecado de insolência para com a divindade. Em resumo, Licino (Luciano) estabelece uma distinção clara entre os deuses e as suas *representações* plásticas: Se não podemos comparar os divinos com os humanos, ou vice-versa, o mesmo não acontece com a comparação entre os humanos e as *representações* artísticas, pois estas, por natureza, estão sempre muito aquém dos (afinal) *irrepresentáveis* deuses. Aliás, este processo, o das comparações (símiles) está largamente documentado nos poetas, nomeadamente em Homero, sem que os seus autores sintam qualquer sombra de insolência e sem que os elogiados se sintam coniventes com a (nem sequer presumível) insolência dos poetas. Aliás — também bom argumento de peso —, há que “*distinguir e definir, por um lado, o acto do panegirista e, por outro, o exagero do bajulador*” (20), ou seja, distinguir entre o simples panegirista e o infame bajulador”. E continua logo a seguir:

*“O bajulador, uma vez que elogia tendo por objectivo o seu próprio benefício e tem em muito pouca consideração a verdade, julga poder elogiar tudo em excesso, quer mentindo, quer acrescentando a maior parte de sua própria lavra, a tal ponto, que não hesita em declarar que Tersites é mais belo que Aquiles, ou em afirmar que Nestor é o mais jovem dos expedicionários contra Tróia. Até juraria que o filho de Creso tinha um ouvido mais apurado que Melampo, e que Fineu tinha uma visão mais penetrante que Linceu, desde que esperasse ganhar qualquer coisa com a mentira. Pelo contrário, aquele que [somente] elogia o mesmíssimo objecto, não mentirá em nenhum ponto nem acrescentará qualidades que não existem absolutamente, mas, tomando simplesmente as virtudes que a pessoa realmente possui por natureza, ainda que não sejam muito grandes, aumenta-as e mostra-as maiores [do que são].”*

Em suma, Licino (Luciano) considera-se um decentíssimo panegirista, e nunca por nunca um reles bajulador, pelo que, em termos judiciais, espera receber os votos favoráveis do... tribunal, ou seja, da bela Panteia (§29, fim): *“Quando, porém, forem anunciar a votação, então apresentar-me-ei pessoalmente, a fim de ver qual será o resultado da ‘contenda’”*... Como se vê, Luciano tinha aqui mais matéria para um terceiro opúsculo, em que, *naturalmente*, o “tribunal” (Panteia!) o absolveria.

## EM DEFESA DAS IMAGENS

1. POLÍSTRATO — “*Eu, ó Licino — diz<sup>377</sup> a senhora —, vi na tua obra, antes de mais, a tua grande benevolência e a tua estima para comigo. Realmente, ninguém faria um elogio tão rasgado, se não o redigisse cheio de benevolência. No entanto, para que vejas a minha maneira de pensar, ela é como segue: Para já, não gosto mesmo nada dos bajuladores inveterados<sup>378</sup>, pois esses tais afiguram-se-me uns charlatães e uns tipos de natureza muito pouco liberal<sup>379</sup>. Ora, no que respeita sobretudo aos elogios, sempre que alguém me elogia, lançando mão de exageros muito grosseiros e desmedidos, eu fico ruborizada e pouco falta para tapar os ouvidos e considerar esse facto mais como troça do que como elogio.*

2.. “*De facto, os elogios são toleráveis até ao ponto em que o elogiado reconhece que tudo o que se diz se aplica à sua pessoa; o que vai além disso já é estranho [ao caso] e pura bajulação.*

“*E no entanto — disse ela —, sei de pessoas que ficam todas contentes, se alguém, ao elogiá-las, lhes atribui, em palavras<sup>380</sup>, qualidades que elas não possuem, como, por exemplo, se alguém felicita pela sua pujança homens já velhos, ou se atribui a tipos feios a beleza de Nireu ou de Fáon<sup>381</sup>. Realmente, cuidam eles que a sua aparência será alterada pelos elogios e que voltarão a ser jovens, como julgava Pélias<sup>382</sup>.*

---

<sup>377</sup> “diz”, ou seja, “diz aqui”: Polístrato está a ler a carta que Panteia enviou destinado ao seu exagerado panegirista Licino (Luciano): v. *As Imagens*.

<sup>378</sup> “*inveterados*” tenta traduzir (imperfeitamente!) o acusat. de relação *tòn trópon* (τὸν τρόπον), “de carácter”, “de feito”..., sentido bem conjugado com o que se diz logo a seguir.

<sup>379</sup> “*muito pouco liberal*”, ou seja, “*bastante servil*”.

<sup>380</sup> “*em palavras*”... que não em factos, ou seja, na realidade...

<sup>381</sup> Nireu e Fáon, modelos de beleza; Nireu, pretendente de Helena, combateu e foi morto na guerra de Tróia; Fáon, velho barqueiro na ilha de Lesbos, recebeu de Afrodite (como paga por ter passado gratuitamente a deusa, disfarçada de velha) uma loção que, posta diariamente, lhe dava o aspecto de formoso jovem. Foi amado pela poetisa Safo, que por ele morreu (se matou) de amor.

<sup>382</sup> História escabrosa: Medeia convenceu as filhas de Pélias a cortarem o pai em pedaços e a cozê-lo num caldeirão, com o que ele recuperaria a juventude (caso, de resto, acontecido com Éson, com pleno êxito). Vingança de Medeia: tal não aconteceu.

3. Mas [comigo] as coisas não se passam assim. Na verdade, o elogio seria altamente valioso, se fosse possível retirar qualquer benefício de um tal exagero. Neste caso, porém — disse ela —, parece-me que o que se passa com essas pessoas é como se a um tipo feio alguém aplicasse uma linda máscara, e então ele ficasse todo vaidoso da beleza desta, não obstante ela ser removível e susceptível de ser quebrada por qualquer pessoa, caso em que se tornaria motivo de risota, ao mostrar-se com a sua própria face, tal qual ela é por debaixo do disfarce; ou então, por Zeus!, é como se alguém muito baixo, calçado com coturnos, tentasse competir<sup>383</sup> em altura com pessoas que, a contar do chão, o ultrapassam à vontade em um côvado<sup>384</sup>.”

4. E então mencionou um caso idêntico. Contou ela que uma certa mulher muito distinta e, entre outras qualidades, bela e bem feita, mas pequenina, muito abaixo da média, estava a ser elogiada num cântico por determinado poeta, pele facto de, entre outras qualidades, ser muito formosa e muito alta. O homem comparava-a a um choupo, pela sua altura e esbelteza. Por um lado, ela estava encantada com o elogio, como se fosse mesmo crescendo ao som do cântico, e agitava a mão<sup>385</sup>, enquanto o poeta, vendo como a elogiada se deliciava, cantava repetidamente o mesmo passo... até que um dos presentes inclinando-se ao ouvido do homem, lhe disse: “Ó homem, pára lá com isso, para não fazeres com que a mulher se levante!”<sup>386</sup>”

5. Referiu ainda um caso idêntico, e até mais ridículo que este, cometido por Estratonice, esposa de Seleuco. Esta propôs aos poetas um concurso no valor de dois talentos<sup>387</sup>, para aquele

---

<sup>383</sup> “tentasse competir”, *erízoi* (ἐρίζοι) presente de aspecto contínuo, acrescido da ideia de “esforço”, e não aoristo momentâneo, “competisse”, que se diria *eríseie* (ἐρίσειε).

<sup>384</sup> O côvado equivalia a c. 0,444m, medido do cotovelo até à ponta do dedo médio.

<sup>385</sup> Erguer e agitar a mão era um moderado gesto de aplauso, diferente das palmas e do aplauso máximo, feito de pé e com acompanhamento verbal, como se vê já a seguir, num irónico apontamento.

<sup>386</sup> “se levante”... e expunha perante todos a sua pequenez, a contrastar flagrantemente com o elogio.

<sup>387</sup> O talento era aquilo a que se chama «moeda de conto» (cf. *contos de réis*), ou seja, não existia como moeda. Equivalências: 1 talento = 60 minas; 1 mina = 100 dracmas; 1 dracma = 6 óbolos. Em *Diálogos das Cortesãs*, 4,1 “Melita e Báquide”, fala-se de uma noiva rica que trouxe como dote 5



que melhor elogiasse a sua cabeleira... e no entanto sucedia que ela era calva, pois não tinha propriamente de si senão uns raros cabelos<sup>388</sup>. Mas mesmo com a cabeça naquele estado, que toda a gente sabia que tinha ficado assim devido a uma doença prolongada, ouvia os malditos poetas classificarem de “jacintinos”<sup>389</sup> os seus cabelos, entrelaçarem-lhe as madeixas frisadas e compará-las, mesmo não existindo!, a aipo selvagem.

6. Então ela [Panteia] troçava de todas as pessoas deste género, que se rendem aos bajuladores, e acrescentava que muitos querem mesmo ser adulados e enganados, não só por meio de elogios, mas igualmente através de pinturas. “*Gostam especialmente* — dizia ela — *daqueles pintores que as representam mais belas.*” Também [dizia que<sup>390</sup>] há mesmo certas pessoas que recomendam aos artistas que retirem um pedacinho do nariz<sup>391</sup>, ou que as pintem com os olhos mais negros, ou que lhes acrescentem qualquer outra pormenor que desejariam [possuir], sem se aperceberem de que estão a “coroar”<sup>392</sup> imagens alheias, nada parecidas consigo mesmas.

7. Eis, entre outras coisas do género, o que ela dizia, elogiando, de resto, o teu escrito<sup>393</sup>, somente, porém, não suportando uma coisa, ou seja, o facto de tu a teres comparado a divindades, a Hera e a Afrodite<sup>394</sup>. “*Coisas como essa* — diz ela — *estão acima da minha pessoa, ou melhor, acima da natureza*

---

talentos. Em *id.*, 8,3 “Ampélide e Crísíde”, uma amante em exclusividade durante oito meses custou 1 talento.

<sup>388</sup> Entende-se que usava cabeleira postiça, ao que parece, muito espampanante...

<sup>389</sup> “jacintinos”, “cor de jacinto”, “cor de violeta” ou “azul escuro”...

<sup>390</sup> O infinito *eínai* (εἶναι) indica que Polístrato passou para o estilo indirecto.

<sup>391</sup> Entenda-se: que encurtem um nariz demasiado comprido, com alguma excrescência ou com alguma deformação... o contrário da (moderna) caricatura. Há, porém, quem continue a considerar o discurso directo até ao fim deste parágrafo.

<sup>392</sup> “coroar”, ou “florear”, “embeleazar”...

<sup>393</sup> Trata-se, é claro, da obra *As Imagens*, que Licino (Luciano) lhe fez chegar às mãos através do seu amigo Polístrato, ao mesmo tempo que se apressou a publicá-la... o que vai causar um pequeno problema.

<sup>394</sup> Como se vê a seguir, a comparação de um mortal com as divindades era considerada um acto de soberba, susceptível de ser severamente punido. Por isso, Panteia rejeita firmemente a comparação.

*humana. Pela minha parte, não desejava que tu me comparasses sequer às heroínas Penélope, Arete e Teano, quanto mais às mais excelsas das deusas. Realmente — acrescentou —, no que diz respeito aos deuses, sou extremamente supersticiosa e temerosa. Temo, portanto, parecer-me com Cassiopeia<sup>395</sup>, se aceitasse um tamanho elogio; e no entanto, esta comparava-se [somente] com as Nereidas, pois venerava Hera e Afrodite.”*

8. Por isso, Licino, ela pediu que rescrevesse esses passos, ou então invocaria os deuses como testemunhas de que o que tu escreveste foi sem o seu consentimento, e que tu sabias que ela ficaria aborrecida, caso o livro circulasse tal qual agora está, nada piedoso nem respeitoso em relação aos deuses. Acha ela que lhe pareceria uma impiedade e uma ofensa da sua parte, se tolerasse ser considerada igual à [Afrodite] de Cnido ou à dos Jardins<sup>396</sup>. E lembrou as últimas palavras, ditas a seu respeito no teu livro, ou seja, que disseste que ela é modesta e destituída de orgulho, que não pretende elevar-se acima da medida humana, mas que executa o seu voo rente ao solo. Tu, porém, que tais coisas disseste, elevas a mulher até ao céu, a ponto de a comparares com deusas.

9. Ela pede-te que não a julgues menos sensata que Alexandre, o qual, quando um arquitecto lhe propôs remodelar todo o [monte] Atos e dar-lhe a sua própria forma, de modo que o monte, no seu conjunto, fosse a imagem do rei, com duas cidades, uma em cada mão, não concordou com tal monstruosidade, mas, pelo contrário, por considerar esse audacioso empreendimento acima da sua pessoa, impediu o homem de esculpir colossos tão inverosímeis e ordenou-lhe que deixasse o Atos em paz e não reduzisse um monte tão grande à semelhança com um pequeno corpo [humano]. Panteia elogiava Alexandre pela sua magnanimidade, e dizia que este “erigira” na mente dos que nunca disso se esqueceriam uma estátua maior que o Atos. De facto, não é próprio de uma mente mesquinha desprezar uma honra tão extraordinária.

---

<sup>395</sup> Cassiopeia, mãe de Andrómeda, era muito orgulhosa da sua beleza, que ela comparava à das Nereidas. Acabou transformada numa constelação... tal como sua filha Andrómeda.

<sup>396</sup> V. §4, nota a “Jardins de Atenas”.

10. Diz ela que elogia a tua criação, bem como a ideia das imagens, mas que não reconhece a semelhança [com a sua pessoa], pois não é digna, nem lá perto, de tão rasgados louvores, tal como nenhuma outra na condição de mulher<sup>397</sup>. Deste modo, ela rejeita essa honra [que lhe prestas], mas respeita os teus modelos e paradigmas, pelo que deves elogiá-la somente em termos humanos, e que a sandália não seja maior que o pé, “*não se dê o caso — diz ela — de me fazer ir de cara ao chão ao andar sobre ela.*”

11. Também me recomendou que te desse o seguinte recado: “*Oiço muitas pessoas contarem — disse ela — (se isso é verdade, vós, os homens, é que sabeis<sup>398</sup>) que em Olímpia não é permitido erguer em honra dos vencedores estátuas maiores que os seus corpos, e que os Helanódicas<sup>399</sup> cuidam de que nenhum [atleta] ultrapasse a medida certa, e então a verificação das estátuas é mais rigorosa que o exame feito aos atletas. Portanto, vê lá — disse ela — não incorramos na acusação mentir na medida, fazendo com que os ‘Helanódicas’ deitem abaixo a imagem<sup>400</sup>.*”

12. Foi isto o que ela disse. Agora tu, Licino, trata de alterar o livro e de lhe retirar essas passagens, para não ofenderes a divindade. Oh!, como<sup>401</sup> ela se mostrava extremamente incomodada com essas passagens, como estremecia à medida que iam sendo lidas<sup>402</sup>, e como suplicava àquelas<sup>403</sup> deusas que lhe fossem benignas! Era uma atitude [bem] desculpável, pelo facto de sentir como uma mulher. Realmente, para falar verdade,

---

<sup>397</sup> “na condição de mulher”, “sendo (apenas) mulher”, ou seja, com excepção das deusas.

<sup>398</sup> As mulheres não podiam assistir aos Jogos Olímpicos.

<sup>399</sup> Os *Helanódicas*, gr. *Hellanodikai* (Ἑλληνοδίκαι) eram os organizadores dos Jogos Olímpicos, presidiam às diversas cerimónias, eram juizes desportivos, distribuían os prémios e impunham multas para os prevaricadores. Eram recrutados de entre a classe nobre da região.

<sup>400</sup> Propositadamente, Panteia utiliza, não o termo exacto para “estátua”, mas sim aquele que dá tanto para “escultura” como para “pintura”: acusat. *eikóna* (εἰκόνα).

<sup>401</sup> Interpreto *hōs* (ὡς) como interjeição.

<sup>402</sup> “iam sendo lidas” não significa necessariamente que outra pessoa lhe lesse o livro, mas que a própria Panteia, segundo o costume antigo, lesse em voz alta.

<sup>403</sup> “àquelas”, sentido fortemente definido do artigo: referência específica a Afrodite, Hera e Atena.

também eu fui mais ou menos da mesma opinião. De facto, inicialmente, ao escutar-te, não notei nada de ofensivo no teu escrito, mas quando ela me assinalou [essas passagens], também eu comecei a interpretar da mesma maneira a esse respeito. e então senti algo parecido com o que sentimos ao observar objectos: se olharmos muito de perto e mesmo debaixo dos próprios olhos, não distinguimos nada com precisão, mas se nos afastarmos e olharmos a uma distância apropriada, todos os pormenores se revelam com clareza, quer os bons, quer aqueles que o não são.

13. Realmente, comparar uma simples mortal com Afrodite ou com Hera, que outra coisa é, senão rebaixar claramente essas deusas? Realmente, em coisas deste género, não é o pequeno que se torna maior graças à comparação, mas é o maior que diminui, rebaixado ao nível do mais pequeno. É como se dois homens marchassem lado a lado, um muito alto, e o outro de tamanho muito rasteiro, e houvesse que os igualar, de maneira que um não ficasse mais alto que o outro. Então, conseguir-se-ia isso, não esticando excessivamente o mais baixo, mesmo elevando-se o mais possível na ponta dos pés, mas antes, para que fiquem da mesma altura, aquele, o mais alto, curvar-se-á, e assim parecerá mais pequeno. Do mesmo modo que, em comparações deste género, não é o ser humano que se torna maior quando o comparam com um deus, mas é a divindade que inevitavelmente fica diminuída, quando rebaixada ao nível do ser inferior. Na verdade, se uma pessoa, por falta de exemplos terrenos, chamasse à colação os seres celestes, essa pessoa ficaria menos sujeita à acusação de agir deste modo por impiedade. Tu, porém, embora tendo [à tua disposição] tantas belezas de mulheres, atreveste-te, sem necessidade, a comparar esta a Afrodite e a Hera.

14. Portanto, Licino, retira [da obra] essa parte excessiva e censurável, pois tal processo não se ajusta ao teu carácter... e tu então, que por acaso nem és mesmo nada fácil e pronto a tecer elogios... Agora, porém, não sei lá como, ao esbanjá-los assim tanto, procedeste a uma mudança radical e, de avarento que eras até aqui, revelaste-te pródigo em elogios. E não te envergonhes por remodelares uma obra já em circulação, pois diz-se que Fídias procedeu dessa maneira, quando fez o *Zeus*

destinado aos Eleenses<sup>404</sup>. [Diz-se que<sup>405</sup>,] tendo-se colocado atrás da porta, quando descerrou e exibiu a obra, pôs-se à escuta dos que criticavam ou elogiavam algum aspecto. Um criticava o nariz, por ser muito grosso, outro porque o rosto era um tanto alongado, outro criticava outra coisa qualquer. Então, quando os espectadores se retiraram, Fídias encerrou-se lá dentro [do templo] e corrigiu e modificou a estátua segundo a opinião da maioria. Na verdade, considerava que não era despreciando o parecer de tanta gente, mas que era forçoso que muitos vissem melhor do que um só, ainda que esse fosse Fídias.

É este o recado que te trago da senhora, e que também eu te recomendo, como teu amigo e pessoa que te quer bem.

15. LICINO — Ó Polístrato, que orador me saíste... e eu sem saber! Sim, produziste um discurso tão longo e uma acusação tão grave contra a minha obra, que não me resta a mínima esperança de defesa. Em todo o caso, vós [ambos<sup>406</sup>] não procedestes segundo as normas processuais, especialmente tu, ao condenares o meu livro à revelia, sem a presença do seu<sup>407</sup> advogado. É muito fácil — julgo eu, e segundo o ditado — “*vencer correndo sozinho*”. Assim, não é nada de admirar que tenhamos sido vencidos, pois não foi feita correr água<sup>408</sup> para nós, nem nos foi dada a oportunidade de nos defendermos. Mas o mais estranho de tudo é o facto de vós [ambos] serdes acusadores e juízes.

Então qual das soluções preferes? Que eu me conforme com a vossa decisão e fique em silêncio, ou que, como fez o poeta de Hímera<sup>409</sup>, componha uma palinódia, ou conceder-me-eis que me defenda em processo de segunda instância?

---

<sup>404</sup> Trata-se do Zeus criselefantino (“de ouro e marfim”) da Élide.

<sup>405</sup> “Diz-se que” vem de imediatamente acima, pelo que é subentendido. Quer dizer: Polístrato (em última análise, Luciano) limita-se a repetir a informação.

<sup>406</sup> Refere-se obviamente também a Panteia.

<sup>407</sup> O “seu” (do livro) advogado é, naturalmente, Licino (Luciano!).

<sup>408</sup> “não foi feita correr água”, forma de dizer que não lhe puseram a funcionar a clepsidra, que marca o tempo de intervenção (uma clepsidra, duas...); em resumo, não teve direito a defender-se...

<sup>409</sup> Estesícoro (c. 640-c. 555 a.C.) de Hímera, cidade da Sicília, poeta lírico, foi castigado com a cegueira, por ter dito mal de Helena, mas posteriormente recuperou a visão, por se ter retractado com uma *Palinódia*, em que dava uma versão não ofensiva para a esposa de Menelau...

POLÍSTRATO — Sim, por Zeus!, se puderes alegar algum justo argumento. Na verdade, pronunciareis a vossa defesa, não entre adversários, como tu afirmas, mas entre amigos. E eu até estou pronto para me associar a ti no processo.

16. LICINO — Mas, ó Polístrato, uma coisa que me aflige é o facto de eu ir pronunciar o meu discurso sem que ela esteja presente. Realmente, assim seria muito melhor. Neste caso, porém, é forçoso que eu me defenda por... procuração<sup>410</sup>. Mas se tu fores tão bom mensageiro junto dela, como acabas de ser da parte dela para mim, atrevo-me a “lançar o dado”.

POLÍSTRATO — Quanto a isso, ó Licino, fica tranquilo, que não terás em mim um fraco intérprete da tua defesa, desde que faças por ser breve nas tuas palavras, para que eu melhor as memorize.

LICINO — E no entanto, eu bem necessitaria de um longo discurso para opor a uma acusação tão grave. Mas mesmo assim, por consideração para contigo, abreviarei a minha defesa... Ora então transmite à senhora a seguinte mensagem da minha parte...

POLÍSTRATO — De maneira nenhuma, ó Licino, mas antes pronuncia o teu discurso como se ela estivesse presente, e depois eu imitar-te-ei junto dela.

LICINO — Pois então, ó Polístrato, já que assim o entendes, a senhora está aqui presente, e, é claro, já antes pronunciou aquelas palavras que tu me transmitiste da sua parte, pelo que me compete agora iniciar a minha réplica. No entanto — na verdade, não hesitarei em confessar-te o que sinto —, não sei lá como, tornaste-me a tarefa ainda mais temível, e, como vês, já estou a transpirar e cheio de medo, imaginando que estou praticamente a vê-la, facto que me provoca uma grande perturbação. Mesmo assim, vou começar, já que não me é possível protelar, com a senhora aqui presente.

POLÍSTRATO — Sim, por Zeus!, ela tem estampada no rosto uma grande benevolência, e, como vês, está serena<sup>411</sup> e afável. Por isso, pronuncia confiadamente o teu discurso.

---

<sup>410</sup> Como se vê a seguir, Licino encarrega o amigo de transmitir o seu discurso a Panteia.

<sup>411</sup> “serena”, uma tradução possível de fem. *phaidrá* (φαῖδρά); outra seria “radiosa”, “brilhante”, menos natural neste contexto: v. imediatamente a seguir.

17. LICINO — Senhora, de entre as mulheres a mais excelente! Eu, que te elogiei, como dizes, excessivamente e para lá da justa medida, não vejo agora que te tenha feito um elogio tão grande como aquele que tu mesma pronunciaste em teu favor, ao mostrares em alto grau o teu respeito<sup>412</sup> para com a divindade. Realmente, este aspecto é porventura mais importante do que *a totalidade*<sup>413</sup> daqueles que eu mencionei a teu respeito, e peço-te mesmo perdão pelo facto de, aliás por ignorância, me ter escapado acrescentar mais esta virtude ao teu retrato. Na verdade, não teria representado qualquer outra virtude à frente desta. Portanto, pelo menos neste ponto, não creio ter exagerado nos elogios, mas ter ficado muito aquém do teu mérito. Repara, pois, quão importante aspecto eu omiti e quão relevante ele é para patentear o teu bom carácter e o teu recto julgamento. Sim, aqueles que respeitam a divindade, mas não como coisa acessória, esses também deverão ser excelentes para os homens. Portanto, se eu tivesse de modificar essa minha obra e corrigir o retrato, não ousaria retirar dele fosse o que fosse, mas acrescentaria este ponto, como cabeça e coroamento de toda a obra.

Numa coisa, porém, eu confesso que te devo um agradecimento. Realmente, tendo eu elogiado a modéstia do teu carácter, bem como o facto de a actual prosperidade da tua situação não ter gerado em ti o mínimo traço de altivez ou de soberba, tu, ao censurares essas partes da minha obra, só confirmaste a verdade do elogio. Na verdade, o simples facto de não te teres avidamente apropriado de tamanhos elogios, mas, pelo contrário, teres ficado envergonhada com eles e teres dito que eles eram demais para ti, eis uma prova de modéstia e de uma certa mentalidade despreziosa. Ora, quanto mais mostras essa tua disposição relativamente aos próprios elogios, tanto mais te revelas merecedora de ser ainda mais elogiada. De algum modo, o teu caso fez-me lembrar aquele dito de Diógenes, o qual, tendo-lhe alguém perguntado como é que uma pessoa se tornaria famosa, respondeu: *“Desprezando a fama.”*. Também eu, se alguém me perguntasse: *“Quais são as pessoas mais dignas de elogio?”*, responderia: *“Aqueles que não querem ser elogiadas.”*

---

<sup>412</sup> “respeito” (“piedade”...): Este sentido de *timé* (τιμή), que parece algo forçado, é retomado mais abaixo com o verbo *sébo* (σέβω) “respeitar”.

<sup>413</sup> Licino compara uma só virtude, a piedade (respeito, reverência...), com *todas* as outras qualidades; daí que o adv. “porventura”, “talvez”, seja mais reforçativo que restritivo.

18. Mas estas considerações estão, talvez, fora de causa e longe do nosso tema. A acusação, porém, da qual me compete defender-me, diz que eu, ao desenhar o quadro, te comparei, em beleza, à *Afrodite de Cnido* e à *dos Jardins*, a Hera e a Atena. Tais comparações pareceram-te desmedidas e maiores que o teu pé. É justamente sobre isso que vou falar.

Embora seja um dito antigo, este que diz que os poetas e os pintores são pessoas inimputáveis, também o são os panegiristas, especialmente, julgo eu, os que escrevem em prosa humilde e corrida, como nós, que não se deixam transportar ao sabor dos seus versos. Na verdade, o elogio é coisa livre, que não tem uma medida previamente determinada, quer para mais, quer para menos, mas somente atende, de entre todas as coisas, a que o elogiado seja altamente admirado e apareça como pessoa digna de ser imitada. No entanto, não vou seguir essa via, para que não penses que procedo desse modo por falta de [outros] argumentos.

19. Ora, eu afirmo-te<sup>414</sup>, desde já, que os pressupostos dos discursos laudatórios são tais, que o panegirista tem de lançar mão de comparações e de símiles, e, neste aspecto, a coisa porventura mais importante consiste em fazer boas comparações. Mas, neste caso, não se poderá julgar “boas”, se se compara [uma coisa] com coisas iguais, ou se a comparação é estabelecida com algo inferior, mas sim se o objecto elogiado é, tanto quanto possível, aproximado do objecto superior.

Por exemplo, se alguém, ao elogiar um cão, dissesse que ele é maior que uma raposa ou que um gato, achas porventura que essa pessoa sabe elogiar? Não poderias afirmá-lo. E ainda que ela dissesse que o cão era do tamanho de um lobo, nem mesmo assim lhe faria um grande elogio. Então onde é que se atinge o ponto justo do elogio? [Atinge-se,] se se disser que o cão se assemelha a um leão em tamanho e em força. Assim, aquele poeta<sup>415</sup> que louvou o cão de Oríon<sup>416</sup>, chamou-lhe “*domador de leões*”. Realmente, este é um elogio perfeito para um cão.

---

<sup>414</sup> “afirmo-~~te~~”: Não vejo motivo para não ler *soí* (σού), onde os mss. têm *sé* (σέ): confusão própria de época bizantina; a emenda de Gesner (v. A. H. Harmon, “Loeb”), *gé* (γέ) não me parece obrigatória.

<sup>415</sup> Píndaro, frg. 74 a (Schroeder); outras edições: frg. 53.

<sup>416</sup> Oríon, um gigante e grande caçador, foi, depois de morto, transformado na constelação que tem o seu nome.



Por outro lado, se alguém, pretendendo elogiar Mílon de Crotona<sup>417</sup>, ou Glauco de Caristo, ou Polidamante, dissesse que qualquer deles era mais forte que uma mulher, não achas que essa pessoa era digna de troça, pela insensatez do elogio? E mesmo que dissesse que qualquer um deles era mais forte que um só homem, isso não era suficiente em termos de elogio. Mas vê lá como é que um poeta famoso elogiou Glauco<sup>418</sup>, ao dizer que ‘não teriam elevado as mãos contra ele’...

*nem a força de Pólux<sup>419</sup> ... ..  
nem o férreo filho de Alcmena.*

Já vês a que grandes divindades o comparou, ou melhor, como o mostrou ainda mais forte que estas! É que nem o próprio Glauco se irritou pelo facto de ser elogiado em paralelo com os deuses que supervisionam os atletas, nem aqueles deuses puniram nem Glauco<sup>420</sup>, nem o poeta, este como ímpio no seu elogio, mas, pelo contrário, ambos passaram a ser admirados e estimados pelos Gregos: um deles, Glauco, pela sua força, e o outro, o poeta, pelos seus outros cantos, e especialmente por este.

Portanto, não te admires pelo facto de eu, ao pretender fazer uma comparação, me ter servido de um modelo mais alto, e que era um processo necessário ao elogio, já que a própria matéria o exigia.

20. Mas já que mencionaste a bajulação, para já, elogio-te por odiar os bajuladores, e não poderia ser de outra maneira. Desejo, porém, perante a tua pessoa, distinguir e definir, por um lado, o acto do panegirista e, por outro, o exagero do bajulador.

---

<sup>417</sup> Mílon de Crotona (Magna Grécia), 2ª metade do séc. VI a.C., doze vezes vencedor na luta (6 nos Jogos Olímpicos, e 6 nos Píticos), também foi famoso por grandes demonstrações de força. Glauco de Caristo (Eubeia) foi vencedor, no pugilismo, uma vez nos Jogos Olímpicos (c. 520 a.C.), duas vezes nos Píticos, oito nos Nemeus e oito nos Ístmicos. Polidamante de Escotussa (Tessália) foi vencedor em Olímpia, no pancrácio (408 a.C.) e matou um leão em luta corpo a corpo. Belos exemplos para a comparação.

<sup>418</sup> Simónides de Ceos, frg. 6 Berk (= 39 J. M. Edmonds = 5 Hiller-Crusius). Luciano cita textualmente só o princípio e o fim do fragmento, fazendo, entre essas partes, uma paráfrase.

<sup>419</sup> Pólux, irmão de Castor (os Dioscuros), era famoso pugilista. O “filho de Alcmena” é Hércules.

<sup>420</sup> Entenda-se que Glauco não era responsável pelo elogio, mas mesmo assim, ao aceitá-lo, incorria no pecado de soberba excessiva.

O bajulador, uma vez que elogia tendo por objectivo o seu próprio benefício e tem em muito pouca consideração a verdade, julga poder elogiar tudo em excesso, quer mentindo, quer acrescentando a maior parte de sua própria lavra, a tal ponto, que não hesita em declarar que Tersites<sup>421</sup> é mais belo que Aquiles, ou em afirmar que Nestor é o mais jovem dos expedicionários contra Tróia. Até juraria que o filho de Cresos<sup>422</sup> tinha um ouvido mais apurado que Melampo, e que Fineu<sup>423</sup> tinha uma visão mais penetrante que Linceu, desde que esperasse ganhar qualquer coisa com a mentira. Pelo contrário, aquele que [somente] elogia<sup>424</sup> o mesmíssimo objecto, não mentirá em nenhum ponto nem acrescentará qualidades que não existem absolutamente, mas, tomando simplesmente as virtudes que a pessoa realmente possui por natureza, ainda que não seja muito grandes, aumenta-as e mostra-as maiores [do que são]. E até ousaria dizer, ao pretender elogiar um cavalo mais ligeiro e mais rápido do que todos os animais que conhecemos, que

*corria por sobre os caules, || sem derrubar a espiga.*<sup>425</sup>

E também não hesitaria em dizer

*... a corrida || de cavalos velozes como o vento.*<sup>426</sup>

---

<sup>421</sup> Tersites, guerreiro grego que combateu em Tróia, além ser de uma insolência extrema, tornou-se, para a posteridade, um dos símbolos da fealdade. Era particularmente odiado por Aquiles, por Ulisses e pelo comandante-geral da expedição: Agamémnon. Dele diz Homero (*Il.*, II, 216-219...): “Era o homem mais feio que veio a Ílion; tinha as pernas tortas e coxeava de um pé; os ombros eram curvados e descadados sobre o peito; a cabeça elevava-se pontiaguda, e dela despontava uma rala lanugem”...

<sup>422</sup> Um dos filhos de Cresos era surdo-mudo; Quanto a Melampo, tinha o dom da profecia e possuía, além disso, uma audição tal, que lhe permitia ouvir o que diziam entre si os vermes das traves da cela em que estava prisioneiro, pelo que “previu” que o tecto iria em breve desmoronar-se...

<sup>423</sup> Fineu (um dos três com esse nome) obtivera a longevidade em detrimento da visão. Linceu (um dos dois com esse nome) tinha a capacidade de ver, mesmo debaixo da terra... donde a expressão *ter olhos de lince*.

<sup>424</sup> Estabelece-se a diferença entre o *bajulador*, *kólax* (v. *supra*) e o *elogiador*, *epainôn*: ambos elogiam, mas segundo critérios e propósitos diferentes.

<sup>425</sup> Homero, *Iliada*, XX, 227. O passo homérico refere-se a doze poldras filhas da éguas de Ericciónio e de Bóreas; a citação tem de substituir a 3ª p. pl., “corriam” ... “não derrubavam”, pelo singular.

<sup>426</sup> Temos aqui um 2º hemistiquio de um hexâmetro dactílico, de poeta desconhecido.

E se [quisesse] elogiar uma casa bela e bem construída, diria:

*Tal é de Zeus Olímpio || o interior do palácio.*<sup>427</sup>

O bajulador, porém, aplicaria este último verso à choupana de um porqueiro, desde que esperasse retirar do porqueiro algum benefício. Cineto, o bajulador de Demétrio Poliorceta, depois de ter gasto com este todos os recursos da bajulação, elogiava Demétrio, atormentado pela tosse, dizendo que ele escarrava... musicalmente<sup>428</sup>.

21. Mas não é apenas este o traço distintivo de cada um deles, ou seja, o facto de os bajuladores não hesitarem em mentir, a fim de agradarem aos elogiados, enquanto os panegiristas se esforçam por exaltar as qualidades que realmente existem. No entanto, eles diferem num aspecto de não pouca importância, a saber, que os bajuladores utilizam ao máximo possível as suas hipóboles, enquanto os panegiristas são comedidos neste aspecto e ficam dentro dos limites [razoáveis].

Eis, entre muitas, algumas características distintivas entre a bajulação e o elogio sincero, a fim de não presumires que todos são elogiadores, mas para poderes distinguir e avaliar cada um segundo a medida adequada.

22. Vamos, aplica, se assim te apraz, ambos as bitolas às minhas palavras, para saberes se elas encaixam nesta ou naquela. Na verdade, se eu afirmasse que certa mulher muito feia era parecida com a estátua [da Afrodite] de Cnido, seria classificado de charlatão e mais bajulador que Cineto; mas, tratando-se de uma [mulher] assim, tão formosa como todos a conhecem<sup>429</sup>, já o atrevimento não ficaria a grande distância [da realidade].

23. Talvez pudesses dizer, ou melhor, já o disseste: “*Que te seja permitido, sim, elogiar a minha beleza; todavia, convém que o elogio seja irrepreensível, e que não compares com deusas uma simples mortal.*”. Eu, porém — pois agora ela vai levar-me

---

<sup>427</sup> Homero, *Odisseia*, IV, 74.

<sup>428</sup> “musicalmente”, *emmelós* (ἐμμελωῶς) evoca o advérbio, mais natural, *haimatòdes* (αἱματώδες) “(escarrava) sangue”, lit.<sup>te</sup> “sanguinolentemente” (com vosso perdão!).

<sup>429</sup> Licino sugere claramente de quem se trata...

a dizer a verdade —, minha cara senhora, não te comparei a deusas, mas sim a obras-primas de artistas consumados, feitas de pedra, de bronze ou de marfim. Ora, comparar com seres humanos as obras feitas por seres humanos, não constitui — creio eu — impiedade... a não ser que tu consideres que a obra esculpida por Fídias é a [autêntica] Atena, ou que é [mesmo] a Afrodite Celeste a [obra] que Praxíteles esculpiu em Cnido não muito tempo depois<sup>430</sup>. Mas vê lá se não é desrespeitoso ter uma tal concepção a respeito dos deuses, cujas verdadeiras figuras eu presumo serem mesmo impossíveis de captar pela imitação humana.

24. Mas, se eu te comparei muito especialmente a essas deusas, esse processo não é exclusivo da minha pessoa, nem fui eu o primeiro que enveredou por essa via, pois também assim [procederam] muitos e excelentes poetas, nomeadamente o teu [conterrâneo] Homero<sup>431</sup>, que neste momento vou fazer subir à tribuna, a fim de discursar em minha defesa... aliás, não há forma de ele não ser condenado juntamente comigo.

Irei, pois, interrogá-lo, ou melhor, interrogar-te-ei a ti em vez dele — já que sabes de cor, e fazes muito bem, as mais graciosas das suas rapsódias —, que é que te parece, quando ele diz, a respeito da cativa Briseide, que, ao prantear Pátroclo, se assemelhava à “*Afrodite de ouro*”<sup>432</sup>. E disse logo a seguir, como se não bastasse que ela se assemelhasse somente a Afrodite:

*e disse então chorando || essa mulher às deusas semelhante.*

Quando Homero fala desta maneira, será que tu o odeias e abominas o seu livro, ou lhe dás o direito de ser livre no seu elogio? E mesmo que tu não lho desses, já lho deu o tão longo tempo [decorrido], e não há ninguém que o incrimine por este facto, nem aquele que se atreveu a flagelar a sua imagem<sup>433</sup>, nem

---

<sup>430</sup> De facto, Fídias (c. 500-432 a.C.) e Praxíteles (nasceu c. 390) não estavam muito afastados no tempo. A interpretação por “não há muitos anos” parece inaceitável, precisamente porque, em relação a Licino (Luciano), Praxíteles já era bastante antigo (c. de 4 séculos e meio antes!).

<sup>431</sup> Panteia, tal como Polístrato, era natural de Esmirna, presumível (aqui dada como certa) pátria de Homero.

<sup>432</sup> *Iliada*, XIX, 282; a citação seguinte é do v. 286.

<sup>433</sup> Referência ao filósofo cínico Zoilo (séc. IV a.C.), que atacou as obras de Isócrates, Platão e, especialmente, Homero, sendo conhecido

aquele que assinalou os versos espúrios por meio de óbelos<sup>434</sup> à margem [do texto]<sup>435</sup>.

Então será permitido àquele comparar a Afrodite uma mulher bárbara, ainda por cima chorando, enquanto eu, para já não falar da tua beleza (pois não suportas ouvir mencioná-la), não poderia comparar a *imagens* de divindades uma mulher radiosa e geralmente sorridente — uma característica que os humanos possuem semelhante aos deuses?

25. No caso de Agamémnon, repara com que parcimónia o poeta tratou os deuses e como dispôs as [respectivas] imagens em [perfeita] simetria, ao dizer que ele é semelhante a Zeus nos olhos e na cabeça, a Ares na cintura, a Posídon no peito<sup>436</sup>, dividindo o [corpo do] herói em partes, a fim de o comparar a tão grandes deuses. E noutro passo diz que um tal é semelhante a Ares “*flagelo dos mortais*”<sup>437</sup>, e outro [semelhante] a outro [deus], o frígio filho de Príamo<sup>438</sup> é “*divinamente belo*”, e o filho de Peleu<sup>439</sup> é por diversas vezes chamado “*de figura divina*”.

Mas regresso aos modelos femininos. Certamente tens ouvido o poeta dizer

*a Ártemis semelhante, || ou à doirada Afrodite*<sup>440</sup>,

ou ainda

*tal como Ártemis [frecheira] || pelos montes se desloca.*<sup>441</sup>

---

pelo próprio título de uma sua obra: *Homēromástix* (Ὁμηρομάστιξ), “flagelo de Homero”.

<sup>434</sup> O óbelo, gr. *obelós* (ὀβελός) era um sinal que servia para assinalar um erro ou outra irregularidade num texto; tinha a forma de uma linha (—), por vezes com um ponto por cima e outro por baixo.

<sup>435</sup> Referência ao gramático Aristarco de Alexandria, severo (e por vezes justo) crítico de Homero.

<sup>436</sup> *Iliada*, II, 478-479.

<sup>437</sup> *Iliada*, XI, 295; XIII, 802, ambos referidos a Heitor, mas Licino (Luciano) dispensa-se de especificar. Aliás, sigo o acrescento de A. M. Harmon (“Loeb”), *tin’* (τιν’), que me parece, pelo menos, oportuno.

<sup>438</sup> *Iliada*, III, 16; “o frígio filho de Príamo” é Páris.

<sup>439</sup> o filho de Peleu” é Aquiles.

<sup>440</sup> *Odisseia*, XVII, 37, referido a Penélope.

<sup>441</sup> *Odisseia*, VI, 102, referido a Nausica. Note que o epíteto “frecheira”, no fim do verso, não consta da citação de Luciano.

26. Não são, porém, só os homens no seu conjunto que o poeta compara aos deuses, mas também comparou a cabeleira de Euforbo<sup>442</sup>, mesmo que encharcada em sangue, à das Graças<sup>443</sup>. Em suma, casos como estes são tantos, que não há nenhuma parte dos seus poemas, que não esteja embelezada com comparações divinas. Portanto, ou apagas esses passos, ou nos<sup>444</sup> permites idêntico atrevimento. Mas o uso de comparações e de símiles é de tal modo isento de culpa, que Homero não hesitou em elogiar as próprias deusas com base em aspectos inferiores. Por exemplo, comparou os olhos de Hera aos olhos das vacas<sup>445</sup>; um outro<sup>446</sup> [poeta] chamou a Afrodite “*a de sobrancelhas cor de violeta*”; e quem é que, de entre os familiarizados, ainda que muito pouco, com a poesia de Homero, desconhece a “*de róseos dedos*”<sup>447</sup>?

27. Todavia, ainda é de somenos importância o caso da beleza física, ou seja, se uma pessoa é dita “semelhante a uma divindade”. Mas quantos copiaram os próprios nomes das divindades, denominando-se a si mesmos *Dionísios*<sup>448</sup>, *Hefestíões*, *Zenões*, *Posidónios*, e *Hermes*?! Também existiu uma mulher de nome *Leto*, esposa de Evágoras, rei de Chipre<sup>449</sup>, e no entanto, a deusa não ficou zangada, quando podia transformá-la em pedra, como fez a Níobe. E já não falo dos egípcios, os quais, apesar de serem as mais supersticiosas de todas as criaturas, mesmo assim usam os nomes divinos até à saciedade. Realmente, a maior parte dos seus nomes deriva do [vocabulo] *céu*.

28. Portanto, não é a ti que compete um tal sentimento, o de ficares temerosa com o elogio. Realmente, se, no meu

---

<sup>442</sup> Euforbo, matador de Pátroclo e, por sua vez, morto por Menelau, donde a imagem sangrenta.

<sup>443</sup> *Iliada*, XVII, 51.

<sup>444</sup> “nos”, plural majestático = “me”, ou generalizante; “a todos nós (panegiristas)”.

<sup>445</sup> Alusão ao epíteto de Hera e outras mulheres, *boôpis* (βοῶπις) “que tem olhos de vaca”, ou “... de boi”, ou seja, olhos grandes, salientes e tranquilos.

<sup>446</sup> Píndaro. V. a obra precedente, *As Imagens*, §8.

<sup>447</sup> Epíteto de Eos, a Aurora, gr. *rhododáktylos* (ῥοδοδάκτυλος).

<sup>448</sup> Notar os nomes no plural... e com boas razões...

<sup>449</sup> Na mitologia, Leto (a Latona dos Romanos) era mãe de Apolo e de Ártemis.

escrito, eu cometi alguma falta contra a divindade, tu não tens qualquer culpa desse facto... a não ser que consideres que há alguma responsabilidade pelo facto de o ouvires ler<sup>450</sup>, mas, pelo contrário, a mim é que os deuses castigarão, depois de, antes de mim, terem castigado<sup>451</sup> Homero e os demais poetas. Ora, até ao presente, ainda não castigaram o mais excelente dos filósofos, o qual afirmou que o homem é uma imagem da divindade<sup>452</sup>.

Embora tenha ainda muita coisa para te dizer, vou terminar, atendendo aqui ao Polístrato, para que ele possa repetir de memória o que ficou dito.

29. POLÍSTRATO — Não sei, ó Licino, se isso me é possível, uma vez que tu dissertaste longamente e muito para além da água vertida<sup>453</sup>. Em todo o caso, esforçar-me-ei por me lembrar das tuas palavras, e, como vês, já vou correndo para casa da senhora, de ouvidos tapados, para que nada de alheio penetre neles e confunda a ordem do discurso e então se dê o caso de eu ser assobiado pelos “espectadores”<sup>454</sup>.

LICINO — Caber-te-á a ti Polístrato, desempenhar excelentemente o teu papel<sup>455</sup>. Quanto a mim, uma vez que te confiei a minha “peça”, vou já retirar-me daqui. Quando, porém, forem anunciar a votação, então apresentar-me-ei pessoalmente, a fim de ver qual será o resultado da “contenda”<sup>456</sup>.

---

<sup>450</sup> Naturalmente, Licino quer dizer precisamente o contrário: ler ou ouvir ler uma obra ímpia só responsabiliza o seu autor...

<sup>451</sup> “depois de... terem castigado”. Mais ironia: claro que os deuses não castigaram Homero nem os poetas em geral, nem, portanto, irão castigar um simples e modesto panegirista.

<sup>452</sup> Este conceito é atribuído a diversos filósofos: Platão, Diógenes, Epicuro...

<sup>453</sup> Referência ao tempo marcado pela clepsidra, que Licino claramente ultrapassou.

<sup>454</sup> “espectadores”, alusão ao que aconteceria, se fosse num teatro.

<sup>455</sup> Licino continua com linguagem teatral.

<sup>456</sup> “contenda”: o termo *agôn* (ἀγών) significa “luta”, “competição”, e, mais restritamente “concurso teatral” e “processo judicial”. Aqui, estão presentes as duas últimas conotações. Nota final: Seria interessante que Luciano nos desse (como fantasia literária, já se vê, mas também com a respectiva justificação) o “resultado da contenda”, naturalmente favorável a Licino.

(Página deixada propositadamente em branco)



## A DEUSA SÍRIA

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

A deusa nacional da Síria, a que os Gregos e os Romanos se referiam, simplesmente, como *Deusa síria*, é aqui identificada como a correspondente da grega Hera. O seu nome sírio era Atargátis (Atárgatis), bem documentado em autores antigos, mas cuja forma Luciano parece desconhecer, pois diz, logo no §1: *Julgo... que este nome [Hera] não lhe foi dado aquando da fundação da cidade, mas que o nome antigo era outro, e só mais tarde, quando foram instituídos os grandes rituais sagrados, passou a ter esta designação.*

Este livro de “impressões de viagem”, que só depois de vários excursos se concentra no templo da “deusa síria” — e mesmo assim com derivações, aliás interessantes do ponto de vista informativo —, está claramente escrito à saborosa maneira de Heródoto, quer nas descrições do exotismo daquelas regiões, quer na língua e no estilo do “pai da História”. A imitação é de tal modo perfeita, que o leitor desprevenido mas que tivesse lido algumas histórias de Heródoto, julgaria estar a ler partes ainda não lidas da sua obra. Além das formas e vocabulário jónicos, toca-nos a fraseologia “ingénua”, onde abunda o período, e mesmo séries de períodos, em estilo paratáctico, com poucas ligações hipotácticas, que induzem o tradutor na tentação de “meter”, entre frases e períodos, uma ou outra conjunção subordinativa. Em geral (mas não sempre!), manteve a coordenação, precisamente com a finalidade de “traduzir” essa característica sintáctica que persiste em toda a obra.

Mais difícil, porém, é verter o dialecto jónico para uma forma de português que transmita ao leitor uma impressão aproximada àquela que um ateniense (ou um aticista do tempo de Luciano) teria certamente ao ler ou ouvir ler Heródoto... ou *A Deusa Síria*. Para começar, a relação entre, por exemplo (e para simplificar) o dialecto ático e o dialecto jónico não é a mesma que existe entre o português (de Portugal) tido como “padrão” e os diversos falares ou subdialectos portugueses (de Portugal, incluindo Madeira e Açores), e isto, simplesmente, porque os nossos dialectos não têm nem a expressão literária do jónico, nem a sua “nobre ressonância”. Assim, uma versão do jónico de Luciano (e, já agora, de Heródoto ou... de Homero!) seria uma coisa infinitamente ridícula, que só poderia admitir-se numa versão de certos passos “dialectais” de Aristófanes, pois estes são mesmo para rir...

Por outras razões, facilmente identificáveis, também não ficaria nada bem uma versão (para português ler!) “brasileira” da *Deusa Síria*” (ou de Heródoto, ou... de Homero!). Simetricamente, o mesmo se passaria com uma versão “portuguesa de Portugal”, para brasileiro ler... Creio que esta afirmação se impõe por si mesma.

Existe ainda uma “solução”, que consiste na versão em português arcaico de, por exemplo, Fernão Lopes, crônicas e outros textos ainda mais antigos... Foi precisamente este o tipo de solução encontrado por A. M. Harmon (“Loeb, IV”), que ajustou o inglês à língua e ao estilo de um tal Sir John Mandeville, que presumo ser um “arcaico” viajante. O inglês utilizado é realmente saboroso, como saborosa resultaria uma tradução portuguesa em linguagem arcaica. Mas terá (teria?) essa tradução (port. arc. / port. mod.) a mesma relação que existe entre o dialecto jónico e o dialecto ático? Na verdade, o dialecto jónico, ainda que contenha aspectos arcaicos em relação ao ático (ausência de contracções...), também tem aspectos inovadores ou mais “avançados” (etacismo mais generalizado...). Realmente, o dialecto jónico não era sentido (nem era mesmo) um dialecto arcaico, mas uma forma de grego rigorosamente contemporânea dos demais dialectos.

Em resumo, e generalizando, estávamos bem “arranjados” se tivéssemos de procurar, dentro do Português, uma forma para traduzir Homero, outra para os trágicos, outra para os cómicos, outra para as diversas formas de grego helenístico, cristão, etc... O que se pode fazer, isso sim, é, sempre que possível, dar um “toque” que sugira o estilo do original vertendo. Foi o que fiz, nomeadamente na questão, já mencionada, do estilo paratático.

No que respeita ao conteúdo de *A Deusa Síria*, há que dizer, em primeiro lugar, que Luciano se ocupa muito pouco da deusa, e muito mais do seu templo, da sua decoração, de histórias e lendas, dos rituais... para não falar dos excursos, os quais, na verdade, conferem ao Autor o título de excelente contador de histórias. Estas correspondem, geralmente, a lendas, e estariam melhor num contexto mitológico, do que numa obra que se pretende histórica. Mas isso já vem de Heródoto...

E tal como se lêem com infantil gosto as histórias do “pai da História”, também *A Deusa Síria*, com todos (*especialmente* com todos) os seus excursos se lê com muito agrado, além de, é

claro, nos dar algumas informações que até o historiador pode, criteriosamente, aproveitar, uma vez que o sírio Luciano, afinal, conhecia *de visu* pelo menos alguns dos locais, nomeadamente o templo de Atargátis-Hera. Não deixa de ser interessante o final da obra, na qual Luciano recorda o uso de deixar no templo um vaso com uma madeixa de cabelos e a respectiva identificação:

*Também eu cumpri este procedimento quando era menino, e ainda hoje se encontram no templo a minha madeixa de cabelos e o meu nome.*

Não sei se se trata de uma memória autêntica dos tempos de menino, ou então — mas como sabê-lo? — de um simples processo de fazer passar a imaginação por um processo meramente literário de testemunhar uma (falsa) realidade.

(Página deixada propositadamente em branco)

## A DEUSA SÍRIA

1. Existe na Síria uma cidade, não muito longe do rio Eufrates, que se chama *Hire*<sup>457</sup>, a *Sagrada*, a qual é consagrada a Hera Assíria<sup>458</sup>. Julgo, porém, que este nome não lhe foi dado aquando da fundação da cidade, mas que o nome antigo era outro, e só mais tarde, quando foram instituídos os grandes rituais sagrados, passou a ter esta designação. É, pois, desta cidade, que eu vou tratar, narrando o que nela existe. Narrarei também os costumes que eles observam nos seus rituais, as assembleias que realizam e os sacrifícios que executam. Falarei ainda sobre as histórias que se contam a respeito dos fundadores do culto e em que condições foi construído o templo. Escrevo na qualidade de assírio<sup>459</sup>, e, de entre os factos que narro, uns conheço-os por testemunho ocular, e outros — os que eu descrevo como sendo anteriores ao meu tempo — soube-os através dos sacerdotes.

2. Diz-se que os Egípcios foram os primeiros homens, de entre os que nós conhecemos, a terem a noção dos deuses, a construírem templos e santuários e a celebrarem assembleias religiosas. Foram eles também os primeiros que conheceram os seus nomes sagrados e que pronunciaram fórmulas sagradas. Passado não muito tempo, os Assírios ouviram dos Egípcios a história relativa aos deuses, e então erigiram santuários e templos, nos quais colocaram imagens<sup>460</sup> e criaram figuras esculpidas.

3. No princípio, entre os Egípcios, os templos eram desprovidos de figuras esculpidas. Ora, existem na Síria templos mais ou menos da mesma época dos egípcios, muitos dos quais eu visitei, nomeadamente o de Hércules em Tiro, não do Hércules

---

<sup>457</sup> Luciano refere-se à cidade de *Hierápolis* (ou *Hierápolis*), lit.<sup>te</sup> “cidade sagrada”, mas retira-lhe o 2º elemento, (*pólis*), e dá ao 1º a forma jónica, *hirá* (ἱρά), adj., fem. de *hirós* (ἱρός) = át. *hierós*, -á (ἱερός, -ά). Segundo Estrabão (*apud* E. Talbot, “Hachette” 1857, vol. II, p. 442), o seu nome primitivo era *Edessa*, ou, *Bombice*, e Plínio, V, 81, diz que o nome sírio era *Mabog*.

<sup>458</sup> A confusão entre *Síria* e *Assíria* remonta, pelo menos, a Heródoto, VII, 53.

<sup>459</sup> Na verdade, Luciano era *sírio*; sobre a confusão entre *sírio* e *assírio*, v. nota *supra*

<sup>460</sup> *agálmata* (ἀγάλματα) deve referir-se não só a “estátuas”, mas também a pinturas, ao passo que *xóana* (ξόανα) significará toda a obra esculpida, quer em pedra, quer em madeira, mas também baixos-relevos e altos-relevos.

que os Gregos celebram, pois esse ao qual me refiro é muito mais antigo<sup>461</sup>, é um herói [propriamente] tírio.

4. Existe na Fenícia um outro grande templo, propriedade dos Sidónios. Como estes mesmos dizem, é consagrado a Astarte. Ora Astarte, creio eu, é Selene. No entanto, segundo me contou um dos sacerdotes, é consagrado a Europa, irmã de Cadmo. Esta Europa era filha do rei Agenor, e então, quando ela desapareceu, os Fenícios homenagearam-na com esse templo e contaram sobre ela uma história sagrada, dizendo que, por ser tão formosa, Zeus se apaixonou por ela e, tendo tomado a figura de um touro, a raptou e fugiu, levando-a para Creta. Escutei esta mesma história da boca de outros fenícios, e [de facto,] a moeda que os Sidónios utilizam tem Europa montada num touro, que é Zeus.

5. Os Fenícios têm um outro templo, [que não é] nem assírio nem egípcio, mas que veio<sup>462</sup> de Heliópolis para a Fenícia. Não cheguei a vê-lo, mas é grande e antigo.

6. Vi também em Biblo um grande templo dedicado a Afrodite Bibliana, no interior do qual se celebram as orgias em honra de Adónis. Também fui iniciado<sup>463</sup> nessas orgias. Dizem eles que o episódio relativo a Adónis [vitimado] por um javali se passou na sua região, e, em memória desse triste acontecimento, todos os anos se ferem no peito, choram, celebram essas orgias, e promovem grandes rituais fúnebres por toda a região. Quando cessam de bater no peito e de chorar, primeiramente fazem oferendas a Adónis na sua qualidade de morto<sup>464</sup>, mas no segundo dia dizem que ele está vivo e enviam-no para o céu. E rapam a cabeça, como os Egípcios quando morre o boi Ápis. E as mulheres que não querem rapar os cabelos pagam a multa

---

<sup>461</sup> Segundo Heródoto, II, 44, esse templo, em 430 a.C., tinha 2.300 anos. Quanto ao deus identificado com Hércules, trata-se de Melkart (v. A. M. Harmon, “Loeb”, IV); por outro lado, a palavra *harokel* “mercador” terá sido assimilada ao nome grego *Hēraklēs* (Ἡρακλῆς) (v. Talbot, “Hachette”, II).

<sup>462</sup> “veio”, *apiketo* (ἀπίκετο) é uma maneira de dizer: o templo e o culto são de influência heliopolitana.

<sup>463</sup> *edāen*, (ἐδάην) “fui iniciado”, ou “tomei conhecimento”, “aprendi”.

<sup>464</sup> Resumidamente, Afrodite e Perséfone, deusa do Hades, apaixonaram-se pelo formoso Adónis. Então Zeus decidiu que Adónis passaria um terço do ano no Olimpo, com Afrodite, outro terço no Hades, com Perséfone, e outro terço com quem muito bem entendesse...



seguinte: durante um dia sujeitam-se a vender os seus encantos<sup>465</sup>, mas a venda é facultada exclusivamente aos estrangeiros, e o dinheiro apurado vai para um sacrifício a Afrodite.

7. Há certos biblianos que dizem que o deus egípcio Osíris foi sepultado no seu país, e que as cerimónias fúnebres e as orgias são todas realizadas em honra, não de Adónis, mas de Osíris. Vou dizer com que fundamento é que eles [me] parecem mais convincentes. Todos os anos, uma cabeça proveniente do Egipto aporta a Biblo, depois de boiar durante uma travessia de sete dias, pois os ventos impelem-na, numa viagem divina. Nunca se desvia para qualquer outra parte, mas aporta unicamente a Biblo. É tudo uma [grande] maravilha, e todos os anos ocorre esse fenómeno, que também aconteceu quando eu estava presente em Biblo, e eu mesmo vi essa cabeça [feita] de papiro.

8. Existe outra maravilha na região de Biblo: um rio que vem da montanha do Líbano e se precipita no mar. Puseram ao rio a designação de Adónis. Esse rio todos os anos ganha uma cor sanguinolenta, e então lança-se no mar, depois de perder a sua cor [natural], avermelhando a maior parte do mar, assim assinalando aos Biblianos as cerimónias fúnebres. Conta-se que nesses dias Adónis é ferido no alto Líbano e que é o seu sangue, transformado em água, que muda a cor do rio e dá o nome a essa corrente. Isto é o que diz a maioria [das pessoas]. No entanto, um homem de Biblo, que me pareceu falar verdade, conta uma outra causa do fenómeno. Dizia ele: *“O rio Adónis, ó estrangeiro, corre através do Líbano. Ora, o Líbano tem um solo fortemente avermelhado; então os ventos muito violentos que se levantam nesses dias transportam para o rio essa terra, que é na sua maioria vermelha, e a terra torna o rio cor de sangue. Portanto, a causa deste fenómeno não é o sangue, como dizem, mas sim a natureza do solo.”* Eis o que o bibliano me contou. Se o que ele disse é verdade, a mim parece-me, mesmo assim, uma coincidência divina, essa do vento.

9. Depois subi até ao Líbano, à distância de uma jornada de Biblo, pois fora informado de que existia lá um templo [muito] antigo consagrado a Afrodite, erigido por Cíniras; visitei o templo, que era realmente [muito] antigo.

---

<sup>465</sup> “os seus encantos” é, naturalmente, um eufemismo...

São estes os templos antigos e grandes [existentes] na Síria.

10. De entre tantos santuários lá existentes, não creio que haja algum maior que o de Hierápolis<sup>466</sup>, nem templo mais santo, nem região mais sagrada. Existem nele obras [de arte] mui preciosas, oferendas antigas, muitas coisas maravilhosas e estátuas divinas. As divindades estão aí bem patentes. De facto, [nesse templo,] as estátuas transpiram, movem-se e pronunciam oráculos, e muitas vezes ouve-se uma voz dentro do templo, quando o santuário está encerrado, coisa que muitas pessoas ouviram. No que toca a riqueza, este é o primeiro de entre os que conheço. Na verdade, chegam lá muitos tesouros provenientes da Arábia, da Fenícia, da Babilónia, da Capadócia, e também trazidos pelos Cilícios e pelos Assírios. Eu próprio vi os que estão armazenados em local secreto: grande quantidade de vestuário, e outros objectos de prata e ouro, arrumados separadamente. E no que respeita a festas religiosas e outras solenidades, em nenhuma outra parte do mundo se realizam tantas como aqui.

11. Tendo eu inquirido a respeito da antiguidade [do templo], quantos anos tinha e a que deusa o julgavam dedicado, verificaram-se muitas opiniões, umas de origem sagrada, outras profanas<sup>467</sup>, outras completamente fabulosas, umas bárbaras, outras concordantes com os Gregos. Quanto a mim, vou expô-las todas, mas não aceito nenhuma.

12. A maior parte das pessoas diz que foi o cita<sup>468</sup> Deucalião quem fundou o santuário, aquele Deucalião em cujo tempo se deu a grande inundação. A respeito de Deucalião, ouvi na Grécia a história que os Gregos contam sobre ele. A história   a seguinte:

---

<sup>466</sup> Hierápolis, de *hier  pólis* ( ερ  πόλις) “cidade santa”, na Síria (e noutras regiões). A forma *Hierápolis*   aplicada por pelo judeu F lon de Alexandria a Jerusalém.

<sup>467</sup> “profanas”, *emphan es* ( μφαν ες) parece ser o óbvio sentido contextual...

<sup>468</sup> “cita”, i.  , “da C tia”, atribui o insólita, pois Deucalião   o rei lendário da Tessália. Como, porém, o mito do Dilúvio era comum a toda a Ásia Menor, cada uma com o seu herói salvador, parece fácil a identifica o de qualquer desses com o tessálico Deucalião. Luciano pode, simplesmente, aproveitar essa identifica o dos naturais da região.

Esta geração, a dos homens actuais, não foi a primeira, pois a geração precedente pereceu por completo, pelo que os homens actuais provêm da segunda geração, a qual, por sua vez, com origem em Deucalião, chegou a uma enorme multidão. A respeito desses [primeiros] homens, conta-se o seguinte: Como eram muito violentos, cometiam actos criminosos. De facto, não respeitavam os juramentos, não recebiam os estrangeiros nem acolhiam os suplicantes, pelo que lhes aconteceu o grande cataclismo. De repente, a terra despeja uma grande quantidade de água, houve chuvas abundantes, os rios engrossaram e transbordaram e o mar subiu a grande altura, a ponto de tudo estar coberto de água, e toda a gente pereceu, e, de entre os homens, devido à sua prudência e à sua piedade, só restou Deucalião, para [iniciar] a segunda geração. A sua salvação deu-se da seguinte maneira: Tendo embarcado numa grande arca que possuía, nela fez entrar também os seus filhos e as suas esposas<sup>469</sup>. Enquanto ele embarcava, vieram porcos, cavalos, raças de leões, serpentes e todos os outros animais que vivem em terra firme, todos aos pares. Acolheu-os a todos, e eles não lhe faziam mal, mas, pelo contrário, fez-se entre todos, por graça divina, uma grande amizade. E foi nessa única arca que todos flutuaram, enquanto a água se mantinha. Esta é a história que os Gregos contam a respeito de Deucalião.

13. Mas, na sequência deste caso, os habitantes de Hierápolis contam uma história altamente digna de admiração, dizendo que na sua região se abriu um enorme buraco, e este absorveu toda a água. E Deucalião, quando tal aconteceu, construiu altares e erigiu sobre esse buraco um templo consagrado a Hera. Eu próprio vi esse buraco, que está sob o templo, mas bastante pequeno. Se outrora foi grande, e só agora é como é, não sei. Mas aquele que eu vi é pequeno.

Em comemoração desta história, fazem o seguinte: Duas vezes por ano, vem água do mar para dentro do templo. Carregam-na não só sacerdotes, mas também toda a Síria e a Arábia, e do lado de lá do Eufrates muitas pessoas se deslocam até ao mar, e todas carregam água; primeiro lançam-na para dentro do templo, e depois a água desce para o buraco, e o buraco, mesmo pequeno, recebe uma grande quantidade de água.

---

<sup>469</sup> “as suas esposas” pode referir-se às diversas esposas de Deucalião (poligamia), ou também às diversas esposas dos diversos filhos. Tanto faz...

Ao procederem deste modo, dizem que foi Deucalião quem instituiu esta lei no santuário, para ficar como memória [ao mesmo tempo] da calamidade e do benefício.

Tal é a velha história que eles contam acerca do santuário.

14. Outros, porém, crêem que foi a babilónia Semíramis<sup>470</sup>, da qual existem muitas construções na Ásia, quem erigiu este edifício, e que o erigiu em honra, não de Hera, mas sim de sua própria mãe, de nome Dérceto. Ora, eu vi na Fenícia uma imagem de Dérceto, uma coisa estranha de se ver, metade mulher, e, desde as coxas até à ponta dos pés, [tinha] uma cauda de peixe. No entanto, aquela [que se vê] em Hierápolis é completamente mulher, pelo que as crenças destes não são muito claras. Crêem que os peixes são coisa sagrada, e nunca tocam sequer em peixes. Comem todas as espécies de aves, e só não comem a pomba, pois esta é sagrada para eles. Crê-se que eles procedem desta maneira em honra de Dérceto e de Semíramis, por um lado, porque Dérceto tem a forma de peixe, e por outro, porque Semíramis, depois de morta, foi transformada em pomba. Pela minha parte, admitirei, de certo modo, que o templo seja obra de Semíramis, mas não estou de maneira nenhuma convencido de que o santuário seja dedicado a Dérceto, uma vez que alguns dos egípcios não comem peixes, e isso não é para agradarem a Dérceto.

15. Há ainda uma outra história sagrada, que eu ouvi da boca de um homem sábio, segundo o qual<sup>471</sup> a deusa é Reia, e o templo é obra de Átis. Ora, Átis era lídio de origem, e foi o primeiro que ensinou [a praticar] as orgias em honra de Reia, e as que os Frígios, os Lídios e os Samotraces celebram aprenderam-nas todas de Átis. De facto, logo que Reia o castrou, Átis abandonou a vida masculina, que trocou pela figura feminina, vestiu-se com trajos femininos e, errando por todo o mundo, celebrava as orgias, narrava o que lhe havia acontecido e cantava Reia. Entre outras paragens, chegou à Síria. Como, porém, os homens [que habitavam] para lá do Eufrates não o aceitassem, nem a ele nem às suas orgias, erigiu um templo neste lugar. Como prova disso, essa deusa assemelha-se muito

---

<sup>470</sup> Semíramis, rainha da Assíria, cuja capital era Babilónia..

<sup>471</sup> “segundo o qual” (homem sábio) ou “segundo a qual” (história). O gr. permite ambas as interpretações.

à nossa Reia. De facto, é puxada por leões, tem uma pandeireta e uma torre sobre a cabeça, tal qual os Lídios representam Reia. Dizia ainda [o referido sábio], a respeito dos Galos<sup>472</sup> que servem no templo, que esses Galos se castram, em honra não de Hera, mas sim de Reia, por imitação de Átis.

Todos esses relatos me parecem muito bonitos, mas não verdadeiros. Realmente, ouvi contar, a respeito da castração, uma outra causa muito mais credível.

16. Agrada-me o que a respeito do templo dizem aqueles que, em linhas gerais, concordam com os Gregos, ou seja, os que julgam que a deusa é Hera, e que o edifício é obra de Dioniso, filho de Sêmele. Realmente, Dioniso chegou à Síria, na famosa viagem [que fez] à Etiópia. Existem no templo muitos objectos que são a prova de que Dioniso foi o seu fundador, entre os quais vestes bárbaras, pedras preciosas indianas e dentes de elefante, que Dioniso trouxe da Etiópia; também estão patentes no vestíbulo dois falos bastante grandes, nos quais está gravada a seguinte inscrição: “*Estes falos ofereci-os eu, Dioniso, à minha madrastra Hera.*”<sup>473</sup> Para mim, esta prova já basta, mas vou falar de outra que se encontra no interior do templo e é própria do culto de Dioniso. Os Gregos erigem, em honra de Dioniso, uns falos, sobre os quais colocam uns bonecos minúsculos feitos de madeira, com enormes partes pudendas. Chamam a estes [bonecos] “nervos tesos”<sup>474</sup>. Também existe um tal objecto dentro do templo. Do lado direito do templo há um boneco minúsculo, de bronze, que tem um membro viril enorme.

17. É isto o que contam a respeito dos fundadores do santuário. Agora vou falar do templo, como se procedeu à sua localização e quem o construiu. Diz-se que o templo actualmente existente < não é o que existia primitivamente <sup>475</sup>>, pois esse

---

<sup>472</sup> Os Galos eram os sacerdotes de Reia (ou Cíbele).

<sup>473</sup> Dioniso era filho de Zeus e de Sêmele, pelo que considera Hera, esposa legítima de Zeus, como sua madrastra.

<sup>474</sup> “nervos tesos”, gr. (neutro pl.) *neuróspasta* (νευρόσπαστα), que eram bonecos com falos enormes, quase do tamanho do boneco, que faziam baloiçar para cima e para baixo por meio de um fio. V. descrição em Heródoto, II, 48.

<sup>475</sup> Os mss. ΓΕ têm aqui uma lacuna (de c. 31 letras em Γ: *apud* A. M. Harmon, “Loeb”). Os outros mss. não indicam qualquer lacuna, mas esta é mais que certa, pois o texto ficaria ininteligível.

ruiu mais tarde, com o tempo, e o que actualmente existe é obra de Estratonice, esposa do rei dos Assírios<sup>476</sup>.

Ora, creio que esta Estratonice é aquela por quem o seu enteado se apaixonou, e que a perspicácia do seu médico descobriu. De facto, quando a desgraça se abateu sobre ele, e como não soubesse o que fazer a um mal que lhe parecia vergonhoso, [o jovem] sofria em silêncio, prostrado sem sentir qualquer dor [física], mas a sua tez ia ficando completamente alterada, e o seu corpo ia definhando de dia para dia. Então o seu médico, vendo que ele estava doente sem causa aparente, reconheceu que se tratava da doença de amor. Há diversos sintomas do amor assolapado: olhar mortiço, voz [alterada], tez [pálida] e lágrimas. Percebendo a situação, procedeu assim: colocou a mão direita sobre o coração do jovem, e depois chamou todos os da casa, um por um. À medida que todos iam entrando, o jovem mantinha-se tranquilo, mas logo que chegou a madrastra, mudou de cor, começou a transpirar, foi tomado de tremuras e o coração começou a palpitar. Estes factos tornaram patente ao médico que se tratava da paixão amorosa. Eis como ele o curou:

18. Chamando o pai do jovem, que estava bastante apreensivo, disse-lhe: *“Esta doença de que sofre aqui o moço, não é [propriamente] uma doença, mas um ilícito. De facto, o moço não sente qualquer dor, mas a paixão amorosa e a loucura tomaram posse dele; deseja uma coisa que não vai de maneira nenhuma conseguir, pois está apaixonado pela minha mulher, que eu de modo nenhum deixarei.”* Mas o médico estava a mentir com manha. E logo o pai lhe suplicou: *“Em nome da tua ciência e da tua arte médica, não deixes morrer o meu filho! Na verdade, não foi por querer que ele contraiu essa enfermidade, mas a sua doença é involuntária. Não levantes, por ciúme do moço, uma onda de luto por todo o reino, nem deixes, na tua qualidade de médico que imputem a sua morte à Medicina.”* Assim suplicava ele, sem saber [da manha]. Então o médico, por sua vez, retorquiu-lhe: *“Estás a querer acabar indecentemente com o meu casamento, violentando o teu médico. Mas que é tu farias, tu, que me pedes uma tal coisa, se ele desejasse a tua esposa?”* A estas palavras o outro respondeu que não teria contemplação pela esposa, nem teria ciúmes, atendendo

---

<sup>476</sup> O rei dos Assírios (melhor, dos Sírios) é aqui, Seleuco, que fora general de Alexandre.

à salvação do filho, caso este se apaixonasse pela sua madrasta. Na verdade, não era a mesma desgraça perder uma esposa ou perder um filho. Então o médico, ao ouvir estas palavras, disse: *“Então porque é que me suplicas [uma tal coisa]? Na verdade, é pela tua mulher que ele está apaixonado, e tudo o que eu disse era mentira.”* O rei deixou-se convencer, cedeu a sua esposa e o seu reino ao filho, e ele próprio foi para o território de Babilónia e aí fundou, na margem do Eufrates, uma cidade sua epónima<sup>477</sup>, onde ocorreu a sua morte. E foi assim que o médico reconheceu a paixão [do jovem] e o curou.

19. Esta mesma Estratonice, quando ainda vivia com o seu anterior marido, teve um sonho, no qual Hera lhe ordenava que erigisse um templo em Hierápolis e a ameaçava, caso não obedecesse, com [grandes] desgraças. Mas ela, ao princípio, não fez qualquer caso [do sonho]; mais tarde, porém, atingida por uma grave doença, contou o sonho ao marido e fez por apaciar Hera, prometendo erigir-lhe esse templo. Logo que ela recuperou a saúde, o marido mandou-a a Hierápolis com uma grande soma de dinheiro e um grande exército, uns com o fim de proceder à construção, outros por questão de segurança. E tendo chamado um dos seus amigos, um jovem muito belo chamado Combabo, disse-lhe: *“Combabo, pelos teus nobres sentimentos, estimo-te mais que os outros meus amigos e louvo-te pela tua sensatez e pela tua já bem demonstrada afeição por nós”*<sup>478</sup>. *Mas neste momento preciso da tua grande fidelidade, e quero que tu acompanhes a minha mulher, executes a obra, conclusas o templo e comandes o exército. E quando regressares, receberás de nós uma grande recompensa.”*

Perante estas palavras, Combabo logo suplicou e insistiu para que não o enviasse nem lhe confiasse um empreendimento demasiado grande para a sua pessoa: dinheiro, a esposa e a obra sagrada. O que ele temia era que, algum tempo mais tarde, surgisse o ciúme [do rei] em relação a Estratonice, que ele ia levar sozinho.

20. Como o rei não se deixasse de maneira nenhuma convencer, Combabo lançou mão de um segundo pedido, ou seja, que [o rei] lhe desse um prazo de sete dias, e então que o

---

<sup>477</sup> A cidade fundada por Seleuco chamou-se Seleucia, gr. *Seleúkeia* (Σελεύκεια), que é também o nome de outras cidades...

<sup>478</sup> “nós”, plural majestático, ou incluindo o rei e a rainha.

enviasse, depois de ele ter feito uma coisa de que necessitava bastante. Tendo obtido facilmente esse desejo, dirigiu-se a sua casa e, prostrando-se por terra, assim se lamentava: *“Infeliz de mim! De que me serviu a minha fidelidade? Para quê uma viagem cujo fim já prevejo? Eu, um jovem, vou acompanhar uma formosa mulher, e isso irá ser causa de uma grande desgraça, se eu não afastar toda e qualquer acusação de crime. Por isso, tenho de cometer um acto grandioso, que me livre de todo o receio.”*

Ditas estas palavras, fez-se [um homem] incompleto, e tendo cortado as partes pudendas, meteu-as num pequeno vaso com mirra, mel e outros perfumes, tudo misturado. E depois de marcar [o vaso] com o selo que usava, tratou de curar a ferida. Em seguida, logo que se achou capaz de viajar, dirigiu-se ao rei e, na presença de muitas pessoas, entrega-lhe o vaso e diz: *“Meu Senhor, este é o meu mais precioso tesouro, de entre os que estão guardados em minha casa, e ao qual eu muito quero. Neste momento, porém, em que vou fazer uma longa viagem, vou depô-lo nas tuas mãos, para que o tenhas em segurança, pois ele é para mim mais valioso que o ouro, ele é tão precioso como a minha própria vida. Oxalá, quando eu regressar, o leve daqui intacto.”* Então o rei pegou no vaso, marcou-o com um segundo selo e entregou-o aos seus intendentess, para que o guardassem.

21. Na sequência destes factos, Combabo iniciou a sua viagem tranquilamente. Chegados a Hierápolis, começaram a toda a pressa a construir o templo, tendo gasto na obra três anos, durante os quais aconteceu aquilo que Combabo tanto temia. De facto, Estratonice, ao conviver com ele durante tanto tempo, começou por desejá-lo, mas depois apaixonou-se furiosamente por ele. Os habitantes de Hierápolis até dizem que Hera foi a causa desta situação, ao pretender que o prudente Combabo não fosse capaz de disfarçar [os seus sentimentos], e também ao castigar Estratonice, pelo facto de só com uma certa relutância lhe ter prometido [construir] o templo.

22. Ao princípio, Estratonice ia-se contendo e escondia a doença<sup>479</sup>; mas quando o mal se tornou grave de mais para ficar calada, carpia-se abertamente, chorava todo o dia e chamava por Combabo, Combabo era tudo para ela. Por fim, não sabendo como lidar com a triste situação, optou por uma declaração

---

<sup>479</sup> Trata-se do mal de amor, do *amor-morbus* dos elegíacos latinos.



decente. Mas, por um lado, queria evitar confessar a outra pessoa<sup>480</sup> o seu amor, e, por outro lado, tinha vergonha de tomar ela própria a iniciativa. Então imaginou o seguinte processo, que era embriagar-se com vinho e dirigir-se directamente a ele. Ao mesmo tempo que o vinho entra, penetra também a liberdade de palavra, e [nessas condições] o insucesso não é muito humilhante, mas tudo o que se faz perde-se no esquecimento.

Tal como o decidiu, assim o executou; e depois de cearem, Estratonice entrou nos aposentos onde Combabo estava alojado, implorou, agarrou-se-lhe aos joelhos e não cessava de lhe declarar o seu amor. Ele, porém, recebeu com rudeza a sua declaração, rejeitou o seu acto e censurou-lhe a embriaguez. Como, porém, ela ameaçasse cometer alguma desgraça contra si própria, ele, com receio<sup>481</sup>, desvendou-lhe toda a história, contou-lhe tudo o que se passara com ele e pôs à vista a “coisa”<sup>482</sup>. Então Estratonice, ao ver aquilo que não esperava [ver], acalmou-se de tão grande fúria, mas não esqueceu, de maneira nenhuma, a paixão; pelo contrário, sempre na sua companhia, fazia disso uma consolação por uma paixão irrealizável. Esta [espécie de] paixão vê-se ainda hoje em Hierápolis, onde mulheres se apaixonam por [sacerdotes] Galos<sup>483</sup>, e [sacerdotes] Galos ficam loucos de paixão por mulheres, e ninguém fica com ciúmes, pois consideram esse acto como sendo sagrado.

23. Ora, o que se passava em Hierápolis com Estratonice não passou despercebido ao rei, pois muitas pessoas que de lá chegavam denunciavam e contavam o que estava a acontecer. Muito incomodado com o caso, [o rei] mandou chamar Combabo, mesmo com a obra inacabada. Outros contam uma história, nada verdadeira, segundo a qual Estratonice, por não ter conseguido o que desejava, escreveu ela própria ao marido, acusando Combabo e criticando-o por atentar contra si. Aquilo que os Gregos contam a respeito de Estenebeia<sup>484</sup> e de Fedra de Cnossos, é o que

---

<sup>480</sup> Essa “outra pessoa” seria, não Combabo, mas um terceiro que servisse de intermediário.

<sup>481</sup> “com receio”... do que pudesse acontecer, ou seja, que ela atentasse contra a própria vida.

<sup>482</sup> O vocábulo *érgon* (ἔργον) é aqui um eufemismo, como o port. “coisa”; aliás, a sequência imediata esclarece o verdadeiro sentido da palavra.

<sup>483</sup> Os Galos eram os sacerdotes de Reia (ou Cibele).

<sup>484</sup> Estenebeia e Fedra (histórias longas...): ambas, por despeito, acusaram falsamente formosos jovens de quererem violá-las...

os Assírios narram a respeito de Estratonice. Quanto a mim, não acredito que tanto Estenebeia como Fedra tenham procedido dessa maneira, pelo menos Fedra, se esta amava sinceramente Hipólito... Mas deixemos ficar as coisas como estão.

24. Logo que a mensagem chegou a Hierápolis e que Combabo tomou conhecimento da acusação, ficou tranquilo, pois a sua defesa tinha ficado lá no seu país. Assim que chegou, o rei mandou imediatamente que o pusessem a ferros e o metessem no cárcere. Depois, na presença dos amigos que estavam com Combabo quando este foi enviado [para Hierápolis], fê-lo vir à sua presença e começou a atacá-lo, acusando-o de adultério e deboche. Invocou muito amargamente a lealdade e a amizade, dizendo que Combabo tinha cometido um triplo crime, pois era adúltero, tinha traído o dever de lealdade e cometera impiedade contra a deusa, ao serviço da qual cometera tais actos. Muitos dos presentes confirmaram que os tinham visto abertamente enlaçados um no outro. Finalmente, todos foram de opinião que Combabo devia morrer logo ali, pois cometera um crime merecedor da [pena de] morte.

25. Mas Combabo, até aí, mantivera-se imperturbável, sem dizer palavra. Quando, porém, já estava mesmo a ser levado para a execução, falou, reclamando o tesouro e afirmando que [o rei] queria matá-lo, não por ofensa, nem por adultério, mas por desejar os objectos que ele, ao partir, lhe tinha confiado. Perante isto, o rei mandou chamar o intendente e ordenou-lhe que trouxesse aquilo que lhe entregara para ele guardar. Logo que ele trouxe [o vaso], Combabo quebrou o selo e pôs à vista o que estava lá dentro e o que lhe tinha acontecido<sup>485</sup>, dizendo: *“Ó Rei, eu, por receio desta situação, quando me mandaste fazer aquela viagem, estava renitente em ir, e então, cedendo à tua ordem imperiosa, cometi este acto, favorável ao meu Senhor, mas infeliz para mim; e agora, nesta situação em que me encontro, sou acusado de um crime próprio de um verdadeiro homem.”*

26. <sup>486</sup>Então o rei, soltando um grito de espanto<sup>487</sup>, abraçou-se a ele e, a chorar, disse: *“Ó Combabo, porque é que causaste tão*

---

<sup>485</sup> “o que lhe tinha acontecido”, expressão vaga, em vez de “as partes pudendas”.

<sup>486</sup> Sigo a numeração da ed. “Loeb”.

<sup>487</sup> “soltando um grito de espanto”: os mss. têm *thambôsas* (θαμβώ-σας) “tomado de espanto”, “estupefacto”, mas Valckenaer (*apud* A. M.

grande dano? Porque é que — coisa insólita entre os homens — cometeste sobre ti próprio este acto tão desfigurante? Não louvo mesmo nada esse teu acto. Ó desventurado<sup>488</sup>, que ousaste cometer um acto que nem tu deverias sofrer, nem eu deveria ver! Na verdade, eu não precisava dessa tua defesa. Mas já que uma divindade<sup>489</sup> assim o quis, receberás da nossa<sup>490</sup> parte, como vingança, a morte dos denunciantes, e depois seguir-se-á uma grande oferta de presentes: muito ouro, enorme quantidade de prata, vestes assírias e cavalos reais. Também entrarás em minha casa sem seres anunciado, e ninguém te afastará da nossa vista, mesmo que eu esteja deitado com uma mulher<sup>491</sup>.” Assim o disse, e logo o fez. Os denunciantes foram executados, Combabo recebeu os presentes, e a amizade [entre ambos] ficou reforçada. Daí em diante, nenhum de entre os Assírios foi considerado sequer comparável a Combabo em sabedoria e prosperidade<sup>492</sup>.

Depois, tendo ele solicitado licença para concluir o que faltava [fazer] no templo — que havia deixado inacabado —, foi novamente para lá enviado, concluiu o templo e, daí em diante, ficou a residir no local. Então o rei, em homenagem à sua virtude e aos seus bons ofícios, decidiu erigir-lhe uma estátua de bronze dentro do templo. E ainda hoje existe no templo, em sua honra, um Combabo de bronze, obra de Hércules de Rodes, com formas de mulher, e vestes de homem.

Diz-se que os seus amigos mais afeiçoados, como consolação do sofrimento [do amigo], tomaram parte na sua desgraça. De facto, também se castraram e passaram a levar a mesma

---

Harmon, “Loeb”, IV, p. 374) emenda para *ambósas* (ἀμβόσας). part. aor. jónico = át. *anabóēsas* (ἀναβοήσας) “rendo lançado um grito”, “gritando”, “exclamando”. Não vejo motivo para alterar os manuscritos; em todo o caso, a minha tradução, baseada nos mss., inclui (porventura abusivamente) uma conotação de “espanto”. Outros (Talbot) traduzem a forma dos mss. por “mudo de espanto”, em que a conotação de “mudo” parece aqui, estranha...

<sup>488</sup> Com outra pontuação: “... esse acto, ó desventurado, que...”.

<sup>489</sup> “uma divindade” (diríamos: *o Destino*), dito assim vagamente, deve referir-se às três irmãs, as *Moírai*, que presidem à vida das pessoas, fiam o decurso da sua vida, marcam o seu destino e fixam o seu fim.

<sup>490</sup> “nossa”, plural majestático, como adiante...

<sup>491</sup> “uma mulher”: a falta de artigo (valor indefinido) leva a excluir a interpretação “a minha mulher”. Claro que é possível entender “com uma qualquer mulher, incluindo a minha esposa”...

<sup>492</sup> “prosperidade” traduz o termo *eudaimonía* (εὐδαιμονία), que inclui a noção de “fortuna”, com o duplo sentido de “riqueza” e “ventura”.

vida que ele. Outros, porém, dão do caso uma interpretação sagrada, dizendo que Hera, que amava Combabo, inspirou em muitos a ideia da castração, para que não fosse ele o único a chorar pela sua virilidade.

27. Uma vez instituído este costume, ele permanece até hoje. Todos os anos, muitos homens se castram dentro do templo e se feminizam, quer para consolarem Combabo, quer para agradarem a Hera, e por isso se castram. Deixam de usar vestes masculinas, passam a envergar vestidos femininos e a executar trabalhos de mulher. Segundo ouvi dizer, atribui-se a Combabo a causa deste costume. De facto, aconteceu com ele o seguinte caso: Uma mulher estrangeira, tendo vido à festa, e vendo que ele, assim tão belo, ainda usava vestes masculinas, foi tomada de uma grande paixão. Ao saber, porém, que ele era impotente<sup>493</sup>, suicidou-se. Então Combabo, desesperado pelo facto de ser tão infeliz nas coisas de Afrodite, passou a usar vestes femininas, para que daí em diante nenhuma outra mulher se equivocasse. É este o motivo pelo qual os Galos usam vestes femininas.

A respeito de Combabo, basta o que foi dito. Quanto aos Galos, voltarei a mencioná-los numa história posterior, sobre a sua castração, o modo como se castram, o seu tipo de sepultura e por que motivo não entram no templo. Mas antes disso desejo falar a respeito da localização do templo e da sua grandeza, e é isso mesmo que passo a expor.

28. Propriamente o terreno em que o santuário está erigido é uma colina, situa-se mesmo no centro da cidade e está cercado por duas filas de muralhas. Uma das muralhas é antiga, e a outra não é muito mais velha que a nossa época. O átrio colunado do templo estende-se virado para o vento Bóreas<sup>494</sup>, numa largura de cerca de 100 braças<sup>495</sup>. Neste átrio, erguem-se os falos que Dioniso aí colocou, com uma altura de 30<sup>496</sup> braças. Duas vezes por ano, um homem sobe a um destes falos e permanece no alto do falo

---

<sup>493</sup> O adj. *atelés* (ἄτελής) significa: “que não chega ao fim”, “inacabado”, “imperfeito”, “incompleto”.

<sup>494</sup> Bóreas é o vento norte.

<sup>495</sup> A braça, gr. *órguia* / -ά (ὄργυια / -ά) = 6 pés, ou seja, 0,296 x 6 = 1,776m. Portanto, 100 braças equivalem a c. 177m. Note que, naturalmente, estas equivalências são aproximadas.

<sup>496</sup> 30 braças = c. 53m. Os mss. têm (genit.) *triēkosiōn* (τριηκοσίων) “trezentos”, o que daria a altura descomunal de c. 530m. Mesmo assim,

por um período de sete dias. O motivo desta subida, diz-se que é o seguinte: Na sua maioria, crêem que [o homem], lá tão alto, está em contacto com os deuses e pede prosperidade para toda a Síria, e os deuses atendem as preces mais de perto. Outros, porém, crêem que esses falos foram feitos em honra de Deucalião, como monumentos comemorativos do cataclismo, quando as pessoas subiam às montanhas e às árvores mais altas, com medo da inundação. Em meu entender, essas interpretações não são credíveis. Julgo, sim, que procedem desse modo em honra de Dioniso, e fundamento-me no seguinte: Todos quantos erigem falos em honra de Dioniso colocam sobre eles homenzinhos de madeira... lá porquê, não vou dizer. Parece-me, porém, que esse tal homem sobe [ao falo], a fim de imitar aquele homenzinho de madeira.

29. A sua subida efectua-se da maneira seguinte: O homem ata uma pequena<sup>497</sup> corda a envolver o seu corpo e o falo; depois, vai subindo, servindo-se de tacos de madeira incrustados no falo, com espaço suficiente para pôr a ponta do pé. À medida que sobe, faz subir a corda de um lado e do outro, como se manejasse umas rédeas. Quem nunca viu este espectáculo, viu, pelo menos, homens a subir às palmeiras, quer na Arábia, quer no Egipto, e sabe do que é que eu falo.

Logo que chega ao fim do trajecto, larga uma outra corda que trazia consigo, mas esta comprida, e iça tudo o que deseja: tábuas, roupa e ferramentas, com as quais ajeita o material, constrói um poiso, uma espécie de ninho, e aí permanece o número de dias de que falei. Então muitas pessoas acorrem ao local e lançam para dentro de um recipiente<sup>498</sup> posto ali em frente ouro e prata, e alguns até mesmo [peças de] cobre, que usam como moeda<sup>499</sup>, e dizendo cada um o seu nome. Então

---

A. M. Harmon ("Loeb") aceita a lição dos mss., como uma paródia propositada de Luciano. Mas, julgo eu, *est modus in rebus*.

<sup>497</sup> "pequena", dat. *mikrê* (μικρῆ), emenda de Kuster (*apud* A. M. Harmon, "Loeb", IV); os mss. têm "grande", *makrê* (μακρῆ). Compreende-se a emenda, pois trata-se de uma corda com o comprimento bastante para envolver o falo e o corpo do homem, como medida de segurança. Aliás, logo a seguir fala-se de outra corda, essa sim comprida, que o homem leva consigo, para outro fim (v. *infra*).

<sup>498</sup> "recipiente" traduz gr. (acusat.) *ekhinon* (ἐχίνων), que é emenda de A. M. Harmon, que aceito, pois o texto dos mss. é algo confuso.

<sup>499</sup> "usam como moeda", sentido menos frequente de *nomízō* (νομίζω) (p. ex., Platão, *Erixias.*, 400b).

um outro homem ali colocado anuncia [esse nome] para o que está lá alto, e este, ao ouvir o nome, faz uma prece a favor de cada um e, ao mesmo tempo que faz a prece, agita um instrumento de bronze<sup>500</sup>, que emite um som muito agudo, quando fortemente abanado. O homem nunca dorme, porquanto, se por acaso se deixar dormir, um escorpião sobe lá acima e acorda-o com uma valente ferroadada<sup>501</sup>, e esta é a punição bem adequada ao sono. Esta história que se conta acerca do escorpião é uma lenda sagrada e divina; se é verdadeira, não sei dizer. Parece-me, no entanto, que o simples medo de cair já contribui grandemente para manter a pessoa acordada<sup>502</sup>.

Basta de falar de “trepadores do falo”<sup>503</sup>.

30. O templo está virado ao sol nascente, e na sua forma e [tipo de] construção é semelhante aos templos que os Jónios constroem. Uma base muito grande, sobre a qual o templo assenta, eleva-se do solo, a uma altura de duas braças<sup>504</sup>. A escadaria<sup>505</sup> de acesso ao templo é feita de pedra<sup>506</sup>, e não é muito larga<sup>507</sup>. Ao chegarmos lá acima, o vestíbulo, provido de portões de ouro, oferece-nos um grande motivo de admiração. Interiormente, o templo brilha devido à grande quantidade de ouro, e o tecto é todo em ouro. Desprende-se dele um perfume divino, como se diz que é o da região da Arábia, e logo

---

<sup>500</sup> O instrumento parece ser o sistro, que consistia numa lâmina metálica (de ouro, prata, bronze ou cobre) recurvada, a qual era atravessada por pequenas hastes móveis, que retiniam, quando o executante, segurando o conjunto por uma pega, a agitava fortemente. O moderno instrumento mais parecido com o sistro é a matraca.

<sup>501</sup> “com uma valente ferroadada” é tradução “impressionante”...

<sup>502</sup> “para manter a pessoa acordada”: o gr. diz “para a vigília”...

<sup>503</sup> “trepadores do falo”, “falóbatas”, gr. *phallobátai* (φαλλοβάται) . O vocábulo parece só ocorrer neste passo.

<sup>504</sup> “duas braças” = c. 3,55m.

<sup>505</sup> “escadaria”: o texto diz *ánodos* (ἀνοδος) “subida”, o que poderia sugerir uma rampa, mas, logo no início do §31, *ánodos* tem nitidamente o sentido de “escada”...

<sup>506</sup> O gr. *lithos* (λίθος) pode significar “qualquer pedra, por oposição a metal”; neste contexto, pode sugerir “mármore”.

<sup>507</sup> O gr. *makrós* (μακρός) “longo”, “comprido: em altura, em profundidade ou em largura”. Neste caso (com todas as reservas, e contrariamente a outras interpretações), julgo que se trata de uma escadaria, cuja largura ocupa, não toda a fachada do edifício, mas as duas colunas centrais. A tradução “a subida para o templo é de pedra e não muito comprida” segue a expressão vaga do original.

de longe, ao subires<sup>508</sup>, ele exala um odor muitíssimo agradável; e ao saíres, esse odor não te deixa, mas penetra fortemente na roupa, de modo que te lembrarás dele durante muito tempo.

31. Interiormente, o templo não é de uma só peça, pois foi nele construída uma outra câmara. A escada que lhe dá acesso é pequena. Não está provida de portas, pelo que a sua entrada é completamente aberta<sup>509</sup>. Toda a gente tem acesso ao grande templo, mas nessa câmara só entram os sacerdotes, não, porém, todos os sacerdotes, mas apenas os que são mais íntimos dos deuses e aqueles a quem cabe todo o serviço do templo. Nesta câmara, ficam dois tronos, de Hera e de Zeus, ao qual eles dão outro nome. Ambos são de ouro, e ambos sentados, mas Hera é transportada por leões, ao passo que o outro está montado em touros<sup>510</sup>. Na verdade, a estátua de Zeus é em tudo parecida com Zeus, na cabeça, nas vestes e no trono, e, mesmo que quisesses, não o tomarias por qualquer outro.

32. Quanto a Hera, porém, olhando bem, apresenta uma forma muito variada. No conjunto, para dizer a verdade, é realmente Hera, mas tem algo de Atena, de Afrodite, de Selene, de Reia, de Ártemis, de Némesis e das Meras<sup>511</sup>. Numa mão tem um cetro, na outra uma roca, na cabeça tem raios luminosos e uma torre, e ainda um diadema com o qual ornamentam, e só a ela, [Afrodite] Urânia. Por todo o corpo está coberta de ouro e pedras muitíssimo preciosas, umas brancas, outras cristalinas, muitas cor de vinho, muitas outras cor de fogo, e ainda muitas ónix-sardónicas, jacintos<sup>512</sup>, esmeraldas, trazidos pelos Egípcios, Indianos, Medos, Arménios e Babilónios. Mas a coisa mais digna de menção é a que vou contar. [A estátua] tem no alto da testa uma pedra [preciosa]. Chama-se a essa pedra *licnis* [candeia]<sup>513</sup>,

<sup>508</sup> “subires”... “saíres”... *te* deixa... te lembrarás: 2ª pessoa ideal.

<sup>509</sup> “completamente aberta” não significa “aberta a toda a gente, como se vê a seguir. De facto, ninguém se atrevia a penetrar por essa entrada sem porta, a não ser alguns (v. a seguir).

<sup>510</sup> Naturalmente, os dois deuses são transportados por esses animais, mas sentados nos seus tronos.

<sup>511</sup> As Meras, gr. *Moirai* (Μοῖραι) são as três irmãs que traçam o destino dos homens; correspondem às Parcas dos Romanos.

<sup>512</sup> “jacinto”, tipo de esmeralda ou berilo, não a flor.

<sup>513</sup> O vocábulo *lúkhnís* (λυχνίς) tem o sentido usual de “anémoma”, mas também pode ser sentida como um diminutivo de *lúkhnos* (λύχνος)

designação que lhe advém daquilo que ela faz, ou seja, do facto de emitir muita luminosidade durante a noite, pelo que todo o templo brilha como [se iluminado] por candeias. De dia, porém, a sua luz enfraquece, embora mantenha o aspecto ígneo. Mas essa estátua tem mais uma qualidade digna de admiração: se tu a fixares de frente para ela, ela olha para ti; e se te desviores [para outro lado], ela acompanha-te; e se outra pessoa tentar [o mesmo] de outro ponto, ela faz a mesma coisa com essa pessoa.

33. No meio destas duas estátuas, está uma outra, também de ouro, mas de modo nenhum comparável a elas. Para já, não apresenta um aspecto exterior particular, mas possui traços dos outros deuses. É denominada “Figura”<sup>514</sup> pelos próprios Assírios, que não lhe dão um nome especial e não falam nem da sua origem nem do que ela representa. Mas alguns relacionam-na com Dioniso, outros com Deucalião, outros com Semíramis. Realmente, no alto da sua cabeça está poisada uma pomba de ouro, motivo pelo qual contam que se trata da figura de Semíramis. Deslocam-na duas vezes por ano até ao mar, a fim de transportar a tal água de que já falei.

34. Neste mesmo templo, à esquerda de quem entra, fica o trono de Hélios, mas a sua imagem não se encontra lá. De facto, as estátuas de Hélios e de Selene são as únicas que eles não mostram. Quanto ao motivo por que entendem desse modo, consegui saber o seguinte: Dizem eles que é lícito fazer imagens dedicadas aos outros deuses, porquanto as suas figuras não estão à vista de toda a gente. Hélios e Selene, porém, são cabalmente visíveis e todos os vêem. Para quê, então, fazer estátuas dos que estão bem visíveis no céu?

35. A seguir a este trono, fica a estátua de Apolo, mas não como este é habitualmente representado. Para já, todos os outros [povos] concebem Apolo como muito novo e representam-no como um adolescente, e só estes mostram a estátua de Apolo

---

“candeia”. Aqui é o nome dado a uma pedra preciosa muito brilhante, talvez o diamante, o rubi ou (e “metíamos” aqui o jogo etimológico) o... *brilhante*, que é um diamante lapidado.

<sup>514</sup> “Figura”, assim traduzi a designação, já propositadamente indefinida, que Luciano traduz por jón. *sēméion* (σημήτιον), “sinal” (celeste?), “imagem”. Mais abaixo, dá todo o jeito traduzir a mesma palavra por “figura”, “imagem”...



barbudo. E ao procederem deste modo, elogiam-se a si próprios e acusam todos quantos, entre Gregos e outros povos, ao representá-lo moço, pretendem [desse modo] torná-lo favorável. O seu argumento é o seguinte: Parece-lhes constituir uma enorme ignorância dar aos deuses formas imperfeitas, e eles consideram que o ser jovem ainda é uma imperfeição. E há ainda no seu Apolo um outro aspecto em que eles são originais: são eles os únicos que embelezam Apolo com vestes.

36. A respeito dos actos deste [deus], tenho muita coisa para dizer, mas vou referir apenas os mais dignos de admiração. Em primeiro lugar, mencionarei o seu oráculo. Ora, existem muitos oráculos na Grécia, muitos no Egipto, alguns na Líbia, e muitos outros na Ásia. No entanto, não falam senão pela boca dos sacerdotes ou dos profetas, ao passo que este move-se [sozinho] e emite ele próprio todo o oráculo. O modo como o faz é o seguinte: Assim que deseja emitir um oráculo, em primeiro lugar agita-se no trono, e logo os sacerdotes o tiram daí; e se não o tiram, ele começa a transpirar e agita-se cada vez mais. E quando o levam às costas, empurra-os e fá-los girar continuamente e saltar de um lado para o outro. Por fim, o sumo-sacerdote coloca-se à sua frente e interroga-o sobre todos os assuntos. Se o oráculo não quer que algo se faça, recua, mas, se aprova, incita os que o transportam a seguir em frente, como se manejassem umas rédeas. É assim que recebem a palavra divina, e não executam nenhum acto, seja sagrado, seja profano, sem ser desta maneira. O oráculo fala sobre o ano e todas as suas estações, mesmo que não o interroguem<sup>515</sup> [sobre isso]. Fala também sobre a “Figura”<sup>516</sup>, [dizendo] quando é que devem deslocá-la naquela deslocação<sup>517</sup> de que falei.

37. Vou contar outra maravilha, que ele executou na minha presença. Quando os sacerdotes o transportavam no ar, ele deixou-os em baixo, no solo, e elevou-se sozinho no ar.

---

<sup>515</sup> “interroguem”: sigo a emenda de Fritzsche (*apud* A. M. Harmon), *érontai* (ἔρονται), onde os mss. têm *ésontai* (ἔσονται).

<sup>516</sup> V. §33, nota a “Figura”.

<sup>517</sup> “deslocá-la naquela deslocação”: tentei reproduzir o chamado “acusativo de objecto interno”, característico do grego (cf. port. *correr (n)uma corrida, beber uma bebida...*).

38. A seguir à estátua de Apolo, está a de Atlas, e depois a de Hermes e a de Ilitia<sup>518</sup>.

39. São estas as [estátuas] que decoram o interior do templo. Na parte de fora encontra-se um grande altar de bronze, bem como grande número de outras estátuas de bronze, representando reis e sacerdotes. Vou enumerar as mais dignas de menção. Na parte esquerda do templo, fica a estátua de Semíramis, que aponta para o templo com a mão direita. A estátua foi erigida pelo motivo seguinte: Semíramis tinha decretado uma lei aplicável a todos os habitantes da Síria, para que a homenageassem como a uma divindade, e não fizessem caso das demais divindades, incluindo Hera. E eles assim passaram a proceder. Algum tempo depois, como ela fosse atingida por doenças mandadas pelos deuses, e outras desgraças e dores, desistiu dessa loucura, confessou que era mortal e ordenou aos seus súbditos que se voltassem novamente para Hera. É por isso que ela está naquela posição, apontando Hera aos visitantes e assim confessando que a deusa já não é ela, mas sim Hera.

40. Vi nesse mesmo lugar estátuas de Helena, de Hécuba, de Andrómaca, de Páris, de Heitor e de Aquiles. Vi também a imagem de Nireu<sup>519</sup>, filho de Aglaia, bem como Filomela e Procne ainda como mulheres<sup>520</sup>, e Tereu já como ave<sup>521</sup>, e mais uma estátua de Semíramis, e uma de Combabo, já referido, e ainda uma estátua muitíssimo bela de Estratonice, e outra de Alexandre, muito parecida com ele, e ao lado deste está Sardanapalo, mas com outra figura e outras vestes<sup>522</sup>.

41. No pátio, andam em liberdade enormes bois, cavalos, águias, e ainda ursos e leões, que não fazem mal às pessoas, pois são todos [animais] sagrados e domesticados.

---

<sup>518</sup> Ilitia é o génio feminino que preside ao parto. Filha de Zeus e Hera... (v. enciclopédias...). A. M. Harmon ("Loeb", IV, pp. 392-393) tenta identificar os nomes gregos com os nomes locais (q.v.).

<sup>519</sup> Não confundir com Nereu, nem com um outro Nireu. Este, como cautelosamente nota Luciano, é filho da ninfa Aglaia. Jovem muito formoso, também pretendente de Helena, combateu e morreu na guerra de Tróia.

<sup>520</sup> "ainda como mulheres". Filomela foi transformada em andorinha, e Procne, sua irmã, em rouxinol.

<sup>521</sup> Tereu foi transformado em poupa.

<sup>522</sup> Sardanapalo, rei da Assíria, devasso e efeminado; aqui faz-se alusão ao seu gosto de usar vestes femininas.

42. São muitos os sacerdotes por eles recrutados: uns sacrificam as vítimas, outros trazem as libações, outros são os chamados “*porta-fogo*”, e outros são os assistentes de altar. Quando lá estive, mais de trezentos vieram ao sacrifício. Todos envergam vestes alvas e usam um gorro de feltro na cabeça. Todos os anos é nomeado um sumo-sacerdote diferente, e este é o único que veste de púrpura e tem uma tiara de ouro à volta da cabeça.

43. Há ainda uma outra multidão de pessoas: sacerdotes, tocadores de flauta, tocadores de siringe<sup>523</sup>, Galos e mulheres furiosas e enlouquecidas.

44. Celebra-se duas vezes por dia um sacrifício, ao qual todos acorrem. A Zeus, sacrificam em silêncio, sem cantores e sem tocadores de flauta; mas quando se preparam para [sacrificar a] Hera, cantam, tocam flauta e fazem soar castanholas. Sobre este procedimento, ninguém soube dizer-me nada de certo.

45. Também existe lá um lago, não muito longe do santuário, no qual são criados peixes sagrados em grande quantidade e de muitas espécies. Alguns deles tornam-se bastante grandes. Estes [últimos] até têm nomes e acorrem quando os chamam. Quando lá estive, havia entre eles um que tinha um objecto de ouro, tinha presa à barbatana uma jóia de ouro; eu vi-o muitas vezes, e continuava a ter a jóia.

46. Era grande a profundidade do lago. Eu não tentei calculá-la, mas dizem que tem mais de duzentas braças<sup>524</sup>. A meio dele eleva-se um altar de pedra<sup>525</sup>. Olhando assim de repente, dir-se-ia que flutua e se desloca sobre a água, e muitos assim o crêem. Em meu entender, porém, há uma coluna muito alta que, colocada por debaixo, sustenta o altar. Este está permanentemente engrinaldado e tem plantas aromáticas, e todos os dias muitas pessoas põem coroas na cabeça e nadam até lá a fim de orar.

47. Também aí se realizam grandes festas, que se chamam “descidas ao lago”, pois nessas festas todas as imagens dos deuses descem até ao lago. Nelas, Hera é a primeira a chegar,

---

<sup>523</sup> A siringe, flauta de cana ou flauta de Pã.

<sup>524</sup> “duzentas braças” = c. 354m (v. §28, nota a “braças”).

<sup>525</sup> “pedra”... quer dizer, “mármore”.

por causa dos peixes, não se dê o caso de Zeus os ver primeiro. Realmente, se tal acontecer, dizem que morrem todos. E de facto Zeus vem com intenção de os ver, mas Hera, colocando-se à sua frente, impede-o disso e, à força de lhe suplicar, faz com que ele se retire.

48. Todavia, as suas festas mais importantes são as que são celebradas junto do mar, mas a respeito destas não posso falar com certeza, pois não fui lá pessoalmente nem sequer tentei [fazer] essa viagem. No entanto, vi o que faziam os que lá tinham ido, e é isso que vou contar. Cada um transporta um vaso cheio de água, que é selado com cera. Não são os próprios que quebram o selo, a fim de despejar a água, pois há lá um Galo sagrado<sup>526</sup>, que reside junto do lago, e que, logo que recebe os vasos, examina o selo, recolhe o “salário”, desfaz o laço e retira a cera. À conta do trabalho do Galo amealham-se muitas minas. Daí, as pessoas levam o vaso até ao templo, fazem a sua libação e, depois do sacrifício, retiram-se para as suas casas.

49. Mas de todas as festas a que eu assisti, a maior é aquela que eles celebram no começo da Primavera, e chamam-lhe, uns “da Pira”, outros “do Facho”. Nessa festa celebram o sacrifício seguinte: Cortam umas árvores enormes e colocam-nas direitas no adro [do templo], e depois trazem cabras, ovelhas e outro gado, e penduram-nos nessas árvores, e na parte de dentro há também aves, vestes e objectos de ouro e prata. Depois de executarem perfeitamente todo esse ritual, colocam as oferendas à volta das árvores e puxam fogo à pira, e esses objectos começam logo todos a arder. Acorrem a esta festa muitas pessoas vindas tanto da Síria, como de todas as regiões à volta, e

---

<sup>526</sup> “Galo sagrado” (não a ave, mas um sacerdote “galo”): Os mss. têm mesmo *alektrūōn* (ἄλεκτρύων) “galo” (ave), o que levaria à interpretação fantástica, mas não completamente impossível, de que os sacerdotes tinham um galo amestrado que fazia aquelas habilidades, com o fim de espantar o porco. Segundo Paulmier de Grentmesnil e Belin du Balu (*apud* Talbot, “Hachette”, 1857, vol. II, p. 458), algum copista ignorante terá substituído γάλλος (*gállos*) “galo” (sacerdote), pelo vocábulo grego *alektrūōn* (ἄλεκτρύων) “galo” (ave). Segundo outra interpretação (Dussaud, *apud* A. M. Harmon, “Loeb”, IV, p. 401), tratar-se-ia, muito simplesmente (mas com que fundamento?) de um “prosaico” fiscal...

trazem todas elas os seus objectos sagrados e as imagens [dos deuses] imitadas na perfeição.

50. Em dias determinados, a multidão reúne-se no templo, e muitos Galos e homens consagrados, a que atrás me referi, celebram as cerimónias, retalham os braços e ferem as costas uns dos outros. E muitos, a seu lado, tocam flauta, e muitos outros tocam pandeireta, e outros ainda entoam cânticos divinos e sagrados. Toda esta actividade ocorre fora do templo, e os que a executam não entram no templo.

51. É durante estes dias que são ordenados<sup>527</sup> os Galos. Na verdade, enquanto os outros tocam flauta e celebram as cerimónias, uma fúria toma posse de muitos outros, e muitos deles, que tinham vindo só para assistir, agiram da mesma maneira. Vou descrever o que eles fazem. O jovem a quem isso está destinado lança fora as vestes, avança em alta gritaria para o meio da multidão, saca de uma faca, que, segundo me parece, está ali [para esse fim] desde há muitos anos, e, pegando nela, castra-se a si mesmo, e depois corre por toda a cidade, e leva nas mãos os órgãos que cortou. E da casa, seja qual for, para dentro da qual ele lançar os seus órgãos, dessa mesma recebe uma veste feminina e ornatos de mulher. Eis como eles procedem aquando da castração.

52. Quando os Galos morrem, não são sepultados em túmulos iguais aos das outras pessoas, pois, se um Galo morre, os companheiros carregam com ele e levam-no até aos arredores, e aí enterram-no juntamente com o caixão em que o trouxeram, mas lançam-lhe pedras para cima e, tendo assim procedido, retiram-se, mas aguardam um período de sete dias, e só então entram no templo. Se entrarem antes deste prazo, cometem um acto ímpio.

53. A este respeito, observam as normas seguintes: Se algum deles vir um morto, nesse dia não entra no templo, e no dia seguinte só entra depois de se purificar. Quanto aos parentes do morto, só entram [no templo] depois de guardarem um

---

<sup>527</sup> “são ordenados”: O gr. diz, simplesmente, “são tornados Galos”. A tradução sugere a ordenação sacerdotal cristã, e, de facto, trata-se de idêntica cerimónia.

período de trinta dias e raparem a cabeça. Antes de expirado esse prazo, não lhes é lícito entrar.

54. Sacrificam gado bovino — machos e fêmeas<sup>528</sup> —, cabras e ovelhas. Quanto aos porcos, só a esses é que eles consideram impuros, e nem os sacrificam, nem os comem. Outros [povos], porém, não os consideram impuros, mas sim sagrados. De entre as aves, consideram a pomba a criatura mais sagrada, e não é lícito tocar-lhes [sequer]; e se involuntariamente lhes tocam, ficam impuros durante todo esse dia. Por esse motivo, as pombas vivem juntamente com as pessoas, entram nas suas casas e alimentam-se geralmente [do que fica] no chão.

55. Vou agora falar das festas religiosas e do que nelas cada um faz. Quando um homem se propõe deslocar-se pela primeira vez a Hierápolis, rapa a cabeça e as sobrancelhas; depois, imola uma ovelha, desmancha-lhe a carne e come-a; então estende a pele no chão, põe-se de joelhos sobre ela e eleva a cabeça e as patas do animal à altura da sua própria cabeça, ao mesmo tempo que reza, pedindo que o presente sacrifício seja aceite, e prometendo outro maior. Cumpridas estas formalidades, coloca uma grinalda na sua própria cabeça e na de todos quantos empreendem essa mesma viagem, deixa a sua casa e mete-se ao caminho, e só utiliza água fria, tanto para se lavar, como para beber, e durante todo esse tempo dorme no chão, pois não lhe é lícito entrar numa cama antes de terminar a viagem e chegar novamente a casa. Em Hierápolis, recebe-o um hospedeiro, que não o conhece. Na verdade, há lá hospedeiros designados para cada cidade e que recebem [hóspedes] de acordo com a sua nacionalidade, e que são chamados pelos Assírios “professores”<sup>529</sup>, pelo facto de lhes darem todas as orientações [necessárias].

57. Não executam o sacrifício no próprio santuário, mas [cada um], depois de apresentar a vítima no altar e de fazer a libação, leva o animal vivo para casa e, ao chegar lá, sacrifica-o título particular e faz as suas preces.

---

<sup>528</sup> O gr. diz (acusat.) *bóas ársenás te kai théleas* (βόας ἄρσενάς τε καὶ θήλεας); o problema está no facto de o vocábulo *boús* (βοῦς) significar “boi”, mas também “vaca”. A solução adoptada parece a menos má.

<sup>529</sup> “professores”: diríamos... guias (turísticos e não só).

58. Existe uma outra forma de sacrifício, que é a seguinte: Coroam as vítimas e lançam-nas vivas dos propileus, e estas morrem da queda. Alguns chegam a lançar daí os próprios filhos, não da mesma maneira que [fazem] com os animais, mas conduzem-nos pela mão metidos dentro de um saco, ao mesmo tempo que lhes ralham, dizendo que eles não são meninos, mas sim bois.

59. Todos se picam [a si mesmos], uns nos pulsos, outros no pescoço, e é devido a essa prática, que todos os Assírios apresentam estigmas<sup>530</sup>.

60. Têm ainda um outro costume, no que concordam somente, entre os Gregos, com os Trezénios<sup>531</sup>. Vou então dizer o que é que eles fazem.

Os Trezénios instituíram uma lei aplicável às raparigas e aos rapazes, proibindo-os de se casarem, sem antes terem cortado a cabeleira em honra de Hipólito. E assim procedem. E o mesmo acontece em Hierápolis. Os jovens oferecem a sua primeira barba; e deixam crescer nos meninos, desde o nascimento, madeixas sagradas, que cortam quando eles são apresentados no templo, guardando-as dentro do templo, uns em recipientes de prata, outros de ouro, após o que gravam [nesses recipientes] o respectivo nome, que fixam com pregos, e [finalmente] retiram-se. Também eu cumpro este procedimento quando era menino, e ainda hoje se encontram no templo a minha madeixa de cabelos e o meu nome.

---

<sup>530</sup> Há quem suponha que se trata de tatuagens (v. A. M. Harmon, “Loeb”, IV, pp. 409-410).

<sup>531</sup> “Trezénios”, habitantes de Trezena, cidade do Peloponeso, junto ao golfo Sarónico, do lado oposto a Atenas.

(Página deixada propositadamente em branco)



VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*  
*GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS*

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).

8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).
21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

(Página deixada propositadamente em branco)

OBRA PUBLICADA  
COM A COORDENAÇÃO  
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• U



C •

